



FEMINISMOS EM CONVERGÊNCIAS: discurso, internet e política

JULIA LOURENÇO COSTA & ROBERTO LEISER BARONAS (orgs.)



FEMINISMOS EM CONVERGÊNCIAS: discurso, internet e política

JULIA LOURENÇO COSTA & ROBERTO LEISER BARONAS (orgs.)

Ficha técnica**Título**

FEMINISMOS EM CONVERGÊNCIAS: discurso, internet e política

Organização

Julia Lourenço Costa & Roberto Leiser Baronas

Capa

Grácio Editor

Coordenação editorial

Mafalda Lalandá

Design gráfico

Grácio Editor

1ª edição

janeiro de 2020 (e-book)

ISBN

978-989-54513-8-8

Conselho Editorial:

Johannes Angermuller (Open University);
Dominique Maingueneau (Université Paris IV - Sorbonne);
Ida Lúcia Machado (UFMG-FALE);
Wander Emediato (UFMG-FALE);
Fernanda Mussalim (UFU-ILEL);
Maria Inês Pagliarini Cox (UFMT);
Rui Alexandre Grácio (Grácio Editor)

© Grácio Editor

Travessa da Vila União, 16, 7.º drt

3030-217 COIMBRA

Telef.: 239 084 370

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

A D. Nilda (in memoriam) por nos mostrar, a partir dos mais singelos gestos, que a luta contra qualquer tipo de opressão e preconceito não deve arrefecer jamais.

Sumário

Prefácio	9
Marcia Tiburi	
Introdução	13
Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas	
Feminismos 2.0. Usos tecnodiscursivos da geração conectada	21
Marie-Anne Paveau	
Reflexões sobre o ethos feminino e o discurso político contemporâneo	51
Renata de Oliveira Carreon & Paula Camila Mesti	
Lugar de mulher é no espaço público: apontamentos sobre a campanha eleitoral presidencial de 2010.....	71
Livia Maria Falconi Pires	
"Bela, recatada e do lar" e tecnodiscursividade: a ressignificação do papel social da mulher	81
Julia Lourenço Costa & Samuel Ponsoni	
Tecnografismos no movimento feminista brasileiro #EleNão: uma reflexão discursiva.....	99
Julia Lourenço Costa & Ilca Suzana Lopes Vilela	
Feminismo no Facebook	119
Mariana Guidetti Rosa	
Discurso e memória: o materno e o sagrado na relação com a história	135
Lígia Mara Boin Menossi de Araújo; Luciana Carmona Garcia Manzano & Marco Antonio Almeida Ruiz	

Mães da atualidade em vídeos do Youtube: materialidades discursivo-corporais.....	153
Rebeca Nascimento & Nilton Milanez	
Inoculando o corpo (ciber)feminista no carnaval: entre o real e o digital	169
Jorcemara Matos Cardoso & Gleice Antonia Moraes Alcântara	
“Mas é com essa roupa?”: questões analíticas acerca da polêmica de assédio de Silvio Santos a Claudia Leite.....	189
Roberto Leiser Baronas; Tamires Bonani Conti & Daniel Mariano	
O feminino e o antifeminismo na web: a inoculação cínica do feminismo	207
Luciana Carmona Garcia Manzano	
Posfácio	223
Norma Discini	
Sobre os autores.....	227

PREFÁCIO

Marcia Tiburi

Feminismo é um termo que tem uma história nada linear. Ele continua em processo de construção nas vozes e nas ações, nas teorias e nas práticas de suas militantes e agentes.

A história do feminismo é a de um processo que visa desmontar a máquina de subjetivação que é o patriarcado. Por meio dessa máquina se construiu uma sociedade em que a violência de gênero é o paradigma e a dominação das mulheres – e de todos os seres marcados por sua “sexualidade” como selo de opressão – é uma norma.

O patriarcado nunca existiu isolado de outras formas de opressão que também não tem um progresso linear na história, mas que são potencializadas para destruir mentes e corpos, em outras palavras, destruir subjetividades. Hoje precisamos pensar a dominação capitalista e a dominação machista como parte do sistema de opressão que inclui o racismo e a opressão geral de cunho étnico e geopolítico, assim como a opressão mais imediata na direção dos corpos, inclusive por sua plasticidade, o que implica invisibilidade, apagamento, e todo tipo de violências físicas e simbólicas contra pessoas com deficiências. O acúmulo dos marcadores de opressão sobre um corpo pode tornar a vida de pessoas visadas como indesejáveis totalmente inviável.

Digo isso porque o regime patriarcal, cuja metodologia conhecida tem o nome genérico de machismo, não significa somente a dominação de homens contra mulheres, assim como o racismo não é apenas a dominação dos brancos por meio do ódio aos não brancos, do mesmo modo que o capitalismo não é apenas um regime de expropriação indébita dos valores e do capital que deveriam ser partilhados e potencializados para a vida de

todos, inclusive das outras espécies, em condições dignas. O machismo, o racismo e o capitalismo andam juntos organizando um sistema ideológico que visa estabelecer formas de pensar, sentir e agir que sejam capazes de ocupar todos os espaços e impedir divergências. Esse sistema visa a unidade e a totalidade de pensamentos, corpos e ações. Como regime ideológico, ele tem funcionado muito bem e alcançado seus objetivos perversos contra pessoas e populações inteiras e, inevitavelmente, contra a natureza.

Todo regime ideológico é também um regime linguístico no qual jogos de linguagem fundados em preconceitos são explorados a serviço da grande opressão sistêmica. O preconceito é um efeito da linguagem e o círculo vicioso do machismo-racismo-capitalismo do qual não escapam aqueles que não se integram. O sistema se apresenta como linguagem baseada no princípio de identidade que age contra a não-identidade. Não há lugar para todos e quem não conseguir encaixar-se de alguma maneira será vitimado. Dentro desse sistema, permite-se que muitas pessoas existam apenas para servir como coisas. Elas são objetos que servem e, quando não servem, devem ser eliminadas, mortas ou deixadas ao abandono até a morte.

Evidentemente o machismo-racismo-capitalismo precisa controlar a linguagem manipulando seus meios de produção. O sistema sempre tenta evitar a participação das minorias nessas produções. Da ciência à arte, da teologia à filosofia, das universidades ao mundo do trabalho, toda a linguagem é controlada. A misoginia, por exemplo, não é apenas um natural ódio às mulheres, mas metodologia de opressão por meio de humilhação e rebaixamento que tem função pragmática.

A racionalidade técnica é a racionalidade da dominação e o machismo-racismo-capitalismo sempre se valeu dos avanços tecnológicos para turbinar suas forças. Desde a fotografia e o cinema, desde os jornais e revistas, desde a televisão, o que assistimos é o avanço da dominação, da submissão, da violência.

Hoje, devido à internet vivemos um verdadeiro “turbomachismo”. Ao mesmo tempo, a resposta feminista tem sido de expressiva resistência. Não podemos mensurar estatisticamente o grau de consciência da luta por hegemonia feminista hoje, mas é um fato que a presença da consciência crítica feminista tem interferido radicalmente no sistema de dominação contemporâneo. Espera-se evidentemente que as minorias políticas entrem nas redes sociais e se mantenham contentes na condição de “números”, mas a criatividade dos militantes dos movimentos contra a ordem estabelecida pelos donos dos meios de produção da linguagem tem causado surpresa na construção de uma hegemonia feminista.

Tanto machismo quanto feminismo são fenômenos que se modificam conforme condições dadas na sociedade. Hoje as condições microtecnológicas tem que ser levadas a sério na produção da linguagem como um todo, dos jogos de linguagem e dos jogos de poder que estruturam a linguagem. O que é comunicação, o que é informação, o que é uma conversação ou diálogo sob condições microtecnológicas e digitais? Devemos estender essa pergunta: que mudanças surgem na produção acadêmica, na produção científica e artística hoje quando fontes de pesquisa, assuntos e os próprios pesquisadores são atravessados pelo advento da internet e das redes sociais? O que é a cultura, a educação, o que é a leitura, a sala de aula, o que é o cinema, o que é a luta política depois da invenção da internet e a captura do mundo subjetivo nas redes sociais?

O machismo sempre se sustentou como rede social. É isso o que vemos em Platão, no famoso diálogo do Banquete, quando os homens pedem que as mulheres se retirem porque vão falar de filosofia. Naquele momento eles expõem sua organização como grupo do qual elas estão excluídas. Como essas mulheres falarão fora do espaço masculino é algo que devemos nos perguntar. O feminismo avançou radicalmente a partir do avanço das tecnologias e das redes sociais e o mundo das redes machistas já não é o mesmo, mais e mais mulheres podem entrar na luta por seus direitos a partir da luta pelo direito à linguagem.

O livro que temos em mãos nos coloca diante do feminismo mais atual. O feminismo que se cria nas redes sociais à revelia de todo o machismo, racismo e com profunda consciência de que a linguagem tem sido sequestrada historicamente pelo capitalismo. Esse sequestro serviu a um dos propósitos mais perversos da história, produzir a subjetividade machista-racista-capitalista como um programa ao qual todos devem obedecer.

Hoje, falamos em ciberfeminismo e em tecnofeminismo como formas de luta feminista. É a luta pela linguagem. É a luta feminista no contexto de uma guerra híbrida que sempre foi usada contra as mulheres. Dessa forma, as militantes feministas lutam pela linguagem e, assim, pela devolução da biografia e da subjetividade aos corpos oprimidos. A luta para desmontar os esquemas de opressão que conhecemos há séculos encontra um outro espaço e deve usar todas as suas forças no resgate da linguagem livrando-a do mal radical e do delírio machista que, até hoje, se compraz com as vítimas que produz. A linguagem é um instrumento de opressão, mas é também um instrumento de libertação e é essa consciência que esse livro permite fazer avançar.

Introdução

Julia Lourenço Costa

Roberto Leiser Baronas

"O feminismo é uma revolução, não uma reorganização das diretrizes de marketing [...]. O feminismo é uma aventura coletiva, para as mulheres, para os homens, e para os outros. Uma revolução, já bem encaminhada. Uma visão de mundo, uma escolha. Não se trata de opor as pequenas vantagens das mulheres às pequenas conquistas dos homens, mas de todos lançarmos tudo isso pro ar".

(Virginie Despentes, *King Kong Théorie*, 2006)¹

De acordo com Manuel Castells², as lutas sociais foram historicamente marcadas por movimentos sociais que mantinham certa cadeia hierárquica alinhada aos valores verticalizados do processo de industrialização. Por outro lado, o que se assiste hoje com o ciberativismo, é a horizontalização das lutas contemporâneas, que passam a ter uma estrutura marcada pelo acesso um pouco mais democrático proporcionado pela rede.

Apesar de engendrar diversos tipos de gestão dos discursos, a internet se configura como ferramenta para as lutas sociais contemporâneas e é concebida como espaço potencial de expressão e participação genuinamente democrática. Tal ferramenta viabiliza a união e a mobilização das variadas

¹ Epígrafe emprestada da apresentação da revista **Argumentation & Analyse du Discours**, número 18, intitulada, *Nouvelles argumentations féministes*, publicada em 2017. Link para acesso: <https://journals.openedition.org/aad/2301>. Tradução nossa.

² CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

comunidades discursivas, além da promoção horizontalizada das informações, que passam a ser difundidas de lugares discursivos cada vez menos marcados pela hierarquia das relações sociais e políticas.

Nesse bojo, o movimento feminista, coerente com seu percurso de mudanças e adaptações urdidas pelo tempo, reformulou as suas práticas também no ambiente digital, corroborando uma trajetória sempre fincada nos espaços e tempos históricos em que atua. Com efeito, trata-se de um caminho que se conta como curso, deslocamento, movência, largamente conhecido como as “ondas do feminismo” – que não funcionam de modo estanque, cronologicamente, mas que oferecem um panorama de compreensão – que nos ajuda a situar a presente obra.

Nicole Van Enis³ propõe em seu livro quatro ondas do movimento feminista, que aqui sintetizamos: a) o pré-feminismo que vai até a Revolução Francesa, em 1830, marcado pela luta de acesso aos direitos - cidadãos e de formação; b) uma primeira onda, que visa mudar as leis e códigos; c) a segunda, dos anos 1970, que busca autonomia das mulheres - liberação individual e sexual - e, d) a partir dos anos 1980, a onda da “rede global”, marcada pela internacionalização do diálogo.

É então a partir dos anos 1990 que o feminismo passa a viver um novo momento, o de intersecção entre a tecnologia e as reivindicações sociais. Na internet, as diversas instituições discursivas (re)produzem e circulam sentidos e é possível verificar contemporaneamente a proliferação das manifestações relacionadas aos movimentos sociais que - assim como a própria sociedade - estão em constante transformação. O ciberativismo, como processo de adaptação dos movimentos sociais às novas tecnologias, tem contribuído não só na divulgação das variadas causas sociais, políticas e econômicas, mas na própria determinação destes movimentos reivindicatórios.

As noções de ciberfeminismo ou feminismo digital - abordadas pela pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau em seu texto de abertura neste livro - visam compreender o feminismo agora em sua relação imbricada com a máquina. Assim como outros movimentos sociais, o feminismo contemporâneo assiste a sua evolução na web 2.0, universo no qual suas reivindicações encontram espaço - e eco - tanto nas redes sociais quanto nos canais audiovisuais digitais ou nos grandes jornais que migraram para o universo online.

³ VANS ENIS, Nicole. **Féminismes pluriels**. Bruxelles: Adem, 2012.

O movimento feminista é marcadamente heterogêneo e interseccional, mas mantém um núcleo, sua luta coletiva por um direito, o direito da equidade entre homens e mulheres, buscando superar, portanto, as “contradições fundamentais da sociedade, nascidas tanto do desenvolvimento do capitalismo como da persistência até hoje da dominação masculina”⁴.

Na esteira do pensamento da filósofa brasileira Marcia Tiburi, acreditamos também que “o feminismo deve ser pensado e analisado e, a partir daí, potencializado na prática”⁵. Teorizar o feminismo não implica apreendê-lo em sua completude, mas criar estratégias científicas de compreensão dos mecanismos que tornam possíveis tanto a própria constituição sincrônica deste movimento social, quanto a sua renovação, dada na diacronia.

A proposta de teorização do feminismo neste livro⁶ – enquanto militância social e acadêmica – tem como base a observação e análise das ferramentas tecnolinguageiras que tornam possível o feminismo digital, movimento social necessário ainda na contemporaneidade e, principalmente, no contexto social, histórico e político brasileiro.

O feminismo deve, portanto, ser cada vez mais discutido também nas Universidades, sem olvidar o diálogo com a realidade díspar das mulheres na sociedade. A proposta deste livro, que ganha corpo no conjunto dos textos aqui apresentados, é esta: teorizar o feminismo a partir da perspectiva da ciência Linguística, e mais especificamente, dos mais variados estudos discursivos.

Em meio às outras ciências humanas e sociais, a Linguística deve também se apresentar ao debate e reflexão acerca dos movimentos sociais, uma vez que é por meio da linguagem que os homens e mulheres (re)constroem sua visão de mundo. Os linguistas e analistas do discurso apresentam nesta obra suas reflexões acerca do feminismo e sua manifestação na internet, tendo como interesse principal compreender os mecanismos linguísticos e argumentativos, isto é, tecnolinguageiros, que sustentam esta forma de militância digital.

⁴ HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; Le DOARÉ, Hélène e SENOTIER, Danièle (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 152.

⁵ TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019, p. 9.

⁶ Parte das reflexões publicadas neste livro são o resultado das discussões empreendidas ao longo de 2018/2019 junto ao Grupo de Pesquisa *Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDiM / CNPq / UFSCar)* - coordenado pelo Prof. Roberto Baronas.

Estamos de acordo com Dominique Maingueneau, quando ele afirma que os analistas do discurso se interessam pela “maneira pela qual, numa sociedade determinada, a ordem social se constrói por meio da comunicação. Eles se esforçam para manter o equilíbrio entre a reflexão sobre o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos de ordem sócio-histórica ou psicológica”⁷. Foi esta nossa empreitada neste livro: procurar compreender como os dispositivos digitais de comunicação (re)construem o feminismo contemporâneo, na mesma medida em que este movimento se revela como força de oposição ao que acontece no cenário histórico, social e político atual.

Este livro visa, desta maneira, não só fazer quórum às produções já existentes na área - isto é, que abordam o feminismo a partir da perspectiva discursiva - mas, sobretudo, apresentar uma perspectiva contemporânea outra, na medida em que as reflexões aqui apresentadas estão ancoradas em textos atuais, os quais foram majoritariamente extraídos da internet e que participam, em certa medida, do momento histórico-político do Brasil.

Este livro tem como objetivo não só dissertar sobre o feminismo, mas pensá-lo a partir de seu funcionamento interno - aqui linguístico/argumentativo - sem olvidar a relação que a língua estabelece com a sociedade. No desejo de compreender como pontos de vista são erigidos no seio da sociedade e, mais especificamente, construir mirantes de compreensão acerca do que se passa no Brasil atualmente no tocante às questões de gênero.

É urgente compreender o ponto de vista que o feminismo digital, enquanto movimento social ciberativista, aporta à compreensão de nossa política nacional. O feminismo brasileiro se coloca, cada vez mais, na vanguarda das mobilizações contra o corte de direitos das minorias. Pensado enquanto grupo minorado - mas não minoritário - no Brasil, a luta das mulheres, de modo crescente, vem agrupando reivindicações de outros grupos também social e historicamente excluídos (negros; comunidade LGBTQI+; indígenas; etc.) se constituindo, portanto, a partir também da interseccionalidade.

⁷ MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. tradução: Sírío Possenti. São Paulo: Parábola editorial, 2015, p. 33.

A heterogeneidade do próprio movimento feminista e, mais especificamente do feminismo digital que é objeto deste livro, ancora diversas perspectivas e variadas possibilidades de abordagem. Neste livro encontraremos análises que se pautam nas teorias discursivas e que têm, majoritariamente, um corpus extraído do ambiente digital. Apresentemos brevemente os textos que compõem a presente obra.

O primeiro texto, da pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau, intitulado *Feminismos 2.0. Usos tecnodiscursivos da geração conectada*, foi originalmente publicado na edição 18, de 2017, da revista *Argumentation e Analyse du discours*. Traduzido por Julia Lourenço Costa, especialmente para compor este livro, este texto busca oferecer um panorama sobre as possibilidades de abordagem do discurso feminista nos universos digitais inaugurados pela web 2.0.

Procurando caracterizar o discurso feminista contemporâneo, a autora defende que as possibilidades tecnodiscursivas da rede não só interferem no modo de militância, mas também influenciam o próprio funcionamento dos discursos na web 2.0 e a criação de novas formas argumentativas. Para tanto, a autora propõe duas práticas discursivas como foco de seu texto: a resignificação e o tecnografismo, que abrem profícuos caminhos para se pensar o discurso feminista digital.

Em *Reflexões sobre o ethos feminino e o discurso político contemporâneo*, Renata Carreon e Paula Mesti colocam em perspectiva a teatralidade que faz parte do jogo político. Tendo como foco a crescente inserção de candidatas mulheres na política, as autoras se questionam se seria possível falar de um ethos feminino nesse campo. Para responder tal questionamento, elas se valem de análises que têm como foco a imagem de Dilma Rousseff - ex-presidenta do Brasil - erigida principalmente em sete entrevistas, a partir das quais emergem temas como a coragem, posteriormente analisada na verbo-visualidade do slogan “Dilma coração valente”, que circulou nas redes sociais à época.

Livia Pires em *Lugar de mulher é no espaço público: apontamentos sobre a campanha eleitoral de 2010* coloca novamente em perspectiva a dominação masculina no campo político. A partir do debate para eleições presidenciais de 2010, entre os candidatos José Serra e Dilma Rousseff (primeira vez em que uma mulher protagonizou um debate eleitoral de segundo

turno), a autora analisa os mecanismos engendrados pela candidata no desafio de se assegurar a compatibilidade entre o feminino e o político.

Em 2016 circulou na mídia em geral e, especificamente nas redes sociais, uma polêmica que se ancorou na pequena frase "Bela, recatada e do lar", usada na reportagem da revista *Veja* para descrever a primeira dama de Michel Temer, então presidente do Brasil. Julia Costa e Samuel Ponsoni no texto *Bela, recatada e do lar e tecnodiscursividade: a resignificação do papel social da mulher* promovem uma reflexão em torno dos mecanismos tecnodiscursivos mobilizados pelo militantismo feminista brasileiro para enfrentar a imposição de determinados padrões ao corpo feminino. A partir, principalmente, do processo argumentativo de resignificação (Paveau, 2017) - compreendido pela reapropriação de um conteúdo axiológico degradante e transformação em contradiscurso de ataque - as internautas propuseram variados tecnografismos que tinham como intuito resignificar a pequena frase em relação às três imposições principais nela incorporadas: a resignificação do padrão de beleza imposto às mulheres ("bela"); a resignificação do comportamento esperado do gênero feminino ("recatada") e a resignificação do espaço que as mulheres supostamente devem ocupar na sociedade ("lar").

O ano de 2018 foi marcado também pelas eleições presidenciais no Brasil e, em meio a tantas outras polêmicas instauradas neste momento histórico conturbado, a emergência de um candidato marcadamente machista foi foco da reivindicação de diversos atores sociais. Em *Tecnografismos no movimento feminista brasileiro #EleNão: uma reflexão discursiva*, as autoras Julia Costa e Ilca Vilela se debruçam sobre a construção dos sentidos e da argumentação do feminismo digital - marcadamente pelo uso de tecnografismos e da cultura do remix - tendo como foco as produções tecnodiscursivas da maior manifestação feminista brasileira, o movimento #EleNão, que se formou a partir da oposição à candidatura do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

A rede social Facebook é o objeto do texto de Mariana Rosa, intitulado *Feminismo e Facebook*, no qual a autora se dedica às análises, com base principalmente na noção de hipergênero. A partir de duas páginas desta rede social, quais sejam: "Empodere duas mulheres" e "Não me Kahlo", a autora constata a heterogeneidade que caracteriza o próprio movimento feminista

quando conclui que há duas formações discursivas diferentes entre as páginas analisadas, ainda que ambas se autodenominem feministas.

A imagem do feminino é tema no texto de Lígia Araújo, Luciana Manzano e Marco Ruiz: *Discurso e memória: o materno e o sagrado na relação com a história*, que tem agora como foco a imagem da mulher em relação à maternidade. A partir de um corpus oriundo majoritariamente da rede social Instagram, os autores procuram compreender como a textualização dos corpos ocorre pela mobilização de uma memória do social, especificamente para estabelecer o lugar da mulher-mãe. Para isso, eles refletem sobre as representações imagéticas desta figura em torno do tema da amamentação, como processo importante no seio da construção deste ator social.

Permanecendo no tema maternidade, os autores Rebeca Nascimento e Nilton Milanez, dirigem o olhar, no texto *Mães na atualidade em vídeos do Youtube: materialidades discursivo-corporais*, para a figura “mãe” em vídeos do Youtube, especificamente no vídeo chamado “baby blues”, que tematiza a depressão pós-parto. A partir dos lugares e saberes históricos que governam o corpo das mulheres, pautando seus comportamentos, eles partem da subjetivação da maternidade enquanto ruptura, traçada nos processos de dessubjetivação e apagamento dos sujeitos na constituição de novas subjetividades, e abertura para novas possibilidades de materialização desta figura no presente.

No artigo intitulado *Inoculando o corpo (ciber)feminista no carnaval: entre o real e o digital*, Jorcemara Cardoso e Gleice Alcântara propõem uma abordagem do corpo feminino como lugar em que a polêmica se instaura. As autoras trazem para reflexão, acerca do presente histórico, a projeção do corpo feminista - um cibercorpo - que participa dos blocos de rua do carnaval brasileiro tendo como foco aqueles comandados e organizados por mulheres. O espaço digital funciona, neste contexto, como ferramenta para construir metamorfoses do olhar das mulheres, e da sociedade em geral, sobre sua própria corporeidade, tendo como ponto de ancoragem esta famosa festa brasileira.

Roberto Baronas, Tamires Bonani e Daniel Mariano, autores do texto *“Mas é com essa roupa?”: questões analíticas sobre a polêmica de assédio de Silvio Santos a Claudia Leite*, ancorados no conceito de pequena-frase e tecnodiscursividade, oferecem uma reflexão sobre a emergência - na mídia em geral e, sobretudo, nas redes sociais - do enunciado “Mexeu com uma,

mexeu com todas”. Alçado também ao funcionamento enquanto hashtag, esse enunciado concretizou a luta das brasileiras pela desconstrução de discursos cristalizados, sobretudo de viés machista e misógino.

O feminino e o antifeminismo na web: uma inoculação cínica do feminismo, texto de Luciana Manzano, encerra o livro propondo uma reflexão sobre o antifeminismo como postura de aceitação da organização social entre os gêneros como decorrente da natureza dos sexos. Esse posicionamento tem cada vez mais ganhado força também na web, principalmente na atual conjuntura histórico-política do Brasil. A partir da afirmação de liberdade em relação ao viés ideológico e de memória histórica, o antifeminismo constrói um efeito de verdade em oposição ao feminismo que é - cinicamente - ancorado no espaço do absurdo.

Este livro tem, ainda, a honra de contar com o prefácio de Marcia Tiburi, filósofa e crítica da atualidade política brasileira, a partir de uma perspectiva feminista. O posfácio, alinhado à perspectiva teórica do livro, foi redigido por Norma Discini, linguista e estudiosa do discurso que se debruça sobre as mais diferentes formas de compreensão dos fenômenos do mundo por meio da linguagem. Vivamente agradecemos a essas duas mulheres relevantes não só do ponto de vista teórico, mas humano, pela generosidade e partilha deste espaço coletivo.

Os onze textos que compõem esta coletânea trazem uma representação metonímica de como o feminismo pode ser tratado analiticamente no âmbito dos estudos do discurso. Não é pretensão deste livro propor uma epistemologia do feminismo, mas inspirar outras pesquisas sobre o tema e, especialmente, contribuir com o debate, oferecendo uma perspectiva linguística sobre este movimento social tão relevante em surreais tempos de intolerância, das mais variadas ordens, no Brasil e no mundo.

Julia Lourenço Costa
Roberto Leiser Baronas

entre Paris e São Carlos
entre o verão e o inverno de 2019.

Feminismos 2.0.

Usos tecnodiscursivos da geração conectada

Marie-Anne Paveau

Tradução: Julia Lourenço Costa

Prefiro ser uma ciborgue que uma deusa
(Donna Haraway, *Cyborg Manifesto*, 1985)

Introdução

Os universos discursivos digitais inaugurados pela Web 2.0 (web social que apareceu no início dos anos 2000¹) acolheram rapidamente os discursos militantes explorando a especificidade (ou o funcionamento em rede) dos espaços digitais e em particular sua extraordinária capacidade relacional (Casilli 2010). De fato, os blogs são lugares conversacionais onde acontecem discussões, debates e polêmicas, assim como as redes sociais digitais (doravante RSD), que constituem poderoso espaço de conexões (Paveau 2013). As possíveis plurissemióticas da produção tecnodiscursiva nativa da web (Paveau 2015) possibilitam, além disso, a elaboração de uma cultura do *remix* e do *mash-up*, permitindo alto grau de reformulação das produções, grande rapidez de circulação dos materiais e, enfim, uma audiência importante que pode ser medida em milhões de receptore.a.s², leitore.a.s, espectadore.a.s (Zappavigna 2013).

¹ Examino aqui apenas as produções particulares e situadas da Web, que constitui um dos serviços da internet como o correio eletrônico, o chat, os fóruns de discussão ou os FTP (File Transfer Protocol), que utilizam, cada qual, protocolos diferentes. A world wide web (www) utiliza o protocolo HTTP (Hypertext Transfer Protocol). Não abordo, portanto, a internet em sua globalidade, o que explica, por exemplo, o fato de não falar de fóruns de discussão, do correio ou do chat. Os blogs e as redes sociais constituem meu terreno de pesquisa específico e são espaços digitais da web inseridos no protocolo HTTP.

² N.T. Marie-Anne Paveau, procura utilizar em seu texto os dois gêneros - feminino e masculino - se valendo, para isso, de pontos intercalando as duas marcações. Manteremos ao longo do texto a escolha da autora, pois compreendemos que esse posicionamento é político.

Tais potencialidades da Web 2.0 permitiram ou acompanharam um importante desenvolvimento do discurso do militantismo feminista, principalmente acerca da natureza e da forma dos argumentos. Neste artigo, proponho, depois de uma descrição dos usos digitais nativos atuais das feministas e de sua gênese histórica, examinar dois fenômenos que caracterizam o discurso feminista contemporâneo a partir do campo francófono, com algumas incursões em outros espaços geográficos e linguísticos³, produzidos na ocasião dos anos 2010, pelo.a.s militantes da quarta geração⁴.

- a instalação, na blogosfera e nas RSD feministas, de formas discursivas nativas e específicas de ressignificação de conteúdos agressivos ou humilhantes dirigidos às mulheres. A web conversacional é, assim como a própria internet de modo geral, de fato, um universo tanto reflexivo quanto lúdico, no qual nascem muito rapidamente os metadiscursos, os simulacros, as respostas, abrindo espaços possíveis para a transformação e reinterpretação dos conteúdos.
- a dimensão heterogênea das formas envolvendo material não linguístico na produção tecnodiscursiva. Algun.ma.s militantes usam os tecnôgenos do discurso (isto é, nativos da web) já bem instalados nas formas de discurso reivindicatório e militante, articulando imagem e texto num dispositivo tecnográfico. Detalharei dois exemplos: o meme, forma de reduplicação com variantes de um dispositivo mais frequentemente verbo-icônico e o bingo, interpretação gráfica atavista do jogo com mesmo nome. Ambos contribuem para a elaboração de um discurso feminista digital que deriva de uma argumentatividade de dimensão lúdica.

³ Não é mais pertinente, a partir dos dados digitais online, circunscrever os objetos por língua, terreno cultural ou geográfico, pois o caráter reticular da web implica uma mestiçagem internacional de dados. E, ainda, as feministas francesas recentes observam particularmente outros países, principalmente por razões teóricas (estudos de gênero, interseccionalidade, afro-feminismos), como os Estados Unidos, mas também a Índia, o Oriente Médio, etc.

⁴ A cronologia das "ondas" ou "gerações" do feminismo esteve sempre em debate, mas a terceira é tradicionalmente descrita a partir do início dos anos 1980 (sobre este debate, consultar Vans Enis 2013 e a introdução do presente número (N.T. consultar referência da publicação original do artigo no final deste texto)). Considero, de minha parte, que os anos 2010 viram aparecer uma quarta geração de jovens, realmente jovens, feministas, nascida.o.s nos anos 1980-1990 e que começam a militar nos anos 2010, num universo midiático já inteiramente conectado e estruturado pela web 2.0.

1. Ciberfeminismo contemporâneo

1.1 Uma profusão militante

Amanda Stenberg tem 17 anos, 300.000 assinantes no Twitter, 665.000 seguidores no Instagram e mais de 360.000 pessoas que "amam" sua página no Facebook. Tal notoriedade se deve ao seu status de jovem atriz de cinema e televisão (ela atuou, notadamente, como a personagem Rue, no filme *Jogos Vorazes*) nos Estados Unidos, mas igualmente devido o seu ativismo feminista, na perspectiva interseccional do antirracismo e da luta contra a apropriação cultural e naquela da defesa da não-binaridade e da bissexualidade. Essa jovem mulher é uma espécie de representante ou protótipo da quarta geração de feministas, que defendem causas contemporâneas utilizando argumentações inéditas via redes sociais, especialmente.

A francesa Mrs. Roots tem a idade de uma estudante de mestrado, por volta de 25 anos, ela tem um blog muito lido (*Mrs. Roots. Escrever. Para que não seja possível dizer uma vez mais: Eu não sabia*), uma conta no Twitter movimentada, uma conta no Facebook e no Tumblr igualmente muito visitadas. Ela faz parte das militantes representativas do afro-feminismo na França e, por esse motivo, é regularmente citada e entrevistada na imprensa na ocasião de eventos ou debates envolvendo pessoas negras (artigos de informação sobre afro-feminismo, debate sobre a exposição "Exhibit B" de Brett Hailey⁵). Ela participa e escreve regularmente nas mídias alternativas favoráveis a apoiar a causa do antirracismo político defendido pelos afrodescendentes.

Daria Marx, nascida em 1980, desfruta igualmente de uma notoriedade importante no meio feminista francês: ela tem um blog com escrita tanto intimista quanto política, que rendeu a ela o status de "blogueira influente"⁶, ela intervém de maneira humorística e forte no Twitter, e milita contra a gordofobia, publicando fotos de seu corpo em sua conta no Facebook e em seu Tumblr⁷. Seu banimento da plataforma Facebook, em setembro de 2016, desencadeou muitos debates, despertou protestos e sem dúvida reforçou a

⁵ A artista sul-africana Brett Hailey apresenta, depois de Londres, uma exposição em Paris que se ancora na encenação de modelos negro.a.s como o CRAN, se mobilizando e tentando obter a interdição da exposição, que é finalmente mantida.

⁶ Essa expressão designa um.a blogueiro.a que se beneficia de um público importante, e é suscetível de se profissionalizar, sob o estímulo, principalmente, de agências de publicidade.

⁷ Ver neste número mesmo o artigo de Anne-Charlotte Husson que menciona o discurso desta militante (N.T. consultar referência da publicação original do artigo no final deste texto).

causa das gordas nas RSD, que ela defende sob o nome de "Gordura política". Daria Marx é uma voz importante entre as feministas francesas atuais.

Essas minibiografias de três feministas da quarta geração, de 17, 25 e 36 anos, têm como objetivo oferecer uma percepção do conjunto de enunciadores.a.s que são objeto deste artigo⁸. Os anos 2010 compreendem, de fato, uma explosão na produção de discursos digitais feministas ativistas, apresentados em numerosos artigos na mídia, desde grandes jornais até revistas de nicho, passando por jornais e revistas femininas. O ponto em comum desses discursos está assentado numa resistência, como assinala Joanne Lalonde na definição que ela propõe de ativismo web:

O ativismo Web é um conjunto de ações de resistência política, social ou feminista conduzidos pelos internautas num espírito de reivindicação. As modalidades deste ativismo implantam-se em todas as esferas da Web e compreendem também as práticas artísticas. O desejo comum a todas essas manifestações advém de demonstrar abertamente uma resistência, um distanciamento crítico às diferentes formas de dominação e de controle que são exercidas pelas variadas instâncias de poder características às nossas sociedades hipermodernas (2012 : 8).

Na esfera do ativismo online, o militantismo feminista ocupa agora um espaço de escolha. Ele é comumente chamado ciberfeminismo, no sentido de que esse termo designa a origem do movimento artístico do início dos anos 1990 na Austrália, no Canadá e na Inglaterra⁹. Esse movimento inaugurou e teorizou as práticas digitais visando lutar contra o sexismo, o racismo e o militarismo arraigados nas estruturas informáticas da internet, a partir de ferramentas teóricas do feminismo. Seu sentido atual é compreendido pela nomeação de práticas digitais militantes e podemos, doravante, aceitar a definição geral de Joanne Lalonde: "O ciberfeminismo é [...] por definição uma prática ativista, ligada à ideologia de abertura pró-

⁸ Trata-se de três exemplos destinados a demonstrar o elo entre o militantismo estadunidense e europeu, assim como a variedade das culturas, das origens e das idades das jovens feministas atuais: uma mestiça estadunidense militante contra a apropriação cultural, uma negra afro-descendente francesa, representante do antirracismo político e uma militante da cultura judaica contra a gordofobia.

⁹ É o coletivo australiano VSN Matrix que propõe o termo *ciberfeminismo* em 1991 no seu "Manifesto ciberfeminista para o século XXI". O grupo tem como objetivo fazer as mulheres entrarem nos espaços eletrônicos por meio da arte. Simultaneamente, a especialista em *estudos culturais*, Sadie Plant, utiliza o termo para descrever o modo como a tecnologia feminiza, de acordo com ela, a sociedade ocidental. E, ao mesmo tempo, no Canadá, a artista Nancy Peterson lança também o termo num artigo publicado online (sobre a história do ciberfeminismo, consultar Wacjman 2004).

pria da rede, visando o compartilhamento de conhecimentos, tanto técnicos quanto teóricos, bem como o acesso às ferramentas de criação e de difusão pelas mulheres e grupo de mulheres" (2012 : 9).

A variedade, o número e a renovação dos rostos e vozes, assim como das causas dos discursos feministas, tem aumentado significativamente nos últimos dez anos. As razões são diversificadas e advêm da articulação direta entre tecnologia, história e sociedade: a acessibilidade da web 2.0 permite aos locutore.a.s comuns, sem conhecimento técnico, nem formação de escritor.a, de ensaísta ou de jornalista, nem rede de influência nos meios de edição e das mídias, de se expressar e de publicar rapidamente, facilmente e gratuitamente (Flichy 2010; Gunthert 2014); as evoluções demográficas e culturais (o acesso à Universidade chega na idade adulta para pessoas com origens migratórias) assim como as evoluções sociais e políticas (a maior visibilidade de questões ligadas à sexualidade, a emergência do antirracismo político contra o antirracismo moral, evoluções concernentes ao corpo) fizeram emergir quadros conceituais (por exemplo, de interseccionalidade), de causas (luta contra a os maus tratos médicos, contra a gordofobia, crítica ou defesa do véu, defesa de trans-identidades) e das modalidades militantes (*slutwalks*, marchas noturnas não mistas). Essa abundância é vastamente desdobrada online, essencialmente sobre as duas grandes RSD, que são o Twitter e o Facebook, mas igualmente sobre as plataformas de blogs, como Tumblr, mas também nos espaços participativos dos grandes jornais (o espaço de blog "Le Plus de l'Obs", por exemplo). O caráter reticular da web permite, de fato, a propagação de ideias, a difusão de saberes e do saber-fazer, a elaboração de redes, de recrutamento de militantes e de aliado.a.s

1.2 A construção da tecnologia a partir do gênero

As práticas emergentes que são o foco deste artigo não são, contudo, nascidas com a web 2.0, mas se inscrevem na história mais longa da relação entre as mulheres e a tecnologia, o que constitui uma contextualização necessária para a Análise do discurso.

O ciberfeminismo dos anos 1990, que não se reduz, como vimos, ao militantismo online, encontra suas origens nas reflexões conduzidas a partir dos anos 1970 por Donna Haraway sobre a relação entre as mulheres e

o não-humano, principalmente os animais e os artefatos tecnológicos¹⁰. Seu célebre *Manifesto Ciborgue*, publicado pela primeira vez em 1985 (republicado em 1991 e tardiamente traduzido para o francês em 2002 e depois em 2007), descreve e teoriza os contextos pós-dualistas¹¹ do final do século 20 que permitiram às mulheres sair das dominações binárias, da camisa de força da identidade e do essencialismo e das atribuições de gênero (Haraway 1991; 2007). As tecnociências oferecem, à seu modo, possibilidades emancipatórias para as mulheres, pois permitem a negociação das fronteiras entre os humanos, os animais e as máquinas.

O trabalho de Haraway é a origem de uma corrente importante de reflexão sobre as relações entre gênero, feminismo e novas tecnologias (ou antigas, de qualquer maneira), da qual o ciberfeminismo constitui o setor digital. Judy Wajcman publica em 2004 uma importante síntese dessas questões, *Technofeminism*, onde ela insiste, com base na teoria da construção social da tecnologia¹², sobre o tratamento fundamental da co-construção recíproca da tecnologia e do gênero. A autora apreende essa ideia num artigo traduzido de 2013, *Genre, technologie et cyberféminisme*, no qual ela explica que "a tecnologia é tanto uma fonte quanto um efeito das relações de gênero [Wajcman, 2004]. Em outras palavras, podemos considerar que as relações de gênero se materializam na tecnologia e a masculinidade e a feminilidade adquirem sentido e se definem a partir da implicação e da sua inscrição no funcionamento das máquinas" (Wajcman 2013 : 434). No seu livro de 2004, ela descreve as implicações dessa co-construção recíproca:

Se a sociedade é coproduzida com a tecnologia, é imperativo explorar os efeitos das relações de poder de gênero no design e inovação, bem como o impacto da mudança tecnológica nos sexos. Um emergente tecnofeminismo concebido a partir do delineamento mútuo entre gênero e tecnologia, no qual a tecnologia é tanto a fonte e a consequência das relações de gênero. Em outras palavras, as relações de gênero podem ser pensadas como materializadas na tecnologia, a masculinidade e a feminilidade, por sua vez, adquirem seu sentido e protago-

¹⁰ De fato, como sublinha Hall, "A noção de que a tecnologia futurística iria liberar seus usuários das limitações do mundo físico, permitindo assim uma sociedade mais democrática, foi banida há décadas, bem antes de Haraway escrever seu Manifesto Ciborgue" (Hall 1996: 149).

¹¹ Sobre essa perspectiva pós-dualista de pesquisa em ciências humanas e sociais, consultar Paveau 2012.

¹² A teoria da *Social Construction of Technology* chamada de SCOT (defendida por Trevor J. Pinch, por exemplo), e sua variação, a teoria da *Social Shapping of Technology* (Judy Wajcman, Robin Williams, David Edge) contestam a neutralidade e o determinismo da tecnologia, e consideram que ela é largamente transmitida pelos usos e pelos contextos sociais.

nismo durante o desenvolvimento e a imersão em máquinas de trabalho (2004: cap. 1¹³).

É necessário, portanto, compreender que as práticas discursivas feministas e os universos digitais se desenvolvem numa relação recíproca: se a web parece transformar as modalidades de acesso ao discurso feminista e seus dispositivos formais, em retorno e simultaneamente, as práticas feministas transformam a web. Trata-se de fato de uma transformação social da tecnologia. Veremos, por exemplo, na segunda parte, que a plataforma Youtube é constantemente tema de novos usos não previstos em sua origem e que, inversamente, suas *affordances*¹⁴ (suas possibilidades técnicas) permitem assim a invenção de dispositivos discursivos novos.

Na França, Josiane Jouët defende igualmente a perspectiva pós-dualista de um continuum entre usuário.a.s humano.a.s e dispositivos tecnológicos, com base naquilo que preocupa as mulheres sob a forma de um paradoxo:

Se as mulheres utilizam grande parte das tecnologias informatizadas, elas não participam da sua concepção e permanecem fora da compreensão dos princípios de funcionamento das máquinas. Porém, estes artefatos não são apenas ferramentas. Sua materialidade é, de fato, portadora de símbolos, de valores e de recursos culturais que aparecem como fortemente marcados pelo gênero (Jouët 2003 : 61).

Os trabalhos de Kira Hall mostram que as mulheres fazem um uso social, privado, familiar, em suma, um uso relacional e pragmático das ferramentas tecnológicas pensadas e elaboradas pelos homens sob a abordagens industriais, econômicas e técnicas no sentido público do termo: as mulheres "produzem" então as ferramentas tecnológicas, distorcendo sua utilização a partir de um modo marcado pelo gênero. Da mesma maneira, elas utilizam as possibilidades comunicacionais da web social numa perspectiva emancipatória, encontrando nos espaços da web 2.0 os lugares preservados da dominação masculina.

¹³ Obra disponível no Kindle, que não oferece paginação, indico então o capítulo.

¹⁴ N.T. "No final dos anos 1970, o psicólogo James J. Gibson, especialista em percepção visual, oferece a primeira formulação da teoria das affordances: *affordance* (to afford, oferecer) é a propriedade de um objeto ou uma característica do ambiente imediato que indica qual relacionamento que o usuário deve estabelecer com o objeto, como ele deve usá-lo, o que deve fazer com ele" (PAVEAU, Marie-Anne. *Ce que disent les objets. Sens, affordance, cognition*. Synergies Pays Riverains de la Baltique. n. 9, 2012. p. 53-65).

A troca online pode assim se tornar emancipatória para as mulheres. [...] na tela, as mulheres podem se manifestar com muito mais confiança, pois elas não são interrompidas e, nas discussões, que não estão em torno do sexo, seu ponto de vista é melhor compreendido e considerado (Jouët 2003 : 78).

A concepção da tecnologia a partir do gênero é, portanto, igualmente uma construção da comunicação com base no gênero e das formas linguageiras e discursivas que implantam-se na web: os dispositivos tecnológicos e sócio-técnicos, longe de serem apenas o suporte da comunicação, são verdadeiramente o ambiente nativo.

Como sublinha Josiane Jouët, "a construção conjunta e contínua das identidades de gênero e das tecnologias da comunicação são ainda desconhecidas" (2003 : 83). As questões abordadas na primeira parte são de fato pouco tratadas pela pesquisa em ciências humanas e sociais¹⁵, e as formas linguísticas, discursivas e argumentativas do ciberfeminismo, um terreno a ser explorado.

2. Práticas tecnodiscursivas feministas

As práticas tecnodiscursivas¹⁶ que estão em questão aqui não são apenas feministas porque são realizadas por mulheres numa perspectiva militante; elas são igualmente feministas no sentido de que elas modificam as relações sociais de sexo ao tratarem delas mesmas: quero dizer que, de fato, as práticas discursivas feministas modificam as práticas discursivas. Trata-se, como sublinha Josiane Jouët, algo relacionado à transformação de uma ordem hierárquica prévia.

Abordo aqui dois tipos de práticas discursivas com forte coeficiente argumentativo: a ressignificação e o uso do tecnografismo.

¹⁵ Atualmente na França os trabalhos sobre feminismo digital ou ciberfeminismo mal aparecem e o presente artigo faz, de qualquer maneira, parte deste movimento: em outubro de 2015, um colóquio intitulado "Os ciberativismos feministas pelo mundo" foi organizado pelo Centre Hubertine Auclert (Centro francês de recursos para a igualdade mulheres-homens); em 2015, as coordenadoras do presente número (N.T. consultar referência da publicação original do artigo no final deste texto) lançaram uma chamada para artigos para a revista *Itinéraires ltc* sobre o lugar do corpo e das materialidades nos feminismos da quarta geração; em 2016, três pesquisadoras em Ciências da informação e da comunicação, Isabelle Hare, Stéphanie Kunert e Aurélie Olivesi, organizaram um seminário semestral intitulado "Gênero e controvérsias online" e Claire Blandin, historiadora que trabalha em ciências da informação e da comunicação, organiza um número temático da revista *Réseaux* a ser lançado no início de 2017, intitulado "O feminismo online".

¹⁶ Chamo tecnodiscurso uma produção discursiva nativa da internet, que mescla o caráter linguageiro e técnico num composto heterogêneo, sem extração possível de uma ou outra parte.

2.1 As formas da resignificação. O argumento da salamandra

Entendo por resignificação, noção teorizada por Judith Butler acerca dos insultos homofóbicos (Butler 2004), um dispositivo de recuperação de conteúdos semióticos desvalorizantes ou ofensivos com o objetivo de inverter o valor e recuperar os signos enquanto símbolos de orgulho. A resignificação nasce de uma reflexão, por parte de Judith Butler, das noções de interpelação (Althusser) e de assujeitamento (Foucault) no quadro do gênero e da pesquisa sobre os processos de estigmatização e da opressão de minorias¹⁷. Defino linguisticamente a resignificação¹⁸ como um processo léxico-discursivo que consiste em apreender, à seu próprio modo, as (de)nominações ou os discursos insultantes para os transformar numa bandeira de identidade e de orgulho, numa visada ética do discurso. Os exemplos a seguir são bem conhecidos: *queer*, antes um insulto, se tornou a bandeira de orgulho da comunidade LGBT, *nègre*¹⁹, resignificado *via* a noção de negritude e sua versão inglesa em gíria *nigga* reapropriado pelos afro-americanos, ou mais recentemente *slut*, do movimento *slutwalks* nascido em 1991 em Toronto²⁰. A resignificação é argumentativa na medida em que ela constitui um contradiscurso que se opõe à um discurso anterior; ela é, contudo, elíptica, pois ela promove a economia das etapas prototípicas da argumentação (no mínimo dados e lei de passagem). Mas ela possui igualmente uma dimensão qualificadora: ela confere poder, autonomia e liberdade àquele ou àquela que produz uma autodesignação ou um uso valorizante. Nesse sentido, a resignificação produz, nos termos dos estudos de gênero, a *agency*, isto é, um poder de agir. Poderíamos chamá-la, na esteira de Haraway, de argumento da salamandra, a partir desta descrição presente no *Manifesto Ciborgue*:

¹⁷ Sobre as origens da noção de resignificação e sua elaboração a partir do estruturalismo francês no quadro daquilo que Judith Butler chama "construção americana engraçada", consultar Paveau 2010.

¹⁸ De fato, em inglês, *resignification* designa o conjunto dos processos de inversão de valores, independente do código semiótico (palavras, cores, noções, imagens, etc.); enquanto a resignificação propriamente linguística, concernente às matérias linguageiras, é mais designada pelos termos *reapropriação* ou *reivindicação*. *Resignificação* comporta mais semas de sentido que *reapropriação* ou *reivindicação*; eu mantenho *resignification* em francês para caracterizar as modificações axiológicas das palavras e das expressões.

¹⁹ N.T. A noção de *nègre* na França se assemelha ao uso de *preto* no Brasil - termo que também sofreu resignificação por parte do movimento negro.

²⁰ Sobre o processo de resignificação corpo-discursivo nas *slutwalks*, consultar Paveau 2014.

Junto às salamandras, a regeneração decorrente de um ferimento, por exemplo a perda de um membro, é acompanhada de um renascimento da estrutura e de uma restauração das funções com a possibilidade constante de produção, no lugar da antiga ferida, de cópias ou qualquer resultado topográfico estranho. [...] Todo.a.s já fomos ferido.a.s, profundamente. Temos a necessidade da regeneração, não do renascimento; e o sonho utópico da esperança de um mundo monstruoso sem a distinção de gênero faz parte daquilo que poderia nos reconstituir (Haraway 2007 : 112).

Online, os dispositivos tecno e sóciodiscursivos permitem configurar procedimentos de ressignificação às vezes elaborados e produtivos, como na salamandra; eles eventualmente levam a uma recompensa: o insulto ou agressão acaba por ser benéfico, no sentido econômico do termo, aos insultado.a.s e agradido.a.s. Os exemplos se multiplicaram nos últimos anos: as internautas feministas se compuseram a partir desse desvio criativo e compensatório. Em novembro de 2015, Marion Maréchal-Le Pen, deputada da Frente Nacional de Vaucluse na França, anuncia que ela retirará seus subsídios do Planejamento Familiar se ela for eleita presidente da região de Provence Alpes Côte d'Azur. Klaire, uma youtuber, posta então um vídeo de apoio ao movimento feminista e da educação popular, no qual havia quantidade relevante de insultos violentos (do tipo: "Que imbecil espécie de merda" ou "Que nós as derrubemos, que costuremos suas pálpebras com fio de ferro e que possamos fazê-las comer terra"). Ela decide então editar estes insultos a favor do Planejamento Familiar, publicando um livro e organizando a pré-venda desta obra num site de *crowdfunding* (Ulule), que arrecadou 12.000 euros e continua atualmente à venda no seu site²¹ para chegar a soma de 20.000 euros. Essa intervenção foi, portanto, um sucesso tanto financeiro quanto pragmático: a produção de insultos gera valor, que volta ao insultado por uma via virtuosa. São os dispositivos de produção de discursos online que permitem a existência desse laço: o vídeo no canal Youtube de Klaire, a função "comentário" do vídeo, o site de *crowdfunding*, o blog como interface da comunicação com o público. Temos aí um processo de ressignificação que não inverte o conteúdo axiológico dos enunciados, que permanece insultante, mas inverte o valor de circulação: do espaço do comentário na plataforma Youtube àquele do livro editado pela *La ville brûle*, os comentários insultantes veem sua função

²¹ O livro: *Klaire fait Grr*. 2016. *Salope!* (Paris : La ville brûle). O site: <http://www.klaire.fr>

pragmática invertida: atos de linguagem ameaçadores no começo se tornam atos de linguagem que apoiam a causa antes ameaçada.

Outros processos de resignificação são inventados pelas locutárias feministas: em 2016, a humorista youtuber Solange escolheu, por exemplo, compor um sketch oral com os comentários odiosos recebidos em seu canal, os direcionando a uma cadelinha. Ela pronuncia, por exemplo, enunciados como: "Arte contemporânea é merda. Eu amaria que um cachorro a violasse", ou "Putá merda, o que é o vídeo dessa puta? e, além de tudo, você é odiosa", ou ainda "Cala bem sua boca cadela suja e chupa meu pau", direcionados ao seu pequeno animal. Esse direcionamento, que modifica a situação de enunciação original, produz um efeito cômico que assegura o desarmamento da violência. Simultaneamente, a oralização dos comentários é acompanhada de sua inscrição na tela, o que produz um efeito de autenticidade mantendo a carga agressiva dos comentários:



Figura 1: dispositivo semiótico das "Fatias de ódio", vídeo de *Solange te parle*, 2016.

Fonte: captura de tela a partir do canal Youtube *Solangeteparle*,
<http://solangeteparle.com/2016/01/25/tranches-de-haine/>

Temos então um dispositivo discursivo complexo, sempre de acordo com a lógica da salamandra que pode fazer da fonte do ferimento um lugar de produção de novas formas:

- um vídeo, produção verbo-icônica oral que consiste numa nova leitura dos enunciados escritos;

- uma inserção dos enunciados escritos concomitantemente à sua leitura oralizada;
- uma interação introspectiva produzindo uma situação de enunciação particular.

A função argumentativa do contradiscurso é assegurada pelo conjunto do dispositivo: o feito cômico da interação entre espécies intensificada pelo tipo de animal (cadela de pequeno porte, pacífica e brincalhona), a entonação e a postura física de Solange e a duplicação escrita da enunciação oral são os três procedimentos que completam a ressignificação dos insultos e agressões. A violência sexista torna-se inoperante pelo direcionamento vão a um animal e é transformada em riso eficiente.

Eu poderia multiplicar os exemplos desses dispositivos criativos elaborados pelas feministas salamandras da web, mas terminarei com um exemplo que ilustra bem uma propriedade importante da internet e da web: a reflexividade. Compreendo que a reflexividade da web compreende o fato de que todo enunciado online é suscetível de ser comentado, tratado, parodiado, redocumentado²², num metadiscurso que utiliza as próprias propriedades características tecnodiscursivas. Em agosto de 2016, uma estudante de geografia de 19 anos, que se apresenta com o nome SkEveleton e o pseudo @Compoto_ no Twitter, reagiu à publicação de um blogueiro influente, Yves Landey²³ que, a seu ver, parecia defender a cultura do estupro. Ela publica então um thread (uma série de vários tweets ligados que formam um texto) na sua conta no Twitter, no qual critica essa abordagem e defende as posições feministas sobre o estupro. Esse thread deslanchou, portanto, uma importante "shitstorm" (uma tempestade de ataques violentos e degradantes) de várias centenas de tweets e de mensagens privadas (apenas um twitteiro a enviou 400). Diante da importância quantitativa do ataque e sua intensidade qualitativa, a jovem utilizou seu saber-fazer técnico e decidiu desenvolver um trabalho estatístico a partir desses tweets agressivos: ela publicou, assim, uma série de gráficos sobre a proporção dos insultos nos tweets, o gênero dos autore.a.s, os tweets com ortografia ruim, os temas principais, etc. Essa resposta encontra grande eco no Twitter e em outras RSD e é retomada na mídia (consultar Grand d'Esnon 2016): a colocação

²² A redocumentação ou redocumentarização é um processo de coleta consciente de dados esparsos online, de forma a produzir um documento, conjunto organizado de informações.

²³ O blog LANDEYVES: <http://landeyves.com/>

em estatística e a possibilidade de fazer sua difusão imediata firmam o desarmamento da carga violenta dos enunciados (não sua inversão axiológica), que realizam sua ressignificação. Tratados, classificados, criptografados e neutralizados pela colocação em gráficos e publicados, os tweets violentos se tornam dados digitais e antropológicos.

A ressignificação ou o argumento da salamandra constitui, portanto, uma forma privilegiada do discurso feminista online no universo da web 2.0. É especificamente um argumento feminista, pois se trata de um dispositivo discursivo adotado pelo.a.s oprimido.a.s e descrito pela principal teórica do gênero, mas também porque os dispositivos tecnodiscursivos da web oferecem possibilidades importantes de elaborá-lo.

2.2 Tecnografismos feministas: O remix verbo-icônico

Designo enquanto *tecnografismo* uma produção semiótica que associa texto e imagem numa composição nativa da internet. O elemento *-grafismo*, de acordo com sua etimologia, significa aqui tanto o gesto de traçar, remetendo ao desenho e à imagem, quanto o ato de escrever, retomando o texto. As fronteiras entre os códigos se reconfiguram nos ecossistemas conectados e os dispositivos técnicos permitem as formas compostas: a internet é, de fato, o lugar do multimídia. Nicolas Auray, analisando os avatares nos jogos online fala, por exemplo, de "integração das escritas e das imagens" e de uma "nova economia dos signos no espaço da tela, [...] caracterizada pela integração de sistemas expressivos pertencentes à diversos formatos: imagem, texto e som, na mesma mídia" (2004 : 97). O detalhe "na mesma mídia" é importante: ele significa que as duas ordens semióticas do texto e da imagem formam apenas uma, sendo simultâneas, indistintas e indissociáveis. Na internet, e particularmente na web, se produz o que André Gunthert chama de "textualização da imagem", isto é, um modo de utilizar a imagem como um item articulatório, como um elemento linguístico: a imagem é alçada ao lado da comunicação e da linguagem (2014). Me parece que, inversamente, acontece também o que poderíamos chamar de iconização do texto, isto é, simultaneamente, o uso do texto como imagem. Marcadamente nas redes sociais se desenvolve cada vez mais a prática da captura de tela (*screenshot*) ou a fotografia de textos: num tweet ou num status Facebook, o internauta integra uma captura de tela ou uma fotografia de um extrato de texto,

frequentemente contendo sublinhados, para ilustrar ou apoiar seu discurso, ou transmitir uma informação. Esses dois tipos de articulação entre o texto e a imagem testemunham a integração dos diferentes códigos semióticos nos universos discursivos digitais, que é no fundamento, a prática do remix. Variados tecnografismos são de fato interpretações de produções existentes e, portanto, fazem referência ao *remix*, operação que consiste em citar obras e as transformar produzindo algo novo. Lev Manovich estima que aquilo que ele chama de "remixabilidade" (*remixability*) consiste num princípio importante de elaboração dos universos digitais (2005). É igualmente uma possibilidade amplamente explorada pelos discursos militantes, dentre eles o feminismo (Mackrous 2015). Detalho agora duas práticas de *remix* bem estabelecidas no universo feminista conectado: a criação do meme "We can do it" a partir do cartaz de Howard Miller representando uma trabalhadora nas usinas de Westinghouse e a utilização argumentativa e humorística do modelo da tabela de bingo.

2.2.1 O meme "We can do it"

Os memes de internet ou memes digitais são elementos culturais nativos da internet que se propagam na esfera pública pela replicação e transformação nas redes e comunidades digitais. Podem ser vídeos, de celebridades ou personagens recorrentes, imagens macros, ou de segmentos linguísticos (palavra, hashtag, expressão, fórmula, frase). O conjunto forma uma cultura específica da internet, geralmente designada enquanto sub-cultura (*subculture*), cultura popular ou *pop culture* (Konstantineas e Vlachos 2012).

Tecnicamente, e *stricto sensu*, "We can do it" não é um meme, pois o cartaz original de J. Howard Miller foi criado em 1942, anteriormente à internet e à web; não se trata, portanto, de uma produção nativa da Web. E, ainda, a interpretação feminista deste cartaz, que é longe de ser evidente porque ele nasceu no contexto militar e mais paternalista (o *we* do slogan se refere à indústria de armamento estadunidense e o cartaz é, de fato, uma chamada ao trabalho intensivo pela parte dos dirigentes das usinas Westinghouse) é tardia, datada de 1980 (Kimble, Olson 2006)²⁴. Porém o modo

²⁴ Para os detalhes da história deste cartaz e da maneira como ele foi confundido com a tela "Rosie the Riverter" de Norman Rockwell, pintura da mesma época, consultar um ótimo artigo da enciclopédia aberta *Wikipédia* "We can do it!" (http://fr.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It!).



Figura 2: Cartaz original de J. Howard Miller, 1942

Fonte: Wikimedia Commons, Domínio público

como o cartaz foi remixado online, sob a forma gráfica ou fotográfica (mais raramente), e que continua a suscitar declinações e interpretações infinitas se assemelha, de fato, com a cultura do meme. Além disso, vários geradores de memes online propõem esta imagem, o que nos permite falar de meme²⁵.

Os dados relativos a este meme e às diferentes práticas do remix de que ele é objeto são incontáveis e eu proporcionarei apenas uma imagem incompleta. Podemos, contudo, propor uma breve tipologia heurística das ocorrências de "We can do it" online em contexto feminista, numa perspectiva discursiva e argumentativa. Proponho as três categorias a seguir:

Função generalista informativa e declarativa

O visual "We can do it" tem como função assinalar ou ilustrar a orientação feminista de um partido (a comissão Feminista do partido verde EELV na figura 3, por exemplo), de uma conta, de uma rede ou de um pro-

²⁵ Por exemplo o site *Meme Generator* (<http://memegenerator.net/We-Can-Do-It>) ou o site *frabz* (<http://frabz.com/meme-generator/caption/8465-We-Can-Do-It>).

jeto (o site espanhol *Feminista ilustrada* na Figura 4, na qual as duas administradoras se apresentam igualmente nessa postura em sua página "Sobre"). Nessa função, a imagem primeira é deslocada sem grandes mudanças, pela interpretação gráfica ou reprodução fotográfica.



Figura 3: Página Facebook da comissão "Feminismo" do partido francês, Europe Ecologie Les Verts em 09.10.2016.

Fonte: captura de tela da página pública: <http://www.facebook.com/EELVFeminisme/?fref=ts>



Figura 4: Página Facebook do site feminista espanhol Feminista ilustrada em 09.10.2016.

Fonte: captura de tela da página pública:
<http://www.facebook.com/feministailustrada/?fref=ts>



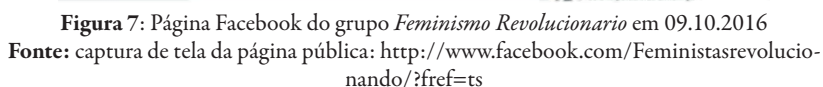
Figura 5: Página Facebook 5 da comunidade *La Fée Ministe* em 18.02.2015

Fonte: captura de tela da página pública: <http://www.facebook.com/La-Fée-Ministe-231740413642986/?fref=ts>

Função específica política e argumentativa

Em determinadas formas, traços notáveis constituem verdadeiras mensagens políticas ou resumos de argumentos, como a cor da pele e o véu. A imagem é então colocada à serviço da defesa de um feminismo materialista e inclusivo, integrando as mulheres negras e geralmente mais racializadas, as mulheres muçulmanas que usam o véu e todo o conjunto de mulheres que não correspondem ao estereótipo da feminista branca contestado, por exemplo, pelas afro-feministas e as feministas islâmicas²⁶. A reinterpretação do cartaz original é, destarte, mais que um sinal, ela constitui verdadeira argumentação no seio da luta política interna que ocorre atualmente entre vários posicionamentos e diversas gerações. É o caso dos três *remix* a seguir:

²⁶ A imagem original, recortada para compor a conta Twitter, pode ser encontrada no blog *Rosie Respect - more than just a word*, como ilustração de uma postagem intitulada "We Can ALL Do It: White Feminism Explained" (<http://rosierespect.org.au/news/we-can-all-do-it-white-feminism-explained>). Nela são apresentadas todas as formas que excluem as mulheres do modelo normativo das revistas: uma mulher negra, depois uma mulher muito baixa, uma asiática, uma mulher muito alta, uma mulher numa cadeira de rodas, uma que porta o véu e outra com forte corpulência.



Fonte: captura de tela a partir do canal Youtube de Pranav Bhatt:
<http://www.youtube.com/watch?v=GuCBbbePVKU>

Um modelo recente e renovado do meme modificando o slogan: final de 2013, um artista, Valentin Brown, produziu uma variação do cartaz com uma modificação no slogan ("We ALL can do it") e este comentário: "Procurei inserir alguma interseccionalidade (um termo cunhado por Kimberlé Williams Greenshaw para descrever como a raça e o gênero perpassam a mulher de cor) na amada imagem de Rosie the Riveter que, apesar de suas origens, se tornou símbolo do movimento feminista".



Figura 9: Valentin Brown, "We All Can Do It", 2013.

Fonte: tumblr *interseccionalismo*:

<http://intersectionalism.tumblr.com/post/102128222386/we-all-can-do-it-by-valentin-brown>

Imediatamente, o modelo é retomado pela blogosfera e na esfera da rede feminista os *remix* são produzidos (interpretação à lápis na figura 10 e o quadrático fotográfico na figura 11, que corresponde ao valor recebido por duas jovens estudantes na "Yale Women's Center 'Feminism Today' Essay e Art Competition" de 2014).



Figura 10: "We All Can Do It", cartaz de um evento no blog *Don't dance her own boys*, 31.03.2013

Fonte: <http://dontdanceherdownboys.wordpress.com/2013/03/31/event-we-all-can-do-it-black-women-in-diy-culture/>



Figura 11: "We All Can Do It", publicação no blog *The Yale Hindi debate*, 2014.

Fonte: Houriiyah Tegally e Julia Jenjezwa: <http://www.yalehindidebate.org/news/2014/3/6/feminism-through-a-transnational-lens>

A imagem da mulher portando o véu foi objeto de um meme específico, e encontramos variadas interpretações online²⁷.

Outras especificações podem intervir. Encontramos, por exemplo, um *remix* maternal que reivindica a integração da maternidade no combate feminista (Figura 12), e sua derivação paternal que defende a tese de um feminismo com os homens e pais e não contra eles (Figura 13):



Figura 12: Conta Twitter do blog coletivo *Mère féministe* em 09.10.2016.

Fonte: captura de tela da página pública: <http://twitter.com/MereFeministe>

²⁷ Por exemplo, a célebre versão de Tuffix no site *Deviantart*: <http://tuffix/deviantart.com/art/We-Can-Do-It-Too-326584491>; ou outra do blog *ViedeMusulmane*: <http://www.viedemusulmane.fr/blog/2011/04/journee-internationale-du-voile/>



Figura 13: Conta Twitter de Arnaud Bihel em 19.02.2017

Fonte: captura de tela da página pública: <http://twitter.com/AenoBihel>

Função artística militante

Enfim podemos atribuir a determinadas realizações uma função artística, mais ou menos militante. O site espanhol *Elmeme* publicou, por exemplo, em 2013 "Cuarenta Versiones de la famosa imagem WE CAN DO IT"²⁸; a tag *#wecandoit* no célebre site de arte alternativo *Deviant Art* agrupa centenas²⁹ de realizações explorando de modo amplo as culturas populares alternativas, especialmente digitais.

2.2.2 O bingo feminista

O bingo é um jogo bem conhecido que consiste em riscar os números numa tabela. Uma vez completa, o.a jogador.a grita "Bingo!" e ganha um prêmio. O princípio do jogo e a forma da tabela foram adaptados pelas feministas para formular e agrupar os argumentos antifeministas mais recorrentes: temos aí igualmente um fenômeno de *remix*, uma forma prévia sendo mobilizada para ser reinterpretada e transformada em outro contexto. O bingo feminista é uma criação recente ligada à web 2.0 que aparece, tanto quanto sei, nos anos 2000 (as tabelas mais antigas que pude encontrar nas minhas pesquisas online, anglófonas, datam de 2007). Ele pertence a um conjunto de usos militantes deturpados do jogo original, contendo geralmente questões ligadas às mulheres (sexismo, maternidade, pornografia, estupro, etc.³⁰), mas que pode comportar também outras

²⁸ URL: http://elmeme.me/lawwwrdes_/cuarenta-versiones-de-la-famosa-imagem-we-can-do-it_7502

²⁹ URL: <http://www.deviantart.com/tag/wecandoit?offset=244>

³⁰ Para mais detalhes, consultar o artigo "Bingo card" do *Geek Feminism Wiki*: http://geekfeminism.wikia.com/wiki/Bingo_card

questões políticas. Trata-se de uma lista, disposta em tabela, de argumentos atribuídos a.o.s locutore.a.s antifeministas, lista que constitui um discurso, isto é, um gênero do discurso a partir do momento em que variados casos podem ser verificados. Esta tabela constitui um tecnografismo que articula texto e imagem; além disso, as tabelas apresentam diferentes formatações gráficas sobre a cor, por exemplo, como nos mostram as imagens apresentadas a seguir. O formato de sua publicação online é, de qualquer maneira, na maior parte do tempo o formato de imagem (jpeg, png, por exemplo), o que torna sua publicação nos blogs e nas redes sociais digitais particularmente fácil, pois basta baixar uma imagem³¹.

BINGO
DEBATES SOBRE O FEMINISMO

Eu prefiro as mulheres femininas.	As feministas se enganam, é preciso ser humanista	As mulheres sabem, naturalmente, fazer melhor essas coisas.	As feministas são apenas as "mal comidas", feias, histéricas, loucas, dementes...	O patriarcado também faz os homens sofrerem.
Você está apenas com inveja das mulheres bonitas.	E a causa dos homens?	Você faria melhor se...	Nós já demos a vocês o direito ao voto, o que vocês ainda querem?	Se você quer respeito, comporte-se como uma verdadeira mulher.
Pare de perder seu tempo com isso, pois já há igualdade. Vá liberar as mulheres afegãs.	É normal pensar que você não encontre um namorado se você é tão agressiva.	Era apenas uma brincadeira. Você realmente não tem senso de humor.	Você passa uma imagem ruim das feministas.	Eu não tenho nada contra o feminismo, a não ser quando ele vai longe demais.
Você é muito sexy quando está com raiva.	Você deve estar menstruada agora né.	Vocês se colocam sempre como vítimas.	Vocês, as feministas, vocês tem necessidade de transar.	Você é muito sensível sobre isso..
São vocês as mulheres que têm o poder agora.	Vocês, as feministas, vocês detestam os homens.	Eu, eu sou um homem correto, não sou sexista.	Vou te dizer que não entre no feminismo.	A verdadeira luta, é a luta de classes. É preciso parar de criar tantas outras lutas.

Figura 14: Bingo feminista generalista 1, blog *Les Furies*, 2012
Fonte: <http://les-furies.blogspot.fr/2012/07/bingo-feministe.html>

³¹ Essa facilidade técnica se inscreve na construção social da tecnologia de que falei anteriormente: o feminismo é implantado online, entre outros motivos, porque os dispositivos sócio-técnicos permitiram; inversamente esses dispositivos são também afetados, isto é, transformados por meio dos usos marcados pelo gênero e/ou feministas.

BINGO FEMINISTA

(Os homens falando com as mulheres)

Você se engana de luta.	Na verdade você não quer igualdade, você quer que as mulheres dominem os homens.	Sua agressividade serve bem a sua causa.	Como você quer que levemos vocês a sério se vocês se vestem como putas?	Como vocês querem que levemos vocês a sério se você renuncia à toda feminilidade?	É necessário nomear precisamente seu agressor, senão a desconfiança se espalha a todos os homens.
Eu faço a faxina, lavo a louça, e faço comida: então, o patriarcado não está na minha casa!	Eu acho que deveríamos superar as divisões de gênero e pensar em termos de humanidade.	Uma tal raiva dos homens, é preocupante. E inexplicável.	Mas há as acusações falsas de estupro, não?	Você leva as coisas muito à sério.	Já vi mulheres piores que certos homens.
Sim, mas esse era só um rapaz mal-educado. A culpa é da mãe dele. Não somos todos assim.	Eu apoio completamente as feministas, mas você...	Não vejo porque sendo homem eu não poderia...	Você seria mais útil se você...	No lugar de focar no estupro, se ocupem da divisão das tarefas.	O feminismo diz respeito à nós todos: você não vai alcançar sem a ajuda dos homens.
A prioridade é o capitalismo. Uma vez vencido, o sexismo desaparecerá.	Você passa uma imagem deplorável do feminismo.	É horrível fazer esses tipos de generalizações sobre os homens. Eu...	Se você quer ser ouvida, você deveria mudar seu tom.	No lugar de ficar sobre a divisão das tarefas, se ocupem do estupro.	Você apoia a misandria na verdade. Certo? Não compreendo bem porque.
Eu sou fervorosamente feminista, mas isso já vai longe demais.	Mas eu não sou estuprador! Todos os homens não são estupradores, sabia.	Você se acha né. Parece até um homem.	A dominação patriarcal deve com certeza ser combatida. Mas eu não sou assim.	As desigualdades que você descreve não existem: no meu trabalho, todo mundo age corretamente.	As mulheres na verdade já obtiveram muitas coisas.
Eu não entendo o que a tornou tão impertinente.	Você deveria fazer parte das feministas que não gostam dos homens.	Falta à vocês, as feministas, o humor. Um nível acima vocês conhecem?	Tenho pena do seu marido/seus filhos/seus colegas	Eu sou contra o termo 'feminismo', prefiro encerrar a questão como um humanismo.	Eu não sou machista ok, mas, sinceramente, você já viu uma feminista bonita?
Isso depende do que chamamos de estupro. Tem o estupro e o estupro, entende?	Vou te explicar um problema no feminismo.	Você deveria arrumar algo para fazer, isso poderia te relaxar.	O feminismo, o feminismo, você não está cansada de levar tudo para o feminismo?	Eu deveria calar a boca sobre o feminismo. Somente porque sou um homem?	E as mulheres afegãs então?

Figura 15: Bingo feminista 2, blog *Comment peut-on être féministe?*, 2016

Fonte: <http://www.commepeutonetreferministe.net/2016/05/11/bingo-feministe-2016/>

O bingo feminista é uma forma de análise argumentativa profana do discurso do.a.s locutore.a.s imaginário.a.s, apresentando uma tipologia organizada tematicamente. Nas tabelas a seguir, podemos reconhecer os grandes temas do feminismo, por exemplo, o essencialismo (a feminilidade), a sexualidade, o patriarcado, o direito ao voto, o poder, o universalismo (as mulheres afegãs). O uso da primeira pessoa nas caixas e nos subtítulos do segundo exemplo assinalam que tratam-se de enunciados, cuja regulamentação está próxima dos exemplos da gramática, fabricados para ilustrar uma regra, aqui uma argumentação. Esse dispositivo enunciativo é válido para o conjunto de bingos feministas (ver os exemplos a seguir), salvo exceção: o exemplo 19, são citações da mídia, entretanto não referenciadas. Essa análise profana, por exemplo, constitui ela-mesma um argumento, na medida em que estabelece uma resposta humorística aos enunciados-argumentos enumerados, neutralizados pela sua inscrição num contexto lúdico.

Essa resposta lúdica é uma forma de contradiscurso, que se apoia num desarmamento e numa forma de ressignificação: os enunciados-argumentos são esvaziados de seu impacto pragmático pela sua modificação.

O bingo feminista é apresentado sob diferentes temas e pontos de vista, se organizando, portanto, igualmente ao meme. Desse modo, podemos encontrar o bingo feminista *gamers*³² (Figura 16), do humor sexista (Figura 17), dos colóquios universitários (Figura 18) ou dos feminicídios (Figura 19), funcionando todos sob o mesmo princípio enunciativo: os antifeministas falando.

BINGO GAMER FEMINISTA				
by Rachel 0				
Mas eu não pareço Frank West	Esse jogo não foi feito por garotas	Mas tem violência em outros vídeo games	LOL - Garota gamer, não podemos levar nada do que você diz a sério	Não é como se ela estivesse usando um fio-dental
Garotos também têm que suportar o assédio online	Pare de esperar tratamento especial porque você é uma garota gamer	Se você for assediada/ameaçada só colocar no mudo/ bloquear eles	Seios ou cai fora porra	Garotas gamers não são gamers "de verdade"
Se as garotas gamers não fossem essas putas carentes, elas não seriam assediadas	É só um jogo! Pare de se sentir ofendida com tudo!	PUTA	Garotas não sabem nada sobre vídeo games	E a violência contra HOMENS nos vídeo games?
Bom, eu não vejo sexismo no jogo, então você está errada	Você é gorda? Você deve ser gorda	Você choramingando sobre sexismo arruinou sua opinião/ história/ avaliação	Pop Quiz! Responda as questões para podermos determinar se você é um gamer "de verdade"	Apenas esconda seu gênero! Problema resolvido!
Aqui vai uma foto da minha genitália	Você é gamer porque você é feia	Ela está apenas demonstrando que mulheres podem ser sexy E arrebitarem!	Proposta sexual	Sai fora do Xbox e volta para a cozinha, lugar que te pertence

Figura 16: Bingo feminista das gamers, blog *Les Furies*, 2012.
Fonte: <http://les-furies.blogspot.fr/2012/07/bingo-feministe.html>

³² N.T. jogadoras de vídeo game que têm experiência.

BINGO DEBATE SOBRE O HUMOR SEXISTA				
Você é a favor da censura? Onde está a liberdade de expressão?	Se você não gosta deste tipo de humor, você deveria ficar na sua casa e calar a boca.	Há uma diferença entre a realidade e uma simples brincadeira.	Eu sou uma mulher e eu acho isso engraçado.	Sou à favor da causa, mas você deveria ser mais...
Esse humorista não pode ser homofóbico, ele tem amigos gays.	Se ocupe então das mulheres que portam o véu.	Os humoristas não fazem nada além de relatar os estereótipos que existem na sociedade.	Feias, histéricas, loucas, virgens, ofendidas...	Você vê a opressão patriarcal em tudo, é completamente paranoico.
Sua opinião é subjetiva, você deveria ser mais objetiva.	Lésbicas frustradas.	Você realmente não tem senso de humor.	Você passa uma imagem ruim das verdadeiras feministas.	É preciso ser capaz de rir de si mesmo e do seu gênero.
Você não entende nada de humor, isso está um nível acima.	Por conta de tanto lutar, vamos tudo perder.	Os humoristas brincam de fazer personagens, é fictício.	Você agrada <i>Charest</i> , você divide o movimento.	As feministas, vocês têm necessidade de transar.
Você tem mesmo bastante tempo para desperdiçar.	Vocês se fazem de vítimas, mas vocês são muito sensíveis.	Há brincadeiras para os homens também e ninguém reclama disso.	Ainda as malditas feministas.	Piada ruim sobre as menstruações.

Figura 17: Bingo feminista de humor sexista, blog *Les furies*, 2012.

Fonte: <http://les-furies.blogspot.fr/2012/07/bingo-feministe.html>

Palestrante Conferencista Mulher				
B	I	N	G	O
Mulheres apenas não estão interessadas neste campo	Não há palestrantes mulheres suficientemente qualificadas	Precisamos de grandes palestrantes e poucos deles são mulheres	É um campo dominado pelos homens	Não há tantas mulheres nas posições de nível-C
As mulheres que chamamos estavam ocupadas no final de semana	As mulheres agendadas desmarcaram no último minuto	Todas as mulheres provavelmente estavam ocupadas	Palestrantes mulheres estão sempre exaustas depois de fazer uma exposição porque elas falam demais	Tentar conseguir mais mulheres palestrantes é sexista
Os organizadores só queriam os melhores palestrantes que pudessem encontrar	Você não pode dispensar um palestrante homem só para fazer caber uma mulher	LIVRE	Você não pode forçar uma mulher onde ela não cabe	Mulheres nunca se voluntariam para apresentar
Você tem que ser ousada, as pessoas não vão sair por aí te convidando para apresentar	As mulheres são tímidas	As mulheres sempre querem só falar de coisas de mulher	Mulheres precisam agir mais como homens	Ninguém reclamou disso antes
Os participantes querem ouvir quem se parece com eles	Bom, não temos também um grande número de participantes mulheres	Estamos apenas respondendo às demandas	Tudo bem, me diga VOCÊ quem eles deveriam ter convidado	Quem? Nunca ouvi falar dela

Figura 18: Bingo feminista das conferencistas, blog *Feministe*, 2012.

Fonte: <http://www.feministe.us/blog/archives/2012/09/24/why-arent-there-more-women-at-stem-conferences-this-time-its-statistical/>

Mas encontramos igualmente os bingos antifeministas, a partir do ponto de vista oposto, que agrupa os enunciados imaginários das feministas. São, portanto, as feministas que falam nesses casos, e o processo de neutralização e ressignificação se inverte. Estes bingos, como os anteriores, são análises profanas dos argumentos, pois eles sublinham os contradiscursos, com uma diferença: se os bingos feministas são respostas aos discursos antifeministas, colhidos em lugares indeterminados (fora da rede, online, público, privado, etc.), os bingos antifeministas são as respostas aos bingos feministas: bingo contra bingo, por assim dizer. No próximo exemplo, as citações usadas para compor o *bingo* podem ser interpretadas desta maneira: a forma tecnográfica do bingo é atribuída a outra instância enunciativa, aquela das feministas que produzem os "verdadeiros" bingos.

O BINGO DO FEMINICÍDIO NA MÍDIA			
"Ele a amava muito"	"Uma discussão que acaba mal"	"Um casal sem história"	"Um drama familiar"
"Ele se afogou em seu ego masculino ferido"	"Um golpe de loucura"	"Não poderíamos jamais imaginar um horror parecido"	"Levado pela paixão"
"Tomado pelo ciúme, ele a esfaqueou trinta e oito vezes"	"Ele não suportava a ideia de que Martine o deixaria"	"Os investigadores privilegiam a pista do crime passional"	"De acordo com uma fonte próxima, um contexto passional seria a origem dos fatos"
"Ele mata sua mulher e depois põe fim aos seus dias"	"O casal chegou aos golpes"	"A incompreensão é total nessa vila pacífica"	"Duas vítimas"
			

Figura 19: Bingo do feminicídio na mídia, material da campanha contra o feminicídio, blog Osez le féminisme 69, 2014.

Fonte: <http://osezleféminisme69.wordpress.com/2014/11/22/agissez-pour-faire-reconnaitre-le-feminicide-avec-olf-2/>

"BINGO" DA ARGUMENTAÇÃO FEMINISTA		
"Se você me acha feia, é porque você está condicionado aos padrões da publicidade"	"Você está errado, porque você é um homem branco cisgênero heterossexual"	"Você me disse 'bom dia', eu chamo a polícia por assédio moral"
"Estúpido é um insulto sexista, 'filha da puta' é um insulto putafóbico"	"Coito é estupro"	"O boquete é degradante para a mulher"
"O galanteio é sexista, a não ser que eu possa ter a conta paga no restaurante"	"Uma mulher que porta o véu é livre. Uma mulher que se depila é submissa ao patriarcado"	"Nós, as mulheres, concordamos os pronomes invariáveis no feminino"

Figura 20: Bingo antifeminista, conta Twitter PCDE (Partido Cristão Democrata da Expição).
Fonte: <http://twitter.com/PCdeGo/status/771031728060239872/photo/1>

O posicionamento crítico pode igualmente se inscrever no interior do próprio feminismo, campo complexo e atravessado por desacordos e antagonismos. O bingo do feminismo bege (Figura 21 a seguir) é um exemplo: trata-se de fazer uma crítica a um feminismo que não integra mulheres trans³³, e mais amplamente, pessoas que não correspondem ao modelo da mulher cisgênero.

Bingo Feminista Bege B I N G O				
Vagina Arte	DFAB Negação do Privilégio Trans	Bege usado no design de sites	Post de uma mulher da pesada	Matar todos os posts de homens
Post <i>body positive</i> de uma quase gorda mulher branca	Uso sincero de <i>Womyn</i> e <i>Wombyn</i>	Arte de Banksy	Muitos posts de isóprivilégios masculino	<i>Queerbaiting</i>
Post dos pelos da axila	Culpar DMAB pessoas trans por porcarias da DFAB	Passe Livre	Mulheres brancas pelo aborto	Post sobre mulheres trans pela interseccionalidade
Post de pelos da perna	Adicionando avisos na opressão das outras pessoas	Bigodes fake	<i>Pussy Riot</i>	Post sobre Mulheres de cor para ter interseccionalidade
Saúde reprodutiva como saúde da mulher	Post sobre MWMF	Reprodução automática de música	Desenho político chato	Citando MLK para apoiar <i>Tone Policing</i>

Figura 21: Bingo do feminismo bege, tumblr *Jonesin for Josie*, sd

Fonte: http://jonesinforjosie.tumblr.com/post/3044330846/beige-feminist-bingo-with-help-from-autumns#_=_

O feminismo colocado em questão nesta tabela é qualificado de bege para sublinhar sua fraqueza e seus compromissos com os posicionamentos dominantes: o caso *DFAB*³³ *Trans Privilege Denying* (Negação do Privilégio Trans) elabora a rejeição da transexualidade, em certos meios feministas, a partir de uma ordem masculina no nascimento (a rejeição às mulheres trans é um ponto importante do debate no meios feministas, articulado marcadamente à questão do estupro); o caso *Queerbaiting* indica o desprezo aos indivíduos que se desviam das normas de gênero; os casos *Armpit Hair post* e *Leg Hair post* tiram sarro da reivindicação de determinadas feministas do poder de conservar seus pelos naturais, fato que é colocado em oposição nos implícitos da grade do bingo pela rejeição do corpo muito masculino,

³³ *DFAB: Designated Female at Birth* - Designada mulher no nascimento.

supostamente peludo das mulheres trans. Um contradiscurso é então elaborado na grade do bingo, se constituindo enquanto resposta ao discurso de um feminismo considerado como normativo e excludente.

Conclusão

Procurei demonstrar neste texto que o militantismo feminista online foi tomado no seio de um movimento recíproco de co-construção: as feministas exploram as possibilidades da rede (a viralidade e a circulação), escriturais (de acessibilidade aos espaços de escritura) e criativas (o *remix*) da web para produzir e difundir discursos fortemente ancorados nas condições sociais e culturais contemporâneas do militantismo. Reciprocamente, as possibilidades técnicas da web 2.0 levam-nas a produzir novas formas (dispositivos de ressignificação, tecnografismos) as quais modificam os repertórios discursivos feministas, enriquecendo - por exemplo - as formas argumentativas verbo-icônicas (o meme) ou dos dispositivos comunicacionais inéditos (a plurissemioticidade dos vídeos de *Solange te parle*). O feminismo 2.0 não se reduz, dessa maneira, a uma versão tecnológica das lutas das mulheres, mas elabora verdadeiros universos de militância. As práticas tecnodiscursivas permitem, de uma só vez, a inscrição na memória discursiva dos feminismos, a emergência de novas questões e a invenção de novas práticas militantes.

Referência eletrônica original deste texto:

PAVEAU, Marie-Anne. *Féminismes 2.0. Usages technodiscursifs de la génération connectée. Argumentation et Analyse du Discours* (online), 18. 2017. Online desde 14 abril de 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2345> ; DOI : 10.4000/aad.2345. Acesso em: 11 março 2019.

Referências

- Auray, Nicolas. 2004. « Sosies et avatars dans les jeux : entre écriture et image », *L'image sosie. L'original et son double*, 1er colloque international ICONE-IMAGE (Sens : Musées de Sens), 95-108.
- Butler, Judith. 2004 [1997]. *Le pouvoir des mots. Politique du performatif*, trad. Charlotte Nordmann (Paris : Éditions Amsterdam).

- Casilli, Antonio, 2010, *Les liaisons numériques. Vers une nouvelle sociabilité ?* (Paris : Seuil).
- Flichy, Patrice. 2010. *Le sacre de l'amateur. Sociologie des passions ordinaire à l'ère numérique* (Paris: Seuil).
- Grand D'Esnon, Pauline. 26 septembre 2016. « [DATA] Harcelée sur Twitter, elle classe les insultes de ses haters » *Néon* [magazine], en ligne : <http://www.neonmag.fr/data-harcelee-sur-twitter-elle-classe-les-insultes-de-ses-haters-478601.html>
- Gunthert, André. 2014. « L'image conversationnelle ». *Études photographiques* 31, en ligne : <http://etudesphotographiques.revues.org/3387>
- Hall, Kira. 1996. *Cyberfeminism*. Susan Herring (ed.). *Computer-mediated Communication: Linguistic, Social, and Cross-cultural Perspectives* (Amsterdam: Benjamins), 147-170.
- Haraway, Donna J. 1991 [1985]. « A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist- Feminism in the Late Twentieth Century », *SIMIANs, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature* (Routledge: New York), 149-182.
- Haraway. 2007. *Manifeste cyborg et autres essais : sciences, fictions, féminismes*, anthologie établie par Laurence Allard, Delphine Gardey et Nathalie Magnan (Paris: Exils Ed.).
- Jouët, Josiane. 2003, « Technologies de communication et genre. Des relations en construction ». *Réseaux* 120, 53-86.
- Kimble, James J., Lester, C. Olson. 2006. « *Visual Rhetoric Representing Rosie the Riveter: Myth and Misconception in J. Howard Miller's "We Can Do It!" Poster* », *Rhetoric & Public Affairs* 9-4, 533-569.
- Konstantineas, Charalambos, George Vlachos. 2012. « Internet Memes. Humor in late modernity and encroachment upon the mainstream », en ligne, <https://www.inter-disciplinary.net/critical-issues/wp-content/uploads/2012/06/vlachosvispaper.pdf>
- Lalonde, Joanne. 2012. *Abédéciaire du web. 36 concepts pour comprendre la création sur internet* (Montréal : PUQ).
- Mackrous, Paule. 2015. « Écrivaines du Web : abondance et remix ». Itinéraires LTC, en ligne, <http://itineraires.revues.org/2276>
- Manovich, Lev. 2005, « Remixing and Modularity », en ligne, http://manovich.net/content/04-projects/046-remixability-and-modularity/43_article_2005.pdf
- Paveau, Marie-Anne. 2010. « Norme, idéologie, imaginaire. Les rituels de l'interpellation dans la perspective d'une philosophie du discours », *Corela. Cognition, représentation, langage*, HS-8, en ligne : <http://corela.revues.org/1797>
- Paveau. 2012 : « Réalité et discursivité. D'autres dimensions pour la théorie du discours ». *Semen* 34, 95-115.
- Paveau. 2013. « Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique », *Epistémè* 9, 139-176.
- Paveau. 2014. « Quand les corps s'écrivent. Discours de femmes à l'ère du numérique ». Bidaud Éric (dir.). *Recherches de visages. Une approche psychanalytique* (Paris : Hermann), 207-241.
- Paveau. 2015, « Ce qui s'écrit dans les univers numériques. Matières technolangagières et formes technodiscursives », *Itinéraires LTC*, en ligne : <http://itineraires.revues.org/2313>
- Van Enis, Nicole. 2012. *Féminismes pluriels* (Bruxelles : Aden).
- Wajcman, Judy. 2004. *Technofeminism* (Cambridge: Polity Press).
- Wajcman. 2013. « Genre, technologie et cyberféminisme », traduit de l'anglais par Hélène Tronc. Margaret Maruani (dir.). *Travail et genre dans le monde* (Paris : La Découverte), 428-436.
- Zappavigna, Michele. 2012. *Discourse of Twitter and Social Media* (London: Bloomsbury Academic).

Reflexões sobre o ethos feminino e o discurso político contemporâneo

Renata de Oliveira Carreon & Paula Camila Mesti

1. Apontamentos introdutórios

As eleições, de maneira geral, implicam em certa teatralidade, em representação de papéis por parte dos atores políticos que acarretam na constituição de lugares sociais, crenças e visões de mundo. Para Barreira (1998), a longa interdição à participação da mulher nas atividades políticas impôs, por muito tempo, seu distanciamento de tais práticas. No entanto, ao longo do tempo, as mulheres passaram a ter maior presença nas atividades públicas, fazendo com que o discurso de interdição à mulher no campo político fosse progressivamente eliminado. Com a conquista do espaço político, a socióloga afirma que as mulheres ritualizaram sua entrada, de forma pouco silenciosa, calcadas no discurso do rompimento de barreiras.

Com isso, as candidaturas políticas femininas são simbolicamente representadas pelo pioneirismo, uma vez que seu discurso de identidade de gênero, resultante de atribuições herdadas historicamente, padece da falta de herança. Assim, discursos, emblemas e símbolos passam a fazer parte da entrada desse sujeito no campo político, trazendo especificidades em relação às candidaturas masculinas, fazendo uso de atributos de gênero como forma de diferenciação política.

Uma característica que Barreira (2008) julga típica das candidaturas femininas refere-se à tentativa de acrescentar aos seus próprios atributos pessoais as qualidades que, geralmente, compõem o universo masculino, como ser portadora de coragem, garra, força, ser uma mulher guerreira, destemida. Tais qualificações validariam o discurso de aptidão da candidata: ela

está apta a chefiar o Estado uma vez que não só possui suas qualidades próprias, mas também aquelas socialmente e historicamente associadas ao mundo “masculino”, indo na contramão da construção de “sexo frágil” que circula na sociedade.

Com as modificações no discurso político causadas pela influência da mídia, os sujeitos políticos em geral têm investido muito na construção de sua imagem pública. Dessa forma, o *ethos* – concebido como a imagem de si no discurso – pode levar a um processo de identificação do eleitor com o candidato. Pensando-se na presença das mulheres nas disputas políticas, seria adequado refletirmos sobre a existência de um *ethos feminino*? Considerando-se a perspectiva histórica sobre o papel da mulher, mais especificamente da mulher que se candidata a um cargo político, optamos por analisar a construção da imagem do feminino de Dilma Vana Rousseff. Assim, o objetivo principal deste trabalho é refletir sobre a noção de *ethos* feminino, verificando as potencialidades de seu uso e as dificuldades de sua delimitação. Para tanto, consideramos como *corpus* de análise o espaço digital. Analisamos, assim, as entrevistas postadas no *You Tube* entre os anos de 2010 e 2016, o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) e *posts* no *Facebook*, ambos da campanha de 2014.

A organização deste capítulo foi concebida da seguinte forma: em um primeiro momento, de maneira a estabelecer o quadro nocional que ocuparemos aqui, relembremos rapidamente as proposições de Maingueneau sobre o conceito de *ethos* discursivo. Em seguida, retomaremos alguns trabalhos de diferentes estudiosos sobre a noção de *ethos* feminino, demonstrando em quais contextos suas análises foram realizadas. Em um terceiro instante, apresentaremos alguns gestos interpretativos que demonstram a construção do *ethos* no discurso político feminino contemporâneo. Enfim, por meio de reflexões e asserções sobre a construção da imagem do feminino no ciberespaço, apontaremos que ainda há um longo e profícuo caminho a ser percorrido para que a noção de *ethos* feminino alcance sua estabilidade.

2. A noção de *ethos* discursivo

O conceito de *ethos* discursivo, atualizado e operacionalizado por Dominique Maingueneau, foi largamente trabalhado por disciplinas e teóri-

cos, desde Aristóteles a Ducrot, Charaudeau, entre outros. No entanto, sua concepção pessoal de *ethos* inscreve-se nos domínios da Análise do Discurso de linha francesa. Maingueneau teoriza, instrumentaliza e retoma o conceito de *ethos* discursivo em diversos trabalhos (2004; 2008a; 2008b; 2016; entre outros). Atualmente, grande parte da literatura em termos de *ethos* na Análise do Discurso, de alguma forma, utiliza seus escritos para fundamentar teoricamente o empreendimento analítico.

Ao postular sobre a semântica global que rege os discursos, Maingueneau ([1984] 2008a) afirma que há certas restrições às quais os discursos estão submetidos, sendo uma delas o modo de enunciação do sujeito. Embora não tenha explicitado a questão do *ethos* naquele momento, o conceito é retratado como “[...] uma maneira de ser através de uma maneira de dizer” (Maingueneau, 2008a, p. 94). Dessa maneira, o autor dá início às reflexões sobre caráter e corporalidade nos quais se apoia o “tom” do enunciador: “[...] esse ‘caráter’ é inseparável de uma ‘corporalidade’, isto é, de esquemas que definem uma maneira de ‘habitar’ seu corpo de enunciador e, indiretamente, de enunciatário” (Maingueneau, 2008a, p. 92).

Se, até então, a preocupação do teórico francês era postular os alicerces da noção e afastá-la dos preceitos retóricos – ligados, sobretudo, a uma persuasão que deveria despertar emoções no auditório por meio do caráter do orador –, em *Análise de textos de comunicação* (Maingueneau, [1998] 2004), o referido autor define o conceito de cenas da enunciação para ligá-lo ao *ethos*. Tal definição, trabalhada e retrabalhada ao longo dos anos posteriores, mostrou-se indispensável para uma análise arqueológica de suas obras, que interliga, de maneira indissociável, diversas instâncias.

Para Maingueneau (2004, p. 85): “[...] um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. O “quadro cênico” do texto, então, seria dividido em *cena englobante*, referente ao tipo de discurso; e *cena genérica*, no que diz respeito ao gênero; no entanto não é diretamente a esse quadro cênico que se confronta o “leitor”, mas às *cenografias*, que são ao mesmo tempo “[...] fonte de enunciação do discurso e aquilo que ele engendra” (Maingueneau, 2004, p. 87), legitimando um enunciado que, por sua vez, legitima sua cenografia. Entretanto, para Maingueneau (2004), não basta falar apenas em cena, já que todo discurso é produto de um enunciador encarnado sustentado por uma voz, é preciso dar conta das questões de *ethos*, uma vez que, por meio da

enunciação, revela-se a *personalidade* do enunciador. Destaca, ainda, mais uma vez, que o *ethos* está ligado a determinações físicas e psíquicas, ambas relacionadas a representações sociais valorizadas ou não e que, portanto, é necessário fazer com que o co-enunciador adira fisicamente a um determinado universo de sentido.

Assim, Maingueneau (2004) foca sua atenção para o que chama de concepção mais encarnada de *ethos*, deixando de lado as relações específicas com formações discursivas – conceito que o autor, de certa forma, abandona para aderir à questão mais geral dos posicionamentos dos sujeitos. Desse modo, o *ethos* discursivo passa a ser teorizado a partir de seu engendramento na cena de enunciação, o que fez com que a construção das imagens de si, acreditamos, assumisse seu papel em uma teatralidade discursiva, mais do que em formações discursivas historicamente determinadas que regulam os discursos.

A noção de *ethos* compreende, no discurso, a constituição das imagens de si. Tratando-se de *ethos*, é preciso destacar seu caráter multimodal, já que sua composição leva em conta elementos de diversas ordens, como tom, vocalidade e corporalidade. Mais do que isso, a construção do *ethos* considera não só a dimensão verbal, mas também a não verbal. Essa característica faz com que a constituição das imagens de si seja intrínseca ao discurso político, pois, dado que a cena de enunciação é integrante do discurso, os papéis nela empregados também. Se de um lado se tem os atores políticos, submetidos aos efeitos de sentido de seus discursos e às imagens que carregam, de outro, tem-se o interlocutor, que adere a esses efeitos, a um regime de verdade e a um mundo *ético* ali estabelecido. Com isso, as imagens de si criam um espaço de adesão a esses discursos, por meio da *credibilidade* ou de um *poder fazer* legitimado no discurso: o interlocutor adere àquilo que faz parte de seu regime de verdade, àquilo que se instaura como o *bom* ou o *certo* a se fazer.

3. *Ethos* feminino: estado da arte

A precursora da terminologia “*ethos* feminino” na França foi a professora Simone Bonnafeux. Esse conceito é tratado em 2003, em seu artigo intitulado *Femme politique: une question de genre?* Verificamos que seu trabalho

se inscreve não na Ciência Política ou na Sociologia, mas na articulação da Análise do Discurso com a Comunicação. Observamos que, das treze ocorrências da palavra “*ethos*” em todo o texto, em apenas uma delas esse termo vem acompanhado do modificador “feminino” no seguinte excerto:

Se a personalidade de Ségoène Royal (sempre exibe fortemente sua maternidade) e seu ministério (ministra da educação do Ensino escolar) contribuem também ao tom específico desta citação, ela nos parece, no entanto, retornar a uma maneira comum de se expressar na política e de se colocar em cena o que poderia permitir de se falar em um “*ethos* feminino” na política (Bonnafous, 2003, p. 133, tradução nossa).

Além do modalizador “poderia permitir”, e esta ter sido a única vez que a autora utiliza o sintagma “*ethos* feminino”, devemos ressaltar que esse “*ethos* feminino” evocado pela estudiosa Simone Bonnafous refere-se ao modo de falar e aos temas trazidos pelas mulheres políticas analisados em seu texto. Na verdade, em seu trabalho, Bonnafous (2003) utiliza três *corpora* diferentes (o jornal francês *Le Monde* [entre 1995 e 2000]; a revista feminina francesa *Elle* [entre 1995 e 1997] e mensagens de oito ministros do governo, sendo quatro homens e quatro mulheres [entre os anos 1997 e 2000]) para abordar a maneira como as mulheres políticas fazem menção à sua feminilidade e verificar a imagem que elas constroem delas mesmas enquanto oradoras. Nas entrevistas publicadas no *Le Monde*, a feminilidade não foi considerada um elemento positivo, mas uma deficiência trazida pela discriminação, como aparece nos exemplos trazidos pela autora: “[...] se eu fosse um homem”; “[...] uma arena onde o machismo não desapareceu”; “Eu penso que isso é devido ao ciúme masculino”. (Bonnafous, 2003, p. 126-127, tradução nossa).

Ao analisar as mensagens dos oito ministros franceses, Bonnafous (2003, p. 139) categoriza três maneiras diferentes de falar sobre a política e de se colocar em cena como homem e mulher políticos. São elas: a) modelo polêmico; b) modelo equilibrado e ponderado; e c) modelo pragmático enfático. A autora explica que neste último obteve exclusivamente exemplos advindos dos discursos feitos pelas mulheres políticas, e que, portanto, ele apresentaria as características da *parole féminine*, ou seja, da fala feminina. Em seu texto não temos acesso a exemplos e explicações do que são os dois primeiros modelos, uma vez que a autora se atém somente ao modelo pragmático enfático.

Assim, a estudiosa aponta as cinco características da fala das ministras francesas que são pertencentes ao modelo pragmático enfático:

[...] precisão e alta tecnicidade, reivindicação do “falar verdadeiro” e recusa explícita pela demagogia, exibição dos sentimentos (ou dos adjetivos como “chocada” ou “tocada”, “virada do avesso”, “aliviada”, “contente”), ausência de polêmica e de ironia, utilização de diálogos fictícios, mas também confissões de fraquezas, de dificuldades, e mesmo mudanças de opiniões (Bonnafous, 2003, p. 140, tradução nossa).

Em seu texto, Bonnafous (2003) explica que esses diálogos fictícios são utilizados pelas mulheres políticas para que as situações evocadas fiquem mais perceptíveis, para que os destinatários possam compreender melhor por meio de exemplos formulados por elas. A autora destaca também o uso de expressões concretas e pouco metafóricas, que seria o “falar verdadeiro”. Outras características desse modelo pragmático enfático seriam: o uso limitado da ironia e da agressividade contra os adversários, além da vontade explícita em não criar ou alimentar polêmicas; a manifestação da benevolência e da solidariedade que se traduzem por um léxico de amor, de carinho e de compaixão.

Bonnafous (2003) finaliza seu artigo apontando as três formas de argumentação pelo gênero do locutor – explícita, indireta e por incorporação – e também sugere como possibilidade de, no futuro, os homens políticos se apropriarem de algumas marcas do *ethos* tradicionalmente associado às mulheres.

A partir dessa perspectiva, acreditamos que as marcas estilísticas e enunciativas nos discursos das mulheres políticas permanecem, tendo em vista o caráter sempre discriminatório com que as figuras femininas têm sido abordadas, seja pela mídia ou pela sociedade, revelando não só a emergência de uma imagem ligada ao mundo *ético* feminino, mas sua circulação social enquanto um ator político dotado de fragilidades.

Pensando nos trabalhos mais recentes que utilizam a noção de “*ethos* feminino”, em 2014 foi feito um colóquio em Paris cujo tema era “Ser líder na América(s) e na Europa e liderança nos discursos políticos contemporâneos”. Esse encontro rendeu numerosas discussões e reflexões que fizeram com que os organizadores juntassem alguns dos trabalhos apresentados e publicassem um livro em 2017 intitulado *Discurso, Identidade e liderança presidencial na América Latina* (tradução nossa). Sua primeira parte, de-

nominada *Feminilidade / masculinidade presidenciais* (tradução nossa), traz à lume a discussão sobre a existência – ou não – do *ethos* feminino na política, a presença de um discurso que seria propriamente masculino ou feminino.

Para se alcançar o *ethos* feminino se impõe a necessidade de se interrogar paralelamente sobre o *ethos* masculino, feminilidade e masculinidade, e sua correspondência mútua. De acordo com Coulomb-Gully (2014, p. 07 apud Donot, 2017, p. 23, tradução nossa), “[...] aquilo que se refere às mulheres e ao feminino não pode ser dissociado daquilo que se refere aos homens e ao masculino”. Tendo em vista que o universo masculino, estereotipicamente, historicamente e socialmente, está ligado a determinadas características físicas e morais, que ao longo de séculos de civilização impuseram a masculinidade ao homem, devido a sua capacidade de provedor enquanto caçador de mantimentos, e liderança, enquanto patriarca da família e mantenedor, o universo feminino, mesmo no século XXI, parece perpetuar, ao menos na política, o contra fluxo, ainda inspirando social e historicamente características de afabilidade, doçura e subserviência.

Decorre do que precede a seguinte questão de Donot, Le Bart e Serrano (2017): o gênero pode ser considerado como uma ferramenta política a serviço de uma argumentação? Para responder a essa questão, os autores trazem os estudos feitos por Bonnafous (2003) que explicam a existência de três formas de argumentação pelo gênero: explícita, indireta e de incorporação.

A argumentação explícita pelo gênero do locutor engloba a apresentação de si enquanto filha, esposa e mãe, assim como as estratégias de filiação e de herança, tanto em seu sentido primeiro, quanto no sentido político/ideológico. A argumentação indireta pelo gênero do locutor volta a mobilizar as características consideradas como propriamente femininas, mas sem as ligar explicitamente com a feminilidade. A terceira forma de argumentação, chamada de incorporação do gênero, é observada nos planos enunciativo e estilístico e que pode ser compreendida como uma sobre-representação do “eu” nos discursos das mulheres políticas ou pela presença de elementos pertencentes aparentemente ao domínio cotidiano.

Os autores supracitados fazem uma descrição das características femininas: pragmatismo, capacidade de escutar, compaixão, doçura, eficiência, organização. Explicam, ainda, que as mulheres têm uma forte ligação com os valores de altruísmo e de solidariedade, evocam a família, se preocupam

com a vestimenta – *a fortiori* com a maquiagem. E são essas características que eles chamam de ***ethos feminino***, o que se mostra como uma asserção teórica e metodologicamente equivocada, uma vez que parece se basear em cristalizações sociais acerca do “ser mulher” e, além disso, relega ao *ethos* um espaço muito menor do que lhe compete. Acreditamos que este, talvez, seja um dos maiores problemas em se tratando de teorizar e operacionalizar a categoria de *ethos* feminino: tendo em vista que o *ethos* ainda tem caráter bastante subjetivo e está suscetível ao olhar do pesquisador, postular sobre o *ethos* feminino sem cair em estereótipos e cristalizações sociais e históricas parece uma missão difícil de ser realizada.

Após relembrar que a Análise do Discurso revisita constantemente noções ancoradas na tradição retórica, como a de *ethos* e de *pathos*, Vitale (2017, p. 29) apresenta um trabalho cujo objetivo é traçar duas contribuições teóricas aos estudos da construção da liderança política: a noção de *kairos* e sua relação com o *ethos*; e a noção de retórica constitutiva. Para pensar a construção da liderança das mulheres políticas no campo da retórica, Vitale (2017) retoma a noção de *ethos* feminino introduzido na França por Bonafous e a aplica aos discursos de ascensão das presidentes Michelle Bachelet (Chile) e Cristina Kirchner (Argentina).

De acordo com os gestos interpretativos de Vitale (2017, p. 35), a presidente Michelle Bachelet, que foi eleita pela primeira vez em 2006, constrói um “*ethos* feminino” em seu discurso de ascensão. Ela se apresenta como símbolo da renovação quando comparada aos outros ex-presidentes homens. Utiliza um vocabulário simples e concreto, inserido em proposições curtas e com ausência de conectores lógicos. Segundo Vitale (2017), Bachelet possui um léxico da emoção e usa os termos: “coração”, “abraço”, “afeto”; construindo uma imagem de mandatária afetuosa, que tem compaixão pelos fracos e por aqueles que sofrem. Em seu primeiro discurso como presidente, ela não recorreu a seu *ethos* prévio de Ministra da Saúde (2000-2002) ou Ministra da Defesa (2002-2004).

Por outro lado, Cristina Kirchner, eleita em 2007, não apresenta um “*ethos* feminino” de acordo com as análises apresentadas por Vitale (2017, p. 36). Em seu discurso, Kirchner apresenta um forte grau de antagonismo; utiliza vocabulário abstrato e técnico, revelando particularmente um domínio sobre a economia, construindo uma imagem de *expert*. Diferentemente de Bachelet, em seu discurso de ascensão, Cristina Kirchner recorre

ao *ethos* prévio de deputada e senadora para configurar a imagem de uma política experiente.

Tendo em vista as peculiaridades do discurso político no feminino, temos que a fabricação de imagens de si passa a não ser tão estável. Diversos elementos, de distintos universos *éticos* passam a constituir a cena para, juntos, produzirem um *ethos* desse sujeito político. Observamos, então, que o caminho rumo ao *ethos* feminino ainda é tortuoso, uma vez que a teoria produzida em torno dele – e que tentamos aqui resenhar de forma sucinta – ainda não dá conta de todas as suas particularidades.

De nossa parte, buscamos divulgar algumas reflexões fomentadas em nossas teses de doutorado (Mesti, 2017¹; Carreon, 2018²) que se debruçaram sobre a questão do *ethos* no discurso político de mulheres, o que nos levou, juntas, a algumas conclusões semelhantes. Uma delas, e talvez a mais importante para este trabalho, seja a de que o discurso político no feminino trabalha com outro engendramento de *ethos*, impossível de dissociar do gênero daquele que o profere, embora, movediçamente, em seu interdiscurso, continue habitando características historicamente relegadas ao ator político enquanto homem.

4. O *ethos* discursivo no discurso político feminino

Partindo-se da hipótese de que a imagem de si das mulheres políticas estariam fadadas à subserviência do gênero, utilizamos como *corpus* de análise diferentes materialidades (verbais e não verbais) para que se pudesse observar como o *ethos* da presidente Dilma Rousseff foi sendo engendrado ao longo de suas candidaturas e seus dois mandatos. Como Mesti (2017) analisou em sua tese sete entrevistas televisivas feitas com a presidente brasileira entre os anos de 2010 e 2016, todas disponíveis no *You Tube*, e Carreon (2018) analisou o HGPE e os *posts* de Dilma Rousseff, publicados em seu perfil oficial do Facebook, durante o segundo turno das eleições

¹ MESTI, P. C. Michelle, Cristina e Dilma: a construção dos *ethé* femininos nos discursos políticos sul-americanos? 2017. 211f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

² CARREON, R. O. Comunicação política e(m) imagens de si: percursos a caminho do *ethos* semiotizado. 2018. 221f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

presidenciais brasileiras de 2014, decidimos agrupar nossos apontamentos de pesquisa e agrupar parte desses dois *corpora* para observar especificamente a questão do *ethos* feminino.

Dilma Rousseff foi a primeira mulher a ser presidente do Brasil: eleita em 2010, assumiu o cargo em 2011, dando continuidade a oito anos de governo do seu antecessor, e membro de seu partido, Luís Inácio Lula da Silva – o presidente com o maior índice de aprovação da história do país. Assumindo o discurso de continuidade, elegeu-se duas vezes. A presidente governou o país até agosto de 2016, quando uma manobra política do presidente da Câmara dos deputados, Eduardo Cunha, posteriormente preso na Lava Jato, do vice-presidente Michel Temer e da oposição, permitiu a abertura do processo de *impeachment* que culminou na saída de Dilma Rousseff.

Considerando-se as sete entrevistas escolhidas entre 2010 e 2016, anos dos dois mandatos de Dilma Rousseff, identificamos que, ao todo, foram feitas 333 perguntas para a presidente. Destas, mais da metade, cerca de 162, eram de cunho pessoal (entenda-se vida pessoal, infância, memória, gostos), a outra grande parte, 153 perguntas, referiam-se à economia, política e história; e apenas 18 questões voltaram-se ao gênero, sobre ser mulher, sobre ser a primeira mulher presidente da República. Esses números revelam que há um grande interesse na vida pessoal da presidente. Talvez as mídias façam isso para chamar a atenção do telespectador e garantir a audiência; talvez haja um interesse na vida privada das personalidades públicas; o fato é que mesmo nas entrevistas mais “sérias” observamos perguntas de cunho pessoal.

Ao observarmos as entrevistas com a presidente Dilma, identificamos a existência de um “*ethos* feminino”, conforme postulou Bonnafeous (2003). Na maioria das vezes, para responder alguma pergunta, a presidente contava uma história na qual geralmente exibia seus sentimentos e confessava suas fraquezas, características do discurso das mulheres políticas. Partindo desse contexto, trouxemos aqui um trecho de uma entrevista feita em 2010 com as jornalistas Ana Paula Padrão e Adriana Araújo³. Nela, a presidente é perguntada sobre uma frase emblemática dita durante o seu discurso após

³ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6oJeGuhhe4>. Acessado em: 26 de abr. de 2019.

a vitória nas urnas: “Sim, a mulher pode”. O que levou Dilma explicar o seguinte:

- (i) Dilma Rousseff à Ana Paula Padrão 2010 – 10’38: Foi assim: eu estava no aeroporto. Me preparando para viajar. E, uma moça, uma menina de uns nove, dez anos, aproximou-se de mim e disse, o nome dela é Vitória e ela quer te fazer uma pergunta. Virei pra menina, aliás pra mãe, até errei porque devia ter virado pra menina, e perguntei: que que você quer me perguntar, Vitória? Ela falou: Eu quero saber se a mulher pode? Aí eu respondi: Pode o quê? E ela me disse: Eu quero saber se mulher pode ser presidente da República. [interrupção jornalista: {riso} e a senhora respondeu]. E eu respondi: Sim, mulher pode. E aí, sabe o que que eu acho? Eu acho que a minha eleição torna sonhos que eu nunca tive, porque sempre me perguntam “você queria ser o quê?” e eu sempre disse “bailarina”. Quando a gente, quando eu era criança, eu queria ser bailarina. Hoje, uma menina de nove, de cinco, de seis pode querer ser presidente da república porque agora tem uma mulher presidindo a República Federativa do Brasil.

Observamos no exemplo (i) a narrativa que explica o uso do enunciado “Sim, a mulher pode” que, interdiscursivamente, retoma o *slogan* “Yes, we can” usado na campanha do ex-presidente Barack Obama, em 2009 – o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Ela pode ser considerada bem conveniente para que vários *ethé* de identificação fossem engendrados: o fato do nome da garotinha ser Vitória e a presidente ter ganhado a eleição, ou seja, ter obtido a “vitória”. Mas, para além das especulações, a materialidade linguística apresenta um *ethos* de humanidade: ao assumir seus erros em falar com a mãe e não com a criança, a presidente mostra explicitamente toda a sua humanidade, assume seu erro e explica como deveria ter feito. Ao trazer a mãe e a criança para a cena, o sujeito invoca signos ligados à família e à maternidade, uma vez que há, nessa narrativa, uma mãe e uma filha, ambas mulheres e, assim, o universo *ético*, responsável por gerar adesão a esse discurso, retoma aquilo que representa o mundo feminino e a família.

Corroborando essa esteira de sentidos, o sujeito busca sua infância para falar do sonho de ser bailarina, mais uma vez retomando a imagem de humanidade ao compartilhar, publicamente, aquilo que é do particular e do onírico. Além disso, a imagem da bailarina é, socialmente, ligada à imagem da feminilidade e da fragilidade; o sujeito, assim, não mobiliza o sonho de ser astronauta, profissão socialmente ainda ligada ao masculino,

mas, ao contrário, traz para a cena uma profissão historicamente e majoritariamente representada por mulheres, que traz para a cena a fragilidade inerentemente associada àquela que a pratica.

Por fim, observa-se, ainda, que a imagem de seriedade e força vem encontrar a feminilidade constituída nesse discurso quando fecha o seu dizer com “Hoje, uma menina de nove, de cinco, de seis pode querer ser presidente da república porque agora tem uma mulher presidindo a República Federativa do Brasil”. Na confrontação entre meninas e presidência, cargo historicamente ocupado por homens, o *ethos* criado no discurso da presidente retoma signos do universo feminino e masculino, fortalecendo a hipótese de que o discurso político no feminino perpassa muitas questões relacionadas à subserviência do gênero.

Outro enunciado que exemplifica a presença de um *ethos* feminino construído no discurso da presidente Dilma Rousseff é uma passagem na qual a candidata demonstra um “falar verdadeiro” ao retomar suas experiências e demonstrar seus sentimentos. Porém, verificamos nesse excerto uma mistura com características que podem ser consideradas pertencentes ao universo masculino, por exemplo, o uso das palavras: “luta”, “obsessão”, “vício”:

- (ii) Lutei contra a ditadura. Venci a tortura, venci o câncer. O meu amor à vida, os meus ideais, as minhas paixões, a minha obsessão pelo sonho, o meu vício de esperança, me ajudaram a vencer todas as dificuldades. Agora, o que me leva adiante é minha paixão pelo Brasil, e pelo povo brasileiro.

Em (ii), o locutor fia seu *ethos* por meio de experiências passadas que exigiram coragem: lutar contra a ditadura, vencer a tortura e o câncer. As palavras, da ordem da luta, reafirmam a constituição de sentidos em torno da coragem, pois lutou e venceu situações pelas quais poucas pessoas podem afirmar que enfrentaram. Passando a um encadeamento semântico positivo, destaca o amor à vida, seus ideais e paixões, além da obsessão pelo sonho e o vício de esperança – as palavras “obsessão” e “vício”, que socialmente constituem o eixo paradigmático de ações negativas, passam a engendrar ações positivas. O discurso da esperança que vence o medo e o ódio, vence também todas as dificuldades. A paixão pelo Brasil e pelo povo é o que leva o locutor a continuar. Sendo assim, a coragem do sujeito que enfrentou sérias dificuldades é encadeada na mesma rede de sentidos daquele que ama o povo

e ama sonhar junto dele. O *ethos* que engendra amabilidade e coragem, portanto, é constituído em campos semânticos diversos.

Seguindo o tema da coragem, recuperamos que um dos motes de campanha da candidata nas eleições de 2014 era “Dilma Coração Valente”⁴, lançado como *jingle*⁵ em um vídeo que circulou na televisão e *You Tube*, além de compartilhado em redes sociais pelos perfis oficiais da candidata. Segue a letra do *jingle*:

(iii) *Dilma, coração valente, força brasileira, garra desta gente.
Dilma, coração valente, nada nos segura pra seguir em frente
Você nunca desviou o olhar do sofrimento do povo
Por isso, eu te quero outra vez
Por isso, eu te quero de novo
Você nunca vacilou em lutar em favor da gente
Por isso eu tô juntinho, do seu lado
Com você e Lula pra seguir em frente
Mulher de mãos limpas (tô com você)
Mulher de mãos livres (tô com você)
Mulher de mãos firmes, vamos viver uma nova esperança
Com muito mais futuro e muito mais mudança
Dilma, coração valente, força brasileira, garra desta gente
Dilma, coração valente, nada nos segura pra seguir em frente
O que tá bom, vai continuar
O que não tá, a gente vai melhorar (2x)
Coração valente!*

No enunciado (iii) é possível observar o uso de palavras que remetem ao universo semântico de guerra e luta: “valente”; “força brasileira”; “garra”; “lutar”. Não fortuitamente, tal trajetória semântica é trazida para o discurso da candidata de forma a remeter à luta da candidata na ditadura⁶. Nos versos do *jingle* ainda observamos a descrição de Dilma como “mulher de

⁴ Explicamos que a professora Denise Witzel (2017) também analisou o *slogan* “Coração Valente”, mas seu *corpus* de análise foi constituído por fotos da presidente Dilma Rousseff publicadas pela mídia impressa no período de 2009 a 2013. Seu trabalho apontou para a construção de uma imagem de virilidade da então presidente do Brasil. A autora finaliza seu texto afirmando que as mulheres que conseguiram ocupar os espaços que antes pertenciam somente aos homens, chegam com seus corpos saturados de virilidade. Cf. WITZEL, Denise Gabriel. Discours, mémoire et média: la virilité des femmes politiques. In: DONOT, Morgan; LE BART, Christian; SERRANO, Yeny (Orgs.). **Discours, identité et leadership présidentiel en Amérique Latine**. Paris: L'Harmattan, 2017, p. 63-82.

⁵ Publicado no *You Tube* em 20 de junho de 2014.

⁶ Aos 15 anos, após ingressar no Colégio Estadual Central para cursar o ensino médio, Dilma teve contato com ideias contrárias à ditadura militar e integrou organizações, consideradas clandestinas, de esquerda. Sob o governo Médici, foi perseguida, presa e torturada no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e de Operação Bandeirantes (OBAN), no estado de São Paulo.

mãos limpas / livres / firmes”, mulher que “nunca desviou o olhar”, que “nunca vacilou em lutar”. As imagens de “mulher forte”, de “coração valente” são positivamente construídas para a candidata. A ideia de fragilidade feminina é deixada de lado. Aqui, nesse momento sócio-histórico, ressaltou-se a firmeza e a coragem que, historicamente são relacionados ao universo masculino. Acreditamos que no contexto de análise de mulheres políticas o *ethos* feminino possa ser caracterizado como um conceito mais abrangente que abarque estereótipos do universo feminino e do universo masculino.

Como estamos analisando um vídeo como o *jingle*, não podemos deixar de atentar para os sentidos que as imagens produzem. Podemos dizer que as imagens de Dilma corroboram a expressão “Coração Valente”, no qual há uma imagem específica que circulou extensamente na mídia e retrata a candidata no momento de sua entrevista no período da Ditadura Militar do Brasil⁷.

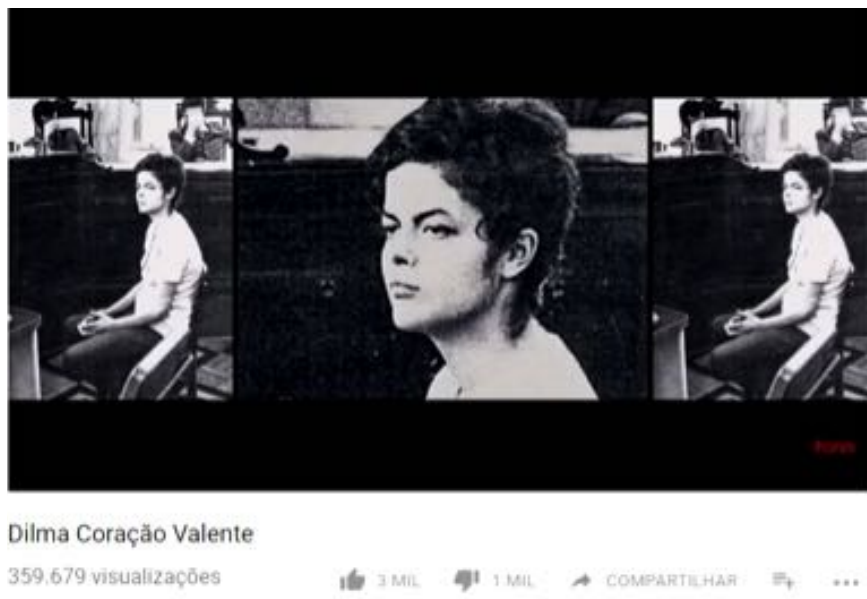


Figura 1: Dilma em entrevista na Ditadura Militar

⁷ As imagens das Figuras 1 e 2 foram retiradas (*printscreens*) do vídeo “Dilma Coração Valente”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3k8YQCSs8es>. Acessado em: 26 abr. 2019.



Figura 2: Dilma coração valente

Nesse percurso de sentidos traçado pelo interdiscurso ainda é preciso recuperarmos que a Figura 2, usada em toda campanha, teve uma versão preliminar – apenas com a foto estilizada e o fundo vermelho – divulgada em 2010 pela revista *Época* e que acompanhava matéria intitulada “O passado de Dilma. Documentos inéditos revelam uma história que ela não gosta de lembrar: seu papel na luta armada contra o regime militar”. Na ocasião, os meios massivos brasileiros davam a circular discursos que ligavam Dilma a terrorismo e criminalidade. Sendo assim, a imagem, inicialmente divulgada em outro contexto e a partir de outra formação discursiva, é ressignificada e atualizada, passando a construir sentidos em torno da luta e coragem.

Nesse jogo discursivo, a construção de imagens por meio da cenografia de mulher forte e lutadora engendra o *ethos* de coragem a ser constituído: a foto da mulher séria, no momento de sua prisão, passa a circular como símbolo de campanha. A desconstrução de “sexo frágil” dá lugar à figura da mulher que também luta, sofre e é agredida. Sob o signo de atributos femininos, surgem os convencionalmente atribuídos ao universo mascu-

lino, fazendo emergir um *ethos* semiotizado⁸, constituído a partir de signos e sentidos que compõem a imagem e recuperados por meio do interdiscurso imagético.

Durante a campanha, passam a circular no Facebook oficial de Dilma Rousseff *posts* com imagens que remetem e retomam o *slogan*:



Figura 3: Post de 10 de outubro de 2014



Figura 4: Post de 25 de outubro de 2014

Na Figura 3, além da retomada imagética, temos o enunciado “quem criou as condições, como eu, para combater a corrupção, nunca será conivente com ela”, atribuído à candidata. Dilma implementou no país a Operação Lava Jato. Desse modo, o locutor traz para a cena a cenografia do incorruptível, afinal, alguém que elaborou uma operação anticorrupção não tem meios de participar dela. Tal cenografia legítima e é legitimada na cena, construindo as bases do *ethos* de coragem: só alguém que possui coragem combateria a corrupção até mesmo em seu próprio partido. A imagem de mulher que não tem medo, de pessoa que tem coragem, soma-se o *ethos* mostrado, que irrompe do texto verbal. Dessa forma, força e coragem, em uma semiose de construção de *ethé*, delineiam um *ethos* discursivo de valentia. Mais uma vez, características do universo masculino são usadas para legitimar um *ethos* feminino de mulher política.

⁸ e acordo com Carreon (2018, p. 92), o *ethos* semiotizado é a imagem de si produzida no discurso não verbal, em que “[...] o não verbal não deve ser apenas *ilustração* do verbal, sobretudo no meio digital. É preciso atentar para sua produção – e dispersão – de sentidos.”

A singularidade de se ter uma mulher exercendo cargo de autoridade foi o que nos chamou atenção para os tipos de perguntas que eram feitas para Dilma Rousseff. A imagem de mulher corajosa criada durante a campanha deslizou e criou-se a imagem de “mulher durona”. Das setes entrevistas que foram estudadas, verificamos que o tema “ser durona” aparece em cinco delas. Nem sempre exatamente com esta construção sintática, mas com os sentidos muito aproximados, os jornalistas perguntavam: “A senhora é durona mesmo?”; “[...] a senhora é muito exigente?”; “[...] você se acha pavio curto?”; “A senhora é fria, seca e insensível como eles dizem?”. Independentemente de como a pergunta era feita, as respostas da presidente Dilma Rousseff sempre foram muito firmes e coerentes entre si. Então temos exemplos em que ela enuncia: “[...] eu tenho de ser dura”; “E eu sou uma pessoa assertiva”; “[...] eu sou exigente”; “Eu sou uma pessoa resistente”. O tema “ser durona” foi tão recorrente ao longo dos dois mandatos de Dilma Rousseff que ela mesma comenta sobre a imagem que “eles” – que nós podemos subentender como sendo a mídia – tentaram construir dela⁹:

(iv) **Dilma Rousseff para Roberto Cabrini – 2016 – 8’40 vídeo II:** [...] há uma construção de uma imagem que eles querem mostrar que eu sou fria, seca e insensível de um lado, né?! Uma pessoa dura. [...] Óbvio que eu não sou fria, seca e insensível. Isso é uma, uma, vamos dizer, um trabalho de, de imagem desconstruída, negativa. Eu não sou fria, seca e insensível, né?! Eu sou uma pessoa resistente. Eu sou uma pessoa firme. Eu não me abato na primeira curva do caminho.

No enunciado (iv), de 2016, final do seu mandato, podemos ponderar que quando a presidente diz que houve uma tentativa de desconstrução de sua imagem, que os meios de comunicação pretenderam mostrá-la como “fria, seca e insensível”, mas que, na realidade, segundo sua afirmação, ela não é, então circulou uma inverdade. Ao fazer isso, a presidente faz uma denúncia de papel pouco neutro que as mídias teriam. Com essa “denúncia”, o discurso engendra novamente um *ethos* feminino, pois o sujeito demonstra possuir uma força de espírito, força de quem não consegue ficar calado diante de inverdades. Ao mesmo tempo, fabrica, também, um *ethos* de força e coragem, típico do universo masculino.

⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PHrmKVPrAbo&t=24s> . Acessado em: 09 de mai. de 2019.

5. Considerações finais

As redes sociais impuseram metamorfoses ao modo de se fazer política. No entanto, o que nos parece agora premente é observar, para além das novas práticas sociais impostas pelas novas mídias, como o discurso político feminino tem se metamorfoseado, levando a singularidades que precisam de um olhar mais atento. Portanto, neste capítulo, não nos propusemos a encontrar respostas, mas a iniciar reflexões sobre a construção de um *ethos* feminino. Como essa noção advinda da França foi testada somente agora em um contexto sócio-político brasileiro, verificamos que o *ethos* feminino é uma categoria que ainda merece ser estudada.

Pensando-se no *corpus* analisado neste trabalho, entendemos que nossos objetivos principais foram alcançados. Apesar das dificuldades metodológicas, acreditamos na potencialidade do conceito de *ethos* feminino. As análises nos mostraram que sob o signo do “fazer política feminina no Brasil” se encontram distintas imagens de si: coragem, força, humanidade, feminilidade, amabilidade; o que nos leva a pensar que, para engendrar o que seria de fato um *ethos* feminino, seria necessária a confluência de vários *ethé*. Dito de outra forma, constatamos que o *ethos* de Dilma Rousseff mostra que é possível refletir e refratar características estereotípicas do universo feminino e que a constituição desse *ethos* se dá por meio de índices de diversas ordens, fomentados por sentidos que interdiscursivamente dialogam com aquilo que é do masculino e aquilo que é do feminino.

Assim, para efeito de conclusão, o *ethos* produzido no discurso político de mulheres parece mobilizar mais do que a questão do gênero e, para isso, toca em cenografias dantes não utilizadas, produzindo reestruturações em toda a cena. Devemos, portanto, concordar com Barreira (2008) ao afirmar que para uma mulher assumir um cargo político é necessário que ela acrescente em seus atributos pessoais algumas qualidades tipicamente masculinas, como coragem, força, rigidez. Nos exemplos de Dilma Rousseff verificamos essa dupla existência: exibir sentimentos *versus* ser durona; falar verdadeiro *versus* coragem; coração *versus* valentia. Talvez essa característica do *ethos* feminino só possa ser empregada em análises que contemplem o discurso político, mais especificamente das mulheres na política, pois pode ser que ela não apareça em outros contextos. Lançamos, assim, o desafio para que o conceito de *ethos* feminino seja testado e utilizado em outros *corpora*.

Referências

- BARREIRA, Irllys. **Chuva de Papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- BARREIRA, Irllys. **Imagens ritualizadas: apresentação de mulheres em cenários eleitorais**. Campinas-SP: Pontes, 2008.
- BONNAFOUS, Simone. “Femme politique”: une question de genre? In: **Réseaux 120. Une communication sexuée?** Revue du Centre National des Etudes en Télécommunications, 2003, p. 119-143.
- DONOT, Morgan; LE BART, Christian; SERRANO, Yeny. Leadership présidentiel: enjeux de la médiatisation et la féminisation. In: DONOT, Morgan; LE BART, Christian; SERRANO, Yeny (Orgs.). **Discours, identité et leadership présidentiel en Amérique Latine**. Paris: L’Harmattan, 2017, p. 11-26.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico sobre o ethos. In: BARONAS, Roberto Leiser; MESTI, Paula Camila; CARREON, Renata de Oliveira (Orgs.). **Análise o Discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes**. Campinas: Pontes, 2016. p. 13-33.
- VITALE, María Alejandra. Apports de la rhétorique à l’étude de la construction du leadership politique. In: DONOT, Morgan; LE BART, Christian; SERRANO, Yeny (Orgs.). **Discours, identité et leadership présidentiel en Amérique Latine**. Paris: L’Harmattan, 2017, p. 29-42.

Lugar de mulher é no espaço público: apontamentos sobre a campanha eleitoral presidencial de 2010

Livia Maria Falconi Pires

Introdução

O campo político é historicamente marcado pela dominação masculina, não sendo lugar previamente ocupado por mulheres, pois “o espaço público moderno foi definido como esfera essencialmente masculina, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares.” (RAGO, 2013 p. 603), foi no século XIX que o papel da mulher foi moldado tendo como base a cultura burguesa que, por sua vez, está calcada em “binarismos e oposições, tais como natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior” (TELLES, 2013, p.403), marcando, também, a partir desse binarismo, a relação de hierarquia, atribuindo-se superioridade ao homem em detrimento da mulher. Assim, a sociedade se estruturou e ainda se estrutura de maneira dual e separatista entre homem e mulher, preconizando que o espaço privado, o da casa, da família é delegado à mulher, sendo o lugar a ela destinado, e o espaço público, o da rua, das interações externas, das rodas de conversas é delegado unicamente ao homem. Dessa maneira, não sendo socialmente cabível à mulher frequentar o espaço público. Segundo Bourdieu,

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual é fundada: é a divisão sexual do trabalho (...) a estrutura do espaço, com a oposição entre o lugar da assembleia

ou o mercado, reservado aos homens, e a Casa, reservada às mulheres (1998, p.22 e 23, tradução nossa)¹.

No cenário político brasileiro, a presença feminina é existente, mas ainda está longe de ser equiparada à presença masculina. Ao considerarmos que nas recentes campanhas eleitorais há a ampliação da inscrição da mulher no espaço político de campanha presidencial isto porque, em 1989, houve apenas uma candidatura feminina sem expressividade de Lívia Maria Lêdo Pio de Abreu, pelo extinto Partido Nacionalista PN, o que voltou a ocorrer em 1998 com a candidatura, também inexpressiva, de Thereza Ruiz pelo Partido Trabalhista Nacional-PTN. O ano de 2006 inaugura a expressividade das candidaturas femininas com a candidata Heloísa Helena pelo Partido Socialismo e Liberdade- PSOL a qual, diferente das candidatas anteriores e da também candidata naquele pleito Ana Maria Teixeira Rangel PRP, obteve visibilidade na campanha eleitoral tendo tempo de televisão e participação nos debates. O ano de 2010, na esteira do pleito anterior, candidatam-se Marina Silva pelo Partido Verde-PV e Dilma Rousseff pelo Partido do Trabalhadores- PT e por fim, 2014 afirmando a presença feminina nas eleições, candidatam-se mais uma vez Dilma Rousseff- PT, Marina Silva, nesse momento pelo Partido Socialista Brasileiro- PSB, e Luciana Genro pelo PSOL.

Dessa maneira, pela incidência feminina ocupando o lugar de candidatas à presidência da república no Brasil, põe-se em questão, como a mulher inscreve-se e é inscrita discursivamente no debate eleitoral. Há diferenças relativas ao gênero em relação ao candidato homem? Ademais, quais são as mudanças nos modos de expressão política em geral? Neste presente trabalho delinearíamos o funcionamento do debate televisivo de segundo turno na campanha presidencial brasileira do ano de 2010, ano o qual marcou a presença da mulher candidata em segundo turno das eleições presidenciais.

¹ Texto original em francês: L'ordre social fonctionne comme une immense machine symbolique tendant à ratifier la domination masculine sur la quelle el est fondé: c'est la division sexuelle du travail, (...) c'est la structure de l'espace, avec l'opposition entre le lieu d'assemblée ou le marché, réservés aux hommes, et la Maison, réservée aux femmes (BOURDIEU, 1998, p.22 e 23).

A tomada do espaço público- Eleição presidencial de 2010

O último debate eleitoral presidencial de 2010 ocorreu dia 20 de outubro e foi protagonizado pelos então candidatos José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). O cenário seguiu a estrutura dos dois anos eleitorais anteriores, uma arena (figuras 1,2 e 4) que permitiu a movimentação dos candidatos cercados pela arquibancada que abarcava 80 eleitores indecisos, selecionados pelo Ibope dentre todas as classes sociais e em diferentes estados do país. Com mediação do jornalista William Bonner, o debate de 2010 foi estruturado em quatro blocos, nos três primeiros os candidatos responderam às perguntas dos eleitores indecisos sobre temas como: funcionalismo público, agricultura, corrupção, segurança, saneamento, educação, legislação trabalhista, saúde, meio ambiente, política social, impostos e previdência. Os candidatos tinham dois minutos para responderem às questões dos eleitores, tanto na réplica quanto na tréplica. Na última parte, cada candidato teve dois minutos para as suas considerações finais.

Neste debate, de 2010, não houve interação entre os candidatos que não fizeram perguntas entre si. O ano de 2010 inaugurou a ocupação do espaço público eleitoral, foi a primeira vez que uma mulher protagonizou um debate eleitoral presidencial de segundo turno. No cenário político brasileiro, a presença feminina é existente, mas ainda está longe de ser equiparada à presença masculina.

Sendo a mulher um sujeito socialmente construído em uma sociedade patriarcal e sexista, na qual “espera-se das mulheres, que sejam femininas, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas, e às vezes até mesmo eclipsadas”². (BOURDIEU, 1998, p.94, tradução nossa) o sujeito encarnado por Dilma Rousseff inscreve-se, em nossa hipótese, na neutralização do feminino para, assim, poder ocupar o espaço público. O sujeito encarnado³ por Dilma porta um semblante sério, sem sorriso.

² Texto original em francês : « On attend d’elles qu’elles soient « féminines » c’est dire souriantes, sympathiques, attentionnées, soumises, discrètes, retenues, voir effacées » (BOURDIEU, 1998, p.94).

³ Tomamos a noção de encarnação delineada por Coulomb-Gully, 2001 “Encarnar está além de ocupar um espaço, de falar daquele espaço ocupado, mas sim algo mais intenso. Encarnar é se transformar em uma personagem, é não só usar o terno rústico para parecer popular, mas sim conjugar todos os procedimentos discursivos de linguagem, vestimenta, gestualidade para ser, construindo uma verdade, o sujeito político que quer se encarnar.” (Pires, 2017, p.46)

Segundo Goffman (1988), o sorriso é característica feminina por excelência, essa seria uma das razões para se afastar da posição dita feminina⁴, como também esse afastamento está marcado simbolicamente em seus curtos cabelos. Entretanto, apesar dos cabelos curtos, a maneira como é penteado e sua coloração marcam a feminilidade. Tais marcas são discretas, dessa maneira, temos uma feminilidade levemente marcada e entrelaçada com o masculino⁵.

No âmbito da estetização⁶, observa-se a construção de um corpo político que discursiviza discreta feminilidade que pode ser vista nos adereços, como joias discretas, que sugeririam sua inscrição no âmbito do gênero feminino (figura 3). O terno, austero de cor cinza é acompanhado pelo gesto das mãos para trás (figura 2) em conjunto com o andar forte e duro, como se pressionasse o solo, gestos geralmente relacionados ao masculino, possivelmente uma estratégia para não perder a força e demarcar sua posição de candidata à presidência em um lugar notoriamente machista como a política.

Entretanto, o peito aberto demonstra uma possível proximidade com o eleitor, gesto de docilidade, assim como as mãos, que em vários momentos, assinalam certa brandura, pois estão, em geral, abertas ou contra o seio. Tais características demonstram a transitoriedade de lugares ocupados pela candidata que ora se manifesta no espaço feminino ora no masculino.



Figura 1



Figura 2

⁴ Ao nos referirmos ao feminino, ou usar o termo feminilidade, fazemos referência à construção histórica-social e estereotipada do feminino. Não defendo aqui que essa construção social como única e verdadeira, apenas atesto sua existência e também sua aceitação, ou não, no campo político.

⁵ Ao nos referirmos ao masculino, fazemos referência à construção histórica-social e estereotipada do gênero, não defendo aqui, de maneira alguma, uma construção única e verdadeira.

⁶ 'A noção de estetização (COULOMB-GULLY, 2009) elucida a construção de um corpo político eleitoral midiaticado, visual e esteticamente agradável, mais próximo possível do branco, heterossexual e jovem, já que estão inscritos em uma sociedade que os privilegia, que mais do que ocupar uma posição "encarna-a".' (Pires, 2017, p.46)



Figura 3



Figura 4

Dessa maneira, para tratarmos da mulher no campo político, apoiarmos-nos em estudos de Coulomb-Gully (2012), que acompanha a candidatura de mulheres à presidência na França, analisando como a mídia as retrata de 1974 a 2007, já que a primeira aparição da mulher nas eleições presidenciais francesas deu-se em 1974, condicionando a mudança no campo político francês. De acordo com os estudos de Coulomb-Gully (2012), há diferentes mulheres políticas que são discursivizadas de maneiras distintas, em diferentes épocas na França.

Em 1974, a primeira candidata à presidência, Arlette Laguiller, apresentava-se discursivizada sob o aspecto da androgenia, sem fortes marcas de gênero. Vestindo sempre, calças compridas, camisetas, não usando maquiagem, nem tampouco joias, encarnando, assim a antítese dos modelos de feminilidade valorizados na sociedade burguesa.

Diferentemente de Laguiller, Ségolène Royal, em sua candidatura de 2007, apresentou-se bela e feminina. “Royal escolheu, nessa campanha, cumprir os critérios de beleza valorizados pela norma contemporânea” (COULOMB-GULLY, 2012, p.237, tradução nossa)⁷, encarnando, de veras, a feminilidade, se inscrevendo definitivamente no gênero feminino. Para Coulomb-Gully (2012), o desafio consiste em assegurar a compatibilidade da imagem entre o feminino e o político, há muito tempo construída como antônima, contraditória, assim a mulher política tende a movimentar-se por dois lugares, o feminino e o masculino.

Voltando para a análise da formulação do discurso político produzido em debates eleitorais, trazemos a seguir dois fragmentos do debate de 2010 em que a candidata Dilma responde às questões de eleitores indecisos.

⁷ Texto original em francês: Royal a choisi, pour cette campagne, de se conformer aux critères de beauté valorisés par la norme contemporaine” (COULOMB- GULLY, 2012, p.237).

Enunciado 1 - **Dilma: Boa noite** Bonner, boa noite jornalistas da rede globo, boa noite os eleitores indecisos que enriquecem hoje nosso debate, **boa noite candidato**, boa noite você que nos acompanha em casa. Desejo a todos nós um bom debate.

Enunciado 2 – eleitora indecisa: Meu nome é Misterly Rêgo, tenho 34 anos, sou técnica em Educação e moro em São Paulo. Eu como cidadã sei o quanto é difícil e burocrático, e muitas vezes, até impossível, o acesso aos serviços públicos, mas como funcionária pública sei também que isso é consequência de baixos salários e nenhuma perspectiva de crescimento e nem plano de carreira, simplesmente alguém presta um concurso para ser funcionário público e é esquecido. Quais as propostas que atendem ao mesmo tempo o cidadão e o funcionário público? [Primeira questão do debate de 2010 proferida pela eleitora indecisa].

Enunciado 3 – Dilma responde: É... queria dizer **Misterly que a sua pergunta é muito correta**. De fato, no Brasil, há uma tradição de pagar mal ao funcionalismo público e muitas vezes, inclusive, a desvalorizá-lo, é... **nós defendemos**, no governo Lula, uma política de valorização dos professores, por isso criamos o piso nacional do magistério e temos uma política de valorização, também, dos policiais e da área da saúde, **fizemos** concursos e criamos plano de carreira. Eu, no governo, vou ter um compromisso muito forte com a questão da educação. Porque todo mundo fala em qualidade da educação, mas na hora de ver quem é que garante a qualidade, todo mundo esquece que quem garante a qualidade é o professor, e professor para garantir qualidade, ele tem que ser bem pago, até para atrair as pessoas para aquela profissão e tem de ter formação continuada.

Eu sou contra que se mantenham serviços terceirizados e precários na função pública, porque desestimula o funcionário, o funcionário é um ser humano e tem de ser tratado como tal, ele tem de ser incentivado, ele tem de ser valorizado porque assim ele vai trabalhar melhor, isso nós tivemos uma experiência muito boa em várias áreas. Na área, por exemplo, de educação, **nós fizemos isso** com os professores afetos ao governo federal né, os professores das universidades federais e das nossas escolas técnicas. **Fizemos isso também** com os profissionais da polícia federal, tanto os agentes, como os delegados **e fizemos também** na área da saúde até na área da previdência, por quê? Porque na previdência também tem de ter médico que faça perícia e que faça sendo valorizado

Por isso a sua pergunta é muito correta.

Enunciado 4 – Dilma **Eu acho** essa pergunta muito importante vejo que, é ...**você que mora** no distrito federal tem essa sensibilidade para essa questão **Eu considero** que nos últimos anos, quando **nós reforçamos** e profissionalizamos a polícia federal, **nós começamos** a ver uma porção de casos de corrupção sendo apurados e pela primeira vez foram atingidas pessoas de gradação mais elevada, **nós tivemos** prisões de empresários, de governadores e isso resultou, eu acho, num combate à corrupção bastante forte, por isso eu queria dizer uma coisa, dando esse exemplo da polícia federal. Mal feito, você pode ter certeza que em qualquer lugar em que houver impunidade ou não houver investigação, ele vai ocorrer, então é importante investigar e punir, você tem de investigar e punir **doa a quem doer e atinja a quem atingir**. E aí, a polícia federal, foi e é um dos maiores instrumentos de apuração de processo de corrupção. Há outro elemento fundamental na área do governo federal, foi a controladoria geral da união, o que a controladoria geral da união, por exemplo, foi responsável pela investigação dos sangue sugas, **não sei se você lembra disso**, ela que investigou descobriu que havia é... todo um processo, né de uso é... do dinheiro público na área da saúde, tanto é que chamou de sangue suga a operação é... junto com a polícia federal a CGU denunciou e a polícia federal investigou no ministério público. É importantíssimo que não haja o engavetador geral da república, que o procurador ele vá, tome conhecimento, vá, investigue, eu considero que é importante que nós façamos uma melhoria na justiça [Resposta da candidata a questão do eleitor indeciso Lucas sobre corrupção].

O início do enunciado 1 é construído a partir das manifestações das formas de polidez tradicionais materializadas pelos cumprimentos de “boa noite” dirigidos a cada um dos participantes do debate, aos eleitores ali presentes e também aos eleitores/telespectadores. Ao fazer referência ao candidato de oposição, utiliza-se a forma “candidato” para marcar uma polidez informal. A referência aos eleitores/telespectadores, no caso o primeiro nome da eleitora, (enunciado 3, trecho em destaque) sinaliza a aproximação do candidato com o eleitor, o que, na atualidade, consiste mais na tentativa de conquista do que aproximação, assim como o elogio à pergunta da eleitora (enunciado 3, trecho em destaque). O enunciado 4 também corrobora com a estratégia de aproximação com o eleitor, na medida em que traz interlocuções diretas por meio de interrogações que promovem o efeito de sentido de inserção no discurso, como: “você que mora” e “não sei se você lembra”, destacadas acima.

Há uma alternância no emprego dos pronomes, utiliza-se um *nós* para fazer referência ao governo passado, ou seja, tal utilização está demarcando o passado, enquanto que o *eu* demarca o tempo futuro e também indivi-

dual, promovendo o descolamento desse sujeito político do passado e do governo anterior, visando o futuro governo. No enunciado 4, observamos a incidência desses pronomes funcionando como ferramentas de distinção entre o sujeito político individual: “Eu considero, eu acho”, e um governo conjunto “nós reforçamos, nós fazamos” marcado pelo ‘nós’ tão característico do dizer político eleitoral.

No enunciado 3 em que Dilma responde à pergunta da eleitora Misterly, há um movimento estratégico de evidenciar temáticas que são caras aos eleitores. No caso da questão elucidada, o tema educação é um dos mais lembrados pelos eleitores, pela população que reivindica melhorias. Dessa maneira, a evidência do tema, a partir do movimento metonímico (professor) é pertinente e estratégico, assim como o movimento de elencar benfeitorias do governo do qual fez parte ou ao qual pertencia o seu partido, é movimento característico e constituinte do discurso político eleitoral.

Quando tratamos da corporeidade do sujeito político feminino, atestamos um bailar desse sujeito que ora ocupava uma posição feminina, ora masculina, fato que emerge em conjunto com a materialidade linguística ao trazer indícios dessa dança de posições entrelaçadas. A didatização presente no dizer da candidata Dilma nos remete ao discurso dito feminino, no entanto, a materialidade linguística aparece também sob o signo da neutralização de termos ditos femininos e uma notória utilização de um dizer mais didatizado, característica pertinente ao discurso político contemporâneo, demarcada pela utilização de conjunções explicativas e perguntas retóricas.

O dizer da candidata é composto de fatos e dados sobre o governo anterior, o que dá credibilidade ao dizer político e que o constitui, assim, novamente, não destoa da forma do discurso político contemporâneo.

Enunciado 5 - Dilma: Porque pra gente que somos um país de 90 milhões de habitantes nós precisamos gerar posto de trabalho. **É fato que nós geramos 15 milhões de empregos nos últimos anos** [Resposta da candidata Dilma sobre legislação trabalhista].

Analisando a materialidade linguística, observamos o emprego recorrente da repetição sintática na construção frasal, criando um efeito de didatização da forma de dizer como nos trechos destacados do enunciado 3 acima. A repetição dos termos “nós fizemos isso” “Fizemos isso também”,

“e fizemos também na área” indica a recorrência da ação, que pelo seu acúmulo marca a quantidade, sendo a repetição sintática e lexical uma estratégia didática de fortalecer o efeito de forte atuação do sujeito do discurso.

Já no fragmento retirado do enunciado 4: “doa a quem doer e atinja a quem tiver de atingir”, cria o efeito de sentido de credibilidade a partir do pulso firme que remete ao espaço masculino e eleva o que é social e historicamente relacionado à masculinidade, tal como a força. A candidata, mais uma vez, recorre a esse tipo de identificação para ocupar um espaço tido como masculino em um momento em que os debates eleitorais suscitam uma nova postura, fala, gestualidade; mas, em virtude de Dilma ser mulher, ela recorre ao mundo da masculinidade para se firmar enquanto candidata plenamente capaz de ocupar um campo, até então, dominado por homens.

Considerações finais

Num mundo globalizado, de entrelaçamentos e novas categorias não binárias, ainda se evoca o binarismo tão caro a cultura burguesa do século XIX. Em 2010, em virtude da presença feminina na arena, as temáticas referentes aos programas do governo passam a ser uma prática predominante no debate. O uso dessa estratégia também é procedimento que identifica o que denominamos de docilização do discurso político eleitoral que ocorre por meio do apagamento da agressividade, assim, nesse primeiro momento de aparecimento do feminino nesse lugar público há um silenciamento desse feminino, uma tentativa de apagar esse sujeito como ocupante desse lugar. Tanto do lado do sujeito que abrandava sua feminilidade e que evidencia a masculinidade, tentando um equilíbrio entre os dois, como também um apagamento feito pelo interlocutor, que não evidencia a mulher ao seu lado ou faz referência a ela, ademais, outro fato relevante é que os candidatos não interagem

Desse modo, em 2010, o debate se dá com os candidatos Dilma e Serra falando diretamente aos seus eleitores, o embate não é enfocado, é deixado suspenso o embate entre os gêneros, o que cria a possibilidade interpretativa de que o que se quer é apagar o lugar público feminino. Por consequência, observamos que o debate de 2010 não é enérgico, é ameno e altamente controlado.

No que concerne à construção daqueles sujeitos, a candidata ocupa um lugar que dá credibilidade e possibilita a fala, assim, há uma heterogeneidade que a constitui na medida em que esse sujeito toma o lugar do masculino, heterossexual e branco, para assim poder ocupar o espaço público e se fazer candidata. Desse modo, para ocupar o espaço público, a candidata mulher sofreu procedimentos de estetização que não marcavam plenamente sua feminilidade, para sim encarnar um sujeito político eleitoral que neutralizasse o feminino para assim, como elucida Colomb-Gully (2012), vencer o grande desafio, assegurar a compatibilidade entre o feminino e o político, ou seja, ocupando, de veras, o espaço público.

Referências

- BOURDIEU, P. (1998). *La domination masculine*. Paris: EdduSeuil.
- CHARAUDEAU, P. (2006). **Discurso Político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto.
- COULOMB-GULLY, M. **La démocratie mise en scènes : télévision et élections**. Paris : CNRS ÉDITIONS, 2001.
- _____. Rhétorique télévisuelle et esthétisation politique : le corps (en) politique. In: BON-NAFUS, S. et al. (Orgs.) **Argumentation et discours politique**. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2003.
- _____. Le corps présidentiel. Représentation politique et incarnation dans la campagne présidentielle française de 2007. **Mots. Les langages du politique** [En ligne], 89 | 2009, mis en ligne le 30 mars 2011.
- _____. **Présidente: le grand défi. Femmes, politique et médias**. Paris: Ed Payot & Rivages, 2012.
- DEBRAY, R. **O Estado Sedutor**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. 3ª ed, Lisboa: Ed. Nova Vega– Passagens, 2015.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- _____. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004.
- GOFFMAN, E. **L'arrangement des sexes**. Tradução de Hervé Maury. Paris: La Dispute, 2002.
- LE BART, C. **Le discours politique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- RAGO, M. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*, Ed. Contexto, São Paulo, 2013.
- TELLES, N. **Escritoras, Escritas, Escrituras**. In: DEL PRIORE, Mary *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

"Bela, recatada e do lar" e tecnodiscursividade: a resignificação do papel social da mulher

Julia Lourenço Costa & Samuel Ponsoni

Considerações iniciais

O Brasil afinal viveu - e vive ainda as consequências de - um golpe de Estado; porém diferente dos anteriores experimentados nas democracias latino-americanas entre os anos sessenta e oitenta. Assim como a ditadura brasileira de 1964 - que foi chamada de “revolução” - o que se passa no Brasil desde 2016 recebeu muitos nomes: desde o oficial “impeachment”, passando por “combate à corrupção”, até “defesa da nação” ou ainda “combate ao mal”. Mas o que vivemos no contexto brasileiro é verdadeiramente um golpe, a partir da assunção de que

a presidente legitimamente eleita foi derrubada por um processo político baseado em leituras elásticas da Constituição e artimanhas jurídicas de diversos matizes, que tentam mostrar como ilícito o conluio do judiciário com um Parlamento em sua maior parte corrupto e uma mídia corporativa a serviço das elites financeiras (JINKINGS, 2016, p. 12).

O governo de Michel Temer¹ - o vice da presidenta Dilma Rousseff que assumiu o poder - foi “concebido no pecado original da traição” (SANTOS, 2018, p. 9) e marcou novamente o retrocesso no país: entrega do patrimônio público, avanço do fundamentalismo, retirada de direitos trabalhistas, criminalização do pensamento crítico, recuo da legislação ambiental, arbitrariedade escancarada da força policial, cortes nas políticas sociais, tributação regressiva (BOITO Jr., 2016).

¹ Michel Temer ocupou o cargo de presidente do Brasil de 31 de agosto de 2016 a 31 de dezembro de 2018.

Na história política recente do Brasil, poucas vezes se viu um ator político envolvido, em variadas ocasiões, em tantas polêmicas decorrentes de seus discursos e de suas ações quanto Michel Temer. De muitas maneiras, tudo que está ligado ao nome de Temer acaba envolto em algum tipo de controvérsia².

A breve exposição da conjuntura política, que faz ascender a figura de Michel Temer enquanto presidente, contribui para a compreensão do papel que ele desempenhou no cenário brasileiro. Alinhado ao posicionamento da grande mídia e da própria elite brasileira - fatos que também contribuem para sua ascensão ao poder -, Temer encarnou em seus pronunciamentos os valores alinhados ao conservadorismo³.

Este texto, apesar de se ancorar na figura de Michel Temer, o compreende como figura pública que representa o posicionamento ideológico de parte da sociedade brasileira - aliás, interseccionado com aquele que elegeu o atual presidente, Jair Bolsonaro. No que tange especificamente a compreensão do papel social da mulher, veremos que o ponto de vista encarnado por Temer - e alinhado a essa parcela da sociedade -, gerou bastante polêmica.

De um lado, consideraremos dois acontecimentos discursivos: a) a reportagem publicada pela revista *Vêja*, em 18 de abril de 2016 sobre a então primeira dama (LINHARES, 2016); b) o discurso oficial de Michel Temer, proferido em 8 de março de 2017 (DISCURSO PRESIDENCIAL, 2017), a propósito do Dia Internacional da Mulher. A partir deles, veremos como são construídos determinados estereótipos que dizem sobre uma dada compreensão social e histórica de mulher.

A partir do primado da interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2005), observaremos, de outro lado, a resposta (e a revolta) das mulheres brasileiras à essa construção e manutenção do estereótipo patriarcal a elas impugnado. Desde a publicação da revista *Vêja* até o pronunciamento de Michel Temer

² Em entrevista ao programa Roda Viva da rede Cultura no dia 16.11.2019, por exemplo, o ex-presidente Michel Temer afirma: “eu não poderia ser o articulador de um golpe”, trazendo à luz uma situação que permaneceu velada, tanto pela mídia, quanto pelos atores políticos: nomear o acontecimento histórico brasileiro de 2016 enquanto golpe. (CONGRESSO EM FOCO, 2019).

³ O conservadorismo ascende no Brasil principalmente quando colocado em oposição ao progressismo, marcadamente de esquerda e, portanto, alinhado também ao Partido dos Trabalhadores. Lembremos que a imagem do PT vem sendo erigida no contexto político brasileiro a partir de valores disfóricos, ancorados numa polarização extrema.

foram produzidos variados discursos antagônicos, com forte ancoragem no ambiente digital, marcadamente as redes sociais Facebook e Twitter.

Marie-Anne Paveau propõe pensar o discurso produzido na internet enquanto tecnodiscurso, devendo ser considerado não só um discurso produzido num suporte técnico específico, mas também como produto que incorpora este modo de produção. Nas palavras da pesquisadora, “os tecnodiscursos são indissociavelmente linguageiros e técnicos, não podendo a matéria propriamente linguística ser extraída desses ambientes conectados” (PAVEAU, 2019, p. 23).

A partir da perspectiva teórica da Análise do discurso francesa e ancorados principalmente nas propostas de Paveau (2017; 2019) acerca da tecnodiscursividade, propomos analisar neste texto, o processo de ressignificação (PAVEAU, 2019; 2019a) que o militância feminista brasileiro apresentou, a partir dos estereótipos de mulher construídos na mídia e validados pelo então presidente Michel Temer - com apoio da comunidade discursiva à qual ele pertence.

“Bela, recatada e do lar” e o papel da mulher na sociedade brasileira

“Bela, recatada e do lar” é o título da reportagem veiculada pela revista *Veja* - um dos veículos midiáticos que mais se engajaram para que o Grupo Temer chegasse ao poder - que tem a, então primeira dama, Marcela Temer como objeto principal de uma descrição que denota diversos estereótipos de mulher, atinados a certos pontos de compreensão social e histórica acerca do lugar que as mulheres podem e devem ocupar na sociedade brasileira.

O enunciado “bela, recatada e do lar” é destacado do texto e alçado enquanto título da reportagem, pois ele sintetiza um julgamento moral (PAVEAU, 2015), no sentido de que produz um discurso virtuoso, isto é, ajustado aos valores vigentes de determinada comunidade.

Porém, este mesmo julgamento moral, ancorado nas características “femininas” e euforizadas de Marcela Temer, produz um desajustamento em relação a outro grupo: as mulheres brasileiras que procuram desconstruir os valores impostos pela dominação masculina (BOURDIEU, 1998). Observemos os seguintes excertos da reportagem:

Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado. [...]

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele) [...]

Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros (LINHARES, 2016).

As características de Marcela Temer, tais como a sua beleza (“participou de concursos de miss”; “vai frequentemente ao dermatologista cuidar da pele”), o seu cuidado com a família (leva e traz Michelzinho da escola”; “cuida da casa”), a sua educação (“é bacharel em direito, apesar de nunca ter exercido”) e seu pudor (“aparece em público poucas vezes”; “Temer foi seu primeiro namorado”) são enaltecidas na referida reportagem.

Marcela é apresentada no texto verbal como modelo a ser seguido, uma vez que o texto é todo construído como espécie de manual, de cartilha, que elenca as características necessárias para a concepção mais eufórica, ou seja, valorizada, da mulher, segundo o ponto de vista estereotipado da revista. Isto é, uma compreensão de lugar histórico e social da mulher que endossa certo posicionamento a ser repetido. Marcela não é apenas a primeira dama, ela representa metonimicamente a mulher ideal, e sua apresentação, segundo tais categorias, esclarece determinado papel social a ser por elas desempenhado na sociedade.

O enunciado veiculado pela revista *Veja* reproduz e reforça o papel historicamente determinado da mulher na sociedade, sob amplo domínio masculino, a partir do acionamento de estereótipos ligados à figura feminina: a mulher arrumada e feliz, que cuida apenas da casa e dos filhos, que não desempenha sua profissão em detrimento da família etc. Esse enunciado provocou grande polêmica não só nos veículos midiáticos, mas na sociedade como um todo, que se viu requisitada a tomar posição.

Além disso, a construção do texto visual corrobora com as características descritas no texto verbal: na foto, que faz parte da reportagem, Marcela aparece arrumada (maquiada e com penteado simples, que enaltecem sua beleza); com um sorriso contido (encarnando o recato) e portando roupas escuras e que cobrem grande parte do corpo (que remetem ao seu pudor). A foto de meio-corpo, ademais, não permite o acento em sua silhueta feminina⁴, conforme podemos observar a seguir:



Figura 1: Fotografia da reportagem da Veja (LINHARES, 2016)

Aliado a esse material da revista *Veja*, o discurso proferido pelo presidente Michel Temer no Dia Internacional da Mulher (08/03/2017) reforça a construção da figura feminina alinhada ao comportamento estereotipado de Marcela e da mulher “ideal”, sob a perspectiva do presidente e outros atores e setores sociais que lhe dão suporte. Observemos a seguir:

⁴ Outro discurso frequentemente assinalado pela mídia é a oposição de feminilidade entre Marcela Temer e ex-presidenta Dilma Rousseff. A primeira é construída como ideal feminino pela formação discursiva da revista *Veja* (que ressalta a beleza, a elegância, a feminilidade, o comportamento conservador de mulher a servir os maridos e aos lares, certo padrão de família etc.); enquanto a segunda é erigida como a imagem da mulher que é mãe solteira, mal vestida, com jeito de homem e muitas vezes aludida sua suposta homossexualidade.

Eu não preciso, depois do discurso emocionado da Luislinda, de todos enfim, dizer da importância da mulher e da luta permanente que a mulher vem fazendo ao longo do tempo no Brasil e no mundo. Que aqui e fora do Brasil, em outras partes do mundo, a mulher ainda é tratada como se fosse uma figura de segundo grau, quando na verdade, ela deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedades.

Eu digo isso com a maior tranquilidade, porque eu tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos. E, portanto, se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher.

[...]

De modo que, ao longo do tempo as senhoras, as mulheres, deram uma colaboração extraordinária ao nosso sistema. E hoje, como as mulheres participam em intensamente de todos os debates, eu vou até tomar a liberdade de dizer que na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher. Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor (DISCURSO PRESIDENCIAL, 2017).

O pronunciamento de Michel Temer no Dia da Mulher em 2017 foi considerado por muitos veículos midiáticos enquanto gafe⁵, pois ele não atendeu nem aquilo que era esperado, pela doxa, de um presidente da república no século XXI; principalmente, quando o tema principal é a mulher e este é figurativizado com questões relacionadas aos afazeres domésticos.

A argumentação de Temer sobre o papel primordial da mulher na sociedade está ancorada apenas na sua capacidade - e obrigatoriedade, uma vez “seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher” - de criar bem os filhos, que serão bons cidadãos no futuro.

Além disso, o presidente afirma que a mulher contribui enormemente com o sistema, atuando também na economia do país, uma vez que ela “é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados” e também de “detectar as eventuais flutuações econômicas [...] pelo orçamento doméstico maior ou menor”.

⁵ Le Bart (2003) define a gafe como “um enunciado que, por violar as crenças fundadoras de um campo, suscita reprobção coletiva de todos os atores do campo, até mesmo a autocrítica arrependida do falante” sendo regida, portanto pelo consenso que integra os participantes da comunicação.

Para atestar sua percepção de todas as características femininas elencadas, Temer ainda afirma poder dizer tudo isso com tranquilidade, porque ele tem “absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos”. Como veremos, este trecho está interdiscursivamente (e ideologicamente) ligado à reportagem do ano anterior de *Veja*.

Depreende-se, portanto, a partir das breves análises dos trechos verbais e visuais, que os dois discursos, (a reportagem da *Veja* e o discurso do presidente na ocasião do Dia Internacional da Mulher), de maneiras diferentes, se valem de estereótipos⁶ acerca da mulher pré-concebidos, estruturados de acordo com determinada forma de compreender e pensar o Brasil para as mulheres.

Dessa maneira, de um lado, temos Marcela que representa metonimicamente o estereótipo euforizado de mulher: na imagem veiculada pela revista *Veja* ela é fotografada de frente, levemente sorridente e portando um xale que vela a silhueta de seu corpo. Tais fatores corroboram com o discurso de *Veja*, que descreve a primeira-dama como “bela, recatada e do lar”. De outro, define-se, na fala do presidente, certo discurso calcado em estereótipos ideologicamente pré-construídos para definir o papel social da mulher, que de acordo com ele se resumem a cuidar da educação dos filhos e da economia nas compras do supermercado.

Temer profere um discurso que em muitos aspectos retoma o discurso publicado por *Veja*, cerca de um ano antes, mobilizando a memória discursiva acerca do acontecimento anterior e de tantos outros que com este dialogam. Segundo Pêcheux, a memória discursiva é considerada como um espaço de regularização da materialidade discursiva, espaço potencial de coerência dos sentidos a um determinado direcionamento ideológico (PÊCHEUX, 2007, p. 52). Na leitura e interpretação dos acontecimentos, a memória vem a preencher os implícitos, permitindo a interpretação do texto e reestabelecendo o que não está dito na enunciação e abrindo espaço a um caminho de rumores públicos.

⁶ De acordo com Amossy, o processo de estereotipagem é “a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica” (AMOSSY, 2008, p. 125).

O feminismo digital brasileiro e a tecnodiscursividade

Nicole Van Enis (2012) propõe uma tipologia sobre a evolução do pensamento e da organização do movimento feminista que permite pensá-lo por meio de “ondas”. A proposta é mais descritiva que cronológica, isto é, nessas ondas a linearidade temporal não é o mais importante e sim a proposta de compreensão mais global sobre a avanço do pensamento e das reivindicações feministas.

A seguir apresentamos um breve quadro das três ondas feministas - sintetizado e traduzido a partir de Van Enis (2012, p. 28-29). A partir dele, seguiremos na compreensão do lugar que feminismo digital ocupa como quarta “onda” do movimento feminista contemporâneo. Em seguida, analisaremos algumas produções tecnodiscursivas (PAVEAU, 2017) acerca do feminismo digital brasileiro, marcadamente em torno do acontecimento discursivo “Bela, recatada e do lar”.

Ondas do movimento feminista	
Período	Principais reivindicações e direitos conquistados
Pré-feminismo1789-1830	- direito à cidadania; - emancipação pela formação e educação; - desenvolvimento de grupos femininos e feministas.
Primeira ondafinal séc. XIX início séc. XX	- igualdade de direitos civis, econômicos e políticos; - luta pelo acesso a todas as esferas sociais; - luta pela representatividade nos poderes do Estado.
Segunda ondaa partir de 1968	- Maior autonomia feminina; - Liberação sexual e individual; - Reconhecimento da violência simbólica na esfera privada.
Terceira ondadepois de 1980	- Reconhecimento de uma violência do Estado contra as mulheres; - Desenvolvimento dos conceitos de “empoderamento” e de “gênero”.

Tabela 1 - Ondas do feminismo (VAN ENIS, 2012, p. 28-29)

A partir dos anos 1990 assistimos o que os pesquisadores acerca do movimento social feminista têm designado enquanto *quarta onda do movimento feminista*, o *feminismo em sua versão digital*, ou ainda o chamado *ciberfeminismo*. Apesar de escancarar a própria heterogeneidade deste movimento social, essa nova fase mantém um núcleo comum determinado pela defesa da identidade e do papel social da mulher segundo novos paradigmas.

De acordo com Lalonde (2012), “o ciberfeminismo é uma das importantes manifestações do ativismo na internet”, sendo um movimento que evolui com rapidez, se desenvolvendo em diversas frentes e abarcando problemáticas variadas que, de acordo com a pesquisadora, “poderíamos reagrupar sob a compreensão geral enquanto relação entre as mulheres e a tecnologia, a partir de uma perspectiva feminista”.

Analisar a produção discursiva do ciberfeminismo permite vislumbrar o modo como as novas relações sociais estão sendo erigidas por meio da linguagem, pois, nas redes sociais, por exemplo, as mulheres (re)constroem e defendem seus espaços no mundo público, anteriormente a elas negado. A internet dissolve algumas barreiras e permite um modo de expressão feminista menos limitado.

Com base na publicação e circulação dos textos brevemente analisados anteriormente (a reportagem de *Veja* e o discurso do então presidente Temer), o enunciado “bela, recatada e do lar” passou a circular nos mais diversos meios, tomando os mais variados contornos e avaliações. Como acontecimento discursivo moral (PAVEAU, 2015), essa pequena frase suscitou a opinião pública a tomar posição: tanto concordar com a construção da imagem da mulher feita pela revista e pelo então presidente e, em contraponto, criticar, por considerar antiquada e machista.

A internet desempenhou papel fundamental para concretizar os variados pontos de vista sobre o tema. Afinal, de acordo com Castells (2017) assistimos mesmo a uma migração - ou um desdobramento - dos movimentos sociais, que passam a usar a também a internet como espaço de manifestação e reivindicação, o chamado ciberativismo, que integra não somente o feminismo, mas grande parcela dos movimentos sociais contemporâneos⁷.

De acordo com Paveau (2017), “o potencial da Web 2.0 permitiu ou acompanhou um desenvolvimento significativo do discurso do militanismo feminista, especialmente em termos da natureza e forma dos argumentos”. Do ponto de vista da análise do discurso, o ciberfeminismo funda uma nova identidade linguística, um novo modo de interação intersubjetiva e de construção argumentativa.

⁷ Alguns exemplos de movimentos ciberativistas: a revolução das Panelas na Islândia (2009); revolução egípcia (2011); os indignados da Espanha (2015); Occupy Wall Street (2011); #YoSoy132 do México (2012) (c.f. CASTELLS, 2017) e, mais recentemente os Gilets Jaunes, na França (2018).

O espírito de reivindicação, característico do movimento feminista em sua origem, é observado no discurso das internautas como nova forma de ativismo, que renova a apresentação e as vozes do movimento. O acesso a web 2.0 proporciona aos enunciadores ordinários - sem conhecimento técnico ou literário - a capacidade de se expressar e de publicar rapidamente, facilmente e gratuitamente (PAVEAU, 2017, p. 3). É o que observamos na proliferação desenfreada de discursos se opondo àquele postulado pela revista *Veja* e por Temer.

Ainda de acordo com a pesquisadora, existem dois tipos de práticas discursivas com forte coeficiente argumentativo dentro do movimento cibrefeminista: 1) a resignificação e 2) uso do tecnografismo (PAVEAU, 2017). Ambas funcionam como forma de reviravolta de uma ordem previamente estabelecida. Neste texto nosso foco incidirá sobre a produção de memes (que são tecnografismos na perspectiva de Paveau) que operam por meio da resignificação.

A resignificação proposta por Marie-Anne Paveau como processo argumentativo tem como base o pensamento de Judith Butler (1997). A pesquisadora americana compreende a resignificação como um processo dinâmico, definido pela apropriação do termo violento pelo sujeito agredido, que o reformula e o reenvia contra a fonte enunciativa da agressão. Segundo a pesquisadora francesa “se trata de uma noção de forte coeficiente linguístico, que pode ser explicitado e retrabalhado proveitosamente para integrar a teoria do discurso” (PAVEAU, 2019, p. 115).

A resignificação, conforme Paveau, corresponde a um “dispositivo de recuperação de conteúdos semióticos degradantes ou ofensivos com o objetivo de inverter o valor e recuperar os signos como símbolos de orgulho” (PAVEAU, 2017, p. 5); enquanto o tecnografismo se trata de “uma produção semiótica que associa texto e imagem numa composição característica da internet”.

O *corpus* que propomos como ponto de partida neste capítulo mobiliza em sua construção argumentativa, as duas práticas citadas. Trata-se da produção e circulação de textos verbo-visuais em torno do enunciado “bela, recata e do lar”, que como vimos, foram os adjetivos usados euforicamente para a descrição do perfil da primeira dama, Marcela Temer.

Por meio da produção de memes, ou seja, “elementos culturais característicos da internet que se propagam na esfera pública pela replicação e

transformação nas redes e comunidades digitais" (PAVEAU, 2017), as internautas produziram uma infinidade de tecnografismos, unindo o texto verbal "bela, recatada e do lar" a variados textos visuais. Por meio da produção de memes com o tema, o discurso de cunho machista da revista *Veja* e ratificado no pronunciamento de Temer, é ressignificado ao ser veiculado ao lado de novas imagens, que propõem a transgressão à essa representação acerca do papel social da mulher.

Nessa direção argumentativa, muitas mulheres (e também homens sensíveis à causa feminista e de igualdade de gênero) tomaram posição na polêmica gerada pelo enunciado "bela, recatada e do lar" publicando fotos e textos que euforizam a dêixis oposta à da revista em relação à imagem da mulher: a mulher livre, que não segue os padrões de beleza estabelecidos, que ocupa outros espaços que não apenas o da casa e que se manifesta enquanto sujeito socialmente ativo.

A partir da replicação do texto verbal "bela, recatada e do lar" atrelado à textos visuais que se opõem à tal construção discursiva da imagem da mulher, os memes tomaram conta das redes sociais, como forma de manifestação da memória discursiva que ressignifica o enunciado por meio da desconstrução e do humor.

O meme, como texto sincrético⁸, é a união de um enunciado a uma imagem com referência ao lado humorístico, um de seus principais objetivos. Há, na criação dos memes que remetem ao enunciado "bela, recatada e do lar", "um deslocamento ideológico, que repete a formulação, deslocando o sentido" (FONTANA, 2016). A reformulação do sentido por meio dos memes, remonta ao caráter polêmico do julgamento moral intrínseco ao enunciado e estão pautadas não só numa memória discursiva, mas também no interdiscurso. Construir a imagem da mulher como "bela, recatada e do lar" movimenta os discursos produzidos anteriormente a ele.

Operando por meio do interdiscurso, o meme ressignifica, a partir de seu julgamento moral, de seu ponto de vista sobre o mundo, o objeto da polêmica, imprimindo à uma mesma isotopia temática, novas figuras. O interdiscurso é aqui compreendido como "o conjunto das unidades discursivas [...] com as quais um discurso particular entra em relação explícita

⁸ Assim como o grande parte do discurso da web, as construções discursivas do ciberfeminismo são marcadamente sincréticas, ou seja, que tal "como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 467).

ou implícita” (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 286).

A ressignificação como processo argumentativo do movimento feminista brasileiro escancara, a partir do enunciado “bela, recatada e do lar”, a memória discursiva do machismo. Além disso, por meio do interdiscurso, procura estabelecer um novo ponto de vista sobre o tema geral: papel social da mulher no Brasil. Conforme Paveau (2019, p. 111)

a ressignificação, isto é, a inversão ou renegociação semântica e axiológica pela recontextualização dos enunciados ofensivos (verbais, ou icônicos, ou compostos), a partir de uma acusação ofensiva, efetuada pelas pessoas feridas, com efeito reparador.

O processo de ressignificação dos memes produzidos pelo feminismo digital brasileiro a partir do enunciado “bela, recatada e do lar” se apoiam nos três elementos destacados pelos adjetivos e questionam, portanto, a imposição às mulheres: a) de um padrão de beleza; b) de um padrão de comportamento marcado pelo recato e c) da ocupação das mulheres apenas do espaço privado.

As figuras trazidas nos memes que apresentaremos a seguir, procuram, dessa maneira, enaltecer a dêixis oposta, isto é, da mulher que não tem preocupação apenas com a beleza, nem com o recato e que não ocupa apenas o espaço domiciliar. Elas enaltecem a dêixis oposta, deslocando e construindo novos significados em relação à imagem da mulher na sociedade, afinal, ressignificando este enunciado.

Uma forma de manifestação que tomou conta das redes sociais, foi a inserção do enunciado “bela, recata e do lar” em fotos que polemizam a questão referente ao papel social da mulher na sociedade. Nos tecnografismos (PAVEAU, 2017) que apresentaremos a seguir é possível observar a concretização da dêixis oposta com ressignificações que operam em três direções argumentativas⁹:

- A) mulheres questionando a imposição do padrão de beleza;
- B) mulheres em ações desalinhadas ao ideal de recato;
- C) mulheres ocupando o espaço público (em oposição ao espaço privado do lar).

⁹ Os três tipos de ressignificação propostos não são estanques, mas dialogam entre si.

A)



Figura 2 (GAZETA ONLINE, 2016)



Figura 3 (GUIA DA SEMANA, 2019)



Figura 4 (ANTÔNIA NO DIVÃ, 2016)

B)



Figura 5 (MARCELA DE MINGO, 2016)



Figura 6 (JONATHAN WATTS, 2016)



Figura 7 (AMANDA PINA, 2016)

C)



Figura 8 (PIADAS NERDS, 2016)¹⁰



Figura 9 (EXTRA, 2016)



Figura 10 (SAEP-DE, 2017)

De acordo com Paveau (2017, p. 7), “a resignificação é argumentativa na medida em que ela se constitui enquanto contradiscurso, se opondo a

¹⁰ Este tecnografismo polemiza com o enunciado “bela, recatada e do lar” não somente no texto visual, quando apresenta Marie Curie - cientista e física polonesa e primeira mulher a receber um Prêmio Nobel (duas vezes) - mas também quando faz a troca das consoantes finais e no lugar de *lar*, lemos *lab* (abreviação de *laboratório* em português). A resignificação ocorre, portanto, tanto no segmento visual quanto no segmento verbal do meme, que exacerba a ocupação da mulher de espaços outros, que não apenas os privados: da casa, do lar e da família.

um discurso anterior” e ela confere poder, autonomia e liberdade, funcionando como “poder de ação”. Paveau (2017) afirma que “os dispositivos tecno- e sócio-discursivos permitem a criação de processos de ressignificação as vezes elaborados e produtivos”.

Dessa maneira, a produção de insultos contra as mulheres, de modo menos ou mais direto, desencadeia, no discurso do movimento feminista digital brasileiro, argumentação que não inverte o conteúdo axiológico dos enunciados, que permanecem ofensivos, mas inverte o valor de circulação quando ressignifica e aprofunda o debate em torno de tantas imposições em torno do papel social da mulher.

Considerações Finais

A pequena frase “bela, recatada e do lar”, concebida a partir de uma reportagem midiática, fortemente ancorada numa visão patriarcal e conservadora acerca do papel social da mulher, foi alçada na textualização navegante da internet (MAINGEUENEAU, 2010), a partir do discurso ciberfeminista, que ressignificou o enunciado, a partir de novas textualidades, novas posições enunciativas e, conseqüentemente, a partir de visões de mundo diferentes: marcadamente mais progressistas especificamente no que tange a construção da imagem de mulher na sociedade brasileira.

“Bela, recata e do lar” foi compreendida neste texto enquanto acontecimento discursivo moral (PAVEAU, 2015), na medida em que condensa determinado valor axiológico atualizado no discurso, por meio de uma argumentação que se vale da ressignificação e que mobiliza também o interdiscurso e a memória discursiva acerca de questões em torno do feminismo, que aqui foi observado em sua versão Web: o ciberfeminismo.

Vimos neste capítulo, como a ressignificação se constitui enquanto “uma noção plenamente coerente com a análise do discurso (PAVEAU, 2019a, p. 20), na medida em que considera o lugar e as condições de existência desse sujeito da enunciação. O sujeito mulher ferido por tudo que é (re)velado no enunciado “bela, recatada e do lar”, que se apropria dos recursos tecnodiscursivos disponíveis e se posiciona enquanto agente militante da resposta, a partir de uma prática discursiva de forte coeficiente “político, linguístico e semiótico” (PAVEAU, 2019a, p. 20).

Referências bibliográficas

- AMOSSY, R. (Org.). **As imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOITO Jr., A. Os atores e o enredo da crise política. IN: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. **Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BUTLER, J. **Le pouvoir des mots**. Politique du performatif, trad. C. Nordmann, Paris, Éditions Amsterdam, 2004 [1997].
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Contexto, 2008
- HIRATA, H. [et al.] (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009
- JINKINGS, I. O golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. IN: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar edições, 2005.
- _____. **Doze conceitos em Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MAINGUENEAU, D; CHARAUDEAU, P. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- PAVEAU, M-A. **Linguagem e Moral**: uma ética das virtudes discursivas. Tradução: Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.
- _____. **Feminismos 2.0**. Usos tecnodiscursivos da geração conectada. trad. Julia Lourenço Costa IN: COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. **Feminismos em convergências**: discurso, internet e política. Portugal: Grácio Editor, 2020 [2017]¹¹.
- _____. **L'Analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017a.
- _____. La reassignification. Pratiques technodiscursives de répétition subversives sur le web relationnel. IN: PAVEAU, M-A (dir.). **Discours numériques natifs**. Des relations sociolinguistiques connectées. Langage & Société. n. 167, 2019/2.
- PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- VAN ENIS, N. **Féminismes pluriels**. Bruxelles : Les Éditions Aden, 2012.

Webgrafia

- AMANDA PINA. Bela, recatada e "do lar". **Coletivo VOA**. Voz, Organização e Autonomia. Política. 20 abr. 2016. Disponível em: <https://coletivovoa.wordpress.com/2016/04/20/bela-recatada-e-do-lar/> Acesso: 10/07/2019.
- ANTÔNIA NO DIVÃ. Bela, recatada e do lar. **Coisas de Antônia**. 20 abr. 2016 8h53. Disponível em: <http://atl.clicrbs.com.br/atlgirls/2016/04/20/bela-recatada-e-do-lar-coisa-de-antonia/> Acesso: 10/07/2019.

¹¹ Tradução de: PAVEAU, Marie-Anne. *Féminismes 2.0. Usages technodiscursifs de la génération connectée. Argumentation et Analyse du Discours* (online), 18. 2017. Online desde 14 abril de 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2345> ; DOI : 10.4000/aad.2345.

- CONGRESSO EM FOCO. Veja o vídeo em que Temer admite ‘golpe’ e entenda o contexto. 17 set. 2019 10h06. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/video/veja-o-video-em-que-temer-admite-golpe-e-entenda-o-contexto/> Acesso: 10/09/2019.
- DISCURSO PRESIDENCIAL. **Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante Cerimônia de Comemoração pelo Dia Internacional da Mulher - Brasília/DF.** 08/03/2017. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-comemoracao-pelo-dia-internacional-da-mulher-brasilia-df> Acesso: 09/12/2018.
- EXTRA. **“Bela, recatada e do lar”:** campanha web ironiza perfil de Marcela Temer em revista. 20 abr. 2016 10h16. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bela-recatada-do-lar-campanha-na-web-ironiza-perfil-de-marcela-temer-em-revista-19131206.html> Acesso: 10/07/2019.
- FONTANA, M. G. Z. **Argu(meme)ntando Argumentação, discurso digital e modos de dizer.** [Apresentação em Power point]. In: III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDIaR). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016. Disponível em: <<http://octeventos.com/sediar/programacao-minicursos.php>>. Acesso em: 4 jul. 2016.
- GAZETA ONLINE. **Algumas celebridades também se manifestaram nas redes.** 20 abr. 2016 23h34. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/famosos/2016/04/bela-recatada-e-do-lar-famosas-tambem-entram-na-campanha-1013939739.html> Acesso: 10/07/2019.
- GUIA DA SEMANA. **10 provas de que você definitivamente não é “bela, recatada e do lar”** Ainda bem né!. Atualizado 28 fev. 2019. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/comportamento/noticia/10-provas-de-que-voce-definitivamente-nao-e-bela-recatada-e-do-lar> Acesso: 10/07/2019.
- JONATHAN WATTS. **The Guardian International edition.** Dilma Bolada: Brazilian president’s digital alter ego is more popular than she is. 9 mai. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/may/09/dilma-bolada-brazil-president-facebook-twitter> Acesso 10/07/2019.
- LALONDE, J. **Abécédaire du Web:** 26 concepts pour comprendre la création sur Internet. Québec: Presses Universitaires du Québec, PUQ Numérique, 2012. Disponível em: <https://www.puq.ca/catalogue/livres/abecedaire-web-2329.html> Acesso: 25/05/2019.
- LE BART, C. L’Analyse du discours politique: de la théorie des champs à la sociologie de la grandeur. **Mots. Les langages du politique.** 72, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mots/6323> Acesso: 25/05/2019.
- LINHARES, Juliana. Marcela Temer: “bela, recatada e do lar”: a quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice. IN: **VEJA online**, caderno Brasil. 18 abr. 2016 19h14. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso: 09/12/2019.
- MARCELA DE MINGO. Os melhores memes das nossa “Bela, recatada e do lar”. **Superela.** 20 abr. 2016. Disponível em: <https://superela.com/2016/04/20/os-melhores-memes-das-nossas-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso: 10/07/2019.
- PAVEAU, M-A. La blessure et la salamandre. Théorie de la resignification discursive. **HAL.** archives-ouvertes.fr, 2019a. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667/document> Acesso: 10/12/2019.
- PIADAS NERDS. **Bela, recatada e do lab.** 20 abr. 2016 18h. Disponível em: <https://piadasnerds.etc.br/bela-recatada-e-do-lab/> Acesso: 10/07/2019.

SAEP-DF. Sindicato dos auxiliares de Administração escolar em Estabelecimentos particulares de Ensino no Distrito Federal. **#nenhumdireitoamenos**. Dia Internacional da Mulher. 8 mar. 2017 18h31. Disponível em: <http://www.saepdf.org.br/site/texto.asp?id=529277620152784408207778>. Acesso: 10/07/2019.

SANTOS, F. L. B. Do lulismo a Bolsonaro: agonia da Nova República no Brasil. **Boletim Onteai-ken n. 26**. Novembro 2018. Disponível em: <http://onteaiken.com.ar/ver/boletin26/onteaiken26-01.pdf>. Acesso: 20/10/2019.

Tecnografismos no movimento feminista brasileiro #EleNão: uma reflexão discursiva

Julia Lourenço Costa

Ilca Suzana Lopes Vilela

Primeiras palavras: o ciberespaço em foco

A partir da concepção do ciberespaço como “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores” (LÉVY, 1999, p. 17), pretendemos neste capítulo refletir sobre o ativismo que se consolida neste espaço de interação social, definido pela troca virtual simbólica. Nosso olhar científico-analítico incidirá especificamente na constituição, consolidação e circulação dos discursos que se inserem no chamado movimento ciberfeminista ou feminista digital.

A internet, de acordo com o referido autor, é um dos principais novos meios de comunicação, sendo encarada como parte das tecnologias digitais e funcionando enquanto infraestrutura das comunicações no ciberespaço. Nela, são criados diversos ambientes virtuais de interação, que reconstroem as relações intersubjetivas, agora mediadas pela máquina.

O ciberespaço estabelece, dentre outras características, nova relação com o tempo e com o espaço e a própria reformulação da interação intersubjetiva. O sujeito, já antes concebido como heterogêneo, extrapola na internet sua constituição plural e dialógica, ao mesmo tempo em que sua busca de pertencimento à determinada comunidade se torna mais incessante. Além disso as formas discursivo-argumentativas erigidas na Web 2.0 estão imbuídas de um caráter próprio.

Os movimentos sociais têm cada vez mais ganhado força de circulação no ciberespaço, que funciona como amplificador *online* das causas já debatidas *offline*. O poder da internet está, em certa medida, relacionado à

capacidade do comportamento humano de se refletir no ambiente virtual, daí o surgimento do termo cibercultura, como relação entre sociedade, cultura e ambiente eletrônico virtual. Segundo Lévy,

é impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material - e menos ainda sua parte artificial - das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam [...] (LÉVY, 1999, p. 21).

Na internet, as diversas instituições discursivas produzem e circulam sentido e, se verifica, contemporaneamente, a proliferação das manifestações relacionadas aos movimentos sociais que - assim como a própria sociedade - estão em constante transformação. O ciberativismo, como processo de adaptação dos movimentos sociais às novas tecnologias, tem contribuído não só na divulgação das variadas causas sociais, políticas e econômicas, mas na própria determinação destes movimentos reivindicatórios.

De acordo com Castells (2001), as lutas sociais foram historicamente marcadas por movimentos sociais que mantinham certa cadeia hierárquica alinhada aos valores verticalizados do processo de industrialização. Por outro lado, o que se assiste hoje com o ciberativismo, é a horizontalização das lutas contemporâneas, que passam a ter uma estrutura marcada pelo acesso mais democrático proporcionado pela rede.

A internet se configura atualmente, portanto, como ferramenta para as lutas sociais contemporâneas e é concebida como espaço potencial de expressão e participação genuinamente democrática (RIGITANO, 2003)¹. Tal ferramenta viabiliza a união e a mobilização das variadas comunidades

¹ “Com relação aos prós e contras dessa apropriação social da técnica, as opiniões estão divididas. Como demonstra Deibert (2000), a posição otimista sustentada por teóricos de influência Gramsciana (COX, 1999) e Liberal (FALK, 1992; 1995), acredita que as redes de cidadãos constituem uma potencial expressão de participação genuinamente democrática, nas arenas até então monopolizadas pelo Estado e por corporações transnacionais; sendo que a Internet é considerada essencial para que essas redes se desenvolvam (p. 256) Por outro lado, há teóricos que sustentam o argumento de que, longe de se tornarem uma expressão da democracia, essas redes de cidadãos baseadas na Internet conduzem a uma ruína democrática em escala global; pelo fato de permitirem que muitos interesses diferentes ou, até mesmo contraditórios, sejam discutidos em nível internacional sem nunca se alcançar nenhuma meta - mas causando um enorme “engarrafamento” de idéias, posições e visões de mundo – nem sempre positivas (RIEFF, CLOUGH apud DEIBERT, 2000, p. 256). Além disso, existem outros autores que defendem que as verdadeiras ações coletivas estão baseadas em relações face-a-face, sendo que a partir da Internet não é possível obterem sucesso (TARROW, 2002)” (RIGITANO, 2003, p. 2).

discursivas², além da promoção horizontalizada das informações, que passam a ser difundidas de lugares discursivos cada vez menos marcados pela hierarquia das relações sociais.

Notas sobre o ciberfeminismo

O ciberfeminismo se desenvolveu a partir da década de 1990, juntamente com o surgimento das primeiras redes de computadores. Ele emerge como reinvenção de outros movimentos feministas, a partir de uma abordagem das tecnologias de comunicação. De acordo com Lalonde (2012),

o ciberfeminismo é uma das importantes manifestações do ativismo na internet. O termo ciberfeminismo apareceu nos anos 1990, emergindo simultaneamente de fontes diferentes. Compreendemos, habitualmente, que o surgimento do termo foi em 1992, nas manifestações artísticas do VNS Matrix na Austrália e nos trabalhos teóricos de Sadie Plant. Portanto, é nos anos 2000 que o ciberfeminismo eclode em toda sua complexidade, juntamente com o crescimento da acessibilidade da Web. O termo ciberfeminismo evolui rapidamente e se desenvolve em diferentes frentes, abarcando problemáticas variadas que poderíamos reagrupar sob a compreensão geral enquanto relação entre as mulheres e a tecnologia, a partir de uma perspectiva feminista.

Com base nas teorias acerca do pós-humanismo³, o ciberfeminismo pode ser compreendido como nova manifestação dentro dos movimentos feministas. Com característica multifacetada e polifônica, o ciberfeminismo procura agrupar as diversas manifestações de variados atores sociais, que têm como ponto comum o reconhecimento das diferenças de poder entre homens e mulheres, e que, portanto luta pela equidade entre os gêneros.

² “Na problemática de Maingueneau, (1984, 1987), a noção de comunidade discursiva é solidária à de formação discursiva. Efetivamente, a hipótese subjacente é que não basta opor as formações discursivas em termos puramente *textuais*: de um discurso a outro, “há mudança na estrutura e no funcionamento dos grupos que gerem esses discursos” (1984:135). Em outros termos, os modos de organização dos homens e de seus discursos são indissociáveis; as doutrinas são inseparáveis das instituições que as fazem emergir e que as mantêm” (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 108).

³ “Segundo Dyens (2001, pp. 2-3), nossos corpos são agora feitos de máquinas, imagens e informações. Os corpos vivos estão borrados, moldados e transformados pela tecnologia e a cultura está tomando conta da biosfera. Do mesmo modo, Hayles (1996, p. 12) considera que o pós-humano representa a construção do corpo como parte de um circuito integrado de informação e matéria que inclui componentes humanos e não-humanos, tanto chips de silício quanto tecidos orgânicos, bits de informação e bits de carne e osso. Um tal recorte semântico, pressagiando o futuro de uma outra espécie de corpo, nas interfaces do humano e do maquínico, é aquele que, sem dúvida, tem dominado no entendimento do pós-humano” (SANTAELLA, 2007, p. 130).

Donna Haraway (1984), inspiradora do movimento ciberfeminista, reconhece que é difícil nomear um movimento tão multiforme, afirmando que “a consciência da exclusão que é produzida por meio do ato da nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas”. (HARAWAY, 1984, p. 47). A autora defende o pluralismo identitário que permeia todos, não somente as mulheres.

O ciberfeminismo, a partir do ambiente digital, procura, então, quebrar paradigmas reais, uma vez que “o ciberfeminismo é político, e não uma desculpa para a falta de ação no mundo real, e é inclusivo e respeitável em relação às muitas culturas que as mulheres habitam” (HAWTHORNE; KLEIN, 1999, p. 2). O feminismo em rede, apesar de se constituir enquanto - e permanecer sendo - um movimento heterogêneo, ele mantém um núcleo comum, alimentado pela

produção de outro desejo que esteja além das objetificações e fetichizações, o feminismo é um fazer, é ação que põe em cena o desejo daquelas que, sendo mulheres no mais amplo sentido dessa palavra, lutam contra seu encarceramento, sua domesticação, sua escravização e sua docilização - sem perder de vista que ser ‘mulher’ é uma marcação do patriarcado que foi ressignificada no feminismo (TIBURI, 2019, p. 42).

O feminismo digital emerge, portanto, a partir do empenho de se criar, entre as mulheres, uma rede de comunicação, de modo a ampliar o debate, o diálogo e a circulação das ideias que os movimentos sociais dão forma e fortalecem. O ciberfeminismo pode ser definido como “prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia” (COLLADO; NAVARRETE, 2006).

Comunicação e feminismo: tecnodiscursividade em foco

A relação entre a mídia e o feminismo pode ser abordada de, pelo menos, duas perspectivas: a) o que as mídias fazem pelo movimento feminista, por meio, por exemplo, da construção que os atores midiáticos promovem acerca dos temas relacionados ao feminismo; e b) o que os movimentos feministas fazem com os mecanismos midiáticos, ou seja, como eles mobilizam os mecanismos comunicacionais já existentes.

No que concerne a segunda dimensão, “podemos criar a hipótese de que a falta de recursos conduz [os movimentos feministas] a inovar na ação.

As feministas têm, ao longo de sua história, utilizado as mídias e produzido as mídias” (BLANDIN; LÊVEQUE; MASSEI e PAVARD, 2017). Marie-Anne Paveau corrobora essa compreensão, afirmando que “o militantismo feminista online foi tomado no seio de um movimento recíproco de co-construção” (PAVEAU, 2017).

De acordo com a perspectiva discursiva, Teixeira e Carmo Jr. (2013) explicam que a manifestação da cibercultura se dá mediante uma linguagem sincrética, a qual mobiliza figuras, cores, palavras, sons, desenhos, gráficos, movimentos, etc. Ademais, independente do suporte em que se concretiza, esse sincretismo dos novos meios modela e inter-relaciona o corpo do sujeito com os efeitos da máquina.

No âmbito das pesquisas acadêmicas, o ciberfeminismo abrange cada vez mais diversos campos de abordagem, no caso dos estudos da linguagem, não é diferente. A esse respeito, Paveau (2017) investe, nas possibilidades plurissemióticas da manifestação tecnodiscursiva, tendo em vista que esta possibilita o alto grau de reformulação das produções e a rapidez na circulação informativa. Considera ainda as potencialidades da internet, na evolução do discurso feminista, doravante ciberfeminista, tanto na natureza quanto na forma dos argumentos.

A produção discursiva e argumentativa, isto é, tecnolinguageira, do movimento feminista digital inova, portanto, na forma de concretização de suas reivindicações e pontos de vista sobre determinados temas. Duas práticas podem ser destacadas, dentre aquelas mobilizadas pelo ativismo digital: a elaboração de tecnografismos e a remixagem.

Marie-Anne Paveau define tecnografismo como “uma produção semiótica que associa texto e imagem numa composição nativa da internet” (PAVEAU, 2017b, p. 305). O tecnografismo pode ser tanto uma imagem fixa ou animada combinada a um texto, produzindo este tipo de discurso marcadamente digital, uma vez que “a internet é o lugar do multimídia” (PAVEAU, 2017b, p. 305).

A prática do remix, isto, é, “operação que consiste em citar obras e as transformar produzindo algo novo” (PAVEAU, 2017), como lemos no texto da autora na abertura deste livro, é vastamente detectada no ativismo digital - não somente feminista. Propondo releituras de discursos anteriores, o ciberfeminismo procura inovar não só no plano reivindicatório, mas também no argumentativo.

Neste texto, nosso foco incidirá sobre os tecnografismos produzidos, a partir da prática do remix, que compuseram a produção tecnolinguageira do movimento feminista #EleNão no Brasil. Iniciada no âmbito das redes sociais - principalmente Facebook e Twitter - a Manifestação chamada de #EleNão foi alavancada no espaço digital, mas foi também vivenciada nas ruas como forma de protesto ao pensamento fascista e antidemocrático que assola não só a comunidade brasileira, mas que está enraizado numa onda mundial de intolerância, de diversas ordens.

O movimento #EleNão ganhou força quando a comunidade do Facebook intitulada “Mulheres **contra** Bolsonaro” atingiu 2 milhões de participantes e a conta foi hackeada; nessa invasão o título foi alterado para “Mulheres **com** Bolsonaro”. Em resposta ao ataque, se inicia um movimento propulsionado pelo sentimento de indignação e revolta - já existente, que se concentrou em torno da #EleNão.

O movimento #EleNão foi, portanto, uma manifestação popular, liderada por mulheres que contou com o apoio dos cidadãos e que tomou as ruas das principais cidades do Brasil e do mundo no dia 29 de setembro de 2018. O movimento #EleNão é considerado a maior manifestação feminista brasileira, de acordo com Céli Regina Jardim, professora da Federal do Rio Grande do Sul e estudiosa do feminismo no Brasil⁴.

“Nós podemos” protestar contra Bolsonaro: o movimento feminista #EleNão

O cartaz “We Can Do It”, abordado por Paveau em seu artigo “Feminismos 2.0. Usos tecnodiscursivos da geração conectada”⁵ foi vastamente remixado pelo movimento feminista ao redor do mundo e, inclusive, durante as manifestações do chamado movimento #EleNão. Ao figurativizar a força e a liberdade feminina, o cartaz é apropriado pelo movimento feminista e funciona como bandeira simbólica da luta das mulheres.

Tendo como corpus, o cartaz original e algumas remixagens feitas a partir dele, este texto procura articular corpus (textos da mídia, vinculados ao movimento #EleNão), teorias (Análise do Discurso e Semiótica fran-

⁴ Entrevista disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>

⁵ O artigo foi originalmente publicado na revista *Argumentation et Analyse du Discours* (online), 18, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2345> ; DOI : 10.4000/aad.2345. Acesso em: 11 março 2019. A tradução para o português compõe o presente livro.

cesas,) para analisar a produção de sentidos no feminismo digital, em sua busca da adesão ao discurso de maior liberdade para as mulheres e, consequentemente, para todos, no ciberespaço e nas ruas.

A seguir apresentamos o cartaz original “We can do it” (Figura 1) acompanhado pelas reinterpretações, isto é, remixagens feitas pela maior mobilização feminista brasileira, o movimento #EleNÃO (Figuras 2, 3, 4 e 5, respectivamente):



Figura 1: Cartaz original de J. Howard Miller, 1942
Fonte: Wikimedia Commons, domínio público



Figura 2: #EleNÃO remix 1
Fonte: <https://sometag.org/hashtag/endfascism>



Figura 3: #EleNÃO remix 2
Fonte: <https://www.touts.com.br/artes/we-can-do-it-ele-nao>



Figura 4: #EleNão remix 3

Fonte:

<https://www.humorpolitico.com.br/edson/elena-2/feminismo/>

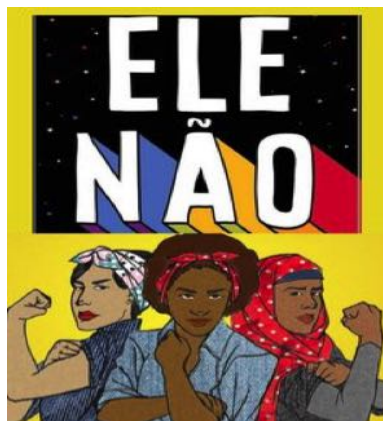


Figura 5: #EleNão remix 4 - Valentine Brown

Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/354025220704705626>

De modo geral, podemos observar que, de um lado, entre a figura 1 (original do cartaz “We can do it!”) e a figura 2 (remixada pelo movimento #EleNão), o processo de remix mantém o texto visual (uma mulher branca em pose de braço erguido, de bandana vermelha e camisa azul sob fundo amarelo), sofrendo alteração apenas o texto verbal, que passa do slogan “We can do it”!, para “#EleNão”.

Por outro lado, entre a Figura 2 e as Figuras 3 e 4 observamos que, embora se mantenha o texto verbal “EleNão”, há alteração no texto visual. Na Figura 3, observamos agora uma imagem em preto e branco - mas que retoma todos os traços da mulher branca do cartaz original; já na Figura 4, se mantém no segmento verbal #EleNão, porém agora acompanhado pela figurativização de uma mulher negra no segmento visual.

Na Figura 5, segundo o próprio autor do cartaz Valentin Brown, ele “procurou inserir alguma interseccionalidade”. Assim, no lugar da mulher somente branca ou negra das imagens anteriores, vemos agora uma mulher parda, uma negra e uma portando o véu. Destas primeiras observações, passamos a destacar a comparação entre a Figura 1 e a Figura 5. Antes, porém, cabe uma descrição mais detalhada da primeira.

Figuratividade e semissimbolismo nos tecnografismos do #EleNÃO

Do ponto de vista semiótico, o cartaz original tematiza o poder, figuratizado, pela imagem da mulher branca que, ao empunhar o braço direito, com a mão fechada, sobre o braço esquerdo flexionado, traz à tona o sentido de força, culturalmente estabelecido na linguagem gestual, e cristalizado pela expressão verbal “braços em punho”. Assim, no plano do conteúdo, a figura da mulher branca de braços em punho tematiza a força. A expressão verbal “We can do it!” ratifica esse sentido, especificamente, mediante o sema “can” (“posso”). De outro modo, e ainda sobre essa expressão, nota-se que o verbal, ao reduzir a plurissignificação, delimita e reduz o sentido da imagem. Trata-se do que Barthes (1984) denominou como função de ancoragem, em que a linguagem verbal escrita determina e explica o sentido da linguagem visual.

No que se refere ao plano visual, relações semissimbólicas são estabelecidas. De acordo com Pietroforte (2004), a relação semissimbólica articula categorias do plano do conteúdo (PC) com categorias do plano da expressão (PE). Assim, categorias do PE, tais como: **cromática**, explora as relações de sentido estabelecidas por meio da cor – *puro vs. mesclado; brilhante vs. opaco*, etc., **eidética**, cujo foco é a forma – *côncavo vs. convexo; retilíneo vs. curvilíneo*, etc. e **topológica**, interessa-se pela organização das figuras espacialmente – *alto vs. baixo; central vs. periférico*; articulam-se com categorias de conteúdo, tais como, *natureza vs. cultura, vida vs. morte*, etc.

No caso da Figura 1, como mencionado, há uma repetição da informação, tanto na imagem quanto nos fonemas, a figura “feminina de braços em punho”, que tematiza a força, é, pois, explicada pelas palavras “We can do it!”. Essas relações ocorrem, no plano da superfície textual que, no percurso gerativo do sentido corresponde ao nível discursivo. A figuratividade aí articula-se com o PE, contudo, em um nível mais abstrato, o da categoria elementar: liberdade vs. opressão.

O percurso gerativo do sentido apresenta três níveis: do mais concreto (o discursivo) para os mais abstratos e profundos do texto (o narrativo e o elementar). Este percurso trabalha com relações de oposição dos conteúdos. Assim, se, na Figura 1, na atualização do discurso, o tema do poder e da força são figurativizados pela mulher branca de braços em punho. Virtualmente, porém -isto é, não realizado - há a não-mulher branca com bra-

ços em punho e a não-força, consequentemente, outras figuras e outros temas encontram-se virtualizados e aguardam ser manifestados em outros textos que, com efeito, terão outros significados.

De maneira mais abstrata, esses elementos que se concretizam o nível do discurso, têm como categoria de base a oposição semântica *liberdade vs. opressão*. De fato, afirma-se o conteúdo mínimo da liberdade que, no nível narrativo, corresponde à competência modal do poder, o qual é discursivizado pela força feminina. Todavia, cabe mostrar o sentido contrário, o da opressão.

Se a opressão virtualiza-se no plano do conteúdo; o mesmo não ocorre no plano da expressão. Neste, a categoria *acima vs. abaixo*, que dissemina a categoria de *frente vs. de lado*, organiza e permite explicar o conteúdo da opressão. Nota-se que acima está o conteúdo da liberdade (“We can do it!”). É importante destacar que, graficamente, as letras, além de destacadas, tanto pela largura quanto pelo ponto de exclamação, têm o efeito de estar posicionadas de frente para o interlocutor. Isso seria diferente, caso, por exemplo, elas estivessem grafadas com itálico. Se assim fosse, o efeito produzido seria o de curvatura, inclinação, lateralidade. Dessa maneira, o formante topológico (acima) e o eidético (de frente) homologam o conteúdo da liberdade.

Por outro lado, abaixo, a figura da mulher, embora com as mãos em punho, está de perfil, de lado; e não, de frente, o que instauraria outra ordenação de sentido, que ampliaria o efeito de real enfrentamento manifestado no texto verbal em análise. Para a semiótica discursiva, um traço, uma figura, uma posição, enfim, todos os elementos, que se conjugam e constroem a textualidade, são importantes para a geração dos sentidos.

Dessa maneira, o formante eidético *de lado* ressignifica o todo de sentido do texto da Figura 1. No confronto com os outros textos do corpus, poderemos ratificar essa afirmação. Por ora, interessa apontar as relações semissimbólicas criadas no cartaz, quais sejam: as formas da expressão *acima vs. abaixo* e *de frente vs. de lado* homologam a categoria do conteúdo *liberdade vs. opressão*. Assim, se, acima e de frente, encontra-se o sentido de liberdade, abaixo e de lado, destaca-se o sentido de opressão.

Essas mesmas relações semissimbólicas mantêm-se no caso da Figura 2. Nela, a mudança mais significativa diz respeito ao conteúdo. Ao remixar o cartaz 1, o enunciador substituiu a expressão verbal escrita “We can do it!” por “#EleNão”, por conseguinte, novos sentidos foram produzidos.

Como referido, conclamando as mulheres e demais sujeitos contrários aos valores misóginos e nada democráticos do então candidato Jair Bolsonaro, sob o chamamento #EleNÃO, milhares de pessoas, no Brasil e no mundo, protestaram e manifestaram seu desejo de que as eleições presidenciais neste país não o tivessem eleito.

Nas Figura 2 e 3, temos um outro texto, cujo discurso trouxe à cena outros atores (feministas, partidos políticos de esquerda, movimentos sociais, ao invés de trabalhadores de fábrica e, sobretudo, a figura da mulher como força de trabalho), tempos (Eleições Presidenciais de 2018, em vez de Segunda Guerra Mundial), espaços (Brasil no lugar dos Estados Unidos), temas (mulheres unidas contra Bolsonaro, e não, força dos trabalhadores em fábricas, especificamente, das mulheres) e figuras (#EleNÃO, ao invés de, “We can do it!”).

Na Figura 4, apesar da figurativização de uma mulher negra - no lugar antes ocupado pela mulher branca -, verificamos que, semissimbolicamente as mesmas relações são estabelecidas entre o plano da expressão e o plano do conteúdo: homologam-se as categorias *acima vs. abaixo* e *de frente vs. de lado* homologam a categoria do conteúdo *liberdade vs. opressão*. Desse modo, apesar de figurativizar maior liberdade em relação à interseccionalidade do movimento feminista, por exemplo, a postura da mulher representada permanece a mesma: abaixo e de lado, fato que a homologa à categoria opressão - no plano do conteúdo.

Esses novos sentidos, retomam a ideia do poder, mas, atualizam-na, pois o poder, que se coloca em discurso, é o de mulheres contemporâneas terem a possibilidade de, pela militância nas redes e nas ruas, reverterem o jogo político e serem a alavanca da derrota, nas urnas, do, à época, candidato e, hoje, presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Do ponto de vista semissimbólico, entretanto, as relações permanecem iguais. Logo, tanto na Figura 1 quanto nas Figuras 2, 3 e 4, temos, esquematicamente:

PE: *acima vs. abaixo :: de frente vs. de lado*

PC: *liberdade vs. opressão*

Esse estado de coisas, suscitado pela comparação entre as imagens, traz à tona a repetição e, conseqüente, a permanência da opressão histórica so-

frida pelas mulheres, as quais continuam sendo minoria em posições de poder e visibilidade, especialmente, no que tange ao poder político e governamental de uma nação. Noutros termos, o direito da equidade entre homens e mulheres, buscando superar, portanto, as “contradições fundamentais da sociedade, nascidas tanto do desenvolvimento do capitalismo como da persistência até hoje da dominação masculina, que se exprime na divisão social e sexual, por exemplo” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 152), é a própria razão de ser do movimento feminista, já que sua luta coletiva pelo direito à igualdade entre os gêneros ainda não alcançou este desiderato.

Triagem e mistura: sobre a interseccionalidade no feminismo

Dando continuidade às análises semióticas discursivas, passamos a observar o que ocorre na Figura 5. Nela, a remixagem trouxe mudanças mais amplas, tanto no conteúdo quanto na expressão. No plano do conteúdo, a figura “#EleNão” conserva, em certa medida, o mesmo sentido do que foi empregado na Figura 1, porém, não se tem mais a figura da mulher branca de braços em punho, em seu lugar, surgem três figuras de mulher: uma parda, uma negra e uma que porta o véu. Com isso, tematiza-se a identidade étnica e religiosa feminina. As três figuras femininas estão de braços em punho, o que remete, uma vez mais, aos cartazes anteriores. Contudo, diferentemente, a figura de mulher negra está em posição centralizada e de frente para o enunciário do texto.

Algumas oposições dos níveis do conteúdo, da expressão e da tensividade podem ser observadas na Figura 5. A oposição semântica *identidade vs. alteridade*, presente no nível fundamental do plano do conteúdo, associa-se tanto com as oposições topológicas (*acima vs. abaixo :: centralidade vs. lateralidade*) e cromáticas (*monocromatismo vs. policromatismo*), do plano da expressão, quanto com a categoria tensiva *triagem vs. mistura*.

De acordo Fontanille e Zilberberg ([1998] 2001), os discursos mobilizam valores de exclusão e de participação, a partir dos operadores de triagem e mistura. Assim, a exclusão operacionaliza-se pela triagem que, posta em uso, coloca em cena valores de exclusividade. Já a participação concerne à mistura, a qual opera por meio da interação e da assimilação de valores distintos.

Esses elementos inserem-se no quadro da semiótica tensiva. Zilberberg ([2006] 2011) explica que a tensividade é responsável pela aspectualização e intensificação nos textos. Trata-se da integração da afetividade, nos estudos semióticos, cuja hipótese é a de que o sensível rege o inteligível e que os valores são complexos, logo, não excludentes, e resultam do cruzamento das dimensões da intensidade – cujas subdimensões são o andamento (lento, rápido) e a tonicidade (fraco/átono, forte/tônico), e extensidade – cujas subdimensões são o espaço (aberto, fechado) e o tempo (breve, longo).

De acordo com a semiótica tensiva, quanto à tonicidade, a triagem e a mistura relacionam-se, variando doônico ao átono, segundo a rede estabelecida abaixo:

	Triagem	Mistura
Tônica	<i>Unidade/Nulidade</i>	<i>Universalidade</i>
Átona	<i>Totalidade</i>	<i>Diversidade</i>

Quadro 1: Relações entre triagem e mistura quanto ao aspecto da tonicidade (FONTANILLE; ZILBERBERG, [1998] 2001, p. 33).

No cartaz 5, a figura “#EleNÃO” está acima e no centro. As letras são brancas e, enquanto a figura “Ele” contrasta com o fundo preto, a figura “NÃO”, em segundo plano, é acompanhada, em perspectiva gráfica, pelas cores azul, amarelo e vermelho, acopladas, respectivamente, às letras “N”, “Ã” e “O”. Em primeiro plano, o monocromatismo e a centralidade pictóricas fazem par com a identidade. De outra maneira, e em segundo plano, o policromatismo e a lateralidade da expressão correspondem à alteridade.

Nota-se que os valores postos em circulação são diferentes. Os pictogramas de primeiro plano operam com a intensidade e, triando os elementos de modoônico, têm o efeito de nulidade, como é o caso da escolha monocromática, por conseguinte, os valores de absoluto, de fechamento, de exclusão vêm à tona. A mistura, de outra forma, diz respeito à extensidade, e veicula os valores de universo, de expansão, de abertura, que o conteúdo da alteridade e a expressão policromática em posição lateral manifestam.

De fato, “Ele” corresponde aos valores de exclusividade e absoluto, que não se atêm apenas vinculado à imagem e aos discursos de Bolsonaro ou de seus signatários. Este “Eleé” que é negado pelo movimento #EleNão remonta a outros de regimes ditatoriais, outros momentos históricos anti-democráticos e outras figuras que representam este ponto de vista: facista, autoritário e preconceituoso. Esses discursos, apesar de se valerem habitualmente de figuras como “pátria”, “família” e “Deus” - de pretenso universalismo e abrangência - buscaram, com efeito, excluir as trocas culturais e a diversidade.

Curioso notar que, não faz muito tempo, Fiorin (2009) apresentava, no caso da cultura do nosso país, um cenário relativamente distinto. Nele, destacava-se a euforização da mistura, que construiu um discurso por meio do qual se passou “a considerar inexistentes as camadas reais da semiose onde opera o princípio da exclusão: por exemplo, nas relações raciais, de gênero, de orientação sexual etc” (FIORIN, 2009, p. 124). Assim, “a identidade autodescrita do brasileiro é sempre a que é criada pelo princípio da participação, da mistura” (Idem).

Consequentemente, o brasileiro será considerado “aberto, acolhedor, cordial [...]”. Ocultam-se o preconceito, a violência que perpassa as relações cotidianas, etc. Enfim, esconde-se o que opera sob o princípio da triagem (FIORIN, 2009). Contudo, antes mesmo das disputas eleitorais para o pleito à presidência, em 2018, mas, certamente, decorrente daí, e de maneira fortemente intensificada, os tempos da aparente cordialidade brasileira cederam lugar aos discursos intolerantes francamente disseminados pelo país à fora. Por conseguinte, o tácito contrato de, ao menos na aparência, a abertura para a diversidade, como constitutiva das relações entre os sujeitos no Brasil, foi rompido no *ser* e, mais recentemente, no *parecer* do discurso.

Entretanto, o pesquisador Luiz Tatit adverte-nos que “a experiência subjetiva no interior de uma comunidade nos leva a presumir que esses estágios excessivos são sucedidos por abrandamentos que distendem esse ponto máximo para que o próprio discurso possa ter continuidade” (TATIT, 2007, p. 63). Nessa direção, o discurso feminista e sua afirmação das identidades de gênero vem se contrapondo à lógica da exclusão do discurso bolsonarista.

A esse respeito, a Figura 5, sob análise, especificamente, mediante a figura “Não”, já anuncia um posicionamento contrário. Na superfície dis-

cursiva, a figura “Não” é a recusa, a negação do “Ele”, o ator Bolsonaro e tudo que ele ainda representa. Em níveis mais abstratos de apreensão do sentido, toma a forma do conteúdo da alteridade que, no plano da expressão, corresponde ao policromatismo da lateralidade. Do ponto de vista ten-sivo, tonifica-se a mistura, cujos valores de universo e participação, disseminam-se por meio da difusão de variados elementos pictóricos.

Esse sentido de mistura, que se mostrou na parte de cima do cartaz, é corroborado abaixo. Enfatadamente, as figuras femininas que representam diferentes matrizes étnicas e religiosas insurgem-se contra o discurso que limita a interação e afirmação das diferenças pelos sujeitos em sociedade. Noutros termos, as figuras femininas da Figura 5 representam o múltiplo, em tensão com o uno. Na extensidade discursiva, a triagem atua com o raro e o puro que, concentrando os valores, exclui participantes; por outro lado, a mistura afina-se com o vário e o não puro e, assim, expande e transforma os valores, com vistas “*a fazer participar os excluídos*” (FONTANILLE; ZILBERBERG, [1998] 2001, p. 50). A inclinação seja para o múltiplo seja para o uno aspectualiza-se pelas categorias *mais* e *menos* e suas combinações.

Assim, há a presença de *mais* elementos do vário e do não puro no conteúdo de alteridade, que se concretiza pelas diferentes figuras femininas de mulheres e os diferentes papéis temático-figurativos que assumem (mulher, parda, negra, religiosa, muçulmana, militante, etc.), como também pela diversidade cromática já mencionada. De outra parte, quanto *menos* existe a variedade de elementos, mais se afirma a triagem e seu vínculo com o isolamento e a exclusividade.

Acima, e “só”, o monocromático “Ele” é emblemático dos discursos de extrema triagem. Ressalve-se que, conforme Zilberberg ([2006] 2011), caso se atinja o ponto extremo da descendência, em que só há menos, chega-se à extenuação. Para que haja continuidade discursiva, é preciso *menos menos*, o que permite o restabelecimento. No que pese o corpus em apreço, a produção discursiva do ciberfeminismo tem colaborado para restabelecer a continuidade discursiva e valores de abertura e diversidade tão caros aos regimes democráticos.

Em outras palavras, o feminismo digital tem se contraposto à postura do ator Jair Bolsonaro (o “Ele” diante de diversos temas, dentre eles o papel da mulher na sociedade brasileira, que é controverso e polêmico, como

“manifestação discursiva sob a forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público” (AMOSSY, 2017, p. 53), sua postura agressiva provoca o “poder de ação” discursivo (PAVEAU, 2017) das minorias por ele excluídas. Ademais, para além de sua manifestação digital, o ciberfeminismo tem como objetivo a ação real e a mudança concreta, que se efetivaram não só nas reivindicações do movimento que invadiu as ruas, mas também na construção dos argumentos em ambiente digital.

Conclusão

O termo complexo fundado na relação entre os termos contrários liberdade vs. opressão, é colocado como base da construção da significação dos cartazes aqui analisados. É nessa relação que a temática feminista se insere, como busca, mais ou menos sistemática, da extenuação dos valores de opressão e a intensificação dos valores de liberdade. A partir do termo complexo podemos pensar em gradação, mais liberdade (ou menos); mais opressão (ou menos). Com a gradação nos aproximamos da “gramática tensiva” (ZILBERBERG, 2011).

Segundo Zilberberg, “o binarismo se mostra, com o recuo esclarecedor do tempo, como uma versão restrita do estruturalismo. Em uma versão ampliada, o recurso ao chamado termo complexo anula a separação, dando lugar a um processo” (ZILBERBERG, 2004, p. 6). A categorização apartada entre os universais semânticos do quadrado semiótico deve, pois, ser superada a fim de que as fases aspectuais do processo sejam contempladas.

Ainda segundo o autor, “o estruturalismo privilegiou microestruturas e negligenciou um dado [...] da maior importância: a elasticidade do discurso, seja este verbal ou não-verbal” (ZILBERBERG, 2002, p. 113). As relações estruturantes devem ser compreendidas segundo os intervalos que as compõem. Se antes liberdade e opressão eram vistos como polos estanques de uma escala não intercambiável, o termo complexo fundado a partir da relação entre categorias contrárias dá lugar a novos processos de conjunção e disjunção entre eles, uma vez que a “proposta do esquematismo tensivo consiste precisamente em ‘misturar’ duas ordens” (ZILBERBERG, 2004, p. 1).

De acordo com Zilberberg (2004), os termos opostos são inicialmente dados juntos e funcionam segundo a reciprocidade. Isto significa afirmar que o acento de um dos termos acarreta a desacentuação de seu companheiro, o que funda, pela correlação entre eles estabelecida, o princípio de constância: quanto mais, menos; quanto menos, mais. O semioticista desenvolve seu pensamento refletindo acerca dos processos de junção entre os valores, a partir da sintaxe da mestiçagem (ZILBERBERG, 2004).

Dessa maneira, se pensarmos os valores liberdade e opressão não mais como polos estanques, mas como graus de uma escala que transita entre esses dois valores por meio do acréscimo (mais) ou da subtração (menos) de um dos valores, teremos, segundo as análises, a escala estabelecida entre liberdade homologada à Figura 5 e opressão às Figuras 1, 2 e 3. Por sua vez a Figura 4, ao introduzir a imagem da mulher negra, encontra-se já em algum ponto do andamento na escala, apresentada a seguir:

opressão <----->liberdade				
incoatividade menos opressão			progressividade mais liberdade menos opressão	terminatividade mais liberdade
				
Figura 1	Figura 2	Figura 3	Figura 4	Figura 5

Quadro 2 – escala “We can do it” e “#EleNão”
(com base em ZILBERBERG, 2004).

Neste texto, vimos, portanto - a partir de um corpus extraído de discursos produzidos pelo feminismo digital brasileiro durante as manifestações ocorridas contra o então candidato a presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, amplamente conhecidas como o movimento #EleNão - que os valores liberdade vs. opressão regem a construção dos sentidos e a argumentação do feminismo digital. Pela mobilização de tecnografismos a partir da remixagem do cartaz “We can do it”, vimos que o próprio movimento

#EleNão, a partir de sua tecnodiscursividade, procura estar alinhado aos valores de liberdade, portanto de maior interseccionalidade. Todas essas apreensões foram feitas considerando o diálogo entre a Análise do discurso e a Semiótica francesas, afim de compreender o papel da figura da mulher enquanto termo complexo, na sociedade brasileira, considerando tanto as relações figurativas, semissimbólicas e tensivas que constroem o discurso feminista contemporaneamente.

Referências bibliográficas

- AMOSSY, R. Apologia da polêmica. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho; Walkin Souza Pinto [et al.]. São Paulo: Contexto, 2017.
- BARTHES, R. O óbvio e o obtuso. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BLANDIN, C.; LÊVEQUE, S.; MASSEI, S. e PAVARD, B. Féminismes n. 29: Le Temps des médias. Paris: Nouevau Monde Éditions, 2017.
- CASTELLS, M. La galaxia Internet. Barcelona: Plaza & Janés Editores, S.A, 2001.
- COLLADO, A. M.; NAVARRETE, A. Ciberfeminismo: também uma forma de ativismo. Rizoma, 2007. Disponível em: <<http://www.rizoma.net/interna.php?id=220&secao=desbunde>>. Acesso: 23 abr. 2019.
- DEIBERT, R. J. International plug'n play? Citizen activism, the Internet, and the global public policy. In: International Studies Perspectives, 1, 255-272, 2000.
- FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, sem. 1, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002/1933>> Acesso em: 23 abr. 2019.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. Tensão e significação. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/ Humanitas, [1998] 2001.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, T. T. da (Org.). Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-129.
- HAWTHORNE, S.; KLEIN, R. Cyberfeminism: connectivity, critique and creativity. Melbourne: Spinfex Press, 1999.
- HIRATA, H. [et al.] (Org.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- LALONDE, J. Abécédaire du Web: 26 concepts pour comprendre la création sur Internet. Québec: Presses Universitaires du Québec, PUQ Numérique, 2012. Disponível em: <https://www.puq.ca/catalogue/livres/abecedaire-web-2329.html> Acesso: 25/05/2019.
- LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAINGUENEAU, D.; CHARAUDEAU, P. Dicionário de Análise do discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- PAVEAU, M-A. Feminismos 2.0. Usos tecnodiscursivos da geração conectada. trad. Julia Lourenço Costa IN: COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. Feminismos em convergências: discurso, internet e política. Portugal: Grácio Editor, 2019 [2017]⁶.

⁶ Tradução de: PAVEAU, Marie-Anne. *Féminismes 2.0. Usages tecnodiscursifs de la génération connectée*. Argumentation et Analyse du Discours (online), 18. 2017. Online desde 14 abril de 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2345> ; DOI : 10.4000/aad.2345.

- _____. L'Analyse du discours numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017b.
- PIETROFORTE, A. V. Semiótica visual: *os percursos do olhar*. São Paulo, Contexto, 2004.
- RIGITANO, M. E. C. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. BOOC - Biblioteca online de ciências da comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=890#topo>, 2003. Acesso 04/10/2018.
- SANTAELLA, L. Pós-humano. Por quê? Revista USP. São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007.
- TATIT, L. A. de M. Muito menos e muito mais: análise de Nome, de Arnaldo Antunes. Todas as letras, São Paulo, v. 9, n.1, p. 61-68, 2007. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/view/653/584>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- TEIXEIRA, L.; CARMO Jr. J. R. (Org.). Linguagens na cibercultura. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.
- TIBURI, M. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.
- WIKIPÉDIA. Protestos contra Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_contra_Jair_Bolsonaro> Acesso: 20 out. 2018.
- WIKIPÉDIA. We Can Do It! Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It!> Acesso: 20 abr. 2019.
- ZILBERBERG, C. Précis de grammaire tensiva. Paris: Tangence, n. 70, 2002.
- _____. As condições semióticas da mestiçagem. In: Cañizal, E. P. & Caetano, K. E. (orgs.). O olhar à deriva: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. Elementos de semiótica tensiva. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beivas. São Paulo: Ateliê Editorial, [2006] 2011.

Feminismo no Facebook

Mariana Guidetti Rosa

1. Introdução

O Feminismo, movimento social de múltiplas abordagens teóricas e políticas, tem ganhado força e visibilidade nos últimos anos graças a Web e às redes sociais. Com uma simples busca pelo Google é possível encontrar blogs feministas, campanhas com hashtag nas redes sociais, circulação e compartilhamento de textos da temática feminista etc. Em 2015, a hashtag #MeuPrimeiroAssedio serviu de importante ferramenta nas redes sociais para que mulheres pudessem relatar sua primeira experiência de assédio com homens. Também tivemos a hashtag #nenhumaamenos, denunciando casos recorrentes de feminicídio em todo o país. A proliferação de discursos sobre o movimento feminista é real, principalmente em redes sociais como o Facebook, tema deste artigo.

O Facebook é uma rede de discursos, pois está inscrito em múltiplas formações discursivas, relações interdiscursivas dinâmicas, hipergêneros e cenografias (Maingueneau, 2013). As páginas feministas no Facebook são comunidades virtuais criadas para promover o movimento social e possuem cada mais seguidores e muitas curtidas. Por essa razão, compreendemos a importância de se analisar o conteúdo dessas páginas e a circulação do discurso feminista no Facebook. Como corpus escolhido para o artigo, temos duas publicações do Facebook de duas páginas que se dizem feministas: Não me Kahlo¹ e Empodere Duas Mulheres².

¹ Disponível em < <https://www.facebook.com/NaoKahlo/>>. Acesso em 09/06/2019

² Disponível em < <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/>>. Acesso em 09/06/2019

Os exemplos de análise presentes neste artigo são frutos já amadurecidos de uma pesquisa de Mestrado (Rosa, 2019), que possui resultados muito mais amplos e abrangentes que os relatados aqui. Neste espaço, pretendemos demonstrar como os elementos do gênero do discurso (no caso, as cenografias do hipergênero, pois se trata de textos na web) são importantes para que se compreenda o funcionamento discursivo dos textos multimodais do Facebook. O presente artigo está ancorado teórico-metodologicamente no campo dos estudos do discurso, especificamente na abordagem proposta por Michel Pêcheux e nos conceitos de hipergênero e cenografia propostos por Dominique Maingueneau. Primeiramente, segue um breve percurso teórico a respeito dos conceitos utilizados para a análise e, a seguir, dois exemplos de análise que se pautarão no reconhecimento e na descrição das diferentes cenografias e como as mesmas são mobilizadas nos textos multimodais escolhidos.

2. Breve percurso teórico: como analisar textos da web?

O surgimento das novas tecnologias de informação no mundo contemporâneo permitiu o aparecimento de novas práticas de comunicação e, conseqüentemente, novos questionamentos acerca de categorias discursivas que os analistas do discurso precisariam mobilizar em suas análises. Emediato (2015) faz a seguinte reflexão sobre a rede social:

O que é uma rede social? É, essencialmente, uma rede de discursos, um espaço retórico por natureza. Como rede de discursos, não se faz nada em uma rede social, no sentido estrito do verbo "fazer". Mas no sentido pragmático, se faz muita coisa em uma rede social, como o *facebook*, por exemplo. A palavra se faz ação, efetivamente. Podemos encontrar, nessa rede, tudo que poderíamos supor no universo de discursos e nos espaços discursivos. Múltiplas formações discursivas, relações interdiscursivas dinâmicas, diferentes gêneros do discurso, e o dialogismo em todos os seus estados. (...) (Emediato, 2015, p. 173)

Não só a palavra se faz ação, mas também os elementos visuais que muitas vezes acompanham as palavras, formando o texto multimodal. Ao observarmos as publicações do Facebook, raramente elas possuem só textos verbais: constantemente o texto verbal está acompanhado de algum texto imagético. Emediato (2015) ainda ressalta que outro aspecto determinante do dispositivo comunicacional Facebook é a presença de modalidades téc-

nicas de interatividade, que seria uma forma de reconstituir o dialogismo interlocutivo e aproximar-se o máximo possível das formas dialogais. Na rede social Facebook, as modalidades técnicas de interatividade e de enunciação são quatro: a postagem (publicação), o "curtir" (que atualmente pode ser, também, cinco interações distintas, entre elas: "amei", "triste", "grr" para expressar um descontentamento ou raiva, "haha" quando achamos uma postagem engraçada ou divertida, ou "uau", quando nos surpreendemos com as informações ali postadas), comentário e compartilhamento. Não pretendemos, no vigente artigo, considerar as modalidades técnicas de interatividade na análise, mas reiterar a importância do fenômeno de irradiação que provém do compartilhamento dos textos multimodais por diferentes usuários:

O fenômeno evocado por Maingueneau (2014) da *irradiação* também se mostra nas redes como de grande relevância. De um lado, o poder de irradiação já é previsto no próprio dispositivo da rede pela ação de compartilhamento. Cada compartilhamento, além de irradiar conteúdos, pode transformar as versões originais e inseri-las em um novo gênero, em outra finalidade pragmática ou em outra perspectiva de problematização. O poder de irradiação das redes equivale ao do marketing viral na internet que, por sinal, já se encontra presente também no Facebook, pois as preferências de consumo do usuário já são codificadas pelas suas práticas de navegação e passam a se vincular a sua página na rede social. (Emediato, 2015, p. 185)

O fenômeno da irradiação possibilita que o conteúdo da página do Facebook seja acessado por muitos e diversos interlocutores, amplificando a divulgação e propagando diferentes discursos. Sobre as novas formas de textualidade na web: será que os conceitos clássicos, como gênero do discurso, são suficientes para se analisar textos na Web? Se não, como o analista do discurso daria conta de analisar textos que estejam publicados na internet?

Maingueneau (2013) ressalta que o mídiu não é um simples meio de transmissão de um discurso, mas ele impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. De acordo com o autor, uma mudança do mídiu modifica o conjunto de um gênero de discurso. Para um mídiu de um gênero de discurso, é necessário levar em conta além do suporte material (oral, escrito, manuscrito, televisivo, etc), mas também o conjunto do circuito que o organiza. Quando modificamos as con-

dições materiais da comunicação do discurso feminista, transformamos também radicalmente os "conteúdos" e a maneira de dizê-lo. Um texto feminista no Facebook é muito diferente de um texto feminista publicado em um livro, por exemplo, pois o *mídiu*m é um dispositivo comunicacional que integra os processos e mudanças históricas de uma sociedade: "uma sociedade não se distingue das formas de comunicação que ela torna possíveis e que a tornam possível" (Maingueneau, 2013, p.82).

Além do surgimento da web e as questões relacionadas ao *mídiu*m, a categoria de gênero do discurso também foi questionada por Maingueneau. Segundo o autor, gênero do discurso é uma unidade tópica fundamental e as unidades tópicas são espaços predelineados pelas práticas sociais. Os analistas do discurso devem categorizar os tipos de unidades com as quais eles pretendem trabalhar, que serão delimitadas em função do objetivo da pesquisa. Maingueneau (2015) ressalta que a categoria gênero do discurso pode ser entendida como uma instituição de fala, um dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado como, por exemplo, o jornal televisivo, a consulta médica, o roteiro turístico, a reunião do conselho e administração, etc. Para Maingueneau (2010), a categoria de gênero do discurso não seria totalmente adequada para se analisar textos da web, mas sim a categoria de hipergênero.

A noção de hipergênero enquadra uma faixa de gêneros que não sofre restrições sócio-históricas, pois podem ser usadas por muito tempo em vários países, como a carta ou o diálogo. Maingueneau ressalta que, tanto a carta quanto o diálogo podem vincular qualquer tipo de conteúdo e podem ser utilizadas em situações comunicacionais muito variadas, além de se organizarem em estruturas genéricas e que apresentam fracas restrições. Maingueneau afirma que o hipergênero seria uma categoria mais adequada para analisarmos textos na web, visto que

A noção de hipergênero pode ser útil para estudar as práticas comunicacionais na internet. "Blogs", por exemplo, não podem ser considerados gêneros. Na realidade, "blog" é uma categoria que atravessa categorias temáticas (pessoal, institucional, comercial, educacional...) e impõe rígidas restrições formais. Ele é uma espécie de hipergênero típico, cujas propriedades comunicativas são mínimas: alguém (com um nome próprio) fala sobre si mesmo (a) para alguém que esteja visitando seu website. (Maingueneau, 2010, p. 131)

Por ter uma formatação com restrições fracas, recobrando gêneros muito diferentes, tal conceito permite que olhemos de forma diferenciada para as publicações de textos na rede social Facebook.

Um número cada vez maior de produções discursivas é multimodal, e essas mudanças exigem que o pesquisador, ao escolher seu corpus, não restrinja os estudos apenas aos materiais verbais (orais ou escritos). Ao considerarmos o conceito de *mídiun*, sabemos que, quando modificamos as condições materiais da comunicação, também modificamos os conteúdos e a maneira de dizê-lo. Ou seja, ao mudarmos o *mídiun*, mudaremos também os elementos de análise desses textos na Web. Para Maingueneau, as cenas da enunciação são conceitos importantes para se analisar textos na Web.

De acordo com o autor, a cena pode tanto remeter a um quadro quanto a um processo. O discurso, então, pressupõe um quadro definido pelas restrições do gênero, sendo um espaço bem delimitado, mas também gerencia o quadro pela encenação de sua enunciação, uma sequência de ações. É importante ressaltar, entretanto, que a relação entre este quadro e a encenação implicada pela enunciação não é a mesma em todos os gêneros do discurso. A cena da enunciação de um gênero do discurso faz interagir três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

No que diz respeito ao quadro cênico, o autor propõe duas cenas: a englobante e a genérica, pois são elas que definem o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido. A primeira assemelha-se ao tipo de discurso, resultante “do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros do discurso.” (Maingueneau, 2015, p. 118). Esta cena define também a situação dos parceiros e um certo quadro espaço-temporal, ou seja, se essa época, nesse lugar aquele gênero faz sentido. Já a segunda, a cena genérica, representa a realidade mais tangível e imediata, pois funciona como normas que suscitam expectativas, sendo então associadas aos gêneros do discurso. Neste aspecto, cada gênero associa uma ou mais finalidades, papéis para os parceiros, um lugar apropriado para o seu sucesso, um modo de inscrição de temporalidade, um suporte e uma composição.

A cenografia, no entanto, configura-se a partir de uma encenação única, singular da enunciação, visto que enunciar não apenas ativa normas de instituição prévia. É ela quem fisga o leitor, levando o quadro cênico a

um segundo plano. A enunciação, à medida que se desenvolve, se constitui progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. De acordo com Maingueneau,

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero de discurso. (Maingueneau, 2015, p. 123)

Desse modo, entende-se que o locutor deve configurar um mundo cujas propriedades sejam tais em seu enunciado que justifiquem o próprio quadro da enunciação. Uma cenografia só se desenvolve plenamente se o locutor puder controlar seu desenvolvimento. Em virtude disso, enunciações monológicas, por exemplo, possuem cenografias mais estáveis. Já em uma interação oral, como em um debate, torna-se difícil que todos os participantes interajam em uma cenografia imposta, visto que reagem a situações imprevistas, modificando a encenação da palavra.

A cenografia, de acordo com o autor, manifesta-se em duas modalidades diferentes. Uma delas é a endógena, que fica dentro do proposto pelo quadro cênico, se relacionada com os cenários característicos da posição do locutor, no tempo e espaço específicos: de quem fala, pra quem fala, de onde fala. Neste caso, a cenografia não sobrepõe a cena genérica. A outra modalidade de cenografia é a exógena, que ocorre quando contrasta com o quadro cênico, sobrepondo-se sobre a cena genérica.

Para Maingueneau (2015), na Web a cena genérica é enfraquecida, pois os sites na Web são submetidos às mesmas restrições técnicas, produzindo uma necessidade de poder circular por hiperlinks a outro site. Dessa maneira, há uma "aplinação" das diferenças entre as cenas genéricas. Se a cena genérica é enfraquecida na Web, é a cenografia, a encenação da informação, que se destaca por mobilizar os recursos multimodais (imagem fica e móvel, ou som) e as operações hipertextuais. Segundo o autor, existem dois tipos de cenografias na Web: a cenografia digital e a cenografia verbal. A cenografia verbal é implicada pela enunciação, enquanto a cenografia di-

gital reveste a cenografia verbal que será, ao mesmo tempo, uma imagem de tela, um suporte de operações (pode-se clicar sobre determinada palavra ou grupo de palavras, ou sobre a hashtag) e um constituinte da arquitetura do site no qual ela figura (Maingueneau, 2015). As categorias as quais a cenografia digital pode ser analisada são: um componente arquitetural (o site é uma rede de páginas com hiperlinks configurados de uma maneira determinada), um componente procedural (cada site tem uma rede de instruções ao internauta), e um componente iconotextual (as imagens mostradas no site e reconstituídas em um conjunto de imagens na tela).

Não só a questão da genericidade, mas também a textualidade é abordada nas transformações da web. Para Maingueneau (2015), a web tende a desestabilizar o reconhecimento do texto principal e do paratexto (prefácios, notas de rodapé). A página não pode ser entendida em sua totalidade só com uma "olhada", é necessário rodar a tela algumas vezes. O texto é um mosaico heterogêneo do ponto de vista enunciativo e modal, e se mistura com sinais, diagramas, propagandas, citações, vídeos, etc, além dos hiperlinks para outros sites. Há uma "subversão da lógica do texto", e não necessariamente de "textos curtos", como salienta Maingueneau (2015). Há, também, a questão da transitoriedade da identidade da Web: os enunciados ou conteúdos publicados podem ser modificados a qualquer momento, perdendo sua estabilidade tradicional. A respeito do hipergênero, Maingueneau declara:

Se existem, evidentemente, "gêneros" na web, grandes categorias de sites (sites comerciais, sites de informação, sites de compartilhamento de vídeos etc), não se trata de gêneros clássicos. Temos de lidar mais com uma categorização que tem a ver com o que chamamos acima de hipergênero. Os "gêneros" de *sites* são, de fato, formatações pouco restritivas, que possibilitam muitas cenografias. (Maingueneau, 2015, p. 164)

A seguir, temos dois exemplos de análises³ que demonstram como mobilizar os conceitos até então apresentados em um texto multimodal.

³ Retirados da dissertação de Mestrado de Rosa (2019).

3. Análises

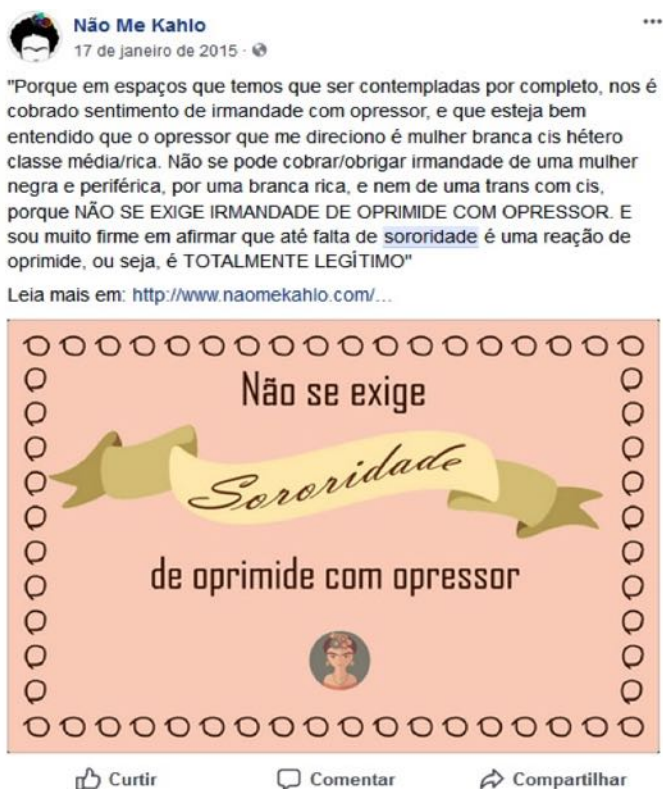


Figura 1: extraída da página "Não me Kahlo" e publicada em 17 de janeiro de 2015

A Figura 1, a seguir, foi publicada na página *Não me Kahlo*, traz em sua composição verbo-visual duas cenografias existentes. A primeira a ser identificada é uma **citação destacada** ("Porque em espaços que temos que ser contempladas por completo, nos é cobrado sentimento de irmandade com opressor, e que esteja bem entendido que o opressor que me direciono é mulher branca cis hétero classe média/rica. Não se pode cobrar/obrigar irmandade de uma mulher negra e periférica, por uma branca rica, e nem de uma trans com cis, porque **NÃO SE EXIGE IRMANDADE DE OPRIMIDE COM OPRESSOR**. E sou muito firme em afirmar que até falta de sororidade é uma reação de oprimide, ou seja, **É TOTALMENTE LEGÍTIMO**"). É possível averiguar, por meio do uso de aspas e da URL para o texto integral do blog no enunciado "Leia mais em" que se trata mesmo de um trecho de um dos textos do blog Não me Kahlo utilizado para destaque. É um

tipo de chamamento para que o enunciatório se interesse pelo texto integral e clique no link da página para lê-lo.

Nesta primeira cenografia, é possível averiguar, na formulação [1] *Porque em espaços que temos que ser contempladas por completo, nos é cobrado sentimento de irmandade com opressor*, que é um enunciado em primeira pessoa do plural e inclusivo, como se fosse direcionado a outras mulheres ("temos que ser contempladas", e "nos é cobrado"); entretanto, a primeira pessoa do plural se transforma em primeira pessoa do singular na formulação [2] *e que esteja bem entendido que o opressor que me direciono é mulher branca cis hétero classe média/rica*, a fim de trazer uma explicação para o que seria "opressor" no ponto de vista do enunciador. No caso, trata-se de um texto sobre irmandade, trazendo a questão das mulheres irmãs em pauta. Entretanto, no intradiscorso, pode-se verificar que o sentimento de irmandade, ou *sororidade*, é algo cobrado das mulheres em lugares em que elas têm de ser contempladas, ou seja, em lugares de valorização da mulher (como o lugar de feminista, talvez) e essa sororidade socialmente "cobrada" teria o dever de existir também na relação com o que o enunciador denomina de opressor (a): uma mulher que seja branca, cisgênero, heterossexual e de classe média ou rica.

Na formulação [3] *Não se pode cobrar/obrigar irmandade de uma mulher negra e periférica, por uma branca rica, e nem de uma trans com cis, porque NÃO SE EXIGE IRMANDADE DE OPRIMIDE COM OPRESSOR.*, podemos ressaltar a questão forte da negação de que essa cobrança social pela irmandade, a qual na formulação 3 é denominada sororidade (entendemos aqui como palavras de significados muito próximos), não deve ser cobrada de mulheres negras e periféricas quando se trata de ter sororidade com uma mulher que seja branca, cisgênero, heterossexual e de classe média ou rica, ou então a sororidade de mulheres transgêneros com mulheres cisgêneros.

O interdiscurso que irrompe nas formulações é o da interseccionalidade, da luta por direitos dos oprimidos, sejam eles negros, pobres, LGBT. A relação histórica de dívida que os brancos, de classe média ou ricos, heterossexuais e cisgêneros, socialmente e historicamente privilegiados têm com as minorias sociais está presente no interdiscurso: para o enunciador, não se pode exigir que haja irmandade entre uma mulher oprimida com uma mulher opressora.

O uso de "oprimide" ao invés de "oprimida" ou "oprimido" indica o uso do gênero "neutro", recurso linguístico muito utilizado atualmente na variação linguística da internet, que tem a função de agregar, num tom in-

clusivo, diferentes gêneros, não só o masculino e feminino: pode-se pensar, no caso, nos indivíduos que não se consideram nem homem e nem mulher, como os gêneros não-binários, por exemplo. Porém, é possível questionar a respeito de que gêneros seriam ou não inclusos pelo movimento feminista, já que oprime também incluiria o gênero masculino, evidenciando uma incoerência no enunciado.

Na formulação [4] *E sou muito firme em afirmar que até falta de sororidade é uma reação de oprime, ou seja, É TOTALMENTE LEGÍTIMO.*, o sujeito enunciadador afirma que a falta da sororidade, da irmandade entre mulheres em que uma delas seja uma minoria (oprimida) é uma reação legítima, ou seja, justificável. O interdiscurso que irrompe novamente nos revela o discurso da justiça, pois se trata de um acerto das dívidas históricas existentes entre as mulheres de diferentes classes sociais, orientações sexuais, gêneros e raças. A memória discursiva de acontecimentos históricos como a escravidão negra no Brasil, o atual preconceito e falta de representatividade dos negros e LGBT, incluindo os altos índices atuais de mortes por homofobia⁴ e racismo são constitutivas dos discursos que circulam no enunciado. Segundo Courtine (2009), "O interdiscurso funciona ali como preenchimento, produção de um efeito de consistência no cerne de uma rede de formulações, repetição na ordem de uma memória plena".

Porém, é necessário refletir a respeito da "falta de sororidade": seria a falta de sororidade a real competição entre as mulheres justificada pelas suas diferentes posições sociais? Seria um atestado de que essas mulheres de posições sociais distintas não devem ser irmãs no sentido eufórico de proximidade/amizade? Ou será que a falta de sororidade ocasionada pelas diferenças sociais seria a justificativa de possíveis comportamentos agressivos, como xingamentos, violências físicas e morais do oprimido ao opressor?

A segunda cenografia a ser destacada é a de uma espécie de **cartão de visitas** que convoca o interlocutor à reflexão do enunciado destacado: *Não se exige Sororidade de oprime com opressor*, retomando a formulação que aparece em letras maiúsculas na primeira cenografia, impondo a relação de importância do enunciado. O elemento visual do cartão inclui uma pequena imagem desenhada do rosto de Frida Kahlo. A mesma imagem também aparece em outras postagens da página Não me Kahlo, ou seja, tem a

⁴ "Em 2017, 445 lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTs) foram mortos em crimes motivados por homofobia", citado em URL < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em> >. Acesso em 03/06/19

função de "imagem-símbolo", ou mesmo uma "marca registrada" para as publicações. A função do cartão de visitas é que o enunciatório possa ser fisgado pelo enunciado, que o convida para a leitura da citação destacada e ao link para o texto integral no blog.

Por meio da breve análise e da compreensão das cenografias existentes na verbo-visualidade, é possível compreender que os sentidos presentes na Figura 1 representam uma sororidade mais limitada e, de certa forma, mais consciente: ela não abrange todas as mulheres pois nem sempre é possível existir essa relação de irmandade, somente quando há igualdade de posições sociais, pois há também questões históricas em pauta que podem provocar revoltas, instabilidade e, de certa forma, rivalidade entre as mulheres. A contradição constitutiva do léxico é clara ao observarmos os diferentes sentidos que circulam: há uma transformação dos elementos de uma formação discursiva, pois o interdiscurso regula suas fronteiras, que se movimentam.

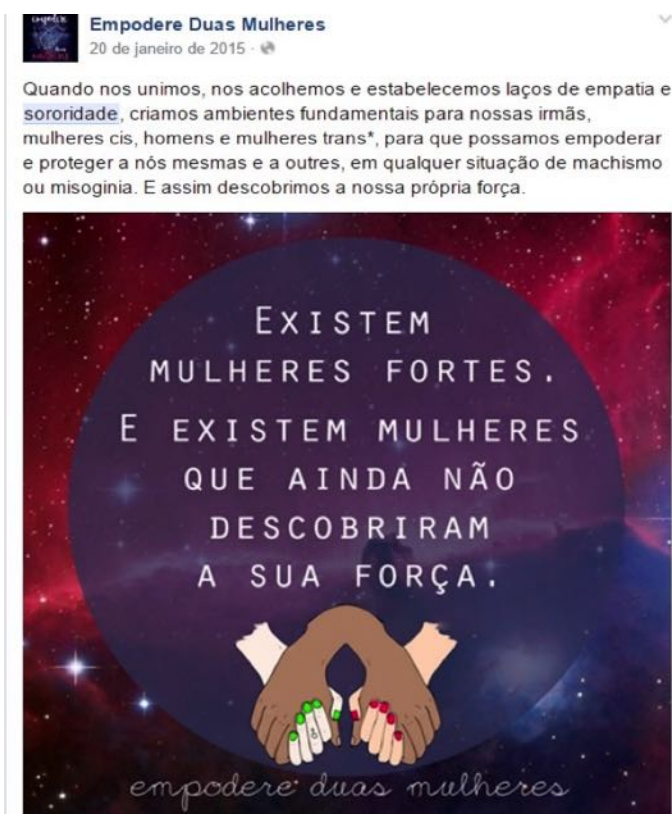


Figura 2: retirada da página "Empodere Duas Mulheres" e publicada em 20 de janeiro de 2015

Na Figura 2, pertencente à página *Empodere Duas Mulheres*, pode-se identificar a cenografia de **cartaz** no texto imagético (*"Existem mulheres fortes. E existem mulheres que ainda não descobriram sua força"*), juntamente com um **texto explicativo** que parece ser um complemento ao cartaz, pois ambos materializam o discurso da força da mulher (*"Quando nos unimos, nos acolhemos e estabelecemos laços de empatia e sororidade, criamos ambientes fundamentais para nossas irmãs, mulheres cis, homens e mulheres trans*, para que possamos empoderar e proteger a nós mesmas e a outres, em qualquer situação de machismo ou misoginia. E assim descobrimos a nossa própria força"*). Na formulação [1] *Existem mulheres fortes. E existem mulheres que ainda não descobriram sua força*, há a generalização de que toda mulher é forte pois deduz-se que existem dois grupos de mulheres: o das mulheres que são fortes e que conhecem sua força, e o grupo das mulheres que são fortes mas ainda não descobriram sua força. Aquela mulher que não se considera forte é porque ainda não se descobriu como mulher forte, que não se conhece o suficiente para identificar sua própria força. O uso do verbo "existir" nas duas orações corrobora o efeito de sentido de uma verdade, pois existem mulheres fortes, elas não são uma invenção, elas são reais. O fato de serem duas orações independentes separadas por um ponto final também valida o efeito de sentido de conclusão de uma discussão a respeito da força da mulher. Existem mulheres fortes, e "ponto final". O cartaz possui um fundo escuro e brilhante, que se assemelha a um céu noturno, e dois gestos de aperto de mãos juntamente ao nome da página "Empodere Duas Mulheres"; nesse caso, duas mãos negras apertam duas mãos brancas, trazendo a tona o discurso de inclusão, de que não só as mulheres brancas como também as mulheres negras constituem as mulheres fortes.

O texto explicativo constituído por um texto verbal procura complementar a formulação [1], e aparece na parte superior do cartaz. O enunciado evidencia como a mulher descobre sua força por meio de uma estrutura argumentativa de causa e consequência. Pois temos a formulação [2] *Quando nos unimos*, como ação que necessite ser realizada (causa) para que aconteça [3] *nos acolhemos e estabelecemos laços de empatia e sororidade*, e [4] *criamos ambientes fundamentais para nossas irmãs, mulheres cis, homens e mulheres trans** com a finalidade [5] *para que possamos empoderar e proteger a nós mesmas e a outres, em qualquer situação de machismo ou misoginia*. Se tudo isso for concretizado, as mulheres descobrirão sua força, como materializado na

formulação [6] *E assim descobrimos a nossa própria força*. Novamente o uso da primeira pessoa do singular produz um efeito de sentido de aproximação entre enunciador e enunciatário. Apesar da suposta aproximação, o que é observado nas formulações 2 e 3 é que há a manifestação de um discurso generalizante, pois não é demonstrado como se daria essa união para que se estabeleça o acolhimento, os laços de empatia e a sororidade, apesar de ser possível interpretar, por meio do texto imagético das mãos brancas e negras, que essa união se daria entre mulheres brancas e mulheres negras. Na formulação 3, também não há um aprofundamento sobre o que seriam "ambientes fundamentais", mas há a hipótese de que sejam situações propícias para que as mulheres irmãs se empoderem e se protejam de situações de misoginia e machismo, como consta na formulação 5. Na formulação 4, as mulheres irmãs seriam as mulheres cisgênero, homens transgênero e mulheres transgênero, ou seja, mesmo os homens transgênero são considerados mulheres para a formação discursiva do enunciador, talvez por serem "mulheres de nascença" e por já terem sofrido com o patriarcado e a misoginia. Apesar do texto imagético no cartaz trazer as mãos de mulheres negras, não há menção explícita a elas no texto verbal. A conclusão na formulação 6 encerra o texto verbal, que procura, com um discurso generalizante e pouco esclarecedor, semelhante a um discurso de autoajuda, "possibilitar" que as mulheres encontrem sua força.

Este artigo possui somente dois exemplos de análise; entretanto, a seguinte conclusão também considera os resultados obtidos na pesquisa de Rosa (2019), visto que somente duas análises seriam insuficientes para se obter uma consideração mais assertiva.

Considerações finais

Os exemplos de análise trazidos revelam a existência de pelo menos duas diferentes formações discursivas, as quais chamaremos de FD1 a formação discursiva presente no texto multimodal da Figura 1, e de FD2 a formação discursiva presente no texto multimodal da Figura 2.

A FD1, referente à publicação da Não me Kahlö, se posiciona em diversos momentos com um olhar crítico sobre outros discursos feministas que circulam pela web e que incluiriam, também, uma crítica em relação

ao conceito de sororidade e a discursos que apagam a memória da mulher negra e das diferenças sociais, culturais, de classe social, de raça etc. entre mulheres. A FD1 considera o movimento feminista como heterogêneo, com discursos relacionados à interseccionalidade e ao anti-capitalismo, se aproximando mais do feminismo marxista⁵. A FD2, referente à publicação da Empodere Duas Mulheres, manifesta discursos como o do acolhimento, da união de mulheres, próximo ao discurso de autoajuda (a própria mulher deve se cuidar, se empoderar e se fortalecer para que também possa empoderar outra mulher), juntamente a generalizações que descartam as diferenças entre as mulheres, homogeneizando o movimento. Ainda observa-se, nas análises em Rosa (2019), que as formações discursivas das publicações analisadas são variadas, o que comprova a heterogeneidade dos discursos que compõem o movimento feminista; portanto, as análises apresentadas neste artigo não dão conta de demonstrar essa heterogeneidade. De acordo com Rosa (2019), pode-se averiguar que, apesar das duas páginas serem consideradas feministas, há diferenças que compõem o funcionamento dos discursos apresentados por elas devido a formações discursivas diferentes, pois cada texto multimodal é atravessado por diversas formações discursivas.

Entretanto, nos vem o questionamento: como o discurso feminista é construído por meio do mídiu e do hipergênero web ou, mais precisamente, no Facebook? Quais os conjuntos de regras ou de elementos que determinam os discursos que puderam ser evidenciados nessa análise? Acreditamos que a web como mídiu e hipergênero viabiliza a construção de discursos de pouca legitimidade, ou mesmo discursos muito generalizantes, vazios, de poucos esclarecimentos ao enunciatário, pois, de acordo com Paveau (2017), a acessibilidade na web permite oradores comuns, sem especialização técnica, literária, jornalística etc. Ou seja, para enunciar em uma página do Facebook, não é necessário possuir algum tipo de formação acadêmica ou habilidade na escrita, possibilitando que muitos tipos de sujeitos manifestem seus discursos sem muitas restrições. O fato, também, de raramente haver alguma referência bibliográfica sobre um texto imagético ou um texto verbal propicia a circulação de outros efeitos de sentido, que poderiam ser mais delimitados se houvesse uma referência bibliográfica presente.

⁵ Para mais esclarecimentos sobre o feminismo marxista, ver Fougeyrollas-Shwebel, 2009.

A instabilidade dos textos suscita no problema da identidade da obra (Maingueneau, 2015), pois os textos publicados no Facebook podem ser alterados a todo momento, tanto em seu conteúdo quanto na posição ou escolha dos elementos imagéticos, assim como podem ser deletados das páginas a qualquer momento. Essa oportunidade do enunciador alterar o texto pode provocar instabilidade também nos sentidos ali produzidos, pois mudar uma palavra ou uma expressão pode corroborar para que outros sentidos circulem ou deixem de circular.

Outra questão relevante é que o Facebook oferece a possibilidade de textos curtos ou textos longos, sem um limite de caracteres pré-estabelecido. Entretanto, verifica-se uma predominância de textos mais curtos, que ficam entre 100 letras e dois ou três parágrafos de poucas orações, como observados nos textos multimodais do corpus de análise (Rosa, 2019). Os textos curtos ou mesmo incompletos (como os textos que são citações ou partes de um todo que estaria no blog da página, por exemplo) é outra característica evidente dos textos analisados por Rosa (2019). Essa configuração também possibilita o aparecimento de discursos pouco fundamentados, abrindo o leque para diversas interpretações já que não há um encerramento dos textos, mas sim uma parte dele evidente na publicação. O dialogismo seria outra característica presente em algumas publicações que pretendiam interagir com o enunciatário, e essa configuração se torna comum no hipergênero web, possibilitando uma troca a partir de uma intersubjetividade.

Além disso, as cenografias das postagens analisadas foram variadas, apesar de apresentarem algumas regularidades. As cenografias identificadas nas publicações analisadas neste artigo foram: citação destacada, cartaz, texto explicativo e cartão de visitas. Em Rosa (2019), outras cenografias aparecem, como verbetes, convite, comentário, texto de divulgação etc. Entre as regularidades apresentadas em Rosa (2019) tem-se, pela página Empodere Duas Mulheres, o uso constante de elementos como o fundo de céu azul, ou imagens de flores. A configuração iconotextual do cartaz, que mobiliza o texto verbal e o texto imagético, também se tornou uma regularidade: normalmente o texto ao centro, e a imagem ao fundo.

A presença de vários tipos de cenografias só confirma o fato da web pertencer ao hipergênero, cujas poucas restrições permitem essa variedade e proporciona as mais diversas configurações iconotextuais (posição entre texto verbal e texto imagético, escolha das cores, fontes etc.).

Referências

- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- EMEDIATO, Wander. **Discurso e Web: as múltiplas faces do Facebook**. Revista da ABRALIN, São Carlos, v.14, n.2, p. 171-192, jul./dez. 2015.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos feministas. In: HIRATA, Helena *et al.* **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.144-149
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. **Gêneros do Discurso e Web: existem os gêneros web?** Revista da ABRALIN, São Carlos, v.15, n.3, p. 135-160, jul./dez. 2016.
- _____. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- _____. **Doze conceitos da Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.
- PAVEAU, Marie-Anne. Féminismes 2.0. Usages technodiscursifs de la génération connectée. In: **Argumentation et Analyse du Discours** [Online] n. 18, 14 de abril de 2017. Disponível em <<http://journals.openedition.org/aad/2345>> . Acesso em 11 de maio de 2018.
- ROSA, Mariana Guidetti. **Sororidade e empoderamento: uma análise do discurso feminista no Facebook**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

Discurso e memória: o materno e o sagrado na relação com a história

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

Luciana Carmona Garcia Manzano

Marco Antonio Almeida Ruiz

Introdução

As novas mídias digitais têm contribuído muito para a emergência de discursos sobre (e acerca da) a mulher, levantando, de certo modo, muitos dos estereótipos pré-estabelecidos na sociedade ao longo da história, tais como: “frágil”, “protetora”, “do lar”, ressaltando um espaço “privado” a ela concedido e imposto, em contrapartida ao do homem, que ocupa o lugar “público”, responsável pelo sustento da família. Assim, ao retomarmos a mulher nesse espaço discursivo da história, que a subjetiva a partir desses “lugares” pré-determinados e estereotipados, partimos, neste capítulo, para a observação de lugares de memória da mulher-mãe na prática da amamentação, como figuras importantes no seio da construção social.

Nesse sentido, a imagem de mulher-mãe é construída socialmente a partir de certas posições discursivas, em que se associa a mulher e seu filho numa relação íntima e bastante única, discursivizando memórias outras na história dessa formação social. Ao pensarmos na mãe amamentando seu filho, associamos uma imagem na história que é textualizada no e pelo discurso por meio de pré-construídos, ligando-os, de certo modo, aos efeitos de sentidos do sagrado, do particular, entre outros. Dessa maneira, podemos pensar o conceito de iconicidade, no sentido de Foucault, em que “o sentido onde o discurso tanto pode ser um fragmento de imagens quanto uma centelha de linguagem” (COURTINE, 2013, p. 42).

A textualização dos corpos em discurso ocorre pela memória do social, a mulher-mãe adquire um lugar discursivizado na sociedade por meio da

memória social a ela construída e delimitada. Em outras palavras, as imagens são inseridas em uma cultura do visual, que, em parceria com o indivíduo, é responsável por compor, ao seu lado, uma memória do visual, em que há ecos que ratificam uma memória das imagens. Conforme Courtine (2013), “existe um ‘sempre já’ da imagem”, ou seja, são memórias das imagens externas, “mas pode ser uma memória das imagens internas, sugeridas, ‘despertadas’ pela percepção exterior de uma imagem” (p. 43).

Baseados nessa relação de memória de imagens acerca do papel da mulher-mãe na sociedade, temos como objetivo promover uma leitura de representações imagéticas que recuperam uma dada significação da mulher enquanto mãe, dos discursos produzidos em torno de sua figura materna no processo de amamentação, pensando na relação da mãe com o seu filho. Para tal, trazemos para nossa análise o conceito de intericonicidade postulado por Courtine (2013), que possibilita, a partir da leitura de imagens externas, recuperar memórias internas de imagens que retratam o discurso da mulher-mãe na história, corroborando certos imaginários e trazendo novas configurações imagéticas que reverberam ressignificações. Assim, para nossa investigação, elencamos um conjunto de imagens extraídas das mídias digitais, sobretudo de perfis do *Instagram*, que recuperam uma certa memória discursiva no e pelo discurso a fim de ressaltar uma certa historicidade no bojo da nossa formação social. Vemos, pelas figuras elencadas, uma memória discursiva sobre a importância da amamentação sendo reatualizada a partir de novas inscrições sociais e históricas, que são retomadas pelas práticas discursiva.

Do discurso às imagens: a intericonicidade na ressignificação de memórias

A memória alça o discurso à condição de patrimônio verbal de uma classe a partir do passado e do coletivo que a ampara: “Se o discurso é um lugar de memória, é porque ele traz o vestígio [...] das flutuações e das contingências de uma estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas rupturas.” (COURTINE, [1981] 2006 – p. 92). Para tanto, é importante pensarmos na questão do interdiscurso, responsável por postular certos discursos que partem de um já dito e refletem,

assim, em outro dito posterior, porque estão em cadeia. Nesse sentido, em todo discurso se fazem presentes discursos anteriores a ele que se significam e se ressignificam constantemente. A memória discursiva é peça fundamental para o processo interdiscursivo, pois permitirá o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a formações discursivas posicionadas historicamente.

Partindo dessa questão, é significativo buscar o interdiscurso dentro do discurso sobre o feminino e o materno na atualidade porque podemos observar como se dá a apropriação de discursos anteriores atribuídos à história da inscrição da mulher enquanto sujeito em uma sociedade sexista, machista e patriarcal, de que modo os sentidos são promovidos a partir dessas retomadas e como se (re)significam ao (des)construir os lugares possíveis para o feminino.

Para dar conta da constituição do sujeito falante em sujeito ideológico de seu discurso, a Análise do discurso (AD) deve responder, na relação entre memória e discurso, o que significam “lembrar”, “esquecer”, “descobrir” para um sujeito enunciator tomado no desenvolvimento histórico das práticas discursivas reguladas pelas formações discursivas (FD). Nessa perspectiva, encontramos a possibilidade de aplicar as noções de memória e discurso no que concerne aos acontecimentos discursivos que trazem à tona a imagem da mulher-mãe no lugar do sagrado, por considerarmos que essa memória atua de maneira a produzir sentidos que se (re)significam no confronto dos discursos que abordam esse tema.

O sujeito do discurso se constrói a partir de um conjunto de modos de enunciação que a “ordem do discurso” lhe impõe, restringindo e orientando as possibilidades do enunciado, de modo que apareçam legitimação de discursos que o colocam como testemunha do real do mundo, a partir da memória histórica como processo discursivo – repetindo discursos que devem poder ser lembrados, apagando outros que permanecem em vigília, saturando, fazendo funcionar os sentidos. Assim, ao analista cabe questionar os modos de funcionamento (que fazem lembrar e esquecer) e de existência material dessa memória discursiva, dos vestígios da história, de suas continuidades e rupturas.

A arqueologia busca apreender o discurso em sua extensão de acontecimento, considerando o enunciado em sua articulação entre singularidade e repetição. A singularidade do enunciado se inscreve em sua irrupção his-

tórica, sua unicidade como acontecimento “que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” ([1986] 2000, p. 32). Por outro lado, sua repetição se instaura a partir da consideração de que a emergência de um enunciado pressupõe jogos de relações com outros enunciados, e é necessário descrever os jogos de relações entre eles, numa tensão dialética entre singularidade/repetição: “de um lado, ele [o enunciado] é um gesto; de outro, liga-se a uma memória, tem uma materialidade; é único, mas está aberto à repetição e se liga ao passado e ao futuro” (FOUCAULT, [1986] 2000, p. 32).

O interdiscurso, a partir dessa reflexão, é o que fala “sempre, antes, fora, ou independentemente em outro lugar”, e é sob sua dependência que se instauram os sentidos no interior das FDs. Na formulação de Courtine (1981), o interdiscurso funciona como o lugar em que se estabelecem – para um sujeito que enuncia uma sequência discursiva dominada por determinada formação discursiva – os objetos de que tal enunciador se apropria em seu discurso, além das articulações entre esses objetos no intradiscurso, formulação da sequência discursiva que ele enuncia. Ao fazer dialogar as reflexões de Pêcheux e Foucault, Courtine (1981) sugere que se pense as formações discursivas como fronteiras que se movem e são impelidas pela memória discursiva, que traz enunciados à lembrança ou os joga ao esquecimento, provocam sua repetição ou seu silenciamento.

Em se tratando de nosso material de análise, que se constitui de materialidades sincréticas por sua composição (verbo-imagem), é possível compreender que o já dito antes, em outro lugar, pode se apresentar materialmente tanto em verbo como em imagem e que estas também podem ser analisadas em sua formulação. Se, para o que é dito, olhamos seus efeitos a partir de um interdiscurso, para a imagem, observamos seus efeitos a partir da intericonicidade, que parte da concepção (cf. COURTINE *apud* MILANEZ, 2006) de que toda imagem se perpetua numa cultura visual a partir da qual se constitui uma memória social das imagens – é a essa memória imagética que se nomeia intericonicidade. Além delas, existem as imagens produzidas pelo sujeito, sugeridas pela percepção de uma imagem externa, e que também constituem uma memória. Em virtude disso, a intericonicidade, em uma relação aproximativa com o interdiscurso, está ligada tanto ao gesto de (re)estabelecer uma memória imagética como ao de modificá-la, (re)atualizá-la, reestruturá-la.

Tais imagens, inseridas no campo discursivo, ao serem formuladas e postas em circulação, correspondem a um domínio de memória de onde se extraem outras formulações com as quais a primeira formará uma série, um conjunto de regularidades (COURTINE, 1989). No caso de nosso objeto de estudo, as regularidades em torno da construção da imagem da mulher na história da civilização instauram esse domínio de memória de onde se constitui o efeito de sentido do sagrado. Essa memória pertence à existência histórica desse enunciado imagético inserido nas práticas discursivas das relações sociais, como origem de outras imagens que o (re)atualizam, que o representam, que o transformam.

Assim, tais lugares de memória dão corpo à noção de memória discursiva, que funciona no interdiscurso e dá sentido ao dizer. Ela, de acordo com Courtine (1981), estabelece ao enunciado uma existência histórica. Na formação dos enunciados se constitui o saber próprio de uma FD, por isso eles são tomados no tempo longo de uma memória (o interdiscurso), e as formulações, inscritas no intradiscurso, intervêm no tempo curto da atualidade de uma enunciação.

Por conseguinte, é na relação entre inter e intradiscurso que a memória irrompe na atualidade do acontecimento. Conforme Courtine (1981), o interdiscurso funciona como uma reconfiguração ininterrupta na qual determinado saber incorpora elementos pré-construídos outros, exteriores ou interiores a seu campo discursivo, retomando, repetindo, transformando, apagando ou silenciando-os. Esse interdiscurso opera uma memória discursiva, que se materializa a partir do que e de como nos lembramos de determinados elementos que se mostram no interior de práticas verbais e não verbais, e permite a circulação e a articulação entre um enunciado e sua formulação. É a partir dessa repetição de elementos que encontramos os efeitos de memória imbricados na circulação do discurso.

Fonseca-Silva (2007) afirma que, do ponto de vista da análise do discurso, toda materialidade simbólica funciona como um lugar de memória discursiva, porque o símbolo investe os lugares de memória. Nesse caminho, o discurso que opera de maneira sincrética faz trabalhar efeitos de memória que se constituem a partir de elementos imagéticos: a regularidade na circulação desses elementos e os efeitos de memória que eles operam pertencem ao domínio da intericonicidade. Sobre essa noção ainda, Courtine (apud MILANEZ, 2006) considera um modelo discursivo que

faz referência à imagem pelo fato de que toda imagem supõe uma memória visual e faz ressurgir outras, a intericonicidade também opera a memória discursiva por (re)significá-la. Ao nos depararmos com algumas imagens, recuperamos outras e/ou outras representações discursivas que se estabilizaram num domínio de memória na história e que atravessam a imagem que se coloca em circulação num domínio de atualidade. Logo, a repetição, a recitação, a refutação ou a negação das formulações icônicas/discursivas refeitas em outras materialidades produzem efeitos de memória específicos, o que possibilita, com isso, a partir da imagem, um retorno de temas e figuras do passado, que os coloca na atualidade e é responsável por provocar uma certa emergência na memória do presente (GREGOLIN, 2000).

Segundo Pêcheux (1999, p.51), a memória é “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos”. Além disso, ela reaviva os pré-construídos que são indispensáveis para a leitura de um texto (PÊCHEUX, 1983, apud FONSECA-SILVA, 2007, p. 24). A memória, segundo Halbwachs (1950 apud FONSECA-SILVA, 2007), é construída socialmente e depende da linguagem.

Para Courtine (1994), ela é social, coletiva, e constituída na relação entre a linguagem e a história. Portanto, ela (re)significa a partir dos significados constituídos historicamente nas práticas sociais, e (re)atualiza o passado segundo a posição que um indivíduo ocupa em determinado grupo social (família, escola, religião etc.). No que concerne à imagem, Davallon postula que ela funciona como um operador da memória social, porque traz em si mesma a constituição de objetos culturais: “os objetos culturais abrem a possibilidade de um controle da memória social (DAVALLON, 1999, p. 27). A imagem funciona como um disparador que abre a possibilidade de uma relação direta da imagem como representação da realidade. E é como representação de uma realidade que ela produz sentido, e pode “conservar a força das relações sociais” (DAVALLON, 1999, p. 27), pois a imagem é, concretamente, uma produção cultural e, conseqüentemente, um símbolo eficaz.

[...] se a imagem define posições de leitor abstrato que o espectador concreto é convidado a vir ocupar a fim de poder dar sentido ao que ele tem sob os olhos, isso vai permitir criar, de uma certa maneira, uma comunidade – um acordo – de olhares: tudo se passa então como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista (DAVALLON, 1999, p.31).

Essas regularizações intericônicas, que reforçam os sentidos da interposição oral, verbo-visual e sonora, têm suas condições de existência reguladas pelas práticas socioculturais que constroem historicamente determinados sentidos no domínio de memória discursiva que indicam, disseminam, cristalizam e autenticam modos de pensar que operam na sociedade. Essas práticas se inscrevem em diversos outros domínios de saber e deslizam para o campo do dizer sobre a mulher, de onde continuam produzindo efeitos de memória que poderão ser objeto de discursos futuros. Desse modo, esse todo significativo se inscreve na memória discursiva porque entra em uma rede de significados, que circula entre os domínios de saber e proporciona deslocamentos, repetições, apagamentos, esquecimentos, retomadas, atualizações e transformações.

A memória confere ao discurso a condição de patrimônio verbal de uma classe a partir do passado e do coletivo que a ampara. A questão do interdiscurso postula que os discursos partem de um já dito e refletem em outro dito posterior, porque estão em cadeia. Assim, em todo discurso se fazem presentes discursos anteriores a ele, que se significam e se ressignificam. A memória discursiva permitirá – dentro de uma formação discursiva – o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a FDs posicionadas historicamente. Partindo dessa questão, é significativo buscar o interdiscurso dentro do embate entre práticas discursivas no campo do discurso sobre a mulher-mãe - que promove efeitos de sentido sobre o gênero feminino -, ou seja, busca como se dá a apropriação de discursos anteriores inscritos na história, de que modo são trazidos e como se (re)significam.

Com efeito, segundo Courtine (2011), a ideia de memória discursiva carrega o fato de que não existiria um discurso que possa ser interpretado sem referência a uma memória, pois há sempre um “já lá do discurso” que será apreendido por meio do interdiscurso, entendido como um “discurso-transverso que atravessa e põe em conexão entre si elementos discursivos

constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante” (PÊCHEUX, 1997, p. 167).

Em entrevista, KOGAWA (2015) relata que é importante tomar a questão da memória a partir do conceito de interdiscurso¹ e, portanto, pensar no fato de que haja sempre palavras sob as palavras, discurso sob o discurso, e, portanto, ao se propor a refletir sobre o funcionamento das imagens, olhar para um “já lá da imagem” e imagens sob as imagens, o que significa que toda imagem faz ressurgir outras sob uma dimensão genealógica e memorial. Tais imagens tanto podem ser exteriores aos sujeitos como as que podemos documentar materialmente e, portanto, percebidas sobre suportes exteriores aos sujeitos quanto imagens mentais que povoam o imaginário. Portanto, toda imagem seria uma relação de imagens inscritas em uma rede de outras internas ou externas aos sujeitos.

Do mesmo modo que para compreender textos, é necessário que a memória de outros textos seja mobilizada, o chamado interdiscurso, há também uma memória que precisa ser mobilizada para que possamos produzir sentido ao nos depararmos com as imagens, é o que se denomina intericonicidade. Nas palavras de Courtine (2013, p.42):

Toda imagem se inscreve numa cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. [...] Esta memória das imagens pode ser uma memória das imagens externas, percebidas, mas pode ser igualmente a memória das imagens internas, sugeridas, ‘despertadas’ pela percepção exterior de uma imagem.

A intericonicidade presume que se coloque em relação imagens internas, externas, imagens de lembrança, imagens de rememoração, assim não seria possível entender a imagem sem fazer ressurgir outras já vistas ou imaginadas. A intericonicidade para Courtine (2013) abre caminhos para se pensar no imaginário humano, já que, para além de sujeitos produtores, os indivíduos seriam intérpretes e suportes das imagens de sua cultura. Daí a complexidade e a riqueza desse conceito que estabelece a relação de imagens

¹ Segundo Milanez (2013, p.346), “Ao lado do conceito de interdiscurso, mobilizado pelo grupo de Pêcheux em Paris, Courtine aproximará o conceito de enunciado, desenvolvido por Michel Foucault, em 1969, em seu livro *Arqueologia do Saber*. Esse intrincamento de duas posições discursivas baseia o que Courtine (1981, p. 52) denominou de memória discursiva, afirmando que ‘A noção de memória discursiva concerne à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas’”.

a partir de um catálogo memorial do indivíduo, podendo ser seus sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou até mesmo fantasmagóricas que povoam o imaginário.

O fato das imagens estarem essencialmente ligadas emerge em virtude delas fazerem parte de um conjunto de pensamentos e saberes comuns a um grupo em que estamos inseridos em determinado momento da história. Nesse sentido, entendendo a memória a partir de uma perspectiva discursiva, é possível dizer que o mecanismo da memória coletiva é constituído também por esquecimentos que aparecem em diferentes momentos de enunciação e essa retomada de uma memória no embate com outras é que vai produzir um acontecimento.

Logo, a memória das imagens enquanto discurso sob a perspectiva da intericonicidade pode ser mobilizada para operacionalizar um acontecimento discursivo, como tentaremos mostrar nas análises seguintes a partir da hipótese de pesquisa que levantamos anteriormente acerca da maternidade, ou seja, imagens são mobilizadas para construir e deslocar determinados efeitos de sentidos para produzir um novo discurso.

A mulher-mãe e o sagrado: intericonicidade na amamentação

A sociedade contemporânea vive crescentemente a era do digital, em que a forte presença de imagens, na sua relação com o verbal, têm promovido uma “tecnologização dos discursos”, isto é, um processo de ressignificações de discursos, nas tramas da história, por meio da sua relação com a máquina e a tecnologia. Assim, cada vez mais é possível encontrarmos uma memória discursiva que se reatualiza e se ressignifica a partir das condições de produção de um “sempre já” do discurso. Faz parte desse processo de “tecnologização” a formulação e a circulação de imagens que discursivizam efeitos de sentidos variados ao ratificar certas emergências discursivas.

Assim, analisar os ecos produzidos pelas imagens ao longo da história e compreendê-los como um processo de discursivização que ressignificam e reatualizam uma dada memória faz parte desse nosso trabalho investigativo como analistas de discurso. A partir do imaginário social, das imagens criadas e reverberadas em sociedade sobre o papel da mulher-mãe e o processo de amamentação, temos como objetivo apresentar um primeiro es-

boço analítico sobre um modelo de discurso que urge nas novas mídias, que se faz (re)significar a partir das imagens que retomam, na história, certos traços já-ditos e significados.

Em outras palavras, como certos gestos, certas posições e produções imagéticas discursivizam um sempre já-dito no e pelo discurso, este representado não só por palavras, mas também por um complexo de imagens que, no conjunto, ratificam uma dada cultura e a compõem de sentidos ao longo das tramas da história. Partimos, assim, para a observação da intericonicidade no processo de discursivização da amamentação, em que supomos colocar “em relação imagens externas, mas igualmente imagens internas, (...) da lembrança, (...) da memorização, (...) das impressões visuais estocadas pelo indivíduo (COURTINE, 2013, p. 43). Nesse sentido, podemos dizer que é impossível não retomarmos outras imagens que nos façam ressurgir discursos já conhecidos e cristalizados em sociedade, de situações que já tenham sido outrora vistas ou concebidas sócio-historicamente.

Para tal empreendimento analítico, observamos as produções das imagens nas mídias digitais contemporâneas, em especial, os discursos sobre a amamentação e o papel da mulher-mãe. Vemos, pois, a reverberação da sua imagem como a responsável pelo processo de cuidar do filho, amamentando-o diretamente do peito, reverberando o sentido do cuidado, do zelo, do amor e do gesto de proteção diante de tudo e todos. Essa interpretação é possível graças à regularidade dessa discursivização, tomando a figura da mãe com o filho nos braços, pois ao longo da história, criou-se esse efeito imagético diante de tantas imagens de mães que seguram seus filhos em diferentes situações como gestos de proteção e de cuidado.

Podemos retomar, como exemplo, a escultura de Michelangelo, *Pietà*, que representa Jesus morto nos braços da Virgem Maria. Numa primeira leitura, a relação é a da mãe com o seu filho, uma imagem que retrata o amor protetivo diante da prole. Indiretamente, mesmo que o ato de amamentar não seja o foco da escultura, vale destacar o gesto e o posicionamento dessa representação que traz consigo uma historicidade e uma memória instaurada, criadas sobre o efeito de sentido de carinho, de amor, de cuidado, de zelo e de proteção inscritas pela posição do filho no colo da mulher. Seria, pois, a representação de um espaço íntimo de proteção, do fato ligado ao momento sagrado, pois deitar-se no colo da mãe representa, metonimicamente, o amor sagrado, corroborado pela composição imagé-

tica que inscreve a Virgem Maria e Jesus Cristo, inscrevendo-se como ícone do forte laço entre mãe e filho. Com isso, consolida-se como imagem na memória do social presente na história, reproduzindo e trazendo consigo uma cultura visual bastante significativa dessa relação do feminino. Vejamos a imagem a seguir:



Figura 1: Pietá²

Como forma de ratificar tal gesto de carinho e amor, presente na imagem da Pietá, certos traços da historicidade do discurso inscritas na escultura se colam a uma memória que se ressignifica a partir dos enunciados que circulam nas mídias, em campanhas a favor da amamentação e de discursos sobre a maternidade. Vemos, pois, uma certa regularidade na dispersão de discursos que textualizam a relação entre mãe e filho. Podemos dizer, assim, que a intericonicidade, nesse conjunto imagético, relaciona certas conexões de imagens recuperadas e ratificadas no seio de uma memória social.

Em outras palavras, a imagem de Pietá ecoa, na história, pelos indícios enunciativos que (re)atualizam os discursos sobre a mulher na contempo-

² Imagem de arquivo pessoal, junho 2016.

raneidade. Trata-se, pois, de “relacionar conexões de imagens: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita numa série de imagens, uma arqueologia, à maneira do enunciado numa rede de formulações (...)” (COURTINE, p. 44). Observemos a imagem a seguir:



Figura 2: Post do perfil do Instagram pediatriadescomplicada

A figura 2, por sua disposição imagética, inscreve indícios visuais que ratificam o devotamento da mulher à família e aos filhos. Em um dos vários *posts* que trazem a temática da amamentação na *Semana do Aleitamento Materno de 2017* (SMAM), o perfil *@pediatriadescomplicada*, de autoria de uma médica pediatra, publicou a imagem de sete mães amamentando seus filhos ao mesmo tempo e o que se destaca é o gesto de oferecer o seio: algumas olham para a câmera, outras para os filhos; contudo, o que se sobressai é o ato de amamentar como algo exclusivamente feminino, sagrado e que a aproxima, de certo modo, da imagem historicamente constituída da Virgem Maria, representada pela imagem de Pietá; há, pois, uma memória discursiva sendo recuperada no social, que associa este ato de cuidado e carinho ao amor sagrado da Virgem a Jesus. Vejamos a materialidade verbal empregada na composição do todo discursivo em análise:

Nunca subestime o poder de uma mulher
Esse poder que só a mulher tem, de gerar, de nutrir.
Esse poder que a mulher tem de cuidar e amar.

Esse poder que só a mulher tem, de transformar, inventar, criar, se reinventar.

Esse poder que só a mulher tem de proteger, ser leoa e ser abrigo.

De ser mãe, esposa, filha, avó, tia, dinda.

De ser mulher e ser guerreira.

Nota-se que a materialidade verbal constrói para a mulher, por meio da própria repetição do vocábulo “poder”, um lugar de poder exclusivo à mulher-mãe, que não é o lugar do humano, é o lugar do sobrehumano, como se a ela não pertencesse o lugar possível para todos os sujeitos: é o lugar do altar, o lugar do sagrado. E por ocupar esse lugar do sagrado, a ela não é permitido ocupar os outros lugares sociais que, por conseguinte, só pertencem ao homem, o lugar do humano. Constrói-se, assim, um não-lugar para a mulher-mãe: ela não pode ocupar efetivamente o lugar de sujeito de ação social, porque é mãe, tampouco auferir as benesses de um lugar sagrado, pois não alcança, em vida, a redenção divina. Na prática social, o discurso do sagrado materno lhe fecha as portas para a ascensão social, para o mercado de trabalho, para a autonomia da escolha.

O que se pode entender é a construção de efeitos de sentido acerca da divindade da maternidade, não estar em consonância com o que é proposto como algo divino é, então, negar algo que lhe seria sagrado; uma das possibilidades interpretativas é a romantização acerca do papel da maternidade na figura 2, mesmo buscando mostrar mulheres-reais, ocorre a representação da mulher-mãe divina. Assim, observamos que a mãe dá o seio esquerdo e, considerando a leitura da imagem, que, ainda que seja multidirecional, favorece um olhar da esquerda pra direita e promove a associação entre o seio e o coração, fazendo emergir efeitos de sentido que instauram a representação do amor como o sentimento que provém do órgão muscular.

Há, ainda, na figura 2, a promoção de sentidos inscritos no interior de uma formação discursiva de sacralização materna, em que a relação entre mãe e filho é exclusiva e inquestionável; observemos a postura das mulheres na imagem que intericonicamente dialoga com a imagem da Pietá quando segura o seu filho morto. É possível observarmos uma gestualidade similar ao segurar o filho, que faz emergir, no campo simbólico, sentidos que se ligam a uma subjetivação de sacrifício e dedicação materna. Assim, cons-

trói-se o papel da mulher de modo esquematizado e categorizado conduzindo a produção de um estereótipo. A boa mãe, a que se sacrifica, paciente e perfeita seria também a representação da Virgem Maria³ em um país de maioria católica, que tem por dever divino cuidar exclusivamente do filho de Deus - a maternidade também é elevada a uma dádiva de Deus -, em um lugar histórico e social que constrói um (único) lugar possível, aquele em que as mães são abnegadas e suportam todas as contrariedades de forma controlada, ela é o anjo do lar, o esteio da família, o ser protetor. Essas formas de representar a mãe são necessárias (AMOSSY; PIERROT, 2001) para os processos cognitivos, já que é preciso relacionar o que vemos a modelos preexistentes para poder compreender o mundo.

Todavia, é preciso também analisarmos as reatualizações de memória sobre a amamentação e os gestos e imagens que cristalizam os discursos. Vemos, pois, uma ressignificação do corpo feminino que se dá por meio da realidade na memória do discurso. Observemos a imagem a seguir:



Figura 3 - Post do perfil de Mariana Maffeis

Na imagem, postada na página de Mariana Maffeis do Instagram, é possível observarmos uma entusiasta da amamentação, filha de uma das apresentadoras mais conhecidas na televisão brasileira, Ana Maria Braga,

³ Na história da Arte, a Virgem Maria (Madonna) tem uma representatividade bastante ampla e obras como a Pietà, de Michelangelo, são ícones da representação de mãe.

numa atividade de yoga, amamentando sua filha em uma posição não tradicional, que abre as possibilidades de sentido tanto para o espanto como para o sobrehumano, apontado na análise anterior. O tema da amamentação está presente na imagem pelos traços que o identificam, porém, o processo histórico constituído de lembrar o carinho e o amor, por meio do leite materno, é invertido, literalmente. A posição da mulher no processo da amamentação produz uma quebra na memória discursiva produzida ao longo da história, e promove um efeito de inversão de valores e uma reatualização da memória no e pelo discurso. A mãe, para amamentar, não precisa sempre se portar da mesma maneira, o amor não está preso a uma forma abstrata presente no imaginário social, mas sim no gesto de doação, de carinho e amor, assim como na ligação entre a mãe e o filho, não importando a posição ou gesto que os representam.

Os processos discursivos adquirem novos cenários a partir de novas situações de discursos e por meio dos movimentos sociais, luta pela igualdade de gêneros e a presença cada vez mais forte da mulher no mercado de trabalho tem provocado uma redefinição dos traços e gestos da amamentação. A ressignificação do sagrado nem sempre permeia esse novo ideal da mulher-mãe e, com isso, associa-se às novas realidades discursivas, às novas condições de produção, embora ainda haja espaço para efeitos de sentido para o profano, na medida em que a exposição da amamentação e do seio feminino desloca o olhar do sagrado. Observar as novas realidades discursivas é pensar o contínuo no descontínuo da história, em discursos que permitem uma nova ressignificação da memória da relação da mãe com seu filho a partir desse processo de “tecnologização discursiva”.

Considerações finais

Neste capítulo, buscamos interpretar as representações icônicas contemporâneas que, ao mesmo tempo em que cristalizam dadas significações sobre o papel da mulher-mãe na sociedade, jogam com a (in)estabilidade dos estereótipos que ecoam na história dentro dos espaços de circulação que fazem emergir o discurso sobre a mulher-mãe e seu papel no processo de amamentação e da relação com a prole.

A intericonidade trazida à tona pelo olhar do analista torna possível observar o funcionamento da subjetividade historicamente construída

como um lugar possível para a maternidade, sobretudo, o lugar da amamentação, assim como os espaços de ressignificações que abrem novos sentidos possíveis para a expressão da singularidade na relação entre mãe e filho. Ademais, por meio da intericonicidade, podemos observar os ecos de memórias ressignificados no e pelo discurso, isto é, como certos valores, por mais que sejam marcados historicamente, podem ser rememorados por novas construções e/ou novas condições de produção, promovendo, assim, novas instâncias enunciativas e a instauração de novas memórias. No caso da amamentação, por exemplo, como uma imagem “invertida”, retratada pela figura 3, ratificamos o valor social e o significado do ato de amamentar, da relação sagrada e íntima da mãe com o seu filho na memória do social, todavia, esta ressignificada, pois tal ato é desconstruído pela imagem invertida da mãe, “quebrando”, de certo modo, a memória pré-estabelecida.

Enfim, os sentidos inscritos nos fragmentos icônicos que recuperam uma memória e permitem a instauração de sentidos outros conduzem à interpretação de outros lugares possíveis de significação para a maternidade, que se inserem na memória do visível entre ecos e (re)atualizações da percepção do corpo feminino na posição de mãe. Esse olhar imagético contribui, assim, para o processo de novas ressignificações a partir do funcionamento discursivo, do ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade que sempre pulsa e estimula novos sentidos. Não queremos, com isso, esgotar o assunto, ou promover uma única leitura sobre o fato elencado, mas instigar à novas considerações do social a partir do lugar de enunciação, das condições de produção e as práticas discursivas que constantemente adquirem novos contornos e querelas.

Referências

- AMOSSY, R. & PIERROT, A. H. **Esteriotipos y clichés**. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 1ª ed. 4ª. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2001. Ed. original: 1997. Enciclopedia Semiológica. 136p.
- AMOSSY, R. **Esteriotipagem e construção de uma imagem de si**. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do Ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Analyse du discours politique. Le discours communiste adressé aux chrétiens**. Langages, Paris: Larousse, 1981. n° 62.
- _____. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- _____. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. de Francisco Morás. – Petrópolis: RJ, 2013.

- _____. Discursos e imagens para uma arqueologia do imaginário. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; CURCINO, L. (Ed.). *Discurso semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.
- EMIDIO, T. S. **Diálogos entre feminilidade e maternidade**: um estudo sobre olhar da mitologia e da psicanálise. 2008. 146p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) UNESP, São Paulo, 2008.
- FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. *Mídia e lugares de memória discursiva*. In: _____, POSSENTI, Sírío. (Org.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 11-38.
- FOUCAULT, Michel. (1986) **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Recitações de mitos: a história na lente da mídia*. In: _____. **Filigranas do discurso: as vozes da história**. Araraquara/UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000. p. 19-34.
- KOGAWA, João. *Qual a via para análise do discurso? Uma entrevista com Jean-Jacque Courtine*. In: Revista **Alfa**, São Paulo, Vol. 59 no. 2, p.407-417, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v59n2/1981-5794-alfa-59-2-0407.pdf>>.
- MAFFEIS, Mariana. *Post da rede social Instagram*. 1 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bl8r9GyhmUw/>>. Acesso em: 7 de maio de 2019.
- MILANEZ, N. *Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens*. In: **Langage and Culture**, v. 35, n. 4, 2013a. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/20232>>. Acesso em: 22 jul. 2015.
- _____. *Foucault e a história da análise do discurso: olhares e objetos*. In: CONTI, M. A.; FERNANDES, C. A.; MARQUES, W. **Michel Foucault**: aportes teóricos e metodológicos. Uberlândia: Edufu, 2013b.
- _____. *O corpo é um arquipélago. Memória, intericonicidade e identidade*. In: NAVARRO, Pedro. (Org.). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 153-182.
- OLIVEIRA, Kelly Marques. *Pediatria Descomplicada (figura 2)*. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BXOdua3gAP7/>>, 31 de julh. 2017. Acesso em: 20 de març. 2019.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pucignelli Orlandi [et al.]. 3.ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1969] 1997.

Mães da atualidade em vídeos do Youtube: materialidades discursivo-corporais

Rebeca Nascimento

Nilton Milanez

1. Antes de ir para o Youtube: a problemática do ‘ser Mãe’

Propomos um olhar sobre as materialidades discursivo-corporais do sujeito ‘Mãe’, partindo das convergências, atravessamentos e deslocamentos que materializam discursos no corpo das mulheres que construíram relatos sobre depressão pós-parto e *baby blues* no Youtube. Ressaltamos, que o *baby blues* é o também conhecido processo de melancolia e desprazer no pós-parto. A escolha do tema perpassa a necessidade de investigação sobre os lugares demarcados historicamente pelos saberes múltiplos que subjetivam mulheres na condição de ‘Mãe’ que é, prioritariamente, constituído por camadas e superfícies sócio-históricas com condições de possibilidades geográficas, linguísticas e culturais singulares. Entendemos que nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento que é em si mesmo uma forma de poder e que está ligado, na sua existência e no seu funcionamento, a outras formas de poder. Nenhum poder se exerce sem a apropriação e distribuição ou retenção de um saber.

A constituição do sujeito ‘Mãe’ como tema desta pesquisa justifica-se na necessidade de desalojar discursos forjados na história (FOUCAULT, 2002) sobre as mulheres ‘Mães’, trazê-los à superfície para refletir sobre quem somos nós nesse lugar que chamamos de atualidade, de presente. Na perspectiva de Foucault (2016), refletir sobre quem somos, atuar sobre nosso ‘si’ nesse espaço presente nos possibilita sair de um lugar menor, lugar de governados, para um lugar maior, de constituição de nós mesmos.

A proximidade desse conceito com o de uma atitude crítica enquanto vontade de não ser governado assim, dessa maneira, por estes, a este preço, demonstram a dimensão sempre local e estratégica destas formas de resistência, tornando uma questão de atitude. Temos, então, uma redefinição da atitude crítica como o movimento pelo qual o sujeito se atribui o direito de interrogar a verdade sobre os seus efeitos de poder e o poder sobre os seus discursos de verdade, tendo por finalidade a dessubmissão no jogo da política da verdade (FOUCAULT, 2015). Isso diz respeito, efetivamente, a uma certa maneira de pensar, de dizer e de agir, uma certa relação com o que existe, com o que se sabe, com o que se faz, uma relação com a sociedade, com a cultura, uma relação também com os outros, podemos chamar de atitude crítica.

Entendemos, então, que pensar o ‘ser Mãe’ na atualidade é pensar quem constitui o sujeito mulher nessa atualidade que remonta a lugares e saberes históricos que há muito governam mulheres e seus corpos, estabelecendo normas de conduta que direcionam comportamentos e nos dizem sobre aquilo que é possível, e também sobre aquilo que não é possível, ser. Esperamos, assim, que essa discussão abra novas possibilidades de debate sobre os paradigmas atuais sobre ‘ser Mãe’ e Mulher que atravessam o presente e, através desses debates, materializem-se posicionamentos historicamente silenciados e que urgem em emergir.

De forma inicial, é importante trazer a noção de subjetivação para Michel Foucault, uma vez que esse capítulo propõe uma configuração sobre a constituição das ‘Mães’. Tomando os estudos discursivos foucaultianos como base, entendemos o sujeito não como essência individual, mas como posição. Milanez e Santos (2010, p.45) partem de Foucault para afirmar que “antes de fonte dos discursos, o sujeito é apenas uma posição ocupada por aquele que enuncia algo”. O sujeito seria, assim, um composto, uma determinada identidade produzida em condições e por relações específicas; o sujeito seria, também, um enunciado, que é constituído e constitui a si dentro da história e na sua relação com outros sujeitos. Essa relação com outros sujeitos é de muita relevância no que diz respeito às mulheres. Sua constituição histórica, os saberes sociais que nos dizem sobre o que é possível e o que não faz parte das possibilidades das mulheres e de seus corpos têm relação direta sobre o lugar dos homens na sociedade, assim como de seus corpos. E é essa problemática que tomamos como ponto inicial para pensar as ‘Mães’, enquanto sujeito em dispersão.

A subjetivação do sujeito ‘Mãe’ remonta à saberes deslocados sobre a funcionalidade biológica do corpo, bem como às condições de possibilidade para seu uso, normatizando conduta e modos de existência. Falar sobre as condições de possibilidade implica dizer que não é possível dizer ou fazer tudo; na história, o que temos à superfície, para nossos olhos e ouvidos captarem são séries de enunciados visíveis, dizíveis, mostráveis, e, para cada enunciado possível, temos inúmeros outros interditados, que não são possíveis de serem vistos ou dos quais não se pode falar sobre. Essas condições de possibilidade do dizer e do fazer, então, nos colocam em relacionamento com a história, com o lugar, com o espaço e, fundamentalmente, com quem enuncia; temos, assim, que nem todo sujeito pode dizer o que quer, onde e quando quiser. É importante salientar, ainda, que enunciar não implica, necessariamente, usar palavras: nossos corpos nos enunciam, uma vez que o corpo é superfície sobre a qual se inscrevem discursos (FOUCAULT, 2015), construída em meio a redes de poder e resistências, e que, conforme dito por Milanez (2011) apresenta tipos de saberes que dizem sobre a nossa maneira de ver e viver.

Partindo das reflexões de Michel Foucault (2010), investigar as formas como o indivíduo é levado a constituir-se sujeito é questionar o presente, nossa maneira de ver e viver a atualidade na qual estamos inseridos e lugar do qual falamos. Por isso, o que questionamos nesse capítulo são os lugares que podem ser caracterizados como constitutivos do sujeito ‘Mãe’ a partir da materialidade corporal presente em relatos de mulheres sobre depressão pós-parto e *baby blues* em vídeos do Youtube.

2. Domínios do matrimônio e metodologia para sujeitos possíveis

Tomamos como contornos para a análise um funcionamento discursivo que se constitui de dois lugares teóricos cruciais nos estudos discursivos foucaultianos: a genealogia e a arqueologia. Para Foucault, (2011), a genealogia é um movimento; é possível, por meio dessa investigação, relacionar acontecimentos discursivos a partir de seus entornos históricos, distanciando-se da busca pelo início proposta pelo estudo da história em espaços temporais lineares. Isso implica dizer que não buscamos aqui a origem dos acontecimentos que nos dizem sobre a constituição da ‘Mãe’ na

história, uma vez que a “genealogia é cinza; ela é meticulosa e paciente-mente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos” (FOUCAULT, 2011, p. 17). O que buscamos é o ponto de articulação entre o corpo e a história; tomamos o corpo enquanto superfície de inscrição dos acontecimentos para mostrar um corpo marcado pela história. Por genealogia, entendemos o processo de tentar reconstituir as condições de aparecimento de uma singularidade a partir de múltiplos elementos determinantes, dos quais essa singularidade surge não como o produto, mas como o efeito.

Consideramos a arqueologia como o tema geral de uma descrição que interroga o já sensível ao nível de sua existência. A investigação histórica por meio dos acontecimentos que nos levam a constituir-nos, a nos reconhecermos como sujeitos do que fazemos, pensamos e dizemos é genealógica na sua finalidade e arqueológica no seu método. É de base arqueológica por não procurar descobrir as estruturas universais dos múltiplos conhecimentos ou de qualquer ação moral possível, mas tratará os discursos que articulam o que pensamos, dizemos e fazemos.

Com o corpo como superfície, tomamos a *Arqueologia* para o questionamento dos enunciados levando em consideração os entornos de seu aparecimento, em um movimento de completude à investigação genealógica. Esse movimento retoma o lugar da dispersão dos sujeitos, entendendo que as múltiplas subjetividades se estabelecem nas relações entre si, visto que os sujeitos se relacionam entre si e são constituídos e se constituem nessa relação. Dessa forma, para entender as convergências, distanciamentos e deslocamentos que atuam na constituição do sujeito ‘Mãe’, atentaremos o nosso olhar para o fato de que o que é constitutivo da maternidade se desdobra, primordialmente, de uma concepção sobre o que é ser mulher; é nesse deslocamento que são estabelecidas normas de conduta sobre ‘ser Mãe’.

A conduta da mulher, como parte de uma ordem sexual, figura na noção “dispositivo de aliança” (FOUCAULT, 1988, p. 100). Podemos dizer, então, que o dispositivo de aliança tem sua estrutura circunscrita a um sistema de regras que constituiriam o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito para os sujeitos. É partir desse dispositivo, que se desdobra no sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos e de transmissão dos nomes e dos bens, que se formaram os saberes sobre as relações familiares e sobre as condições de possibilidade dos sujeitos.

No desempenho de suas funções, esses sujeitos, dentro da relação familiar que se desdobrava do matrimônio, relacionam-se com outros sujeitos, e é nessas relações que são estabelecidas as possibilidades, o que Foucault chama de “modos de existência virtuais para sujeitos possíveis” (FOUCAULT, 2010, p. 04). Isso significa dizer que, das condições de possibilidades um determinado sujeito, se desdobram as condições de possibilidades de outros sujeitos que se relacionam com ele.

Isso acontece, por exemplo, nas relações existentes entre o homem e a mulher, nas quais o homem é privilegiado apenas por ‘ser homem’ e a partir dos saberes existentes sobre o ser desse sexo na sociedade, o que torna possível o estabelecimento de todo um feixe de saberes que constitui o ‘ser mulher’, uma vez que essa rede de saberes não é estática e ordenada. Ela se desloca, se desdobra, funcionando em dispersão e em múltiplos espaços. E é essa dispersão que compreenderemos aqui como um modo de existência virtual: uma existência que pode e não poder ser, quase espectral, na qual os sujeitos são muitos em diferentes lugares e ao mesmo tempo, o que foi chamado por Foucault (1988, p.135) de “a plenitude do possível”.

Para Foucault (1988) o matrimônio, até o final do século XIX, configurava-se como matriz no tangente às regulamentações comportamentais dos sujeitos na instituição familiar. Isso nos permite pensar que o lugar de cada um desses sujeitos era construído a partir da relação matrimonial e todo o conjunto de saberes atrelado a ela, o que estabelecia uma linha divisória entre o lícito e ilícito, o permitido e o interdito. Nesse caso, “a relação matrimonial era o foco mais intenso das constrictões; era, sobretudo dela que se falava; mais do que qualquer outra tinha que ser confessada em detalhes. Estava sob estreita vigilância” (FOUCAULT, 1988, p. 37).

A partir dessa reflexão, torna-se possível dizer que era dentro do matrimônio que se estabeleciam os espaços possíveis e as normas de conduta dos sujeitos que faziam parte da família em um dado momento da história. Tratando da sexualidade, Foucault (1988) reflete que a vigilância dentro do casamento mostrava-se de fundamental importância para a existência de uma gestão dos nascimentos e das sobrevivências na sociedade, e é nesse ponto que deve ser salientada a relevância da constrição enquanto garantia de sobrevivência da própria espécie, e, sobretudo, transmissão de nomes e bens, ponto objetivado pelo “dispositivo de aliança” (FOUCAULT, 1988, p. 100).

A medicina tem papel fundamental nessa constrição através do que Foucault (1988, p. 112) chama de “capital patológico da espécie”, uma vez que o controle do sexo não só inibiria a disseminação de doenças para as gerações atuais e futuras, mas, primordialmente, atuaria na conduta dos sujeitos, garantindo a funcionalidade do dispositivo. Estabelece-se, assim, os modos de ser e agir dos sujeitos para que seja possível que a lógica de poder existente na rede de relações dos mesmos nas múltiplas esferas sociais se mantenha.

Tratando ainda sobre o “dispositivo de aliança” (FOUCAULT, 1988, p. 100), Foucault (1988) nos diz que encontramos, entre seus objetivos principais, a reprodução da lógica das relações de poder e a manutenção da lei que as rege. Partindo deste pressuposto, constatamos que o matrimônio, como sistema fundamental para esse dispositivo, possui, então, caráter disciplinar e que, portanto, a constituição dos sujeitos dentro da família relaciona-se com outros sujeitos existentes de outros diversos espaços. Essa linha de pensamento nos é permitida se levarmos em conta que Foucault (2010) nos descreve o funcionamento da disciplina nos seguintes termos:

[...] as disciplinas são portadoras de um discurso que não pode ser o do direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efeito da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra “natural” (FOUCAULT, 2010, p. 189).

plaitPara melhor esclarecer a perspectiva do natural e sua relação com o matrimônio, instituição de máxima relevância na subjetivação das ‘Mães’, é preciso que nos dediquemos, nesse momento de nossa investigação, a pensar em como esse ‘natural’ figura para a subjetivação dos indivíduos na medida em que deslocamos um dado saber e o assumimos como um procedimento de controle. Então, para falar dos corpos das mulheres, nossa investigação remonta à leitura foucaultiana dos estoicos, que abrange a compreensão acerca da filosofia da natureza e sua importância para as ciências do pensamento como instituição viabilizadora da circulação de saberes sobre o corpo em sua conexão com o natural, como parte de um universo em funcionamento.

Como ponto inicial para essa investigação, pensamos a filosofia da natureza ou do mundo como parte constitutiva do que chamamos de fase

inicial da reflexão filosófica. Partindo da observação da natureza que cerca os homens, os estoicos viram o caráter transitório das matérias, tanto as advindas de seres humanos quanto dos inanimados. Essa transitoriedade impele ao homem sua insignificância frente à ordem do universo, à natureza em seu funcionamento simplista e inevitável: nascer, crescer, reproduzir e morrer. Assim, compreendemos o caráter único e esférico do mundo nessa percepção.

Ora, o que então poderia ser a chave do despertar do homem para seu distanciamento do mundo animal simplista e irracional? Na Epístola 124, Sêneca (1998) escalona o mundo em quatro reinos ou naturezas viventes, além da matéria inerte. Para o filósofo, existem as seguintes quatro naturezas: a das árvores, a dos animais, a do homem e a de Deus. As duas – homem e Deus – são racionais e possuem idêntica natureza; no entanto, distinguem-se, pois uma é imortal (Deus), a outra mortal. O absolutamente perfeito é Deus, que encerra em si mesmo toda a perfeição da natureza em sua plenitude. Sendo a natureza perfeita, todo resto dessa composição de mundo carregaria um traço de perfeição, estabelecido em graus. A ordem de funcionamento da natureza possui, nesse entendimento, relação direta com o grau de aceitação, por parte dos sujeitos, de suas funções dentro desse sistema de ordenação, haja vista que o perfeito é, também, imutável.

Para os estoicos, na natureza perfeita e imutável, os graus inferiores dessa perfeição atuariam na completude dos graus superiores. Assim, as plantas, superiores à terra, nutrem-se dela. Os animais, superiores às plantas, buscariam seu próprio alimento e subsistência. No homem, as tendências animais escalam à máxima perfeição no distanciamento estabelecido pela razão. Assim, como parte da natureza, o homem está sujeito ao seu sistema de ordenação, e controlar seus impulsos animais escalam estabelece-se como fundamental para o bem viver e a manutenção de seu grau de perfeição. A partir das partes do mundo, o ser humano eleva-se ao perfeito; aceitar a si é uma forma de praticar-se no mundo e garantir seu distanciamento das tendências animais.

O homem pode ser considerado uma síntese real e intencional do universo: real, porque nele estão presentes o reino mineral, vegetal e animal; intencional, porque, pelo poder de abstração, tudo se encontraria no conceito de ser do qual nada fica excluído e ao qual nada pode subtrair-se. Tudo

tem que permanecer como está. A máxima da impossibilidade de mudança se desloca na subjetivação dos sujeitos no processo de delimitação das margens de suas possibilidades e no estabelecimento de “matrizes de comportamento” (FOUCAULT, 2010). Se um dos objetivos principais do “dispositivo de aliança” (FOUCAULT, 1988, p. 100) é a manutenção da lei que rege as relações de poder, torna-se possível compreender, então, que o matrimônio configura-se enquanto lugar de normalização. No matrimônio, as conjunto de normas de condutas que atuam no controle dos comportamentos desloca-se de um sistema de conduta já existente em diferentes esferas.

Levando em consideração o que Foucault (1988) nos traz sobre poder e privação na ordem da sexualidade, refletimos que cabe aos homens, aos adultos, aos pais e aos médicos a detenção do poder na ordem da sexualidade, o que delega às mulheres, crianças, aos adolescentes e doentes a privação. Se o “dispositivo de aliança” (FOUCAULT, 1988, p. 100) possui, como um de seus objetivos principais, a manutenção da lógica de poder, é possível, então, pensar que as relações estabelecidas pelos sujeitos dentro da família obedeceriam a sistemas de ordenação já estabelecidos dentro de outras instâncias. Isso explicaria, de forma plausível, a patriarcalidade normatizada nas famílias até meados do século XX. O homem, como sujeito de poder em diversas esferas da sociedade, seria o detentor de poder dentro das famílias. Dentro desta realidade, mulheres e crianças figuravam como pessoas de pouca importância, que se subordinavam ao marido e/ou pai.

Atentando o olhar para a constituição histórica do sujeito ‘Mãe’, especificamente, devemos refletir que o que é constitutivo desse sujeito é normatizado a partir da sua relação com outros sujeitos que fazem parte da família tradicional: o homem e a criança. Indo mais além, a constituição da ‘Mãe’ na história relaciona-se diretamente com a constituição do que é ser mulher em determinado espaço social e histórico e, portanto, o presente projeto atenta o olhar para a triangulação familiar (homem, criança, mulher) de forma a estabelecer as condições de possibilidades que atuaram e atuam na constituição de uma ‘Mãe’ que se desloca do desprestígio para a responsabilidade pela vida e morte da criança, abrindo outras múltiplas vias de análise para nosso trabalho. Desse modo, o movimento arqueogenalógico consiste na marcação dos espaços desses sujeitos que atuam no limite dos discursos sobre a mulher e, como desdobramento, no limite da

subjetivação da ‘Mãe’, foco do trabalho com os vídeos.

A escolha de vídeos na internet para composição do *corpus* se pauta no deslocamento da noção foucaultiana de confissão para a construção do entendimento da internet enquanto espaço de visibilidade para o interdito, espaço esse no qual discursos são materializados, alcançando um público que “é uma realidade, uma realidade instituída e desenhada pela própria existência de instituições” (FOUCAULT, 2010, p. 10), que consente ou não posicionamentos, proporcionando, ao mesmo tempo, a circulação de múltiplos discursos.

Na construção da análise, a metodologia utilizada neste capítulo converge a genealogia e a arqueologia com o trabalho de Milanez (2018). Nesse processo, foram utilizados 3 vídeos, catalogados respectivamente na tabela abaixo:

Nome do vídeo	Data de Publicação	Data de Visualização	Número de Likes	Número de Dislikes	Número de Visualizações
Tudo sobre minha depressão pós-parto (MÃE C)	25/02/2015	09/10/2017	850	12	48.627
Caiu, levantou – Hel Mother (MÃE B)	13/10/2016	10/10/2017	15.000	24	99.229
Baby blues e depressão pós parto - minha experiência e como superei (MÃE A)	12/06/2016	09/10/2017	1000	15	21.982

Tabela 1: Vídeos da análise

* Tabela elaborada originalmente por Milanez e Prata (2015b) e adaptada para este trabalho

No trabalho de análise que construímos, estabelecemos a série *Morfologia Capilar*, organizada sob três perspectivas: presença de *frizz*, cabelos soltos, cabelos presos, compreendendo os cabelos como importante superfície de inscrição dos múltiplos discursos sobre o ser mulher e suas condições de possibilidade.

3. Corpo enunciado: o *frizz* no controle do discurso

Somos do partido de que experiências historicamente determinadas nos contam sobre aquilo que somos e sobre a maneira que passamos pela experiência de nossos próprios corpos, o que nos permite “transpor-nos do corpo para o discurso, transformados e até metamorfoseados em outros espaços corporais e domínios exclusivos da civilidade atual” (MILANEZ, 2011, p. 197). Vale ressaltar, entretanto, que a história nem sempre se inscreve nos sujeitos de forma célere, o que justifica a circulação de diferentes discursos em diferentes momentos da história. Assim, a atenção à materialidade capilar evidencia o controle, a contenção e a resistência como elementos fundamentais da/para a história das mulheres.

A morfologia capilar das mulheres compõe a materialidade imagética da sexualidade feminina, do prazer e do destempero. Por isso, na história da existência social das mulheres, os cabelos sempre foram contidos, presos, como materialização do espaço de contenção dessas mulheres. Sobre essa contenção, Perrot (2012, p. 50) nos diz que

[...] a mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências. E isso se acentua porque, na cultura judaico cristã, ela é constrangida ao silêncio em público. Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar. Códigos bastante precisos regem suas aparições, assim como as de tal ou qual parte do seu corpo. Os cabelos, por exemplo, condensam sua sedução.

Retomamos Milanez (2015a) no entendimento de que a arte capilar desempenha um papel extremamente frutífero nas audiovisualidades e nos lança à avaliação de códigos morais que atuam na instrumentalização de modelos de conduta. Nessa perspectiva,

[...] a exigência de especificidades morais estressa o sujeito dentro de um esquema de comportamento cujos regulamentos e conselhos arrasta o sujeito para um domínio da ansiedade, que o coloca em conflito entre o que ele é e o que o mundo demanda que ele seja (MILANEZ, 2015a, p. 248).

Partimos desse lugar para deslocar a ansiedade para o *baby blues* e a depressão, processos relatados pelas ‘Mães’ dos vídeos, materializando o desprazer dessas mulheres com as demandas sociais do ‘ser Mãe’. Tratando especificamente dos vídeos, a contenção materializada nos cabelos presos reforça a subjetivação das ‘Mães’ com a privação social e histórica que remonta à maternidade, discurso esse embasado pela perspectiva cristã sobre

o que é ser mãe: a ‘Mãe’ Maria assexuada, que cobria seus cabelos e que existe na história à luz de seu filho. A fim de possibilitar ao leitor a visualização das materialidades audiovisuais analisadas à medida que lê o texto, criamos um canal¹ no site Youtube com a edição dos vídeos utilizados focando o cabelo enquanto objeto de discurso. Essa proposta de suporte para a análise surge da necessidade de tornar visível o conjunto de elementos que constituem o discurso audiovisual (imagem, som, áudio), aspecto de extrema importância para o trabalho aqui proposto, em uma ampliação da opacidade no trabalho com figuras paradas.

A materialidade corporal da ‘Mãe B’ em seus vídeos nos leva a demarca-la como sujeito da contenção devido ao modo como apresenta os cabelos presos, em consonância com esse lugar da temperança que nos leva à questão do domínio dos apetites no cuidado de si. Partindo da perspectiva de Foucault (2006), devemos entender o cuidado de si como conhecimento de nós mesmos enquanto sujeitos, conhecimento de certo número de regras de conduta e princípios prescritos e verdadeiros. O cuidado de si permite aos sujeitos ocupar um lugar conveniente nas relações sociais e interpessoais. Assim, trazemos a noção de cuidado de si para auxiliar no entendimento da contenção enquanto garantia de sua existência social; o domínio na contenção garante às ‘Mães’ a possibilidade do não-apagamento social gerado na negação aos lugares históricos estabelecidos para as ‘Mães’. Em paralelo, a presença de *frizz* também pode ser evidenciada nessa ‘Mãe’, elemento que nos levam a compor a desordem do sujeito, em seu processo gradual de subjetivação.

Materialidades da contenção também podem ser evidenciadas no corpo da ‘Mãe C’ que, diferentemente da ‘Mãe B’, traz seu cabelo parcialmente preso, o que materializa a contenção na materialidade corporal. A dualidade figura na materialidade dos cabelos soltos da ‘Mãe C’, retomando o lugar da resistência ao mesmo tempo que esconde o colo e os ombros, evitando novamente a exposição do corpo. Essa dualidade pode ser também evidenciada pela presença de *frizz* como materialização da desordem no processo de subjetivação.

A exposição é a chave do entendimento que se desloca da contenção à resistência: o olhar central que figura entre esses dois pontos consiste na

¹ Para visualização, acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=1VJcRxn41bY>

não exposição do corpo ‘privado’, pois os corpos e cabelos das mulheres possuem um detentor histórico-social:

[...] em público, raramente são deixados soltos: na maioria dos casos são presos num coque que só se desfaz na intimidade do lar, ou mesmo apenas no quarto de dormir. Na noite de núpcias, a esposa solta os cabelos para o marido, e a partir de então apenas ele terá esse privilégio (PERROT, 2012, p. 58).

Refletimos, então, que os cabelos das mulheres materializam saberes sobre o sexo, que estão inseridos na “ordem da sexualidade” (FOUCAULT, 1988, p. 94), na qual o espaço do privilégio é ocupado pelos homens, pais, maridos. Ainda sobre os cabelos como instrumento de sensualidade, Perrot (2012) nos traz que a não exposição dos cabelos consolidou-se na história como algo importante no controle dos apetites e tentações, já que o cabelo preso e coberto remonta lugares históricos da pureza sexual: “a mulher casada é propriedade de alguém, logo deve ser velada. [...] O véu é instrumento de pudor. [...] Tertuliano considera as toucas e os lenços insuficientes. [...] É preciso velar o corpo das mulheres e sua cabeleira, objeto de tentações” (PERROT, 2012, p. 56). Assim, deslocando-se dessa matriz de conduta, mostrar os cabelos, trazê-los soltos, configura-se como resistência na medida que essa ‘Mãe’ assume uma sexualidade reprimida e apagada nos contornos da subjetividade materna, apropriando-se dessa parte do seu corpo.

A ‘Mãe A’ traz os cabelos totalmente soltos, remontando o lugar da resistência em sua materialidade corporal. Logo, o cabelo apresenta-se ordenado, arrumado, o que insere a ‘Mãe A’ em uma ordem estética da permissão, uma vez que a ordenação dos cabelos pode ser entendida como estratégia de resistência e prática de si dessa ‘Mãe’, já que a ordem da estética nos cabelos remonta a permissão de fala, deslocando-se da temperança. Dessa forma, a ordem do cabelo se materializa na ausência de *frizz*, ordem essa que possibilitaria que sua voz fosse ouvida. Portanto, os cabelos soltos atuam na resistência da ‘Mãe A’ aos alugares socialmente construídos e demarcados para o sujeito ‘Mãe’ que traz seus cabelos soltos e arrumados como marca de si e possibilidade de existência em meio às redes de poder que circundam o processo subjetivação na maternidade.

4. Considerações finais

Esse capítulo nasceu da necessidade de (re)pensar os lugares históricos que atuam na normatização da conduta das ‘Mães’. A escolha de vídeos que relatam depressão pós-parto e *baby blues* não é aleatória: trabalhar audiovisuais na internet, em nosso momento histórico, demonstra a consonância da pesquisa com as instituições que marcam nossa atualidade e que possibilitam visibilidade aos mais diversos sujeitos. Sob esse recorte, é fundamental expor a impossibilidade de nomear as ‘Mães’ dos vídeos. Nas postagens, não há referências aos nomes de duas das mães; apenas a ‘Mãe B’ possui seu nome vinculado à sua imagem no Youtube. Articulamos, então, essa impossibilidade com o ato de confessar seu desprazer. Nesse desdobramento, entendemos que confessar-se sem nomear-se desloca-se para a possibilidade de ‘salvação’ do sujeito, tomando o conhecimento de sua má conduta como “possibilidade de redenção pelo gesto e pela consciência”² (FOUCAULT, 2018, p. 463). Esse trabalho parte da subjetivação na maternidade enquanto ruptura. Essa saída de um lugar para outro, em um processo de estabelecimento de governo, se desdobra em processos de dessubjetivação e apagamento dos sujeitos na constituição de novas subjetividades, deslocando-se em múltiplos lugares nos quais os sujeitos atuam governando a si em micro acontecimentos. Sob essa perspectiva, foi possível que constituíssemos o matrimônio enquanto parte fundamental da normalidade do organismo social. Entendemos, então, que o elo com o natural configura-se como elemento chave na subjetivação das ‘Mães’, deslocando-se para o biológico no estabelecimento das margens das condutas possíveis para essas mulheres.

O arranjo dos cabelos nos vídeos, em suas dispersões, nos levaram à percepção dos detalhes, no momento de sua irrupção singular. Identificamos, nas mulheres, a desordem capilar em uma reverência a uma mudança de conduta, em um processo de conhecimento de si e de um certo número de procedimentos e normas que garantiriam a essas mulheres a possibilidade de ocuparem determinados lugares nas sociedades. Não estamos dizendo aqui que há conformidade, não; nos atentamos ao fato de que a ocupação desses lugares possibilita a essas mulheres praticarem a si nas rupturas desse ser, em uma prática de liberdade e de si.

² Tradução nossa.

Retomamos ainda a questão da atitude crítica na análise dos vídeos para refletir sobre a conduta de questionamento assumida pelas ‘Mães’ nos vídeos e materializada em seus corpos. É necessário, então, ter em foco que, conforme dito por Milanez (2013b, p. 373), “o sujeito é uma condição que coloca a nós, pessoas, dentro de um quadro histórico, determinado por relações exteriores a nós do qual não somos a origem nem de nosso dizer nem de nosso fazer” e, portanto, pensar processos de subjetivação das ‘Mães’ é pensar a ‘mulher-Mãe’ dentro da ordem das relações e suas condições de possibilidades.

Partimos também de Foucault (2015) para pensar a atitude crítica, enquanto forma cultural geral, atitude moral e política, maneira de pensar, como, ao mesmo tempo, parceira e adversária das artes de governar: arte de não ser governado de tal maneira. Entendemos, então, que, ao praticar a si, a ‘Mãe B’ assume uma contra-conduta historicamente marcada pelas condições de possibilidade do presente, na qual assume lugar de resistência possível ao expôr ao seu público, enquanto realidade institucional constituída, o desprazer na subjetivação na maternidade, e seus cabelos presos reverenciam essa conduta, marca visível da “exigência de um campo de contenção sobre si” (MILANEZ, 2015a, p. 249). Desta forma, as ‘Mães A, B e C’ trouxeram em suas materialidades corporais elementos que emergem de uma história discursiva das significações que nos levam a atentar nosso olhar à gradual subjetivação dessas ‘Mães’ nos lugares sociais e históricos que estão nos limites do seu ‘praticar’.

É importante ressaltar que deslocam-se desses lugares novas possibilidades, subjetividades que dançam entre os limites dos sujeito mulher e ‘Mãe’. E é através dos pequenos acontecimentos discursivos, que torna-se possível visualizar a história acontecendo e abrir novas possibilidades de debate sobre os paradigmas atuais sobre ‘ser Mãe’ e mulher que atravessam o presente para que, através desses debates, materializem-se vozes historicamente silenciadas e que urgem em emergir.

Referências

- COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- COURTINE, Jean Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade, In: **Ditos e escritos vol. V - Ética, sexualidade, política**. Organização Manoel Barros da Motta, Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-287.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, Michel. O que é a crítica?. In: Michel Foucault. **O que é a crítica?** Seguido de A cultura de si. Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa, Edições Texto e Grafia, 2015, p. 31-68.
- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**: curso no Collège de France (1980-1981) / Michel Foucault: edição estabelecida por Frédéric Gros sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo. Editora WMF. Martins Fontes, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité**. Les aveux de la chair. Edição estabelecida por Frédéric Gros. [s. l.]: Éditions Gallimard, 2018.
- MILANEZ, Nilton; SANTOS, Janaína de Jesus. Geometria discursiva entre Nietzsche e Foucault. IN: MILANEZ, Nilton; GASPARD, Nádea Regina. (orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MILANEZ, Nilton. Materialidades da Paixão: sentidos para uma semiologia do corpo. IN: SARGENTINI, Vanice. CURCINO, Luzmara. PIOVEZANI, Carlos (Orgs). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 197-219.
- MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Acta Scientiarum**. Language and Culture Maringá, v. 35, n. 4, p. 345-355, Oct.-Dec., 2013a.
- MILANEZ, Nilton. A Dessubjetivação e Dolores - Escrita De Discursos Miséris do Corpo-Espaço. **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Catalão-GO, vol. 17, n. 2, p. 367-390, jul./dez. 2013b.
- MILANEZ, Nilton. **Materialidades da ansiedade**: corpo e retorno a si em filmes de fadas (2010-2015). In: Giovanna G. Benedetto Flores; Nádia Régia Maffi Neckel; Solange Maria Leda Gallo. (Org.). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. 1ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a, v. 1, p. 233-257.
- MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. **Acta Scientiarum**. Language and Culture. Maringá, v. 37, n. 2, p. 197-206, Apr.-June, 2015b.

MILANEZ, Nilton. **Divas da Linguagem**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=kFQF7KoZeq0> > . Acesso em: 07 set. 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M.S.Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SÊNECA. **Epístola 107**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998.

Referências dos vídeos

MÃE A

FEMININO, Cromossomo. **BABY BLUES E DEPRESSÃO PÓS PARTO - MINHA EXPERIÊNCIA E COMO SUPEREI**. 2016.plaît

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6OxJTqvnMfg>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

MÃE B

HEL. **CAIU, LEVANTOU | HEL MOTHER**. 2016.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DQDwrMZxkQQ>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

MÃE C

DIVERSALIA. **Tudo sobre minha Depressão Pós Parto**. 2015.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yMLyL_37KGQ>. Acesso em: 12 mar.

Inoculando o corpo (ciber)feminista no carnaval: entre o real e o digital

Jorcemara Matos Cardoso

Gleice Antonia Moraes Alcântara

Carnaval e corpos - breves motivações para essa escrita

O corpo feminino no carnaval não é nenhuma novidade: entre seios à mostra, bundas sensualizadas, cortejos embebidos de álcool nas ruas das cidades, etc. os corpos são espetacularizados nas alegorias nos sambódromos, corpos que há muito tempo são postos como metonímias na festa brasileira através de uma narrativa que o objetifica. Uma pergunta clássica aos *gringos*, por exemplo, alicerça o quanto está enraizado a potência do dito sobre esse corpo como um corpo-objeto e pronto para ser consumido.

O canal *Amigo gringo*¹, no Youtube, com cerca de quase 500 mil seguidores, lançou um vídeo em homenagem ao carnaval, dia 26 de fevereiro do ano corrente. O objetivo era fazer perguntas aos *gringos* nova iorquinos para sondar o que eles sabiam sobre o carnaval. As respostas, visualizadas na figura 1, decorrem da seguinte pergunta: *when you think about Carnival, what's the first thing that comes to your mind?*²



Figura 1 - O que os gringos de Nova York sabem do carnaval?

¹ Canal de entretenimento e informações sobre a experiência de ser um gringo, tanto no Brasil, como em Nova York. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/canalamigogringo>>.

² Tradução: Quando você pensa no Carnaval, qual a primeira coisa que vem à sua cabeça?

Todo discurso que se manifesta repousa sempre sobre um *já dito*, o qual “não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um jamais-dito, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que é senão um vazio de seu próprio rastro” (Foucault: 2014, p. 30). Rastro histórico, discursivo, que nos ajuda a compreender as continuidades e rupturas da construção do corpo feminino no carnaval.

A pesquisadora Dra. Olga Simson, no campo das Ciências Sociais, publica, em 1992, um artigo acerca de mitos e realidades sobre a mulher no Carnaval no Sudeste brasileiro. Motivada pela visão de corpo-objeto das mulheres e pela ideia de permissividade sexual desses corpos retratados pela mídia no âmbito nacional e internacional da época, a pesquisadora reúne relatos, imagens de jornais, cartas antigas, testemunhos, etc. para compreender, desde à época do entrudo, até o início da década de 1990, o papel da mulher nessa festa.

Em resumo, Olga Simson nos mostra que no entrudo, em um país escravagista, as sinhás podiam desfazer-se da imagem de *belas, recatadas e do lar*³ para, fora desses padrões, ousarem a deixar explícitos seus desejos e paixões através de um simples jogo de atirar em seus *affaires*: limões, laranjas de cera cheias de águas perfumadas ou farinha (Simson, 1992). Entretanto, de acordo com Simson (ibidem), havia uma clara diferença entre a participação da mulher branca e negra. À mulher branca “cabia” desprender-se do real imposto, à mulher negra, um duplo papel – mão-de-obra escravizada que produzia os “brinquedos” utilizados no jogo carnavalesco, ao mesmo tempo, alvo desses mesmo brinquedos atirados por homens negros e brancos, durante a festa, sem direito a réplica.

Esses papéis não irão diferir ao extremo do que a pesquisadora observa da narrativa encontrada, especialmente, no eixo Rio-São Paulo até o início dos anos 1990. Entre tons de exceção, ao participar de posições ocupadas majoritariamente por homens, por exemplo, as posições de intérpretes (Eliane de Lima) ou de compositoras (Chiquinha Gonzaga e sua imensidão na história carnavalesca; Dona Ivone Lara, primeira mulher a entrar na ala de compositores); ou ser vista como um ornamento seja de endeu-

³ A manchete da Revista *Veja*, em abril de 2016, não apenas formula com esses dizeres o título de um texto, mais nos desvela o quanto ainda somos atravessados por uma definição bem específica do papel social da mulher.

samento ou de “carne na vitrine”⁴, ou ainda como a mãe “protetora” que sustenta a base das escolas de samba⁵, alicerce importante, mas não exposto para fora da comunidade, Simson conclui que à mulher, até aquele momento, projetou-se um papel secundário na composição dos poderes que constituíam as Escolas⁶.

Tais papéis, se verticalizados, mostram-nos não apenas a atuação feminina, a nosso ver, mas nos incita a perceber os efeitos de memória por eles produzidos (Courtine, 2013), a hierarquia dos corpos na festa. Paralelo a isso, não seria equivocado pensar que a constituição da identidade carnavalesca como sedimentos da brasilidade, construiu-se, e, em alguma medida se constrói, pelo e para o olhar masculino. Temos, talvez, nesse ponto, um percurso para compreender o corpo “mulato” projetado em muitas propagandas, inclusive oficiais⁷ do governo brasileiro, que alimenta formulações de repostas do imaginário *gringo* que pudemos visualizar na figura 1.

Chama-nos a atenção, no entanto, para pensar o presente histórico, o crescimento nos últimos anos de blocos de carnaval de rua que parecem romper com esse imaginário. *Bloco do Rebuceteio, Mulheres Rodadas, Bloco*

⁴ Na metade do século XIX, o impacto do carnaval veneziano chega ao Brasil, temos uma mudança radical no papel das sinhas na festa, elas, agora, reprimem suas paixões e voltam aos seus lares para serem “apreciadas” através de suas janelas, pelos homens que formam o cortejo nas ruas. As mulheres “convidadas” às ruas, ou que frequentavam esse espaço, eram chamadas de “mundanas” (prostitutas, artistas de teatro, etc.). As “mundanas” consideradas de “alto nível”, geralmente estrangeiras, eram convidadas a desfilar com fantasias bem elaboradas para “ornar” os carros alegóricos (Simson, 1992).

⁵ Temos a partir da década de 1920, o surgimento dos blocos de Samba que surgem dos cordões de carnaval realizados pela população negra, em sua maioria, masculina. As mulheres ingressam nesses blocos, tanto como vitrines corporais, ou como “tias” da comunidade. Apesar de ganhos da posição que as mulheres ocuparam na composição da festa carnavalesca nos moldes contemporâneos, para Simson (idem), ainda se vê, projetada nas mulheres dos barracões de samba, com o papel da mulher ornamento ou senhora responsável pela moral do “lar”, esta última representado pelas tias da comunidade. Como já dissemos, nos diferentes períodos da história, as mulheres conquistaram lugares de liderança dentro da festa, mas acreditamos que, em última instância, ainda, a estrutura do Carnaval ainda é extremamente masculino.

⁶ Papéis que têm ganhado grande avanço para a distribuição igualitária dos poderes exercidos nas Escolas de Samba, avanço este muito alicerçado pelas lutas feministas. Essa crescente ganha ainda mais força a partir da virada do século XXI, mais precisamente na última década.

⁷ Circulou bastante, no Carnaval de 2019, reportagens antigas sobre estudos que traziam a composição de propagandas oficiais do governo brasileiro, através da EMBRATUR (Ministério do Turismo do Brasil), utilizando o corpo da mulher brasileira como um chamariz para o turismo sexual. Essa polêmica teve seu *boom* maior na discussão ordinária, quando o atual presidente da República, Jair Bolsonaro, ao se pronunciar sobre o turismo sexual LGBTQI+, no dia 25 de abril deste ano, disse: “quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade [...] O Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias”. Ao se opor à uma prática, Bolsonaro (re)atualiza outra na qual ao corpo da mulher cabe apenas permitir o que o outro decide. Vemos nessa enunciação um exemplo latente que potencializa as reflexões pecheutianas da década de 1980, nas quais marcam que o discurso é estrutura e acontecimento.

Femi Vaca Profana, Siga bem caminhoneira, Cores de Aidê, Ilu Obá De Mim, a maioria criada a partir de 2015, são exemplos de blocos que já na denominação instauram suas posições na disputa dos sentidos e por extensão de sua legitimidade. Comandados e organizados por mulheres⁸, esses blocos utilizam as plataformas da *web 2.0* para fazer ressoar e interpelar a sociedade para urgência de um carnaval que seja feminista.

Será que chegou⁹ a hora de *ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês*¹⁰? De vermos e ouvirmos uma outra narrativa sobre os corpos femininos no carnaval? De que forma esses corpos no seu duplo, ativos e ativas, apotam-nos também uma prática discursiva feminista diferente em relação ao que vemos fora da *web*? E a questão que motiva a escrita deste capítulo: que índices aparecem nesse corpo nas páginas dos blocos feministas que nos remetem a um entrecruzamento de uma rede de imagens, presente na memória coletiva e individual, para significar uma outra ordem do olhar sobre as mulheres? Para isso, tomamos como objeto de análise para este balão de ensaio, imagens e *prints* retirados das páginas da *web* de alguns desses blocos que possuem toda a sua estrutura organizacional composta por mulheres (negras, brancas, indígenas, hétero, lésbicas, etc.) e que foram criados com o objetivo de ser um espaço seguro, no qual seus corpos se sintam livres e protegidos.

Como base em uma Análise do Discurso que conversa com a semiologia-histórica a partir de uma ordem do olhar sobre os indícios, esperamos contribuir com os trabalhos que percebem no corpo sua “densidade antropológica e sua profundidade histórica, como forma de elucidar o que nos faz sujeitos” (Courtine, 2013). Assentamos nossa análise a partir das refle-

⁸ No início de 2015, o site Universidade Livre Feminista fez o mapeamento de blocos de carnaval feministas, contabilizando, 14 blocos <<<http://www.mamu.net.br/?cat=123>>>. Em 2019, esse número sobre para 36, de acordo com o site Hypheness <<<https://www.hypeness.com.br/2019/02/mulheres-lideram-36-blocos-de-carnaval-empoderados-por-todo-o-brasil/>>>. Em diferentes frentes feministas, algo em comum atravessa a emergência desses blocos – o combate ao assédio sofrido pelas mulheres no carnaval estimulado pela narrativa de que se pode tudo no corpo da mulher na festa.

⁹ Ou passou da hora.

¹⁰ Trecho do samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira, vencedora do carnaval de 2019. *História para ninar gente grande*, frase que dá nome ao enredo, traz à cena uma narrativa que confrontou não apenas a data que foi oficializada como a do descobrimento, mas, sobretudo, os heróis enaltecidos e os que foram apagados das história que oficialmente nos foi contada na escola. A escola também fez uma grande homenagem às mulheres que ousaram a confrontar poderes políticos já estabelecidos, como a vereadora Marielle Franco, assassinada à tiros no Rio de Janeiro.

xões de Jean Jacques Courtine com Foucault¹¹ e, em paralelo, para tentar darmos conta desse novo espaço em que o corpo se apresenta – *a web* – trazemos os trabalhos de Stéphanie Pahud e Marie-Anne Paveau, acerca de ciberfeminismo. Assim como essas autoras, não partimos de uma neutralidade científica, ao contrário, alinhamo-nos à uma perspectiva que entende que não se separa o discurso científico da posição política¹², que vê a necessidade de integração aos procedimentos de análise a dimensão subjetiva, uma vez que “les conditions de vie sont aussi des conditions de vue”¹³ (Puig de La Bellacasa, 2013 *apud* Pahud e Paveau: 2017, p. 2).

Semiologia – história – discurso – corpo: preliminares

O termo Semiologia, no campo da linguagem, possui uma ligação quase intrínseca ao que fora produzido no Curso de Linguística Geral (CLG). Na obra que alçou os estudos linguísticos ao patamar de ciência, no entanto, a ambivalência o atravessa, pois, ao mesmo tempo em que Saussure¹⁴ sobrepõe a Semiologia a todos os campos da linguagem¹⁵, ele também o insere no interior da própria Linguística ao falar que o signo, inteiramente arbitrário, realizaria melhor o ideal do procedimento semiológico (Saussure, 2002). Contudo, em outros espaços do dizer¹⁶, existiria outra semiologia, que é advinda de uma prática médica que remonta sécu-

¹¹ Jogo de palavras para aventar o título do livro de Courtine que será base para nossas reflexões.

¹² Aqui as autoras, como Pahud e Paveau, colocam em xeque a neutralidade do discurso. Outro texto interessante sobre essa questão que apontamos para leitura é “Apontamentos acerca da crença à neutralidade do discurso: em pauta a problemática da produção de sentidos”, de Fernanda Mussalim e Maria Célia Mendonça.

¹³ “As condições de vida, são também condições de pontos de vista” (tradução nossa).

¹⁴ Colocamos aqui Saussure como autor do Curso de Linguística Geral como algo que já existe no campo do *já-la*, do dito anteriormente em outro lugar, pois não é nosso intuito adentrarmos no complexo da produção dessa obra.

¹⁵ “[...] pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia Social e, por conseguinte da Psicologia Geral, chamá-la-emos de Semiologia (do grego *sêmeion*, “signo”).” (Saussure, 2002, p. 24).

¹⁶ Para uma leitura mais vertical sobre o assunto, indicamos dois artigos: o de Vanice Sargentini “Análise do discurso político: semiologia e história”, no qual a autora faz um apanhado interessante sobre a utilização do termo semiologia em diferentes perspectivas dos estudos da linguagem sobre o discurso político; e o artigo de Rosário Gregolin e Renan Mazolla: “Análise do discurso, semiologia, ciberespaço: problematizações contemporâneas”. A reflexão dos autores mostram de que forma a semiologia *pode contribuir com a análise discursiva dos signos existentes no ‘seio da vida social*, passando por Saussure, Barthes, Ginzburg e Courtine.

los antes de Saussure, na qual via nas arestas, tanto quanto no tecido pronto, algo que não poderia ser desperdiçado, ao contrário, constituiria elementos essenciais.

Carlos Ginzburg, um dos pioneiros da micro-história, ao buscar compreender a raiz do paradigma indiciário, cita como exemplo o método morelliano¹⁷. Na esteira dos rastros e embebido em Michel Foucault, Jean Jacques Courtine nos direcionar a pensar uma semiologia histórica ao debruçar-se, na década de 1990, sobre as mutações do discurso político, e, por ventura, do objeto da Análise do Discurso¹⁸. Naquela época, na França, Courtine percebe que o corpo político, os gestos, o uso da imagem envoltos “por um conjunto de condições historicamente pertinentes que determina a produção, a circulação e a recepção dos enunciados em uma formação discursiva” (Sargentini, 2011), sobrepunha-se à noção anterior de Pêcheux de pensar as condições de produção do discurso, dito de forma diferente, sobrepunha às condições de produção alinhavada pela ideologia, a condição de possibilidade do discursos.

Em “Decifrar o corpo: pensar com Foucault”, traduzido no Brasil em 2013, o autor expõe que foi necessário superar a resistência estruturalista para que o corpo (que não era visto como objeto teórico) aparecesse, para que pudéssemos ver nele a manifestação do enunciado, que de um lado é um gesto, uma prática; de outro, liga-se a uma memória, tem uma materialidade; é único, entretanto, está aberto à repetição e se liga a um passado e a um futuro, tratando-o no jogo da sua instância (Courtine, 2013).

Dessa forma, olhar para o corpo é perceber nele práticas discursivas, regimes de verdade que cravam na carne, como os números nazistas, sua inscrição e espessura histórica. É preciso compreender suas marcas, suas nuances, os entretons dos corpos, os detalhes, suas regularidades e rupturas. Deslocá-lo para outra cena, não uma que o engendre no modelo da língua como o fi-

¹⁷ De acordo com Gregolin e Mazolla (2012), o historiador Giovanni Morelli empreendeu, no final do século XIX, um método de crítica de obras de arte que identificava nos detalhes das obras, nos indícios, mais do que nas grandes características visíveis e fortemente marcadas, a “identidade” do artista. A potência desse método foi tão grande que podemos ver nele a base para os métodos da pesquisa indiciária.

¹⁸ Courtine (2013) revisita essa designação para fazer ver que menos estava na forma de denominar: “entendo dizer que existe necessariamente uma parte ‘semiológica’ nesta antropologia histórica, história cultural, ou história das sensibilidade – sua denominação pouco importa –, à qual me dediquei, toda vez que se interroga o que se faz presença e sentido no campo do olhar dos indivíduos em um momento histórico qualquer, toda vez que se tenta reconstruir como eles interpretam aquilo que percebem, mas ainda o não percebido.” (ibidem, p. 40).

zera Barthes¹⁹ com *A retórica das imagens*, mas uma em que *mostre o corpo todo impresso de história, e a história arruinando o corpo* (ibidem, p. 24).

O conceito de intericonicidade, amadurecido por J.J Courtine ao longo dos anos, mostra-nos um percurso metodológico do qual partiremos para essa ordem do olhar que, ao mesmo tempo que inaugura no presente histórico sentidos e subjetividades ali construídas, também nos mergulha numa rede de imagens que suscita. “É dentro dessa rede dos fios que tecem nossos corpos discursivos que podemos observar, ler, construir, encontrar o invisível, que mesmo sendo dito, trará um dito novo” (Milanez, 2007).

Dada essa entrada da perspectiva do olhar sobre os rastros, a partir de agora à medida que analisarmos as imagens, verticalizaremos a teoria e os diálogos necessários, conforme a própria análise solicite, para compreender o corpo nesse novo espaço em que nosso objeto de análise emerge.

O ciberespaço: catalisador de luta

Não estamos lidando com qualquer espaço para as condições de possibilidade de produção, formulação e circulação desse corpo, o qual também não pode ser comparado aos corpos que circulam quando se midiaticiza o carnaval, através de uma narrativa da mídia corporativa. Para Jenkins (2008), com o surgimento da era *web 2.0*, passamos de simples espectadores diante das telas, consumidores de narrativas produzidas por um pequeno grupo de empresas, para uma época complexa, na qual vemos surgir mídias alternativas, sujeitos comuns que usam a tecnologia para fazer irromper outra história, suas histórias.

Com nossas câmeras de celulares em mãos, computadores em casa, *tablets*, etc., somos ao mesmo tempo produtores e espectadores das notícias, das opiniões; somos corporalmente o clique que faz viralizar; em última instância, tornamo-nos o “vírus”. Esse funcionamento que serve para pensar o que Henry Jenkins (2008) chama de *transmídia*, de *cultura de convergência*, de *inteligência coletiva*, traz-nos o complexo mundo do ciberespaço, pois de um lado se as plataformas online possibilitam a potencialização de

¹⁹ “No entanto, é necessário reconhecer o interesse junto a Barthes de intuições ulteriores a propósito da imagem, tais como os desenvolvimentos sobre “o obtuso” no “Terceiro sentido”, ou realmente sobre o *punctum* na obra *O quarto claro* [...] o obtuso ou o *punctum* não são da ordem do signo, mas daquilo que ressoa nos signos, à maneira do lapso vindo a romper as evidências da cadeia significante” (op. cit., p. 50).

histórias *fakes*, instrumento de manipulação de “velhas” práticas políticas, corporativas, mercadológicas, etc.; de outro, a eclosão e sustentação de grupos que buscam representação e participação na sociedade, trazendo suas narrativas como forma de enfrentamento ao que fora construído como “norma”. Evidente que essa questão é mais complexa, e vai muito além dessa dualidade, mas a trazemos para mostrar o quanto o ciberespaço propicia um ambiente catalisador ao discurso militante. Vejamos as imagens abaixo, retiradas de páginas do *Facebook*.



Figura 2 - Foto de capa do bloco de rua Mulheres Rodadas²⁰_fevereiro de 2019



Figura 3 - Chamada do bloco Rebuceteio_fevereiro de 2019²¹

As figuras apresentadas foram respectivamente retiradas das páginas *Mulheres Rodadas* e *Bloco do Rebuceteio*, ambos blocos que se posicionam como feministas, o primeiro no Rio de Janeiro (RJ), o segundo em Belém (PA). A possibilidade de visibilidade que a *web* proporciona a essas micro-lutas é percebida, por exemplo, a partir do momento que esses blocos, antes, durante e depois de brincarem o carnaval, produzirem discussões em roda, mostra de arte, etc. sobre as várias frentes das agendas feministas que os compõem. Para muitas autoras que estudam essa nova onda do femi-

²⁰ Imagem disponível em: <https://www.facebook.com/mulheresrodadas/photos/a.427223030776162/1243062429192214/?type=3&theater>. Acessada em 05 de maio de 2019.

²¹ Imagem disponível em: <https://www.facebook.com/blocodorebuceteio/photos/a.1840355479554581/2255472771376181/?type=3&theater>. Acessada em 05 de maio de 2019.

nismo, essa característica de abrangência das diferentes demandas é central (Hirata, 2009; Pahud et Paveau, 2015; 2017).

Em relação às figuras e suas estratégias de alcance, haveria aqui na hibridez dos gêneros, que marcam a conjunção corpo e verbo, o objetivo de aguçar o desejo do clique de usuários(as), ao visualizarem tais postagens em suas *timelines*, apostando exatamente no potencial polêmico dos tabus (da ordem do corpo e da língua) que elas exclamam? Cremos que sim, afinal, falar de *gozo livre* (2) ou de *buceta* (3) caminha a passos lentos em uma sociedade ainda estruturalmente conservadora, palavras que foram e são perpassadas sobre o aval do olhar patriarcal (Strömquist, 2018).

Para Pahud e Paveau (2017, p. 8):

Du côté des matérialités technologiques, la très large exploitation des espaces numériques, en particulier ceux de la blogosphère et des réseaux sociaux numériques (Twitter, Facebook notamment, mais aussi des réseaux de partage de vidéos comme Youtube) confère aux argumentations féministes des dimensions d'abondance et de rapidité inédites (viralité des publications sur le web 2.0)²²

Essa dimensão do ciberespaço por meio de estratégias como as postagens, os cliques, as hashtags (#) potencializa a projeção da agenda desses grupos feministas. O que antes ocupava somente as ruas, agora está *em rede* e interpela os que dessa agenda se aproximam, ou não, a compartilharem, curtirem ou se afiliarem a uma outra narrativa da mulher no carnaval. Vemos emergir uma outra forma de enunciação e práticas sobre as quais somente as grades de análises tradicionais tornam-se improdutivas (Paveau, 2017).

Não é mais somente o feminismo, mas feminismo *em rede*, o ciberfeminismo²³. Um feminismo plural, multifacetado, pluricêntrico (Hirata et al., 2009), que busca abarcar as diferentes agendas, nasce como dispersão, mas sobre uma base comum – a defesa das identidades e igualdade de direitos das mulheres em todos espaços da sociedade (Albu, 2017). Rompe, já ao surgir na década de 1980, com uma norma que fomentava os espaços

²² Em termos de materialidade tecnológica, o uso amplo dos espaços digitais, especialmente os da blogosfera e das redes sociais (Twitter, Facebook em particular, mas também redes de compartilhamento de vídeos como o YouTube) confere aos argumentos feministas dimensões de abundância e velocidade inéditas (viralidade das publicações na web 2.0). (tradução nossa)

²³ Para uma leitura mais aprofundada acerca do ciberfeminismo, algumas autoras como Pahud e Paveau (2015; 2019); Paveau (2014); Albu (2017); Costa (2019) nos ajudam a refletir as rupturas e continuidades desse movimento, levantando problemáticas que vão desde a conceituação dessa prática até suas contradições.

tecnológicos como inerentes ao masculino e adentra, cada vez mais, nas entranhas do fortalecimento da cibercultura²⁴.

Isto não é um corpo!

Nessa direção, deteremo-nos agora mais diretamente à constituição desse corpo ciberfeminista como emblema de luta para atingir um carnaval que seja feminista.

Assim como *Mulheres Rodadas* e *Bloco do Rebuceteio*, o *Bloco Femi Vaca Profana* parte de um interdito para emergir. As figuras abaixo foram retiradas do canal Vaca Profana, com suporte na plataforma de vídeos *You-Tube*. São *prints* do vídeo do desfile do dia 04 de março de 2019 (Fig. 4, 5 e 6), seguidas da trilha sonora do vídeo (Fig. 7). O bloco possui também outras frentes no ciberespaço com uma página no *Facebook*²⁵ e no *Instagram*, esta última com cerca de 6 mil seguidores.



Figura 4 - Bloco Vaca Profana_0:38'



Figura 5 - Vaca Profana_0:47'.²⁶

²⁴ Há menos de uma década, fomos expostos a toda uma prática no mundo digital que nos fez ver uma outra dimensão da vida afetada pelo mundo cibernético: informações que nos revelam hackeamento de dados dos usuários para fins lucrativos de empresas, para manipulação de informação com objetivos políticos, ou ainda, de vigilância e espionagem para fins bélicos. Organizações como WikiLeaks, são uma um exemplo. As questões sobre acesso e dados é tão recente no mundo participativo dos usuários, que apenas em 2014, no governo Dilma, o Brasil regulamentou o Marco Civil da Internet, que funciona, ao menos na teoria, como uma Constituição para o uso da rede no Brasil, que estabelece princípios gerais e garantias aos usuários. O que podemos perceber é que o acesso à *web* a cada vez mais usuários produz uma outra relação que já não pode ser lida e regulamentada conforme as que temos fora do digital, todos os dias uma outra cultura se fortifica, a cibercultura (Lévy, 1999; Lemos, 2003).

²⁵ A página tinha mais de 10 mil seguidores, mas foi excluída por *harkers haters* no início desse ano. Outra página foi criada após o acontecimento.

²⁶ Imagem disponível em:

<<https://www.facebook.com/blocodorebuceteio/photos/a.1840355479554581/225547271376181/?type=3&theater>>. Acessada em 05 de maio de 2019.



Figura 6 - Bloco Vaca Profana_0:51'

Nesse carnaval eu não quero ter vergonha/ Nosso corpo é liberdade/ chega junto nessa onda/ Como carne eu não quero ser tratada/ Mesmo se eu tiver pelada/ Nessa festa só quero ser respeitada/ Hoje a gente tá unida pra falar/ Que tu vai ter respeitar/ Com as mina e as mona a gente escolhe quem a gente quer beijar/ Tu vai peitar?/ Respeitar as mina/ Nosso bonde é maioria/ Tra-vesti cheguei na rima/ E a beleza brasileira é plural/ nós queremos liberdade não só nesse carnaval/ E se o macho quer colar/ Vai ter que nos respeitar/ Ou a gente vai gritar: não é não! Não é não!

Fig. 7 - Trilha da vídeo-montagem

O Vaca Profana foi criado, em 2016, por Dandara Pagu, como reação após o episódio de quase ser presa, em 2015, sob a justificativa de atentado ao pudor, por usar uma fantasiada com os seios nus, cobertos com glitter, uma calça com a estampa preta e branca e máscara de vaca, em homenagem à música Vaca Profana, de Caetano Veloso. É desse lugar de fala que o bloco emerge, produzindo uma simbiose entre o ativismo da vida ordinária e o ativismo virtual que desata o corpo seminu da mulher do discurso jurídico e da moral-social que o coloca no campo da transgressão que deve ser punida.

Alargaremos, para as análises aqui empreendidas, o conceito de intericonicidade de Courtine que não nasce para dar conta de vídeos em rede digital. Mas acreditamos que os vídeos, assim como as imagens estáticas, são produzidos através de recortes de filmagens, recorte fotográficos, que não emergem sem que estejam inscritas em uma memória de imagens presentes na nossa cultura, sem que tenha um eco, sem que possuam uma ordem do olhar (Courtine, 2013).

A montagem do vídeo, representada metonimicamente por (4), (5) e (6), possui a pretensão de manifestação de militância feminista sem, entretanto, parecer uma manifestação nos moldes mais fechados desse gênero (como as Machas das Vadias, as Marchas das Margaridas, etc.). Temos os corpos nus circunscritos como instrumentos de resistência, mas não da mesma forma que vemos, por exemplo, no grupo ucraniano feminista FEMEN, que utilizam os seios à mostra e inscrições em seus corpos como forma de protesto *hards*. Desse modo, há a vontade de protestar, sem se permitir descortinar como protesto, afinal, estamos num bloco brasileiro de carnaval de rua.

Vê-se uma composição sincrética e a utilização de diferentes sistemas semióticos compondo o gênero²⁷ em que os enunciados estão alocados. Ao percorrermos as regularidades enunciativas inscritas nas materialidades que o compõe, seja na letra da música²⁸ (7), que circunscreve os sentidos que as imagens projetam, para que se evite quaisquer outras possibilidades de leitura pré-estabelecidas; seja nos recortes da filmagem que faz emergir esses e não outros para figurar como momento de plenitude de um novo formato de militância; seja nas fotos que foram incorporadas (6), como forma de (com)firmar a coletividade; ou, finalmente, seja na alocação em numa plataforma de compartilhamento online, todas colocam em evidência a posição política que o bloco possui, a marca da identidade de como se veem como mulheres e, tão importante quanto, os discursos aos quais esses corpos confrontam.

Para compreendermos melhor como funciona a intericonicidade de Courtine, buscaremos nos sintomas um indício de algo mais complexo, para tanto, incidiremos nosso olhar mais atento à figura 5.

Ela traz um recorte que passa menos de 1 segundo na tela, mas que é recorrente em tomadas abertas e fechadas dos planos da filmagem – os seios nus e as mulheres em festa. À frente, há a portadora do estandarte; um cordão de mulheres, do qual só conseguimos ver duas, seguram a mão uma da outra como uma corrente, de onde quase nos deixa ouvir algo como: “ninguém solta a mão de ninguém”²⁹; os outros corpos ao redor do estandarte, como se estivessem nos *jardins das hespérides*³⁰, donas de si e de seus corpos, guardiãs da fertilidade (da decisão sobre si mesmas) e da

²⁷ ensado aqui a partir das reflexões pautadas sobre uma matriz Bakhtiniana que não o desvinculada da história, da ideologia e nem da vida.

²⁸ Com o nome *O Carnaval Que Elas Querem*, o hit foi criado pela transexual Rosa Luz, para uma campanha da empresa de cosmético Avon, com duas finalidades: como manifesto contra o assédio às mulheres no carnaval (uma forma de se vincular ao movimento criado por mulheres, em 2017, e que ganhou notoriedade através da hashtag #nãoénao); e o lançamento de batons nudes com 9 tipos de cores de pele, para representar, segundo a empresa, a pluralidade da beleza brasileira no carnaval. O clipe da música pode ser acessado na página no YouTube da empresa. Chamamos, atenção, no entanto, para o deslocamento que o bloco Vaca Profana fez da música para ser trilha de fundo não de uma propaganda, mas de um vídeo de militância feminista, o qual é analisado aqui.

²⁹ Frase que viralizou, em 2018, para retratar um grito de resistência à presidência de Jair Bolsonaro, que durante campanha eleitoral emitiu diversas manifestações que colocavam em xeque os direitos das mulheres e outros grupos.

³⁰ Jardim mitológico no qual viviam as deusas e as ninfas hespérides, as quais personificam a transição entre o dia e a noite e simbolizam além da fertilidade, guardiãs da fonte da imortalidade (Brandão, 1986).

imortalidade (no útero da mulher nasce ou pode morrer a vida), desfilam, dançam, apresentam o que para alguns é o insuportável do corpo feminino (Corso, 2016).

É, contudo, anterior ao todo da figura, que a ordem do olhar nos leva aos seios do corpo de uma mulher negra no centro da imagem, os seios grandes, fartos, que ativam uma cultura visual da representação e significado dos seios de mulheres negras na sociedade brasileira, os quais vão desde as amas de leite na época da escravização, à imagem da Globoleza. É pelo distanciamento a este último, pelo seio flácido, negro-farto, transpassado pela gravidade e pelo que “não deveria” figurar na cena carnavalesca³¹, dentro e fora da avenida, que somos deslocados a outro lugar da produção dos sentidos. O corpo que segura o estandarte do bloco é o de Dandara Pagu, que anos antes quase foi presa por igual “transgressão”.

A ordem do olhar sobre esse corpo, inicialmente, não ativa em nossa memória icônica os corpos presentes nas passarelas do samba³², nem aquele que, na contemporaneidade, desperta as lentes fotográficas que capturam as imagens que percorrem frequentemente as capas das revistas³³. Não. Esse corpo que segura firme o estandarte nas cores branca, preta e dourada (cores oficiais do bloco, em referência à Vaca Profana), presentes também na fantasia; as unhas grandes e afiadas, pintadas de vermelho vivo, cor até hoje perpassada por tabus; os óculos de fundo de garrafa; a cabeça inclinada para traz, a boca em posição de um grito, de guerra? De resistência? De avançemos? De libertação? É a partir desse corpo negro e do conjunto desses corpos em festa que somos levados a uma outra rede de imagens sobre as quais veremos continuidades e rupturas.

³¹ Lembremos de outra imagem que conversa com esta, a dos seios das baianas da escola de samba Beija-flor de Nilópolis prevista para o carnaval de 2017. A notícia gerou polêmica, a maioria dos críticos de carnaval, jornalistas, fomentadores de opinião, noticiavam tal evento que aconteceria no sambódromo como “algo que não caberia na festa”. Uma manchete dizia: “Baianas de peito de fora? Tô fora!” (<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/roda-de-samba/baianas-de-peito-de-fora-to-fora-19769742.html>). Tal polêmica, fez com que a escola voltasse atrás e as os seios das baianas adentraram na avenida cobertos com uma segunda pele.

³² Sem, como já vimos na nota anterior, que haja polêmica.

³³ Aqui colocamos um adendo, com o crescimento dos blocos feminista nas ruas e a potencialidade de seus seguidores nas redes, vemos um interesse da Indústria Cultural e do Mercado da “Beleza” se interessarem em patrocinar os blocos. Isso potencializa para que corpos como o de Dandara apareçam mais para atingir um público em crescimento, que, de fato, por ser um corpo que a revista colocaria em sua capa frequentemente. Entretanto, talvez como algo positivo, a partir disso, vemos emergir uma demanda que o Mercado da “Beleza” e a Indústria Cultural não podem mais silenciar.

O corpo negro de Dandara, poderia nos rememorar às telas de Jean-Baptiste Debret, com suas cenas de carnaval, que escancaram, como vimos em Simson (1992), a objetificação total do corpo da mulher negra na época do entrudo - carne sem razão, despido de emoção, de desejo e de vontade. Mas, ao contrário, ele rompe com essa narrativa que até hoje pode ser vista na cena carnavalesca. Quando focamos os corpos em festa, empoderados, que convocam a uma outra ordem, uma contra-conduta, como diria Foucault, quase conseguimos ouvir as descrições e ilustrações de Pierre de L'Ancre³⁴, em seu *Tableau de l'Inconstance des mauvais anges et démons*, e das bruxas de Goya³⁵, que representaram essas mulheres como hereges, profanas, imorais, bruxas, indignas. Entretanto, novamente, em oposição a essa narrativa, a composição das mulheres no desfile de Vaca Profana confrontam através da ironia, da brincadeira, da arte, do lúdico no verbal e no corpo à produção de um discurso moralizante sobre o corpo da mulher.

Essa rede em que mulher + corpo + dança + paixão + seus próprios desejos (reprimidos ou alimentados) aparecem, lembram-nos, quase como um aviso, que práticas de silenciamento, aprisionamento, tortura e execuções aconteceram a mulheres que viram no espaço da festa um momento de libertação dos discursos sobre ela e seu corpo, que as impunham um lugar, uma ordem de não-corpo, de não-mulher (Federici, 2017). É através “do ajustamento, pela detecção no material signifiicante da imagem, pelos indícios, pelo rastro que outras imagens ali depositaram, e pela reconstrução, a partir destes rastros, da genealogia das imagens de nossa cultura” (Courtine: 2013, p. 51) que vemos a espessura histórica dos corpos aqui representados. Courtine (2013) nos aponta, entretanto, o complexo da intericonicidade, a qual está menos para como as imagens são produzidas fora do indivíduo e mais para a relação que o indivíduo possui com elas. Neste ponto, a conjunção de todos os sistemas semióticos que compõem a vídeo-montagem toma cuidado, como vimos, para que os sentidos ali produzidos não fujam de seus objetivos.

³⁴ Juiz francês, do início do século XVII, responsável por uma das mais maciças caça às bruxas na França. Para legitimar seus atos, Pierre de L'Ancre escreveu três livros nos quais apresenta as principais características que designavam uma bruxa (como ser perfumada, reunir-se em grupos à noite para danças e rituais, etc.), criminalizava os sabás (como eram chamados o agrupamento de mulheres, fosse para festejar, fazerem rituais, etc.) e justifica o porquê da importância de queimá-las no fogo da Inquisição (Federici, 2017).

³⁵ O pintor Francisco de Goya produziu, no final do séc. XVIII, 6 telas que representavam os rituais de feitiçaria nos sabás no século XVI e XVII, auge da caça às bruxas.

Mas existe uma variável nesse todo semiológico do objeto nos direciona a perceber a projeção do corpo feminista no carnaval como acontecimento discursivo digital (Pahud e Paveau, 2017), um cibercorpo. A partir do corpo *em rede*, existem especificidades que nos demandam uma análise que leve em consideração a quase instantaneidade da intericonicidade de Courtine, pois com apenas um clique na imagem, com o botão direito do *mouse*, podemos entrar em contato com inúmeras outras imagens que possuem alguma relação com a primeira (seja no icônico ou nos sentidos). Temos aqui na mutação dos espaços, um elemento importante para pensar um outro funcionamento da imagem na memória interna do indivíduo.

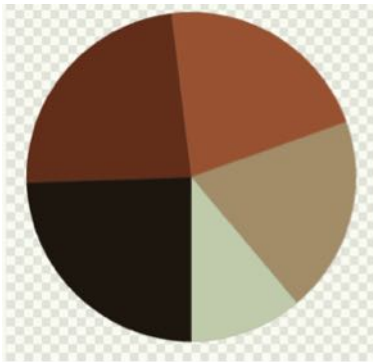


Figura 8 - Paleta de cores dominantes da figura 6



Figura 9 - Recorte do Segundo 0:51_Vaca Profana

Esse potencial do corpo *em rede*, por exemplo, impulsiona-nos a observar índices presentes agora não mais somente na carne, mas nos pixels que formam o corpo como materialidade digital. É por esse caminho que podemos construir facilmente a figura 8³⁶, a qual, retiradas as cores preta (das roupas, dos óculos e dos cabelos), as cores bege para o dourado (dos acessórios, da luz solar, etc.), demonstra a variedade das cores de pele que figuram na imagem. É através do *zoom* que se pode fazer nas imagens, do play, do pausar, do seguir em microssegundos e de outras ferramentas, que o analista poderá descrever e interpretar ainda mais os índices presente em

³⁶ A paleta de cores, aqui demonstrada, foi gerada no programa online Pallete Generator, que utiliza o algoritmo *k-means clustering*. O *k-means clustering* é um método de quantificação vetorial que é utilizado em programas, como o Pallete Generator, para agrupar os pixels em grupos com base em suas cores e, em seguida, localizar as cores dominantes dispostas no centro dos grupos (Kriegel, 2017).

cada frame³⁷ que constrói os corpos que vemos no vídeo. O corpo vira dado numérico, é medido como tal e se expande, viraliza.

Les possibilités sémiotiques offertes par les plateformes de publication en ligne permettent la création de nouvelles formes de discours militant, composites technodiscursifs, verbo-iconiques, fixes ou animés (avatar, mème, pancarte, vignette, GIF, cartoon) qui déplacent la production discursive et l'argumentation hors de la matière langagière au sens strict³⁸. (Pahud e Paveau : 2019, p. 8).

Isto não é um corpo! Diria Foucault? Seria ele heterotopia, local em que se torna possível a utopia dos corpos femininos sem repressões? Até o momento, ele se abre como potencial de luta, uma outra forma de argumentação e produção discursiva que transpassa o mundo físico, o mundo biológico e que não pode mais deixar de ser considerado na construção da festa e da militância feminista.

(In)conclusões de um corpo em (des)construção

Não há neste trabalho o objetivo de esgotar a discussão que ele suscita, ao contrário, é apenas um sopro para pensar o presente histórico, no que tange as estratégia das lutas feministas contemporâneas.

Através do paradigma indiciário, abriu-se uma rede de imagens que nos ajudou a pensar os deslocamentos, as rupturas e continuidades do corpo da mulher no Carnaval, fora dos espaços tradicionalmente marcados como as ruas, as passeatas, as manifestações, os fóruns, etc., mas em um lugar tão imprescindível quanto de se ocupar. Vimos emergir um acontecimento discursivo digital – o cibercorpo, que no caso aqui analisado, inculca o corpo feminista *em rede* como estratégia para quebrar com os paradigmas que, fora do espaço digital, o colocam determinada conceituação do corpo feminino no campo do não-corpo social, indigno de participar como protagonista na festa.

³⁷ Os frames são a quantidade de quadros por segundo que uma câmera capta a imagem, quantos menos frames, 24k por segundo, mais próximo da realidade captada. Quanto mais frames por segundo, abre-se para outras dimensões de captação que a olho nu não são possíveis.

³⁸ “As possibilidade semióticas ofertadas pelas plataformas de publicações online permitem a criação de novas formas de discursos militantes, compostos por elementos tecnodiscursivos, verbo-icônicos, fixos ou animados (avatar, meme, cartaz, vinheta, GIF, cartoon) que deslocam a produção discursiva e a argumentação para fora do domínio da linguagem no sentido estrito” (tradução nossa).

A ordem do olhar nos revelou um esquema de leitura e significações que perpassaram os seios descobertos em conjunção com a gravidade; as mãos, com os punhos cerrados que marcam fortemente a simbologia da luta feminista (9); ou ainda as mãos que formam o símbolo da vagina (9), símbolo forte de um feminismo que compreende que o empoderamento das mulheres passa também pela relação que elas possuem com sua genitália; os braços erguidos com a mão aberta como se dissessem “é minha vez!”; os sorrisos em evidência na festa; as placas (Deixa ela em paz; Rua Marielle Franco) seguradas ao alto, que marcam a posição no cenário político dessas mulheres; a trilha sonora produzida com um verbal tão marcante, que numa via de mão dupla, transmuta-se em corpo e o corpo transmuta-se em verbo. Esses detalhes, aumentados pelas ferramentas digitais sobre um corpo que já não é mais só corpo no sentido estrito, nos fez ver a irrupção do cibercorpo, o corpo ciborgue, o qual na esteira de Donna Haraway, uma das precursoras do ciberfeminismo, o conceituou como “um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo” (2000, p. 36).

Não há neste trabalho o objetivo de esgotar a discussão que ele suscita, ao contrário, é apenas um sobro nesse oceano que são as lutas feministas. As possibilidades semióticas disponíveis nas plataformas online, que nos força a deslocamentos, mostram-nos a atualização do jogo lúdico, artístico, de uma estética da transgressão utilizada pelos movimentos feministas que é anterior à essa era digital, como por exemplo, as paradas do sufrágio feminino em Nova York em 1912. Nessa direção, o objeto aqui aventado, através da encenação de uma identidade estereotipada (a mulher vaca, a mulher profana, o rebuceteio, as mulheres rodadas) adentram no cenário do carnaval contemporâneo como uma atitude política. Distendem, assim como as que construíram essas lutas antes delas, o conceito de política para que o percebamos nessas contraversões, nessas contra-condutas e reivindicam a construção de uma cultura feminina que não perpassasse pelo discurso do homem branco e conservador (Rago, 2016) que oprime e hipersensualiza, principalmente, o corpo das mulheres negras e mestiças no Carnaval. Dito de forma diferente, nessa direção, o corpo negro, mes-

tiço, (para alguém ou além de uma agenda feminista da mulher branca), que constitui os blocos aqui trazidos, reivindicam para si o direito da potência sobre o seu corpo, coberto ou desnudo, e se utiliza da ironia, do jogo e do próprio estereótipo que o permeia para romper com a visão patriarcal e colocarem-se como sujeitos de seus corpos na festa carnavalesca. A *web*, no que tange esse ato, é essencial para a ampliação do alcance do que se marca na rua. Dessa forma, a junção da realidade social e a ficção capaz de mudar o mundo prevista no final da década de 1980, com o uso dos espaços digitais, parece literalmente estar ganhando (ciber)corpo.

Referências bibliográficas

- ALBU, Débora. **Ciberfeminismo no Brasil**: construindo identidades dentro dos limites da rede. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- COSTA, Julia Lourenço. **Memória e des-memória discursivas no movimento ciberfeminista**. *In*: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 18, abr.2019.
- CORSO, Diana. O insuportável do corpo feminino. 2016. (45m44s). Disponível em << <https://www.youtube.com/watch?v=oHiLo8nTyT0>>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.
- COURTINE, Jean Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução: Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- _____. **Introdução**. *In*: COURTINE, Jean Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. (Orgs). História do Corpo: 3. as mutações do olhar. O Século XX. Trad. e ver. Ephraim Ferreira Alves. 4 ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2011. Pp. 7-14.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo : Elefante, 2017
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves.
- HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. in Antropologia do Ciborgue. As vertigens do pós-humano. (org. Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.
- HIRATA, Helena. et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- KRIEGEL, Hans-Peter ; SCHUBERT, Erich; ZIMEK, Arthur. **The (black) art of runtime evaluation**: Are we comparing algorithms or implementations?. *In*: Knowl Inf Syst (2017) 52: 341-378.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- LEMONS, André. **Cibercultura**. Alguns pontos para compreender a nossa época. *In*: Lemos, André; Cunha, Paulo (orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.
- MAZOLLA, Renan Belmonte; GREGOLIM, Maria do Rosário V. **Análise do Discurso, Semiólogia, Ciberespaço**: problematizações contemporâneas *In*: GREGOLIN, M. R. V.; KO-

- GAWA, J. M. M. (Org.). *Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas*. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (Série Trilhas Linguísticas, n. 20). p. 245-269.
- MILANEZ, Milton. **A escrita do Corpo** – Fios e Linhas do Jogo Escriturístico na Revista. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição & POSSENTI, Sírio. *Mídia e Rede de Memória. Vitória da Conquista: Edições Uesb*, 2007.
- PAHUD, Stéphanie; PAVEAU, Marie-Anne. **Nouvelles argumentations féministes**. Données empiriques et théorisations, Argumentation et Analyse du Discours [Online], 18 | 2017, Online since 14 April 2017, connection on 01 May 2019. URL : <http://journals.openedition.org/aad/2305> ; DOI : 10.4000/aad.2305
- _____. **Féminismes de quatrième génération** : Textes, corps, signes. Appel à articles pour la revue Itinéraires LTC. 2015.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Quand les corps s'écrivent** : Discours de femmes à l'ère du numérique . Éric Bidaud. *Recherches de visages. Une approche psychanalytique*, Hermann, 2014, p. 207-241.
- RAGO, Margareth. **Da insubmissão feminista na atualidade**. 2016. (46m48s). Disponível em << <https://www.youtube.com/watch?v=gh67t3a9Mjs>>>. Acessado em: 1 de abril de 2019.
- SARGENTINI, Vanice M. Oliveira. **Análise do discurso político**: semiologia e história. In: XVI Congreso Internacional de la ALFAL – Alcalá 2011 – Pragmática S- 2. p. 1687 a 1696.
- STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo**: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado; tradução de Kristin Lie Garrubo. — 1a ed. — São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Cultrix, 2002.
- SIMSON, Olga R. de Moraes. **Mulher e carnaval**: mito e realidade (Análise da atuação feminina nos folguedos de Momo desde o Entrudo até as Escolas de Samba). In: R. História. São Paulo, n. 125-126, p. 7-32, ago-dez/91 a jan-jul92.

Anexo

Ficha Técnica do Clipe Vaca Profana

Direção e fotografia: @claragouvea . @ntbconteudo drone: @rafamedeiros245 fotografia still: @gbgalindo e @betofigueiroa montagem: @lucaslima.po trilha: @fabiosmeili apoio: @avonbrasil Cantora: @rosaluz
 Título: O Carnaval que elas querem. Cliente: AVON Idealização do projeto e earned media strategy: Soko Crafting Connections Head of Media and Influencers: Pedro Tourinho Head of Strategy: Felipe Simi Head of Operations: Brisa Vicente Creative Data Leader: Rafael Caldeira Account Leader: Renata Cintra Creative Data Manager: Gabriela Rodrigues Coordination and attendance: Bianca Iaconelli e Priscila Sampaio Hub Avon: J. Walter Thompson Brasil, Mutato e Icherry CCO: Ricardo John Head de Mídia: Giovanna Venturelli Direção de Criação: Danilo Janjacom e

Talita Cardozo. Redator: Marcel Ares. Diretor de Arte: Dandara Hahn
Diretora de conteúdo: Bibiana Saldanha Head of Global Business Camp;
operations: Larissa Zucatelli Atendimento: Kleber Bonaparte Filho e Elisa
Graeff Mídia: Vanessa Pupato, Luana Belchior, Naraiane Fronza, Iuri Bor-
ges, Alexandre Ruiz. Planejamento: Annelize Conti Influência: Carolina
Bertelli e Carolina Guimarães. Aprovação Cliente: Danielle Bibas, Juliana
Barros, Miguel Marsicano, Lucas Fajardo e Juliana Marchioreto.

“Mas é com essa roupa?”: questões analíticas acerca da polêmica de assédio de Silvio Santos a Claudia Leitte

Roberto Leiser Baronas

Tamires Bonani Conti

Daniel Mariano

1. Introdução

Silvio: – *"Esse negócio de ficar dando abraço me excita e eu não gosto de ficar excitado"*

Claudia: – *"no sentido feliz da palavra, de alegria; euforia, excitação, né?"*

Silvio: – *"não é euforia, é excitação mesmo!"*

Esse diálogo compreende parte da narrativa que polemizou em novembro de 2018, durante a apresentação do programa Teleton 2018, maratona televisiva brasileira exibida anualmente pelo SBT e pela TV Cultura com o objetivo de arrecadar fundos em prol da Associação de Assistência à Criança Deficiente – AACD. A conversa foi exibida nesses canais de televisão e em seguida recuperada inúmeras vezes por vídeos recortados nos canais no YouTube e também em postagens em redes sociais. A polêmica gira em torno da acusação de assédio por parte de Silvio Santos, nome artístico de Senor Abravanel, apresentador e sócio-proprietário da emissora SBT, contra Claudia Leitte, cantora e apresentadora que participou do programa Teleton 2018. Dentre vários comentários, Silvio ridiculariza a cantora por conta de sua roupa e tece explicações machistas para a situação, como veremos no decorrer do texto¹.

¹ O vídeo que mostra o momento deste episódio pode ser encontrado em: SILVIO Santos e Claudia Leitte no Teleton. **Fábio Brito**, 11 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kFWPeal-QYwM>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

Tal discussão se deu, sobretudo, nas redes sociais, tendo sido pauta pouco significativa na grande mídia. Nesse sentido, interessa-nos trazer à luz o debate instaurado entre as posições favoráveis ou contra tal acusação nas redes sociais, especialmente no Instagram e, mais especificamente, com base no uso das *hashtags* que compreendiam dita problemática.

Alicerçados neste momento polêmico, este capítulo tem como objetivo geral fazer parte de um grupo de reflexões científicas que compõem este livro acerca dos discursos produzidos em torno do movimento feminista, especificamente sobre discursos em defesa da mudança do modelo patriarcal de modo mais direto. De modo mais afunilado, nossa discussão sobre a temática se ancora nas discussões acerca dos conceitos de pequenas frases (Krieg-Planque, 2012) e das tecnodiscursividades nativas da *web* (Paveau, 2013; 2017). Nesse sentido, nosso objetivo mais específico é trazer à baila a discussão sobre as pequenas frases em contexto digital, pensando em seu funcionamento não mais com base na emergência de um grupo de jornalistas ou grupos de grande mídia, mas sim por atores sociais que não são somente leitores, mas que também fazem o papel de destacar enunciados e de colocá-los a circular em redes sociais. Assim, a primeira parte teórica cuidará de discutir e, quiçá, atualizar o conceito para tratar de nosso *corpus*. Logo, propomos neste texto, por exemplo, uma análise do enunciado “Mexeu com uma, mexeu com todas”, posto a circular intensivamente nos dias posteriores à exibição do programa, considerando seu uso especialmente como legendas de postagens ou *hashtag*.

De tal modo, nossa proposta é que tais conceitos da Análise do Discurso de orientação francesa nos ajudem a compreender, ao menos discursivamente, a luta feminista (ou uma pequena fração dela) na geografia brasileira, a qual trava um embate na guerra pela desconstrução de discursos já cristalizados na sociedade, sobretudo aqueles de viés machistas e misóginos. Nessa linha, não por falta de interesse ou de entendimento de sua suma importância, mas de escolha metodológica, este capítulo não tratará exaustivamente de teorizar o feminismo, mas de entender a circulação de seus discursos por meio dos conceitos citados.

2. Um pouco sobre teoria: revisitando o conceito de *pequenas frases*

O fenômeno das “pequenas frases” vem sendo objeto de destaque desde os anos 1970, 1980, período que compreendeu mudanças na mídia francesa e mundial, juntamente com a profissionalização do jornalismo. Antes desse período, já era conhecida a criação, retomada e circulação de enunciados curtos, como os adágios, provérbios, sentenças, ditados em contexto que não só o político, como o empresarial, por exemplo – apesar de ser no político que o destacamento ganhava certa vitalidade. No entanto, a especificidade das “pequenas frases” da qual nos remetemos aqui consiste na sua construção baseada pelos atores sociais:

a “pequena frase” surge como objeto coproduzido pelas mídias (ou seja, não somente por jornalistas, mas também pelas mídias como dispositivos de mediação e mediatização) e políticos (e por comunicadores que são seus auxiliares). É necessário, portanto, evocar os quadros sociosemióticos e as categorias dos atores, para especificar a reflexão sobre as “pequenas frases” e pôr em relação outros tipos de práticas de produção e de retomada de enunciados destacados. (Krieg-Planque, 2016, p. 21, grifo nosso)

O sintagma “pequena frase” é formado por um adjetivo e um nome. Apesar de uma afirmação basilar, é bom ressaltar que tal adjetivo, polivalente e metalinguístico, sempre está anteposto à frase devido à sua característica de enunciado cristalizado. Não dizemos “frase pequena” no sentido em que propomos estudar aqui, por exemplo. Também não trocamos o adjetivo no eixo sintagmático, por exemplo, como em “frase sucinta”, uma vez que se trata de uma lexia, de um “bloco” como um todo específico: “nos empregos aqui considerados, ‘pequena frase’ se caracteriza por seu valor denominativo e seu sentido locucional, o que quer dizer que é marcada por uma certa estabilidade em sua maneira de remeter a um referente.” (Krieg-Planque, 2016, p. 15) Dessa forma, o que interessa nos estudos acerca deste fenômeno não são os sintagmas usados como designação ou empregados em seu sentido composicional, mas, sobretudo, aparições em seu sentido locucional; enunciativo.

Para Krieg-Planque (2016, p. 17), “pequena frase” pode ser definida, então, da seguinte maneira:

“pequena frase” é um sintagma denominativo metalinguístico não-científico (e mais precisamente: que advém do discurso outro apropriado) que designa

um enunciado destacado pelos atores sociais e que se apresenta como destinado à retomada e à circulação.

Segundo os pressupostos teóricos de Dominique Maingueneau, com base nos estudos sobre os destacamentos enunciativos e as aforizações, podemos entender melhor as questões sobre o suporte enunciativo das “pequenas frases”. É também com base nesses estudos que podemos entender a fabricação e pensar a sobreasseveração de enunciados sobre acontecimentos que envolvem questões do universo feminista, ou, ao menos, questões que incitam o seu debate. Apesar de sua importância, interessa-nos mais, neste momento, limitarmo-nos à discussão sobre as “pequenas frases”, considerando que questões de destacabilidade vão além da temática concernente a elas. Nas palavras da autora francesa:

A especificidade das “pequenas frases”, relativamente a outros enunciados sobreasseverados, que vamos evocar rapidamente, reside em modalidades de sua construção por atores sociais: a “pequena frase” surge como objeto coproduzido pelas mídias (ou seja, não somente por jornalistas, mas também pelas mídias como dispositivos de mediação e mediação) e políticos (e por comunicadores que são seus auxiliares). É necessário, portanto, evocar os quadros sociosemióticos e as categorias dos atores, para especificar a reflexão sobre as “pequenas frases” e pôr em relação outros tipos de práticas de produção e de retomada de enunciados destacados. (Krieg-Planque, 2016, p. 21)

Nesse sentido, foi a partir do período em que a mídia (mais especificamente a partir da francesa) começou a se transformar no mais próximo daquela que conhecemos hoje (década de 1970, 1980), junto com o reconhecimento da profissionalização dos especialistas em comunicação política, que passou-se a privilegiar a produção de “pequenas frases”. Tal fato se deu por determinados motivos, como a formatação mais ou menos fixa de certos gêneros que circulariam nos jornais (impressos e digitais), por exemplo.

Seguindo esta abordagem, o uso do espaço semiótico do jornal, com uma tendência a ser fragmentado, caminha em direção à “diminuição do volume das unidades de conteúdo [...] impondo formatos de artigos mais curtos e compostos de muitos elementos paratextuais: títulos, subtítulos, intertítulos, slogans, palavras-chave, epígrafes, legendas.” (idem, p. 22), o que acaba tornando os blocos de textos mais complexos de serem lidos e otimiza a fabricação de enunciados destacados, “no sentido que viabiliza antecipadamente um lugar” (idem, p. 22).

O ambiente midiático também propicia outra característica para as “pequenas frases”, que é a acontecimentalidade e a narração. As “pequenas frases” fazem parte da fabricação de acontecimentos, sobretudo porque, em determinados momentos, certos atores sociais podem fazer com que sua fala seja transformada em acontecimento, e de modo mais específico, “em um acontecimento que eles mesmos poderão, de uma maneira ou de outra identificar como ‘pequena frase.’” (Krieg-Planque, 2016, p. 23) Quando qualificado como tal, o enunciado tido como “pequena frase” engendra um acontecimento na medida em que há uma qualificação explícita sob o termo, como é o caso de “Esta pequena frase que marcou a campanha...”, por exemplo. Outro caso se dá quando “a fala política é construída em ‘pequena frase’ porque ela integra uma série de eventos discursivos que foram previamente identificáveis conforme seu pertencimento a este paradigma” (idem).

Se no ambiente midiático tradicional as pequenas frases engendram uma acontecimentalidade e uma narração, nas chamadas mídias digitais a narração dessa acontecimentalidade é ainda mais disputada, pois dados e estatísticos, como o número de compartilhamentos e curtidas nas redes sociais, impactam nessa disputa. Assim, as pequenas frases adquirem um papel ainda mais fundamental na circulação e litígio por um discurso hegemônico nas redes sociais.

Há, ainda, a fabricação do acontecimento discursivo pelas categorizações feitas pelas rubricas jornalísticas. Tais categorias, também justificadas pela fragmentação do jornal que explicamos anteriormente, são, muitas vezes, perenes, e têm lugar reservado na divisão semiótica do jornal (como “Frases da semana”, “As pequenas frases de...”). Mas, em “todos os casos, o trabalho de categorização supõe que os atores sociais tenham meios de agir sobre os dispositivos que tornam possíveis estas rubricas.” (Krieg-Planque, 2016, p. 24) De novo, ao atualizarmos esta característica ao ambiente das redes sociais, temos que os espaços privilegiados passam a ser as legendas das postagens ou, como no exemplo que mostraremos em nossa análise, o enunciado que comporá a própria postagem.

Segundo os estudos da teórica francesa, Krieg-Planque, a preferência pelas “pequenas frases” também é dada pela inclinação do sujeito jornalista em escolher destacar um trecho julgado importante da fala política, uma vez que isso diminui riscos de comprometimento com o erro por parte do jornalista e tempo de elaboração de sumarização de todo o conteúdo. Este

acesso por parte dos jornalistas a esses tipos de textos já propensos ao destacamento se dá, também, por conta dos imperativos aos quais estão submetidos. Segundo Krieg-Planque (2016, p. 25):

Referente a esses quadros de produção dos discursos, a “pequena frase” é integrada à narração porque é construída como acontecimento, e ela é assim construída porque é associada a uma intenção, a uma posição, a uma doutrina, a uma ideologia, a um traço de personalidade, a uma opinião, a uma estratégia, a uma ambição, a interesses ou a um projeto, que a “pequena frase” supostamente condensa ou dos quais ela supostamente é sintoma.

Notadamente de modo diferente, as nossas pequenas frases aqui em questão são frutos não de uma seleção jornalística, mas sim de polêmica gerada com base na problematização de comentários machistas e que vão de encontro ao preconizado pelo movimento feminista, de luta por conquistas e igualdade entre homens e mulheres. Se não há um editorial formado por profissionais do jornalismo (pelo menos não somente e majoritariamente), há usurários e grupos de usuários dessas redes sociais que assumem este papel de destacador e de pôr a circular o que não lhe parece adequado ideologicamente. De novo, parecemos ter, pelo menos em nosso caso de análise, a polêmica como fio condutor para que essas pequenas frases “peguem” na onda do que vai circular massivamente nas redes sociais em um determinado período. Obviamente não desconsideramos aqui que o funcionamento das redes sociais não se dá de modo inocente: reconhecemos que há ação de grupos que pretendem orientar o viés ou mesmo as temáticas em discussão, seja por meio de *fakenews* seja por impulsionamento de publicações, *hashtags* e interações de usuários robôs. No entanto, nosso objetivo aqui é diferenciar o mecanismo e funcionamento das pequenas frases nesse novo contexto e também reconhecer a mudança do papel do sujeito leitor, antes mais passivo, nesse procedimento, agora muito mais participativo.

Tal construção da “pequena frase” como acontecimento, de um lado, é dada devido à contribuição dos comunicadores, que, por sua vez, têm propósitos a serem alcançados e focos para serem dados (ou até dissimulados). É o caso dos *slogans* políticos, por exemplo. De outro lado, estão os atores políticos que tentam moldar sua fala, uma vez que trabalham com um dizer político controlado, objetivando, sobretudo, visibilidade e destaque ao que também lhe interessa, sendo representado pela imprensa. Segundo Krieg-Planque (2016, p. 27):

A produção de “pequenas frases” participa, de fato, dessas ações de dissimulação e de colocar-se em visibilidade, sejam elas de dar visibilidade a uma proposta que não era destinada a sê-lo, ou colocar em visibilidade uma proposta que já estava destinada a ser notada. Neste quadro, os jornalistas e, mais amplamente, os meios de comunicação, tornam os políticos objeto de um jogo de instrumentalização complexo para fazer circular as mensagens. Para cada um desses dois grupos de atores, que são os políticos e os comunicadores, a produção de “pequenas frases” se inscreve num campo de expertise e práticas identificáveis.

A capacidade de se fazer circular a proposta desejada por meio de uma “pequena frase”, por parte dos políticos, trata-se de uma competência comunicacional, ou, nas palavras da autora, trata-se da “profissionalização dos políticos em suas funções comunicacionais” (idem).

Krieg-Planque (2016, p. 29) propõe que, para que se possa estudar as “pequenas frases” de um ponto de vista da Análise do Discurso,

é necessário refletir no quadro maior de três questões juntas: o controle da agenda, segundo uma problemática da agenda, setting; o imperativo de visibilidade, no quadro midiático complexo evocado anteriormente; a injunção da criação de acontecimentos e incluindo as do dia de “escândalos” ou de “negócios”. O estudo das “pequenas frases” une outros questionamentos contemporâneos sobre a relação dos políticos à sua midiatisação.

Mas, afinal, o que faz das “pequenas frases” este fenômeno de enunciados que são retomados e se fazem circular da maneira como o são? A notabilidade deste tipo de enunciado político é baseada em dois princípios, a saber: recursos semânticos e formais e recursos pragmáticos e argumentativos. Por parte dos recursos semânticos, podemos elencar: metáfora, metonímia, alegoria, sinédoque, entre outras figuras da linguagem e do pensamento. Por outro lado, da parte das propriedades formais desses enunciados, estão: inversão, quiasma, paralelismo, paronomásia, repetição, simetria, isócolo, onomatopeia, antítese, entre outros. Nas palavras de Krieg-Planque (2016, p. 30), “de fato, os enunciados dotados de um alcance referencial geral são significativamente mais retomados que os demais: enunciados parênicos, axiomáticos, proverbiais, sentenciosos e aforizações.”

Ademais dessas características elencadas anteriormente, a brevidade deste tipo de enunciado também corrobora para sua retomada e circulação. A pequena frase carrega consigo conteúdos diversos compactados nela

mesma, o que faz com que ela tenha lugar de destaque nos discursos. Para Krieg-Planque (2016, p. 31), “Este último ponto chama a atenção sobre a ancoragem social dos fenômenos de circulação e de retomada, os quais não podem ser reduzidos às manifestações formais e estilísticas, mas devem ser apreendidos em seus valores pragmáticos e argumentativos.”

Estes valores pragmáticos e argumentativos da “pequena frase” que a autora francesa cita são dotados de uma característica particular que lhe dá notoriedade: seu valor ilocutório. Sobre tal aspecto, podemos defini-lo, sumariamente, como um enunciado dotado de um ato de linguagem. É o caso das promessas, apoios, ameaças e ofensas, por exemplo. Indo um pouco mais além, assumimos, junto com a pesquisadora francesa, a existência e importância de um valor performativo neste tipo de enunciado. Nesse sentido é que poderíamos buscar entender a notoriedade do enunciado proposto a ser estudado neste artigo. Remetendo ao que comentaremos com mais afinco na seção de análise, enunciados como “Mexeu com uma, mexeu com todas” teria sua notoriedade ainda mais realçada ao ser acompanhado pelo fato de estar associado a um acontecimento polêmico, fruto da discussão que busca problematizar discursos machistas naturalizados na sociedade. Se este exemplo se dá como correto, assumimos a importância dos lugares e estatutos para o cumprimento dos atos de linguagem. Sobre isso, Krieg-Planque (2016, p. 34) afirma que

Se o enunciado for dotado de um valor de ação, ele preenche as condições necessárias para o sucesso dos atos de linguagem: é porque o locutor desfruta da autoridade conferida por sua função que a declaração é notável, ao mesmo tempo em que a declaração, de certo modo, reorienta e altera as prioridades da ação pública.

Se, por um lado, as “pequenas frases” são tão complexas quanto tentamos mostrar até então, por outro, ainda que o seja, carregam consigo um julgamento negativo por parte dos atores sociais. Com frequência encontramos declarações que desqualificam o uso desse tipo de enunciado, acusando o próprio ator político do uso de algum tipo de superficialidade, polêmica, dissimulação, em detrimento de algo de conteúdo profundo, verdadeiro e responsável. Mas se os atores políticos são julgados pelo uso das “pequenas frases”, o contrário também é verdadeiro: para os políticos, os jornalistas são quem usam maliciosamente este recurso, descontextualizando declarações de modo a distorcer interpretações. Também por mais

esta característica, a de ser reconhecida frequentemente como pejorativa, é que encontramos seu caráter ambivalente. Sobre a ambivalência, Krieg-Planque (2016, p. 37) afirma que,

enquanto categoria nativa, ela serve para desenhar as fronteiras da adversidade e a gerir as relações entre diferentes categorias de atores e diferentes posicionamentos. Em síntese, se “pequena frase” aparece como um elemento pejorativo, ela se manifesta, principalmente, como um elemento disponível para desqualificar os atores ou as categorias dos atores. De fato, o caráter pejorativo funciona como um instrumento de acusação que os políticos podem utilizar contra os jornalistas, acusados de reproduzir as pequenas frases de maneira a fazer circular declarações espetaculares, de truncar os discursos [...] Da mesma forma, os jornalistas acusam os políticos de fazerem uso das “pequenas frases” no âmbito de uma dramatização da cena pública que só serve aos interesses destes últimos.

Sendo assim, seria possível afirmar que, apesar da “pequena frase” ser objeto desses atores sociais, nesse sentido, é a “pequena frase” que os torna objetos, proporcionando um verdadeiro canteiro de análise para os pesquisadores.

A partir do momento em que decidimos fazer um trabalho científico, como no caso deste texto, com o objetivo de estudar como objeto enunciados curtos, destacados, que passaram a circular de maneira, a princípio, extremamente rápida e sem muitas explicações, mas que, notadamente, propicia uma determinada interpretação de leitura, encontramos-nos frente a diversos desafios. O primeiro deles, podemos dizer, é trabalhar com o objeto “pequenas frases” de um ponto de vista científico, visto que este termo, embora muito recorrente na mídia, pertence a um léxico não-científico, do ponto de vista de um linguista ou outro especialista das ciências da linguagem. Este termo se difere de outros ditos como científicos e também pertencentes ao léxico de leigos, como é o caso de “sinonímia” ou mesmo “frase”. Segundo Krieg-Planque (2016, p. 16):

Chegamos assim a uma observação bastante interessante: “frase” pertence ao mesmo tempo ao léxico científico e ao léxico leigo, mas “pequena frase” como denominação não pertence, atualmente, ao léxico científico do linguista.

Consideradas todas as afirmações de características propostas por Krieg-Planque (2016) acerca das pequenas frases, a problemática que nos é proposta e, mais do que isso, que nos incita em nossa pesquisa sobre enun-

ciados curtos, é, nas palavras da autora (Krieg-Planque, 2016, p. 18):

sublinhamos que as considerações expostas aqui sobre proposições sócio históricas de uma língua e de um universo de discurso não são aplicáveis para outras línguas e para outros universos discursivos. Por conseguinte, investigações específicas fora do espaço francês contemporâneo deveriam se ocupar em buscar caminhos construídos em seu próprio espaço nacional, que constrói não somente um conjunto de formulações (por exemplo, em inglês, sound bite, quote, buzzword, catchword, bullet...), mas também um conjunto de fenômenos e de práticas políticas e midiáticas.

De modo geral, é possível depreendermos dos postulados teóricos de Krieg-Planque uma teoria aplicada somente ao ambiente midiático tradicional, coberto especialmente por jornais consagrados. No entanto, apesar de atraente, é esta armadilha que objetivamos negar neste texto, assumindo que é executável sua reflexão para as novas mídias digitais.

Nesse sentido, ao considerarmos esta revisão teórica que fizemos neste artigo acerca das pequenas frases, percebemos o quanto esta teoria, apesar de ter sido pensada em outro momento sócio-histórico, ainda é pertinente para balisar nossos estudos discursivos acerca de enunciados curtos que circulam atualmente, especialmente nas redes sociais, seja como legendas das postagens ou como constituinte das próprias postagens. Assim, em nossos apontamentos analíticos, procuraremos mostrar possibilidades de atualização da teoria aplicada a este dito novo contexto, o das redes sociais.

3. *Hashtag*: um olhar pelo viés dos estudos discursivos

No dicionário de Marie-Anne Paveau, *L'Analyse do Discours Numérique* (2017), a autora fez um estudo sobre as hashtags na rede social Twitter. Apesar de nosso *corpus* ser composto por enunciados do Instagram, o estudo desta pesquisadora é fundamental e traz uma visão bastante atual acerca desse mecanismo pelo olhar da Análise do Discurso – AD.

Para a teórica, *hashtag* é um “segmento de linguagem precedido do sinal #” (Paveau, 2017, p. 197). Esta pode ser usada como legenda para postagens, funcionando como um *hyperlink* que leva o usuário da rede social a se ligar com outras postagens que use o mesmo recurso. Assim, este mecanismo permite que se forme uma rede com assuntos ou temas em comum, agrupando postagens e, por conseguinte, usuários, com o mesmo interesse compartilhado.

Ademais de formar essa rede, tais compartilhamentos de conteúdos constituem “formas endêmicas de participação discursiva” (Paveau, 2017, p. 198).

Ainda segundo a autora, a *hashtag* é uma tecnopalavra, pois, ademais da formação linguística (# + palavra), este recurso exclusivo da web permite que os usuários de redes sociais, como Twitter, Facebook e Instagram, conectem-se em uma rede com temáticas semelhantes. Assim, a tecnopalavra funciona como um *hyperlink* que, ao invés de levar a um lugar ou página específicos, une o usuário a uma rede em que ele consegue ver de maneira panorâmica todas, ou ao menos as principais, postagens que também usem deste recurso.

Interessante observar que, no caso da rede social que objetivamos recolher nosso *corpus*, o Instagram – mas isso acontece muito no Facebook também –, o uso da tecnopalavra *hashtag* é bastante comum também em imagens. Ou seja, nesse caso não há o recurso de *hyperlink* para ligar a palavra à rede de postagens com seus semelhantes; o que temos é apenas a imagem da tecnopalavra, mas não seu funcionamento de conexão. Entretanto, apesar dessa conexão não existir digitalmente, ou seja, de não haver o recurso de *hyperlink*, tal uso ainda assim faz uma conexão discursiva, de significado para seus leitores/ usuários da rede social. Pensando nos discursos ativistas e militantes, por exemplo, tal marca de tecnopalavra representada na imagem reafirma o discurso a qual pertence a postagem, a página, o usuário... Mais especificamente, pensando no discurso feminista, essas representações das *hashtags* marcam um posicionamento ideológico a respeito de pautas importantes para o grupo. É como se a imagem da tecnopalavra – mais adequadamente, seus sentidos – fosse um objeto de disputa por sua propriedade.

Assim, cabe ressaltar que a *hashtag*, apesar de não ser a questão mais central neste trabalho, é um importante mecanismo de funcionamento discursivo das redes sociais, sendo imprescindível não falar sobre seus usos e significações aqui. Ademais, é por meio delas que conseguimos enxergar a rede de postagens, como um todo, sobre a polêmica que nos interessa.

4. Apontamentos analíticos

Como apresentado anteriormente, nosso trabalho tem como base o acontecimento que marcou o debate sobre as falas de Silvio Santos a Claudia Leite quando de sua apresentação no programa Teleton 2018. Após a exi-

bição do programa e diversos compartilhamentos do vídeo deste momento, a cantora se pronunciou sobre o ocorrido, como mostra na Figura 1.



Figura 1: Postagem de Claudia Leitte sobre a polêmica do assédio de Silvio Santos

Fonte: < https://www.instagram.com/p/BqE0aiFILRF/?utm_source=ig_web_copy_link>.

Acesso em: 1 jul. 2019.

No texto completo de sua legenda, a cantora diz que:

Aonde quer que eu vá, minha entrega é total. Tem que ser com todo amor do mundo, especialmente quando se trata de contribuir para o bem de alguém. Senti-me constrangida sim!

Quando passamos por episódios desse tipo, vemos em exemplificação, o que acontece com muitas mulheres todos os dias, em muitos lugares. Isso é desenfreado, cruel, nos fere e nos dá medo. A provocação vem disfarçada de piada, e as pessoas riem, porque acostumaram-se, parece-nos normal! E lá se vai a nossa vida, cheia de reflexões quanto ao que usar como artista, como empresária, como esposa, como amiga, como empregada, como patroa... como mulher. Até que horas podemos estar nas ruas? Aprendemos a nos esquivar. Fizemos concessões porque fomos educadas assim. Mas, nós que somos vítimas! "Ah, mas se estivéssemos usando outra roupa?" Definitivamente a culpa não é do que estamos usando! A culpa é dessa atitude constrangedora e de dois pesos e duas medidas. Somos livres!

Eu, como cantora, ciente do meu papel e da responsabilidade que carrego, sentia que precisava dizer isso a vocês, meus fãs, e a todas as pessoas, em especial às mulheres, que longe do olhar público sofrem todos os dias. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BqE0aiFILRF/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 1 jul. 2019)

Interessa-nos aqui esta postagem, pois foi a partir dela que se intensificaram ainda mais as guerras de pequenas frases e *hashtags*. Tal embate se dá, prioritariamente, nos comentários dessa postagem. Apesar de se pronunciar contra a atitude do apresentador, a postagem da cantora recebe comentários, como: “#somostodosilviosantos”, “Frescura!”, “#atardeesua”, “#porumminutodefama”, “#claudialeitemimimi”, “#soumaisIvete”, o que marca um enfrentamento ideológico contra o discurso feminista. Importante destacar que a maioria desses comentários vinham de perfis que se declaravam como de mulheres.

Antagonicamente, outros discursos também circulavam com *hashtags* para confrontar o discurso de oposição à cantora. Estes puderam ser captados pelas *hashtags*: #machistasnaopassao #claudialeitte #silviosantos #machismo #assediosexual #machistasnaopassarao #somostodosclaudialeitte #culturadoestupro #culturadomachismo #feministas #feminismo #sermulher #assedionao #chegadeassedio #mexeucomunamexeucomtodas #ChegaDeAssedio. Seguindo esses *hiperlinks*, pudemos ver outras postagens que associam seu discurso ao da cantora, como é o caso do *post* da Figura 2, a seguir.



Figura 2: Postagem do Instagram comentando o caso

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BqFywOInZNP/?utm_source=ig_web_copy_link>.
Acesso em: 1 jul. 2019.

Ao seguir as *hashtags*, encontramos nosso principal objeto de análise aqui: as pequenas frases que fazem parte da imagem da postagem, como é o exemplo da Figura 2, e aquelas que acompanham as imagens em forma de legenda.

No caso da imagem apresentada na Figura 2, a *hashtag* “#chegadeassédio” nos levou à postagem com a pequena frase “Mexeu com uma mexeu com todas”. A pequena frase vem acompanhada de uma imagem ao fundo, a qual mostra o momento da conversa entre Silvio e Claudia Leitte, o que associa diretamente o enunciado à polêmica em questão. Além disso, temos também na imagem o enunciado “#chegadeassédio”, que funciona como um marcador ideológico, uma vez que seu funcionamento como *hashtag* não é o esperado, já que na imagem esta não possui mecanismos para fazer o *hiperlink*.

O enunciado “Mexeu com uma mexeu com todas” corresponde às características postuladas por Krieg-Planque acerca das pequenas frases: tem paralelismo pregnante, repetição, simetria em sua formulação. Ademais, ela também é breve, o que contribui para sua retomada e circulação. Esta pequena frase traz consigo outros enunciados, retomados nela mesma, contribuindo para sua aforização e destaque. É possível encontrarmos, por exemplo, seu uso em outras situações que compreendem tema relacionado ao ativismo feminista.

Além disso, esta pequena frase é dotada de uma característica particular deste tipo de texto: seu valor ilocutório. Mesmo que de maneira velada, há uma ameaça, promessa, em nome de um posicionamento ideológico feminista, que se adapta a acontecimentos polêmicos diversos, desde que dentro da temática, e estabelece um valor performativo. Tal valor performativo contribui para realçar ainda mais o pertencimento ou sua associação ao discurso feminista. Dessa maneira, seu locutor, no caso os usuários do Instagram que fazem a postagem ou usam a *hashtag*, aproveitam da autoridade que esta pequena frase tem por ser notável, concomitantemente modificam as preferências de pautas nas redes sociais.

Em nossa pesquisa sobre o tema, encontramos que a *hashtag* “#somostodosclaudialeitte” teve 7 correspondências de postagens, enquanto que “#somostodosilviosantos” teve 574 publicações no Instagram, como mostram as Figuras 3 e 4. Fazendo uma divisão bastante basilar, temos 82 publicações contra para cada 1 publicação a favor da cantora. Apesar dessa interpretação não ser nosso foco principal neste texto, ela nos dá uma amostra do quão resistente é o discurso dito conservador no país.

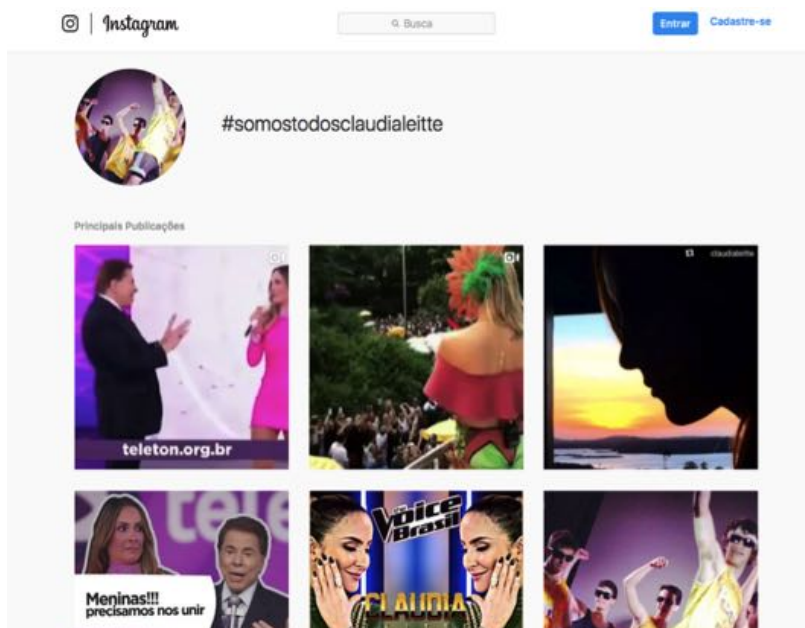


Figura 3: Busca pela *hashtag* #somostodosclaudialeitteFonte: <<https://www.instagram.com/explore/tags/somostodosclaudialeitte/>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

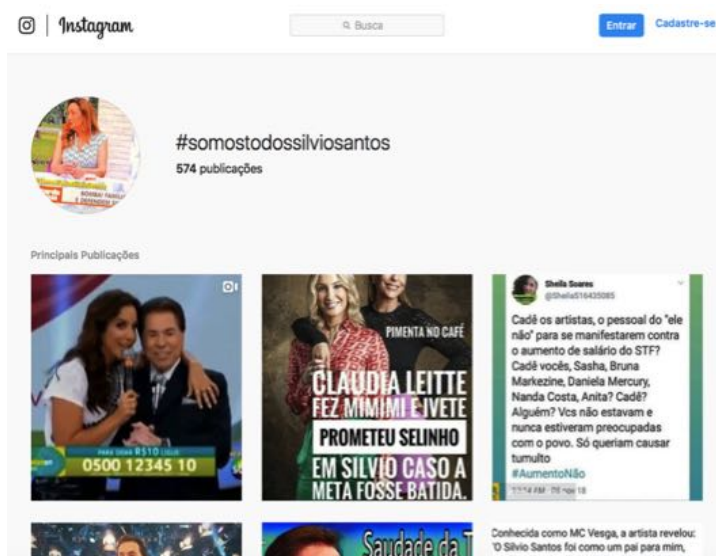


Figura 4: Busca pela *hashtag* #somostodosilviosantos
Fonte: <<https://www.instagram.com/explore/tags/somostodosilviosantos/>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

Nesse sentido, cabe ressaltar a disputa pela propriedade das *hashtags*: a tecnopalavra com a formação “# + somos todos alguma coisa” está sempre associada a uma identificação e apoio a personagens públicos ou que se tornaram conhecidas em determinada situação que chegou ao conhecimento da sociedade. Assim, a disputa por seu uso e propagação é determinante nesse meio para medir apoio e aceitação nesses “espaces numériques” (Paveau, 2015).

Em nosso caso de análise, cabe apontar que, diferentemente dos estudos que formaram o berço teórico das pequenas frases, por conta mesmo de uma questão epistemológica, aqui não temos a participação significativa da grande mídia, aquela tradicional formada por especialmente por jornais reconhecidos. Tampouco podemos notar a fabricação destas por meio de atores políticos e seus assessores, que sobreasseveram trechos específicos de falas ensaiadas. Aqui, temos dois ingredientes fundamentais em sua diferenciação: a) a participação dos leitores, que nesse contexto são também autores que produzem e replicam esses enunciados – e não mais um jornalista que produz, seleciona e publica as pequenas frases com o destaque que escolher, como manchete, por exemplo; e b) sua relação íntima com as *hashtags*, que engendram percursos interpretativos que são narrados e reafirmados pelas pequenas frases, mas também ao contrário, que dão vida e “proprietários” ideológicos para as tecnopalavras.

5. Efeito de fim

Neste texto, objetivamos trazer à luz a polêmica acerca do assédio do apresentador Silvio Santos para com a cantora Claudia Leitte quando da apresentação do programa Teleton 2018. Para isso, balizamos nossa escrita especialmente nos conceitos de Marie-Anne Paveau (2013; 2017) acerca das tecnodiscursividades nativas da *web* e de Krieg-Planque (2012) sobre pequenas frases. Assim, nosso objetivo foi revisitar este último conceito com vistas a aplicá-lo sobre uma nova perspectiva e/ ou contexto: se antes as pequenas frases, quando dos principais textos de Krieg-Planque sobre o tema, eram especialmente discutidas teoricamente para e com base em rotinas jornalísticas, pensando na grande mídia tradicional, aqui buscamos sua discussão, com sua base teórica ainda atual e pertinente, aplicada ao um contexto

relativamente novo das redes sociais, no qual os sujeitos, antes leitores mais passivos, hoje também sobreasseveram, recortam e colocam a circular imagens, textos, *hashtags*, enfim... posicionamentos discursivos.

Desse modo, as formulações linguísticas materializam a organização das relações de disputa e enfrentamento discursivo acerca de polêmicas. Mais especialmente no nosso caso analisado, as formulações linguísticas associadas aos recursos digitais, como as *hashtags*, atravessam e ao mesmo tempo constituem os discursos feministas no âmbito virtual, especificamente nas redes sociais.

Assim como começamos este texto trazendo à baila um trecho da gravação da apresentação do programa Teleton 2018, que compreende a polêmica mencionada, finalizamo-no com o trecho que também encerra a conversa dos personagens públicos no vídeo. Dessarte, essa relação metonímica de duplo encerramento desperta questões semelhantes: ainda há muito o que debater (e nada ainda está realmente finalizado), seja sobre as novas leituras das pequenas frases, seja acerca do que ainda há para conquistar com os movimentos feministas...

[Claudia Leite antes de começar sua apresentação]
Silvio: – “*Mas é com essa roupa?*”
Claudia: – “*Quer que eu troque de novo?*”
Silvio: – “É, eu prefiro!”
(Teleton, 2018 – sim, 2018)

Referências

- KRIEG-PLANQUE, A. As pequenas frases: um objeto para análise dos discursos políticos e midiáticos. In: BARONAS, R. et al. **Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo-saxônica: abordagens discursivas**. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 13-38.
- _____. A fórmula “desenvolvimento sustentável”: um operador de neutralização de conflitos. **Revista Linguagem**, n.19, São Carlos, UFSCAR: 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Trad: Sírio Possenti. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 192p.
- PAVEAU, Marie-Anne. **L'Analyse du Discours Numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017. 400p.
- _____. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. In: LIÉ NARD, F. Culture, identity and digital writing, Epistémè 9, **Revue Internationale de Sciences Humaines et Sociales Appliquées**. Séoul: Université Korea, Center for Applied Cultural Studies, p. 139-176, 2013.

O feminino e o antifeminismo na web: a inoculação cínica do feminismo

Luciana Carmona Garcia Manzano

“É horrível assistir à agonia de uma esperança”
Simone de Beauvoir

1. Introdução

Neste capítulo, busco compreender o funcionamento do discurso antifeminista que se põe a circular na Web como uma verdade hegemônica livre de amarras ideológicas e alijada de uma memória histórica, que produz, por conseguinte, um efeito de verdade insular, dada sua formulação inscrita em uma Formação Discursiva moral-cristã. A hipótese deste exercício analítico reside na concepção de que há um discurso cínico sustentando esse efeito de verdade que deslegitima o movimento (e o discurso) feminista a partir de um mecanismo de sedimentação que o articula com o absurdo.

O antifeminismo como movimento antagonista ao feminismo se vê surgir ao mesmo tempo em que o movimento de mulheres toma corpo como voz que reivindica seu papel cidadão na sociedade. A prática antifeminista insiste que a organização social entre os gêneros decorre da própria natureza dos sexos e dos dons divinos, nega que essa mesma organização entre os gêneros favorece o homem e preconiza que ela já é suficientemente justa e igualitária. Ao circular socialmente como fruto de um projeto político de base conservadora, na atualidade, o discurso antifeminista, talhado como posição de neutralidade, produz, sob a configuração da entrevista, um efeito pedagogizante.

Meu olhar analítico se volta para a materialidade verbal de uma entrevista da atual deputada estadual Ana Caroline Campagnolo Bellei, dada ao jornalista Vinícius Konchinski e publicada na seção de notícias políticas do portal UOL¹ sob o título “Caroline Campagnolo: ‘o feminismo é uma ameaça à civilização ocidental’”, no dia 17 de fevereiro de 2019.

1.1. A Web como espaço de circulação de discursos

Lugar tecnológico de (con) fusão de textos, imagens e sons, a Web tece em torno de si nós que enlaçam uma múltipla rede de dizeres que, regulada por uma ordem do enunciável e inscrita no interior de formações discursivas divergentes, responde, na conexão entre links e sujeitos, pela produção de sentidos e apagamento das condições sócio-históricas da produção de dizeres (Romão, 2004), aqui, acerca do movimento feminista e seus discursos. Conforme assinala Leão (2005, p. 140), o que faz da *World Wide Web* uma rede da grande porção multimídia da internet “é a própria tecnologia hipertextual que permite os elos entre os pontos diversos. Cada página, cada site, traz em si o potencial de intercomunicar com todos os outros pontos da rede”, proporcionando, por meio de gestos que promovem a articulação on-line, o acesso a distintas materialidades.

A configuração da Web, como um todo, funciona dentro de um processo complexo de interação comunicativa que imbrica o funcionamento de certos gêneros discursivos clássicos com a abertura de um espaço dialógico, em que o usuário se inscreve como autor e interlocutor. Esse espaço, então como uma teia labiríntica, acolhe através do hipertexto e seus *hyperlinks* uma multiplicidade de posicionamentos discursivos, fazendo emergir em meio a dinâmica de interações sociais outras formas de inscrição de sentidos e sujeitos. À esteira desse pensamento, cada *link*, cada nó de informação a ser (des)construído no movimento entre o ir e vir do sujeito navegante, é tomado de discursos e contradiscursos, de traços de memória que podem ser atualizados ou esquecidos.

Os mundos virtuais levam sujeitos incorpóreos a espaços onde é possível navegar, conversar, construir casas, relacionamentos, etc. ou seja, um

¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/02/17/caroline-campagnolo-o-feminismo-e-uma-ameaca-a-civilizacao-ocidental.htm>, acesso em 10 dez. 2019.

mundo que, simulando os contornos de uma realidade, é espaço para a materialização de demandas, pois nesses locais, o sujeito pode apresentar-se como um personagem, pode manter-se no anonimato ou pode representar um papel que esteja muito perto ou até muito distante do seu verdadeiro eu, através de projeção do seu desejo, do mais fugaz ao mais insidioso.

Desse modo, gêneros como a entrevista jornalística se põem a circular em uma plataforma que se abre aos comentários dos usuários leitores. Nesse sentido, a materialidade a que me proponho analisar é concebida como discurso da Web por obedecer a esse modelo de funcionamento encontrado na dinâmica do espaço digital: ao final da entrevista, há o espaço para comentários dos usuários, geralmente, assinantes ou cadastrados na plataforma digital (ainda que esta análise não se volte à materialidade desses comentários, é interessante notar que, até o término deste texto, a publicação digital alcançava mais de 500 comentários).

2. O antifeminismo como antagonista do feminismo

O antifeminismo como movimento social pode ser contextualizado historicamente de modo concomitante ao nascimento do(s) movimento(s) feminista(s). Desde o início da luta pelo sufrágio feminino até a atual conjuntura de combate à violência doméstica, o antifeminismo constrói seu lugar de oposição a partir da recondução das teorias feministas ao lugar do exagero e da repreensão ao que consideram como opressão ao homem.

Trata-se de uma prática que rejeita, em alguma medida, qualquer um dos três fundamentos do feminismo, que são, de acordo com Flood (2007): **i)** a organização social entre os gêneros não são naturais nem divinos; **ii)** a organização social entre os gêneros favorece o homem; **iii)** é preciso tornar, por meio de ações coletivas, essa organização mais justa e igualitária. Discursivamente, é possível compreender o antifeminismo como um efeito de posição discursiva de enfrentamento, engendrada no seio da doxa machista, que reage violentamente ao que considera ameaça promovida pelo movimento feminista.

Para Cruz e Dias (2015), a renúncia ou a depreciação das diferenças é o estímulo à violência, que, por sua vez, em um processo de retroalimentação, fomenta cada vez mais as relações de iniquidade social. Dado que, na

atualidade, a dinâmica das práticas sociais exige seu reexame e sua reformulação constante, as várias correntes de movimentos feministas que se inserem nessa dinâmica representam o perigo da extinção do conservadorismo, a partir do qual se naturalizam as relações de desigualdade de gênero ao longo da história.

De acordo com Schmidt:

o antifeminismo, entre nós, enraizou-se no âmbito da cultura letrada como uma idéia muito própria do lugar, na medida em que foi se consolidando no curso do próprio desenho do desenvolvimento econômico e da organização social brasileira, como decorrência das relações materiais de produção e da consolidação de um pensamento patriarcal e senhorial que ancorou um sistema social de relações de poder em que formas de misoginia e de racismo foram instrumentais na materialização dos interesses de classe da elite dominante. É no horizonte dessa lógica histórica em que se imbricam interesses de classe com interesses de gênero e de raça que se pode compreender a força institucional do conceito de família patriarcal, uma forma de organização de poder, estruturada hierarquicamente, inicialmente afeita a um segmento específico e privilegiado da população e que veio a se tornar modelo para as relações tanto na esfera privada quanto na pública (Schmidt, 2006, p. 773).

É interessante observar que, no Brasil, a bandeira do antifeminismo se levanta sob a batuta da própria estrutura patriarcal, dentro da qual se consolida o poder hierárquico do modelo masculino de organização social e de uma elite dominante. A família tradicional que se busca conservar por essa ótica é, sem dúvida, a família patriarcal, que busca conservar seu poder de capital nas relações socioeconômicas. A suposição de que as transformações nessa ordem se constroem como ameaça, e de que o feminismo se instaura como base dessas transformações, desencadeia uma reação violenta nas relações com o poder hierárquico vinculado a segmentos privilegiados na organização social.

Soma-se a isso, o poder do Estado e o da Igreja no controle da reprodução dos corpos femininos, por exemplo, que se insere num dos pilares da luta feminista. O movimento feminista busca garantir o direito da mulher sobre seu corpo para decidir a (não) reprodução; a Igreja classifica esse horizonte de direito como blasfêmia e o Estado, como crime, para manter cativo e intacto o poder patriarcal construído sob a naturalização do papel na mulher dentro da família patriarcal. No limite, negação da democracia por uma prática totalitária em nome da sacralização da concepção de vida tanto no campo jurídico-legislativo quanto no campo religioso.

Ainda que esse tipo de antifeminismo seja observado no Brasil, e trazido à reflexão por Schmidt (2006), o movimento antifeminista que surge como “resposta” já no início do “movimento das mulheres”, de 1848, nos Estados Unidos, se apresenta como uma retaliação para a preservação do poder dominador masculino, no sentido de que os homens tiveram uma participação expressiva no movimento antifeminista da época e as mulheres atuaram como cúmplices da concepção de que os direitos das mulheres fariam a masculinidade (cf. Kimmel, 1987). Na atualidade, ainda que mulheres estejam à frente desse contra-movimento, o modo como essa liderança funciona parece vir de uma permissão hierárquica masculina concedida à mulher para que ocupe este espaço e se inscreva como sujeito legitimado a dizer, a partir da obediência ao sujeito do homem: por isso, parece ser um efeito de posição ideológica: trata-se da posição do homem dentro do machismo, que fala *via* mulher como porta-voz desse dizer.

3. O discurso cínico como estratégia de poder/saber

Para compreender o funcionamento do discurso cínico neste trabalho, lanço mão de reflexões empreendidas por Baldini e Di Nizo (2015) e Casana (2018), que, por sua vez, embasam seus estudos na conceituação de Sloterdijk (1983) e Žižek (1992, 2010) sobre a “razão cínica”, que me parece poder ser compreendida como um **discernimento (dis)simulado** resultado de um processo de formação social capitalista forjado na atualidade. Nesse sentido, o que trago para este texto é um exercício de reflexão sobre a temática, que empreendo ainda de modo bastante inicial, mas que me convoca a um gesto de análise por se mostrar bastante frutífera dentro dos estudos do discurso. Ao tomar como hipótese a existência de um discurso cínico que sustenta um efeito de verdade e deslegitima o discurso feminista a partir de um mecanismo de sedimentação que o articula com o absurdo, esse funcionamento parece trazer à tona um posicionamento discursivo benéfico, de modo particular, ao próprio sujeito social, revestido de uma estratégia linguística que simula a emergência de uma universalidade ideológica, e inscrito em práticas discursivas que legitimam, neste caso, tanto discurso político enquanto lugar de poder como o próprio sujeito discursivo que, por seu dizer, se insere nessa posição.

Para Cassana,

O discurso cínico é a manutenção dos saberes sem consistência histórica mesmo sabendo dos efeitos de sentido que tais saberes podem produzir. No discurso cínico, há uma reiteração dos saberes da ordem da particularidade, há uma repetição do mesmo, que instaura um movimento parafrástico de conservação do cinismo. Podemos pensar essa proposta como a repetição que ocorre no discurso, em que o universal se refaz, (re)determinando o discurso (Cassana, 2018, p. 149).

A partir da compreensão dessa noção que, dentro de minha posição analítica, articulo às reflexões foucaultianas que embasam meus estudos discursivos, compreendo que a emergência desse discurso cínico obedece a um funcionamento inscrito nas relações de poder/saber, em que há sempre uma tensão entre os saberes que promove certas rupturas e transformações do saber e move as relações de poder. Essas relações de poder, agenciadas discursivamente, dão a ver uma produção de sentidos que fazem emergir uma aparente autonomia/soberania de certos saberes dentro de uma ordem do que pode ou não ser dito produzida por procedimentos de coerção e controle discursivos.

Compreender o funcionamento do discurso a partir dessa concepção de relações de poder e da ordem do dizer, convoca-me a pensar que, se o que não pode ou não deve ser dito ou o que não pode sequer ser pensado dentro desse mecanismo de controle estaria, então, por um processo de não pertencimento discursivo, na ordem do absurdo/bizarro, o discurso cínico desloca essa concepção de ordem a partir de um funcionamento de apagamento e negação históricos. Dentro das relações de poder, engendra um saber dissimulado, monopolizado, que incita a reprodução de certos enunciados e forjam um efeito de memória insular, na medida em que eles se descolam do embate argumentativo e passam a funcionar como ditos isolados, encaixados a esmo e produzindo efeitos totalitários de uma verdade consagrada - e aqui, o vocábulo “consagrada” não se inscreve ao acaso, mas porque é no campo de uma formação discursiva moral/religiosa que o discurso cínico ganha corpo promove sentidos.

Trata-se, assim, de uma prática discursiva que engendra um saber torcido, e entra na ordem do discurso no limite entre o que pode/deve e o que não pode/deve ser dito, construindo um efeito de memória a partir de uma fragmentação da história, de um estilhaço do passado. O que parece fugir à ordem do discurso porque estaria na ordem do indizível, (re)insere-se,

despudoradamente, na mesma ordem, pela via de uma prática discursiva conservadora, que se forja pelo paradigma de um discurso pedagógico. Para Cassana (2018, p. 149), “não há necessidade de comprometer-se histórica e socialmente com o que está sendo dito”. Para nós, trata-se de um efeito de memória perverso.

Sua perversidade reside, sobretudo, num modo de aniquilação histórica juntamente com sua negação, que desloca o enunciado do campo da luta discursiva: é como se a prática se descolasse do âmbito argumentativo e se alçasse a uma posição que enclaustrasse a disputa por sentidos outros dentro de um espaço de circulação discursiva. Desse modo, ele parece escapar ao contra-argumento porque instaura um efeito de verdade totalitária, que o alça a um espaço de supremacia do(s) sentido(s).

Baldini (2009) vê o cinismo, enquanto a “razão cínica” de que fala Sloterdijk, como a forma contemporânea da estruturação social e subjetiva, junto a reflexões teóricas como as de Safatle (2008) e Kehl e Bucci (2005), que propõem um olhar para o cinismo enquanto base da organização dos processos de socialização atuais. Esses processos se transformam em práticas perversas de subjetividade, não porque os sujeitos e atores sociais se tornam perversos, mas porque a prática perversa está, justamente, na organização linguística que faz funcionar o que chamei, anteriormente, discernimento (dis)simulado, porque inscreve um “modo cínico de relação com o saber, em que o sujeito não se filia diretamente, nem se desfilia, mas permanece no horizonte de uma tomada de posição desengajada” (Baldini, 2009, p. 7), mas que produz sentido(s) de verdade totalitária e constrói um novo efeito de memória: a memória do retalho. Buscarei evidenciar melhor o funcionamento do discurso cínico ao analisar a materialidade coletada para apresentação neste texto.

4. O discurso cínico como estratégia de funcionamento do anti-feminismo

Esta análise se realiza a partir da materialidade enunciativa em forma de entrevista publicada na Web. O objeto de estudo desta escrita é uma reportagem que circula no Portal Uol, na aba de notícias do campo da política intitulada “Caroline Campagnolo: “o feminismo é uma ameaça à civilização

ocidental”, publicada no dia 17 de abril de 2019. Trata-se de uma entrevista feita à deputada estadual eleita no pleito de 2018 por Vinícius Konchinski, que define a entrevistada como uma “deputada forjada em polêmicas”. Dentre as polêmicas, estão um processo judicial movido contra sua orientadora de mestrado, a militância no movimento Escola Sem Partido e o chamado público que incitou a gravação e denúncia, por parte dos alunos, de professores que se posicionassem contra o presidente eleito, Jair Bolsonaro². Note-se que a pauta antifeminista não se enquadra dentre as questões polêmicas, mas aparece no título da reportagem, o que orienta o leitor na busca de conteúdo: na ordem da Web, o usuário decide o que quer ler a partir do link em que aparecem alguns caracteres do título da notícia; nesse caso, o título que aparece no link traz o enunciado “Caroline Campagnolo: “o feminismo é uma ameaça à civilização...””. Ao mesmo tempo em que inscreve um paradigma de leitura, o link orienta também os efeitos de sentido que irrompem na fala da deputada. Trata-se de uma ameaça à civilização.

É pelo medo que os efeitos de sentido começam a ser construídos e incitam o clique sobre o enlace disponível para a leitura completa da reportagem, ou ainda, incitam a reprodução do próprio link nas redes sociais. Ainda que não me debruce analiticamente sobre essa reprodução do estilhaço enunciativo nas redes sociais, é possível considerar, para estudos futuros, que esse modo de funcionamento da informação na Web pelas redes sociais se torna aporte para a difusão de boatos virtuais e também entra numa rede simbólica da qual se serve o discurso cínico.

O gênero entrevista pode ser observado como um espaço do dizer verdadeiro, tecnologia do fazer falar como prática de confissão que compõe os procedimentos pelos quais o sujeito é incitado a produzir um discurso de verdade de si, capaz de promover efeito de sentido que incidem sobre sua subjetivação (cf. Foucault, 1998). Amplificada no espaço da mídia, a confissão se inscreve como prática do dizer verdadeiro, do dizer revelador, da descrição das identidades.

Nesse espaço de revelação, a questão sobre o parecer frente ao tema do feminismo, que se inscreve tanto no título como no corpo do texto da entrevista como associada ao espaço da polêmica, faz falar o sujeito cínico:

² O texto completo publicado no Portal Uol está disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/02/17/caroline-campagnolo-o-feminismo-e-uma-ameaca-a-civilizacao-ocidental.htm>

Enunciado 1:

Jornalista: A senhora já foi descrita como antifeminista. Concorde?

Deputada: Não sou antifeminista. Só não sou feminista. Quem não é cristão, é anticristão? Não.

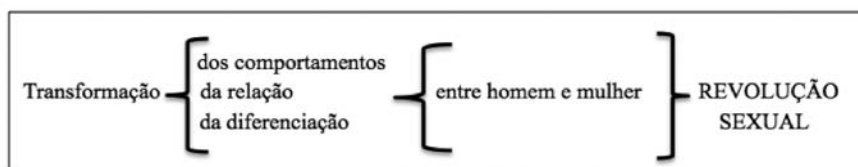
‘As afirmações concisas trazem à tona uma urgência em “colocar um ponto final”, ou ainda, vários pontos finais na questão. Aliada a uma questão comparativa imediatamente respondida, sem deixar espaço à possibilidade de sentidos outros que o encadeamento lógico da frase produz: pode-se ser feminista, pode-se não ser feminista e pode-se ser antifeminista. O efeito de desengajamento é categórico: é um não retumbante que nega o efeito da negação sugerida pelo prefixo “anti”, o que associaria o sujeito à posição contrária a um engajamento militante crescente e atuante sócio-historicamente e prejudicaria a construção de uma *persona política* (cf. Manzano, 2014) a favor do país, como supunha o slogan de campanha partidária ao qual a deputada se filiara. Colocar-se no lugar do “nem, nem” – nem uma coisa, nem outra, ou nem feminista, nem antifeminista – funciona estrategicamente como um não-lugar polêmico, um lugar fora da polêmica que é, ao mesmo tempo, o lugar da escolha e o lugar do conforto dentro do embate. Porém, a formulação interdita, também categoricamente, a construção de sua *persona política* gestada desde sua candidatura, a partir da qual a candidata enuncia seu repúdio ao feminismo, sua posição contrária ao movimento e sua autodeclaração antifeminista, cujo ápice se dá em agosto de 2018, ao participar como conferencista do Primeiro Congresso Antifeminista do Brasil. Além disso, a deputada tem um canal no YouTube e há uma série de vídeos seus que trazem como título o vocábulo “antifeminismo”. É também um desengajamento com a própria responsabilidade sobre o dizer.

Enunciado 2:

Eu me voltei contra o movimento feminista quando eu descobri que essas bandeiras de reconhecimento de direitos são falsas. São uma maquiagem de algo muito mais obscuro que recebe o nome de revolução sexual, que é a transformação dos comportamentos, da relação e da diferenciação entre homem e mulher.

No enunciado 2, a configuração de um aparente discurso pedagógico, aliada à tecnologia do fazer falar, produz uma verdade necessária, que precisa ser revelada, para o bem da civilização. Nega-se a essência da luta feminista, pela afirmação de que “são falsas”, e insere-se o efeito do medo como pro-

pulsor da revelação: “algo muito mais obscuro”. Trata-se do medo forjado em um vazio do dizer, em um não sentido, que, dentro de uma configuração de fala pedagógica e verdadeira produz um sujeito legitimado no campo do saber e no campo da política: o lugar da historiadora, pesquisadora e, portanto, legitimada a dizer o pedagógico; o lugar da deputada, eleita pelo povo, que trabalha a serviço dele e, portanto, legitimada a dizer o que o povo precisa saber. O sintagma “revolução sexual”, categorizado como o “algo obscuro”, é descrito por meio de um encadeamento de gradação que se constrói a partir de elementos que são colocados sob o mesmo campo interpretativo: comportamentos < relação < diferenciação = revolução sexual.



Esquema 1 - Revolução sexual

Essa estratégia de formulação faz retomar como o “algo obscuro” o que se inscreve expressa e publicamente como bases da luta feminista dentro de uma sociedade construída sob o modelo patriarcal: promover a transformação das relações entre os gêneros, dentro de uma organização social pautada pela desvalorização e subjugação da mulher pelo poder instaurado e intensificado, historicamente, ao homem. Porém, o encadeamento no fio do discurso constrói sentidos para a revolução sexual no seio do movimento feminista, quando, historicamente, a revolução sexual está associada mais diretamente como produto do crescimento da ciência e da tecnologia, dentro do campo da medicina e da saúde, que dá origem à pílula anticoncepcional. A torção dos sentidos se dá, aqui, pelo enxerto de um sintagma que funciona na construção de um efeito amedrontador forjado como sinônima da ameaça, e do modo como é organizado, associa a transformação de comportamentos à homogeneização dos corpos sob o símbolo da sexualidade, o que reforça a conotação de depravação e imoralidade infinitamente repetível como efeito deslegitimador do movimento feminista.

Enunciado 3:

Jornalista: A senhora cita a violência contra a mulher, que está na pauta dita como feminista. Para evitar casos como este, o Brasil não precisa de feminismo?

Deputada: **Claro que não.** Quem combate a violência contra a mulher? Todo mundo. Quem defende isso? Só o cara que violenta. A Igreja Católica combate, a evangélica, o vizinho. E por que o feminismo é o baluarte da defesa da mulher contra a violência? Não é verdade. **Quem nos ensinou a combater a violência não foram as feministas.** O que as feministas fazem é **alardear o problema.** Inclusive, você tem no movimento feminista muitas pesquisas falsas, muito sofismo, muita falácia. **O movimento feminista diz que tudo é estupro.** Um assédio é um estupro, **uma passada de mão é estupro.** Tudo é um absurdo, tudo é machismo. Se muitas mulheres começarem a fazer falsas acusações de estupro, quando a Mariazinha for verdadeiramente estuprada, ela não vai receber auxílio. Na minha opinião, o movimento feminista não ajuda como diz ajudar, e prejudica ao criar um pânico sobre casos que inexistem.

No enunciado 3, é possível observar o ápice do funcionamento do discurso cínico pela negação da história que incide sobre a negação do próprio movimento feminista. A oração “claro que não” responde afirmativamente que o Brasil **não precisa de feminismo.** Ao afirmar que “todo mundo” atua no combate à violência contra a mulher e elencar, do geral para o particular, inicialmente a Igreja Católica e a Evangélica, para, posteriormente, o vizinho, nega-se, historicamente, a atuação incisiva das instituições religiosas sobre a imposição peremptória do casamento cristão baseada no discurso bíblico como profecia divina “o que Deus uniu, o homem não separa”, e nomeia uma categoria social (“o vizinho”) que pouco ou nada contribui para a redução de danos aos relacionamentos abusivos numa sociedade em que ainda funciona de modo muito cristalizado a máxima “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”.

É, no limite, um completo desserviço político.

Porém, é também na formulação que irrompe a falha. Na sequência de elementos que deslegitimam o feminismo como movimento social e o desconstroem como movimento histórico, por um modelo de discurso pedagógico, que operaria a definição didática de conceitos, afirma-se, pela negação, “quem nos ensinou a combater a violência não foram as feministas”. Ainda que a negação ao movimento feminista não recoloca nenhum outro sujeito, movimento ou instituição como responsável pelo ensinamento contra a violência, reforça-se a inutilidade e a invalidação do movimento. No encadeamento enunciativo, a afirmação recai sobre o papel das feministas: “alardear o problema”. Imediatamente alicerçada sobre a conjunção “inclusive” e a necessidade de asseveração sobre a falsidade das pes-

quias, que continua reverberando o efeito totalitário sobre o sentido construído no seio do antifeminismo forjado como neutralidade no não-feminismo, a expressão “alardear o problema” aponta uma *falha* na ideologia dominante porque afirma a existência de um problema. Ora, a pauta do movimento feminista é justamente denunciar os problemas que são naturalizados por conta da desigualdade entre os gêneros que faz com que o homem violento em sua relação com a mulher seja absolvido de uma responsabilidade por conta de uma blindagem histórica construída a ele. A formulação que traz à tona o vocábulo “problema” desvela a própria tensão em que se constrói esse sujeito social entre o machismo e o feminismo. Isso reforça a consideração que empreendo aqui sobre o efeito de posição que o antifeminismo advoga para si: a posição contrária ao feminismo se constrói dentro do machismo, mas, ao irromper como antifeminismo, cria-se o efeito de posicionamento crítico que funciona pela voz feminina, que diz o que ao homem lhe seria interditado.

Finalmente, em termos analíticos, dado que o gênero textual nos convoca a um final – ainda que a discussão esteja apenas gestada a partir da materialidade que me propus a recortar –, o flerte com o absurdo se inscreve na formulação: “O movimento feminista diz que tudo é estupro. Um assvio é um estupro, uma passada de mão é estupro”. Novamente, o elenco de elementos conduz o efeito de discurso pedagógico que opera a organização descritiva da informação desde o âmbito geral para o particular.

O âmbito geral se constrói pelo pronome indefinido “tudo”, que constrói o efeito de que “qualquer banalidade” é motivo de “alarde” para o feminismo, e o particular, pelas expressões “um assvio” e “uma passada de mão”, que são forjadas como banalidades inscritas no mesmo campo de problematização quando representam, em níveis distintos, respectivamente, situações de constrangimento e de violência.

A torção do sentido acusa o discernimento (dis)simulado: a negação histórica da violência cristalizada socialmente em uma espécie de blindagem ao homem que toma o corpo da mulher como objeto de prazer, por meio, inicialmente, de uma “passada de mão”, além da negação do próprio enunciado legal que registra, em forma de lei, a configuração do crime, já que, no artigo 213 do Código Penal, o crime de estupro é qualificado como constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidi-

noso – o que amplia a concepção da consumação do ato sexual como *modus operandi* estrito para a configuração do crime. A partir da inscrição do sujeito social em lugares legitimados do dizer, o do conhecimento científico, ao se afirmar historiadora, e o do saber político, no seio do espaço parlamentar, articulada a uma estratégia discursiva pedagogizante, o efeito de verdade totalitária se articula com o de bem universal e com o da revelação necessária como benesse a uma população alijada de possibilidades outras de efeitos de sentido. O posicionamento discursivo do sujeito acadêmico/político que diz o cínico se constitui dentro do efeito de imunidade coletiva da mulher sob as relações de gênero, quando, de fato, reproduz historicamente, o efeito de amparo social ao qual a mulher heterossexual de elite e de raça branca estaria inserida, dentro de práticas discursivas que fazem eco ao machismo e à violência naturalizados social e discursivamente.

Algumas considerações

Neste último espaço de reflexão que tomo como fechamento de um processo de escrita, que, longe de se esgotar aqui, busca fortemente, antes, ser prelúdio de outras tantas produções e reflexões necessárias que a temática do capítulo me convoca, retomo a epígrafe deste texto, à qual me uno, na busca por espaços pelos quais estas linhas iniciais possam tomar fôlego e peso de protesto.

Ainda que, por conta do lugar discursivo no qual me inscrevo e da posição de sujeito que ocupo, tenha permanecido muito mais por dizer, depa-
rar-me com um funcionamento discursivo que se lança como verdade sagrada e de salvação, enquanto sujeito social e ser vivente, agoniza-me inteiramente.

Ainda que se compreenda que as relações de poder se dão no interior dos processos discursivos, e ainda que se possa ver que o contradiscurso que emerge em oposição ao discurso cínico tem um lugar legitimado de onde ele reverbera e não cessa de gritar, é apavorante a perversidade com a qual se joga o jogo cínico de um dizer que, no limite, educa o sujeito cidadão, que, munido de teclado, mouse e monitor, navega por espaços em que se materializam práticas sociais, práticas discursivas e práticas violentas,

sob a bênção de um efeito de verdade que se cristaliza e continua reproduzindo lugares de aniquilação tanto do feminismo quanto do feminino.

A adulteração cínica e a negação histórica do feminismo como lugar legitimado de voz e de autonomia da mulher convoca o outro, por meio da entrevista – que perfaz o conjunto de tecnologias do fazer falar –, para uma relação particular com uma certa verdade, construída em efeito, acerca de um sentenciamento do(s) feminismo(s) que o alça a uma categoria de perigo social, entrelaçado à concepção de que o gênero desconstrói uma dada realidade.

Apagando/negando a história e monopolizando um poder que engendra um saber dissimulado, o discurso cínico forja um efeito de memória insólita e constrói uma verdade insular, desengajada de história, mas que afirma em nome dela, engendrando um sentido totalitário, rasteiro e cruel, sem espaço para o dizer outro, porque se trama sob o paradigma de um discurso pedagógico.

É um modo de perpetuar o discurso conservador por uma concepção de neutralidade e naturalidade que refuta tudo o que não pode ser acolhido como sentido outro, que deve ser aniquilado, porque é falso, mas constrói em si mesmo uma farsa encenada por meio de uma estratégia enunciativa que constitui o que compreendo como discurso cínico, como discernimento (dis)simulado.

Nesse sentido, é uma prática discursiva operada por sujeitos que sabem bem o que fazem, retomando, em deslizamento, o título do texto de Žižek (1992) e, exatamente porque o sabem, fazem-no sem cessar.

Referências

- BALDINI, Lauro José Siqueira. Cinismo, discurso e ideologia. **Anais do IV SEAD**. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 1 - 8.
- BALDINI, Lauro José Siqueira; DI NIZO, Patrícia Leal. O cinismo como prática ideológica. **Estudos da Língua(gem)**. vol. 13, n. 2. Vitória da Conquista: UESB, dez. 2015, p. 131 - 158.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm, acesso em 08 mai 2019.
- CASSANA, Mônica Ferreira. Eles não sabem o que fazem?: o discurso cínico e ideologia de gênero. **Revista Investigações**. vol. 31, n. 2. Recife: UFPE, 2018, p. 145 - 163.
- COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clementis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Tradução de Rodrigues, M.R. In: INDURSKY,

- F.; FERREIRA, C.L. (Org.). **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.
- CRUZ, Maria Helena Santana; DIAS, Alfrancio Ferreira. Antifeminismo. **Revista de estudos de cultura**. n. 1. São Cristóvão: UFS, jan./abr. 2015, p. 33-42. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/3651>, acesso em 08 mai. 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Por uma genealogia do poder. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FLOOD, Michael. **International encyclopedia of men and masculinities**. Abingdon/UK: Routledge, 2007.
- KIMMEL, Michael Scott. Men's response to feminism at the turn of the century. **Gender and Society**, vol. 1, n. 3. Washington DC: Sage Publications, Inc., set. 1987, p. 261-283. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/189564?seq=1#page_scan_tab_contents, acesso em 30 abr. 2019.
- LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia**: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2005.
- MANZANO, Luciana C. G. **A ordem do olhar**: sentidos da imagem no discurso político televisivo brasileiro. 2014. 216 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- ROMÃO, Lucília Maria de Souza. Nós, desconhecidos, na grande rede. **Linguagem em (Dis)curso**. vol. 5, n. 1. Tubarão/SC, Unisul, jul./dez. 2004, p. 71-79. Disponível em http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/download/302/318, acesso em 12 abr. 2019.
- SCHMIDT, Maria Terezinha. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos feministas**. vol. 14, n. 3. Florianópolis: UFSC, set./dez. 2006, p. 765-799. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300011>, acesso em 28 abr. 2019.
- SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. **Revista Análise**. Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) No. 42, 2018. P.3-29.
- SLOTERDIJK, Peter [1983]. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**: o sublime objeto da ideologia. São Paulo: Zahar, 1992.
- ŽIŽEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma. In: ŽIŽEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

Posfácio

Norma Discini

Ai, palavras, ai, palavras,/ que estranha potência, a vossa! Todo o sentido da vida/ principia à vossa porta. A obra *FEMINISMOS EM CONVERGÊNCIAS: discurso, internet e política* – faz lembrar esses versos, constantes de um conjunto de poemas intitulado “Romanceiro da Inconfidência”, pertencente à obra poética de Cecília Meireles. Conforme a função poética da linguagem os versos saltam da verdade factual relativa à Inconfidência Mineira e favorecem a experiência sensível dos acontecimentos. Outros versos que seguem aqueles relatam a “esperança que não volta” e o “castigo que galopa” na saga vivida por Tiradentes até seu enforcamento. Não por acaso o bafejo lírico atravessa de modo inadvertido o conteúdo da obra organizada por Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas.

Estruturada mediante fundamentos da Linguística e da Análise do Discurso, a obra problematiza mecanismos de construção do sentido favorecido pelos dispositivos da web 2.0 e da mídia em geral. Do seu interior, ela faz emergir uma voz enunciativa que se configura como una e múltipla ao clamar pela equidade de gêneros. Garantida a coerência teórica e o refinamento analítico, a obra promove a sensibilização do leitor para episódios que, predominantemente midiáticos, são trazidos à luz como componentes das interações sociais em confronto, viabilizadas pelo movimento feminista. Na brecha da sensibilidade que emana de cada um dos trabalhos reunidos a estesia se mantém. Como percepção da vulnerabilidade do papel da mulher na sociedade, e percepção acentuada diante de discursos discriminatórios, a estesia se compõe junto ao ângulo crítico do olhar promovido

pelos estudos, que priorizam a polêmica desencadeada pelos movimentos feministas.

Com a estesia emparelhada à estética está a ética. No âmbito da ética a obra deixa entrever a mira que orientou sua organização. A finalidade da criação do livro comprova-se como a busca pelo desvelamento necessário das astúcias argumentativas que, do interior dos discursos, procuram aviltar a figura feminina. As três palavras-chave, *discurso*, *internet* e *política* compõem uma trilogia alinhada ao posicionamento crítico dos *feminismos em convergência*. A obra favorece a lucidez que desmonta a resistência à indagação, o que é um dos benefícios oferecidos ao leitor.

Se, de um lado, os capítulos iluminam o signo como arena de conflito social conforme previu Mikhail Bakhtin, de outro, promovem o ajustamento sensível do leitor em relação aos embates promovidos pelo feminismo contemporâneo, apresentado como uma “aventura coletiva” e uma “revolução”. O leitor, levado a participar do fato histórico evocado como movimento feminista, é arrebatado pelas tensões ora crescentes, ora decrescentes, próprias ao tratamento imprimido no corpo discursivo da mulher.

Estudos de casos inseridos em meio a textos teóricos apontam para tensões atenuadas pelo humor, o que se emparelha com o corpo feminino mobilizado pelos princípios de querer e dever cravar no mundo a reivindicação de seus direitos. Daí desponta, entre outros, o episódio exemplar em que aparece uma humorista youtuber ou uma “locutora feminista” da internet, Solange. Essa mulher responde de modo lúdico e ácido a agressões sofridas por ser ativista do cyberfeminismo contemporâneo. Mediante a voz definida pelo lugar enunciativo ocupado no cyberspaço, a mulher incorpora a violência verbal sofrida e a transforma em discurso humorístico.

O gesto da feminista remete à memória do afeto, ou ao poema anteriormente mencionado, cujo título é “Romance LIII ou das Palavras Aéreas”. No poema as próprias palavras são assim predicadas: “sois o sonho e sois a audácia”. Certamente de sonho e de audácia se alimenta o posicionamento discursivo da youtuber. A posição responsiva e beligerante denuncia atitudes e práticas sociais de segregação, enquanto ressoa nas reflexões dispostas ao longo desta obra, que une teoria e prática cravadas no âmago do movimento feminista.

Se a youtuber parece atenuar as tensões por meio do humor que evolui para o sarcasmo contra a atitude desrespeitosa de seus “seguidores”, do in-

terior mesmo desses recursos patenteia-se a “estranha potência” da palavra discriminatória, esta, a cujo teor ajuizador se junta a forte tendência ao desprezo em relação ao “diferente”. Assim são revolidos argumentos antifeministas, que compõem as afrontas desenvolvidas mediante uma triagem de valores, a qual abstrai o “corpo vivo” da mulher. Para isso os argumentos antifeministas muitas vezes nomeiam a figura feminina de modo chulo – e tornam palpável o lado escuro da polêmica.

As tensões recrudescem e se atenuam entre o discurso e o contradiscurso em atravessamento mútuo numa única passagem interna a um capítulo. Mas o todo está nas partes. As oscilações de tensão deslizam entre um capítulo e outro, o que funda o ritmo sedutor de leitura criado por *FEMINISMOS EM CONVERGÊNCIAS: discurso, internet e política*. Eis uma obra constituída pelo desafio de enfrentarmos nossa história, muitas vezes engendrada no enrijecimento que robustece o preconceito, seja contra o papel de uma mulher liberada para existir como sujeito-no-mundo, seja contra as minorias insistentemente silenciadas. *Ai, palavras, ai palavras, / que estranha potência a vossa!* Estamos diante de um trabalho que, para realizar a “estranha potência” da palavra teórica não se mantém alheio aos afetos que movem as interações discursivas.

Sobre os autores

Julia Lourenço Costa

Pesquisadora de Pós-doutorado na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo na Universidade Federal de São Carlos (FAPESP 2017/12792-0), supervisor: Roberto Leiser Baronas; atualmente em estágio de pesquisa na Universidade Paris 13 Nord (FAPESP 2018/18860-0), supervisora: Marie-Anne Paveau. Doutora em Linguística (2017) pela Universidade de São Paulo (USP); com período de estágio de pesquisa na Universidade Paris-Sorbonne IV sob a supervisão de Dominique Maingueneau. Mestra em Linguística (2013) pela USP e graduação em Letras (2011) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É membro do *Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais* (LEEDiM/UFSCar) e do *Grupo de Estudos Semióticos da Universidade de São Paulo* (GES-USP). É editora da revista *Linguasagem* - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem PPGL/UFSCar; sua pesquisa tem como foco a Análise do discurso francesa, a Semiótica greimasiana, a Comunicação nas diversas interfaces com o Feminismo.

E-mail: julialourenco@usp.br

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5592296124389416>.

Roberto Leiser Baronas

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Graduado em Letras (1994) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (2003) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Durante o ano de 2003, fez seu doutorado “sanduíche” na Universidade Paris Est - Créteil - Val de Marne - França, no Centro de Estudos de Discursos, Imagens, Textos, Escritos e Comunicação - CÉDITEC (2003). Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem / LAEL / na Faculdade de Filosofia, Comunicação, Artes e Letras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É coordenador do *Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais* (LEEDiM/UFSCar) e do *Instituto Mattoso Câmara de Estudos Interdisciplinares da Linguagem* (UFSCar). Editor

chefe da revista *Linguasagem* - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem PPGL/UFSCar. Seus estudos têm como foco a análise do discurso, do discurso político e da epistemologia e da história da lingüística brasileira.

E-mail: baronas@uol.com.br

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4613001301744682>.

Daniel Mariano

Possui graduação em Letras Portugêses pela Universidade do Sagrado Coração (2002), mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2012) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2019). Atua como professor de Língua Portuguesa no ensino médio e ensino superior. Tem experiência na área de Letras, Literatura e Linguística, com ênfase em Análise do discurso, atuando principalmente com os seguintes temas: memória, discurso e apagamento; memória discursiva e desmemória discursiva

E-mail: danielmariano118@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4509275506168798>

Gleice Antonia Moraes de Alcântara

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, tendo realizado estágio sanduíche na Sorbonne-Paris IV, sob a supervisão do Professor Dominique Maingueneau. Participa dos Grupo de Pesquisas Slogans Políticos e Publicitários, Fórmulas, enunciados de pequena extensão e estereótipos: problemas de participação e/ou hiperenunciação, de sobreasseveração e/ou aforização? e do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais ? LEEDIM. Tem interesse na área de Lingüística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso político, , enunciação aforizante, pequenas frases, fórmula, nome acontecimento, nome de memória, acontecimento discursivo moral

E-mail: gmoraesalcantara@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1398401600075570>

Ilca Suzana Lopes Vilela

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Garanhuns (2002) e doutorado direto em Letras pelo Departamento de

Linguística da FFLCH, USP (2014). Atualmente é técnica em assuntos educacionais da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atuou como professora da educação básica pública. Deu aulas na graduação e em cursos de especialização. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase nas teorias do texto e do discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: semiótica, identidades discursivas, ensino de português.

E-mail: ilcasuz@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4670562415459244>

Jorcemara Matos Cardoso

Possui graduação em Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (2008). Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - PPGL/UFSCar. Atualmente é aluna regular do doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, em estágio-sanduíche na Paris Sorbonne-Université (Paris IV), sob supervisão do Prof. Dr. Dominique Maingueneau. Foi editora e revisora técnica da revista *Linguasagem* (B1) (2014-2017), representante discente do mesmo programa (2016-2017) e representante dos discentes da pós-graduação no Conselho de Pós-graduação da UFSCar (2016-2017). Faz parte do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDIM), associada à Associação de pesquisadores brasileiros na França (APEB-Fr.). Teve licença maternidade de outubro de 2010 a fevereiro de 2011 e, no ano de 2015 (como bolsista), abriu mão da licença-maternidade por saber que a maternidade na pós-graduação ainda não é levada em consideração quando se observa o “padrão lattes”, preocupações já sendo densificadas através do movimento #maternidadenolattes. No campo de pesquisa, atualmente trabalha com questões relacionadas à constituição discursiva da identidade e cultura brasileira em materiais didáticos de Português para estrangeiros

E-mail: jorcemara.matoscardoso@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3583449810396955>

Lígia Boin Menossi de Araújo

Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar e bolsista Capes (2019), é mestre (2011) e doutora (2015) em Linguística pela mesma instituição ambos com apoio da Fapesp. É especialista em Linguística de Texto e Ensino pela Unesp - Araraquara (2004) e graduada (2002) em Letras pelo Instituto Municipal de Ensino Superior de

Catanduva (IMES-Fafica). Atualmente, é editora de seção da revista Linguagem - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem.

E-mail: ligiamenossi@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7893136450669304>

Livia Maria Falconi Pires

Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCar no ano de 2009, titulada Mestre em Linguística no ano de 2012 pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da mesma universidade e titulada Doutora em Linguística, com estágio de pesquisa na Université de Toulouse 2, Jeans Jaurés (UT2J) entre 2014 e 2015, pelo mesmo PPGL no ano de 2017. Participa do Grupo de Estudos em Análise do Discurso-Labor e do Grupo de Estudos Interinstitucional de Discurso e Resistências- Gedir desenvolvendo pesquisas relacionadas com as mudanças no discurso político eleitoral e a constituição do sujeito político na esteira da teoria da Análise do Discurso de linha francesa. É docente do Centro Universitário Central Paulista- UNICEP- São Carlos.

E-mail: liviamfpirez@yahoo.com.br

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4769798375720121>

Luciana Carmona Garcia Manzano

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFS-Car. Docente permanente e atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca – UNIFRAN.

E-mail: luciana.manzano@unifran.edu.br

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9059098295895752>.

Marcia Tiburi

Graduada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994) e doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999) com ênfase em Filosofia Contemporânea. Pós-doutorado em Artes pelo Instituto de Artes da UNICAMP. É professora do curso de filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Temas de interesse: filosofia contemporânea, filosofia da linguagem, ética, estética, biopolítica e feminismo. Autora de importantes livros para as ciências em geral e especialmente as

humanidades. Alguns breves exemplos: *Como conversar com um fascista - reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro* (Record, 2015); *Ridículo Político - uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto* (Record, 2017); *Feminismo em comum para todas, todes e todos* (Rosa dos tempos, 2018), entre outros.

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2521082956062846>

Marco Antonio Almeida Ruiz

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2019) e doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris (2019) com o apoio da FAPESP (Proc. 2014/22526-7). No mestrado, dedicou-se aos estudos da história da linguística brasileira e ao pensamento saussuriano com financiamento da CAPES. No doutorado desenvolveu seu trabalho no âmbito da análise do discurso de orientação francesa, compreendendo as suas recepções no Brasil e a constituição de uma análise do discurso brasileira. É membro do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDiM/UFSCar), do grupo de pesquisa DISCONEX (EHES, Open University) e do Laboratório Discursivo – E-l@dis (USP). Tem experiência na área de linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: deslocamentos epistemológicos da análise do discurso, filosofia da linguística, pensamento saussuriano e história da linguística brasileira.

E-mail: marcoalmeida.ruiz@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4613888575492521>

Mariana Guidetti Rosa

Formada em Licenciatura em Letras (Português) pela Universidade Estadual de Campinas (2012) e possui Mestrado (2019) pelo Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos. É membro participante do Grupo de Estudos “Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais” (LEEDiM/UFSCar) e se interessa por temas que envolvem análise do discurso e feminismo.

E-mail: marianagrosa@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3830752415753708>

Marie-Anne Paveau

Marie-Anne Paveau trabalha na teoria do discurso com uma abordagem transdisciplinar (filosofia, ciências sociais, SIC, pesquisa sobre Internet, estudo acerca de animais e plantas). Desenvolve uma análise do discurso

que integra ambientes não humanos, de natureza tecnológica, corporal, animal e vegetal, na produção do discurso em uma perspectiva pós-dualista e ecológica. Atualmente, trabalha na articulação entre discurso, gênero e raça em uma perspectiva decolonial. Grupos e colaborações: *Análise do discurso digital* (AD2I), grupo franco-brasileiro de pesquisa - Universidades de Campinas e Paris 13 e *Feminilidades, Discurso e Sexualidade*, grupo franco-brasileiro de pesquisa - Universidades de Campinas, Paris 13 e ENS Lyon. Publicações recentes: *L'Analyse du discours numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques* (Hermann, 2017); *Le discours pornographique* (La Musardine, 2014); *Langage et morale. Une éthique des vertus discursives* (Lambert-Lucas, 2013); *La langue française. Passions et polémiques* (Vuibert; L. Rosier, 2008); *Les prédiscours. Sens, mémoire, cognition* (Presses Sorbonne Nouvelle, 2006); *Les grandes théories de la linguistique* (A. Colin; Safarti, 2003).

Fonte: <https://pleiade.univ-paris13.fr/profil/marie-anne.paveau/>

Nilton Milanez

Professor Pleno na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Coordena o LABEDISCO – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo/CNPq, sediado na UEFS. Atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na UEFS. Fez estágio pós-doutoral, 2015-2016, em Corpo, Cinema e Psicanálise no Département de Psychanalyse, Université Saint Denis, Paris VIII e Departamento de Psicologia, USP- Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Seu Pós- doutorado, 2010-2011, em Discurso, Corpo, Cinema foi realizado na Sorbonne Nouvelle, Paris III, sob a supervisão de Jean-Jacques Courtine e Phillipe Dubois. É Doutor em Linguística e Língua Portuguesa com área de concentração em Análise do Discurso pela UNESP – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara. Seus trabalhos como livros, periódicos, artigos e vídeos podem ser acessados em nilton-milanez.blogspot.com.

E-mail: nilton.milanez@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1403266753468089>

Norma Discini

Doutora e mestre em Linguística e Semiótica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado desenvolvido na Universidade Paris 8, França. Professora associada (livre-docente) do Departamento de Linguística da FFLCH-USP. Docente permanente sênior do Programa de pós-graduação do mesmo departamento.

Autora de importantes livros para os estudos discursivos, tais como *Inter-textualidade e conto maravilhoso* (Humanitas, 2004); *A comunicação nos textos* (Contexto, 2005); *O estilo nos textos* (Contexto, 2009); *Corpo e estilo* (Contexto, 2015), entre outros.

E-mail: normade@uol.com.br

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0026069375576358>

Paula Camila Mesti

Possui graduação e mestrado em Letras pela UEM e doutorado em Linguística pela UFSCar. Fez doutorado sanduíche na Sorbonne - Paris IV, sob a supervisão do Professor Dominique Maingueneau. É membro do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais - LEEDiM - UFSCar/CNPq. Foi convidada para atuar como secretária executiva da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

E-mail: paulamesti@hotmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8453392455009320>

Rebeca Nascimento

Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana, mestre em Estudos Linguísticos e graduada em Letras Vernáculas, também pela mesma instituição. Atua profissionalmente como professora do Colégio Helyos, situado na cidade de Feira de Santana, e coordenadora do Centro de Aprendizagem Yes. Possui experiência no trabalho com Língua Portuguesa e no ensino de Língua Inglesa, com foco em Ensino Bilíngue, atuando em ambas as áreas desde 2011. Está vinculada aos grupos de pesquisa Labedisco (Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo - UEFS/Cnpq), sob a coordenação do Prof. Dr. Nilton Milanez, no qual atua como pesquisadora e professora assistente. Foi co-organizadora do vol. 1 da REDISCO (ISSN 2316-1213). É organizadora do E-book Temas de Pesquisa: o corpo e suas extensões no discurso.

E-mail: corpusrebecanascimento@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6491328736293474>

Renata de Oliveira Carreon

Formada em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em português e espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2010) e membro participante do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDiM). Mestrado (2013) e Doutorado (2018) pelo Pro-

grama de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFSCar. Realizou estágio doutoral em Buenos Aires (UBA - Argentina) com o Prof. Dr. Mariano Dagatti (CAPES/PDSE). Atualmente é professora colaboradora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Desenvolve pesquisa na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase em Análise do discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: análise do discurso, discurso político, campanha eleitoral, redes sociais, ethos, discurso religioso.

E-mail: renatacarreon@gmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3874251351469772>

Samuel Ponsoni

Licenciado em Letras Português-Inglês, 2008, pela Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP; possui ainda Mestrado, 2011, Doutorado, 2015, e pós-doutorado, 2019, pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Atualmente, é professor designado da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Passos, trabalho que exerce sobretudo nos cursos de Jornalismo e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda dessa Instituição. Lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas que se intitula Laboratório interdisciplinar de comunicação, discurso, acontecimento e memória - LABIAM (UEMG/CNPq). Pesquisa principalmente no campo teórico e epistemológico da Análise do Discurso de matriz francesa, em temas que vão desde o discurso literário até a análise discursiva das comunicações políticas.

E-mail: sponsoni@yahoo.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6739815431846441>

Tamires Bonani Conti

Atualmente é doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. É bacharela (2014) e mestra (2017) em Linguística pela mesma universidade, com períodos de sanduíche na Universidad de Buenos Aires – UBA durante a graduação (2013) e na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 durante o mestrado (2016). É integrante do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDiM e bolsista Fapesp (Processo n. 2018/05275-1).

E-mail: tamy_bonani@hotmail.com

Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3442362906177938>

A proposta de teorização do feminismo neste livro – enquanto militantismo social e acadêmico – tem como base a observação e análise das ferramentas tecnolinguageiras que tornam possível o feminismo digital, movimento social necessário ainda na contemporaneidade e, principalmente, no contexto social, histórico e político brasileiro.

www.ruigracio.com

ISBN 978-989-54513-8-8



9 789895 451388